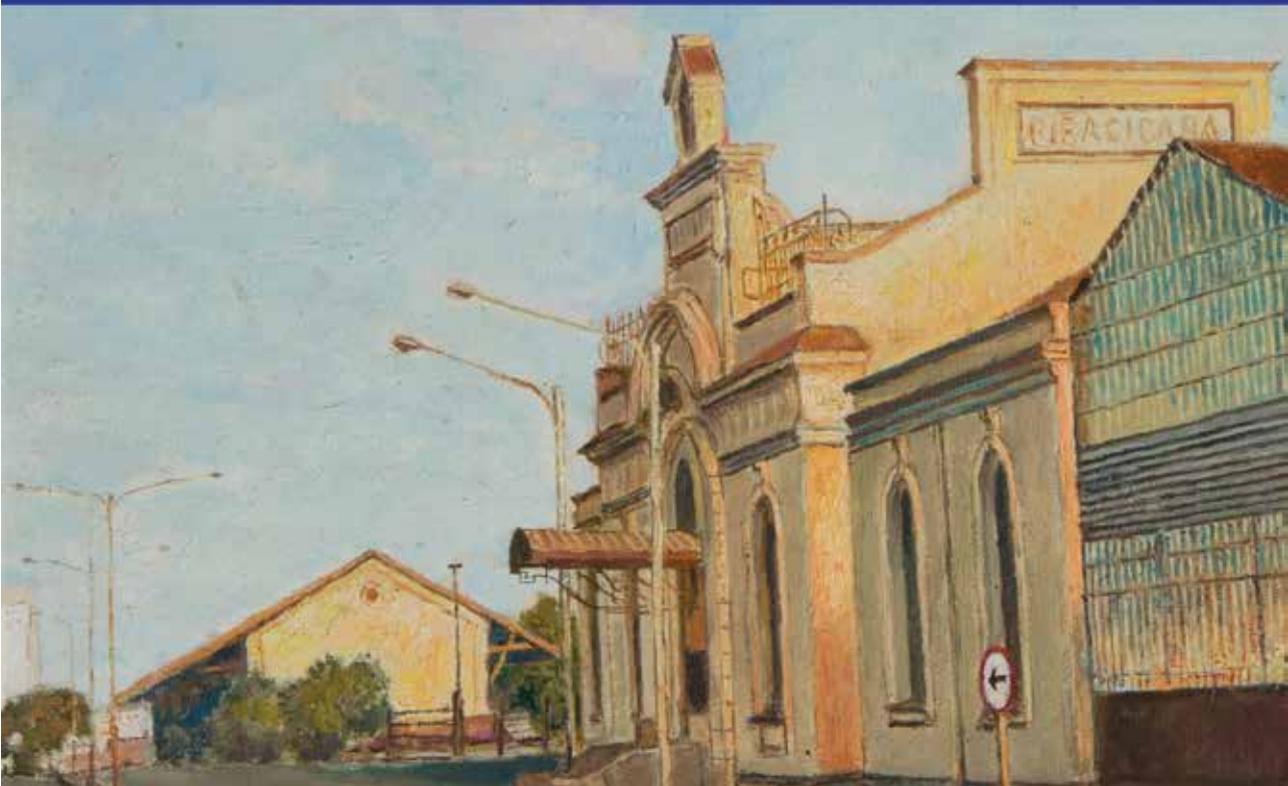


JOÃO UMBERTO NASSIF

PAULISTENSES

VOL. 2



PAULISTENSES

VOLUME 2

JOÃO UMBERTO NASSIF

PAULISTENSES

A epopeia dos moradores do bairro
da Paulista em Piracicaba

VOL. 2

c. 1930
Cena da Estação Paulista de Piracicaba
Autoria da foto desconhecida
Acervo IHGP



© 2013 IHGP © 2013 João Umberto Nassif

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

1ª edição, 2013

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Biblioteca Municipal de Piracicaba, SP, Brasil)

N252p Nassif, João Umberto, 1954-
Paulistenses
Piracicaba, IHGP, 2013.
2 v. : il.

ISBN 978-85-65657-01-3

1. História. I. Título.

CDD 900

Índice para catálogo sistemático
1. História 900

IMAGEM DA CAPA

1920, construção da Estação Paulista de Piracicaba.
Foto: autoria desconhecida. Acervo IHGP.

PROJETO GRÁFICO E CAPA

Renato Ferrante

PRODUÇÃO EDITORIAL

Três Gatos Editora
www.tresgatoseditora.com.br

REVISÃO

Hugo Pereira de Lima

PREPARAÇÃO DE TEXTO E REVISÃO FINAL

Beatriz Helena Vicentini



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

Rua do Rosário, 781 - Centro | Piracicaba SP | 13470-000
Tel.: 19 3434-8811 | ihgp@ihgp.org.br | www.ihgp.org.br



c. 1925

Grupo de trabalhadores da Cia Paulista
Autoria da foto desconhecida.
Acervo IHGP

À MINHA
ESPOSA VERA,
QUE SEMPRE
SOUBE ME
INCENTIVAR



c. 1925
Cena Estação Paulista de Piracicaba, com o movimento
de passageiros e carruagens que faziam o serviço de táxis.
Autoria da foto desconhecida. Acervo IHGP



c. 1940
Estação Paulista de Piracicaba.
Autoria da foto desconhecida. Acervo IHGP

ÍNDICE

Introdução	15		
1. Paulistenses, depoimentos	17		
Nelson Gomes Anhão	17		
Clélia del Tedesco Saipp	23		
Dejandir Jorge Miller	30		
Hélio dos Santos Módica	36		
Renato Ferrari	43		
Tarciso Chiarinelli	51		
Jandyra Silveira Ramos	59		
Orivaldo Trimer	65		
Ozaide Trimer	72		
Amadeu Gomes Domingues	79		
Mário Lopes	86		
Sabino Stenico e Natalin Stenico	92		
Norival Tedesco	99		
Maria Joana Nishimura	107		
Antonio José Quartarolo	113		
Aparecida de Jesus Pino Camargo	121		
Padre Wagner Rodrigues Pereira	127		
Pastor Luiz Antonio Aparício Callaú	134		
Maria Magali Guidolin e José Adroaldo Guidolin	140		
Maria Aparecida Regitano e Antonio Regitano	146		
Conceição Waldira Brasil Vieira José	153		
		Maria Cecília Graner Fessel e José Vicente Pousa Fessel	159
		Hélide Stefanini dos Santos	167
		Sylvio Arzola	173
		Elydio Ferrazzo e Carmem Natale Fernandes Ferrazzo	179
		Maestro Ernest Mahle	185
		Francisco Corrêa Garcia	195
		Geraldo Ometto	201
		Aristides Costa	207
		Esneider Antonio Penatti	212
		2. Histórias Extraordinárias de Piracicaba	221
		O mistério e a suspeita que envolvem o Conde de Serra Negra e David Lawrence , o herói inglês da 1ª Guerra	221
		A história da Inhala Seca da Barranca do Enxofre	235
		A história da Dita do Pé Grande	245
		Epílogo	246
		O Morro do Enxofre	246
		FRANCISCO LAGRECA	

Grupo de turistas da Letônia, em visita a Piracicaba, posa para foto na Estação Paulista em 13 de agosto de 1935. Autoria da foto desconhecida. Acervo IHGP



Introdução

UM DOS PRINCIPAIS OBJETIVOS DA HISTÓRIA é resgatar os aspectos culturais de um determinado povo ou região para o entendimento do processo de desenvolvimento. Entender o passado é importante para a compreensão do presente. A História é dinâmica, como a própria humanidade. Narram-se fragmentos de história de uma pessoa de um grupo. Cada narrador acrescenta algo ou um ponto de vista sobre os fatos acontecidos. Sempre haverá espaço para que na História sejam acrescentados fatos, pessoas, momentos, lugares, datas.

Há 12 anos passei a acumular pesquisas, depoimentos, fotografias, documentos, obtidos com regularidade e constância. É um volume considerável de informações. Neste volume de “Paulistenses 2” continuo os relatos e depoimentos que tiveram como palco o bairro da Paulista.

Por diversas vezes ouvimos alguém dizer: “Se eu fosse tantos

anos mais moço com a experiência que tenho hoje, as coisas seriam melhores”. Cabe aos jovens, quando ainda são jovens, aproveitarem a experiência contida na história para, com todo seu vigor, viverem sem ter que passar pelo aprendizado daqueles que hoje, embora experientes, já não têm a mesma disposição de outrora.

As narrativas contidas em Paulistenses vol. 2 são, antes de mais nada, testemunhos de vida. Creio que com o avançar dos anos esta obra passe a se tornar cada vez mais interessante. Países com nível cultural avançado respeitam e mantêm suas tradições formando uma base sólida para a nação.

1

Paulistenses, depoimentos



**Nelson Gomes
Anhão (Nelsinho)**

SIR CHARLES “CHARLIE” SPENCER CHAPLIN foi o mais famoso ator dos primeiros momentos do cinema hollywoodiano e, posteriormente, um notável diretor. Nasceu no dia 16 de abril de 1889. No Brasil é também conhecido como Carlitos (equivalente a Charlie), nome de um dos seus personagens mais populares. Chaplin foi uma das personalidades mais criativas da era do cinema mudo; atuou, dirigiu, escreveu, produziu e, eventualmente, financiou seus próprios filmes. O conceito de arte é extremamente subjetivo e varia de acordo com a cultura a ser analisada, período histórico ou até mesmo o indivíduo em questão. Não se trata de um conceito simples. Ao levar para o universo artístico materiais que fazem parte do cotidiano, o artista deseja romper as barreiras entre a arte e o dia a dia. Em Piracicaba existe um auto-elétrico, que trabalha com instalações em geral, baterias automotivas, alternadores, motores de

arranque, geradores. Os “pacientes” de Nelson são elementos fundamentais para o funcionamento de um veículo. Seria mais um dos inúmeros estabelecimentos do gênero se o proprietário, Nelson Gomes Anhão, o Nelsinho, não personalizasse o local. Além de reconhecido conhecimento técnico, Nelson se destaca por características próprias. Em seu ambiente de trabalho, montou uma verdadeira galeria em homenagem ao seu ídolo, Charles Chaplin, o Carlitos. Posters de cenas de filme, miniaturas, pinturas na própria parede, o ambiente da oficina lembra muito um estúdio. Nelson aos poucos montou uma galeria de arte. Dois enormes balcões de atendimento têm os seus tampos revestidos por inúmeras moedas nacionais e de outros países, coladas, de valor sentimental, que levam o cliente a uma viagem por outras épocas e lugares.

De origem humilde, Nelsinho guarda com orgulho, em perfeito estado de conservação, o que já foi seu instrumento de trabalho quando era criança: uma típica caixa de engraxate! Por absoluto prazer pessoal, ele trabalha, passeia, usando sua cor preferida: branca. Camisa, cinto, calça, meias, sapatos. Nelsinho poderia tranquilamente ser confundido com alguém ligado à área da saúde, pela indumentária toda branca. Brasileiro, com cidadania espanhola, parece que herdou a genialidade criativa de inúmeros artistas espanhóis. Embora em momento algum deixe transparecer qualquer sinal de semelhança, é quase palpável a presença de Carlitos no ambiente de trabalho de Nelson.

“Nasci em 5 de fevereiro de 1949, fui registrado em Santa Maria da Serra. Meus pais moravam em uma fazenda denominada Torrinha; quando eu tinha cerca de dois anos eles se mudaram para a região rural em Piracicaba, denominada Pau Queimado. Meu pai era Ricardo Gomes Domingues e minha mãe, Josefa Anhão Gomes, que nasceu em 10 de dezembro de 1914. Ela era de Granada, Espanha, e meu pai do Norte da Espanha, nascido em 3 de abril de 1904. Tiveram 8 filhos, que se desenvolveram e atingiram a idade adulta. São quatro homens e quatro mulheres. O mais velho é

o Ricardo Gomes Filho, casado com a Sra. Antonieta Valverde, da famosa Butique Antonieta. Posso dizer que o meu irmão Ricardo é o meu segundo pai. Temos quase dezoito anos de diferença de idade, ele trabalhou muito para ajudar a me criar. Ele entrou na Fábrica Boyes ainda mocinho e aposentou-se lá. Meus pais ficaram por pouco tempo no Pau Queimado: eles compraram uma casinha na Rua da Colônia, 132. Lá eu morei dos meus 2 anos de idade até os meus 13 anos. Depois, eles construíram uma casa mais nova na rua Porto Feliz, 30, onde permaneci até me casar. Meu pai e minha mãe - que também era chamada de Dona Pepa - comercializavam roupas na região rural próxima à Piracicaba. Eles iam a São Paulo, adquiriam as roupas na Rua 25 de Março, no Bom Retiro, e traziam para Piracicaba. Viajavam de trem. Em 24 de julho de 1963, com 13 anos, entrei na empresa Garcia e Veiga, de Geraldo Garcia e Antonio Veiga, que representava a Bosch em Piracicaba. Mais tarde a razão social passou a ser Piracicaba Eletro-Diesel Ltda. Fui registrado aos 14 anos, guardo até hoje a carteira profissional de menor. Era registrado com meio salário! Os encargos legais eram proporcionais ao valor pago ao menor. Comecei como ajudante. O que tinha de pior davam para a gente fazer! Lavar peças, varrer a oficina. Todo mecânico começa sua profissão lavando peças! Escolhi a profissão de eletricitista de veículos e tenho muito prazer e orgulho em exercê-la.”

Piracicaba tinha um departamento chamado Comissão Municipal de Esportes. Ele conta que era atleta da academia Hércules, situada na Rua Floriano Peixoto esquina com a Rua do Rosário. O proprietário era o Antonio Waldomiro Rainha, que hoje tem a musculação Rainha na Av. Dr. Paulo de Moraes. A CME dava passagem de trem para quem participasse das competições.

Nelsinho estudou no Grupo Escolar Dr. João Conceição, situado na Rua Alferes José Caetano, ao lado da Igreja dos Frades. “As instalações do prédio permanecem vivas em minha memória. Existia uma escadaria de madeira. As meninas subiam primeiro, só depois de ter subido a última menina é que os meninos passavam a subir

a escada. Lembro-me de Dona Encarnación, uma professora de origem espanhola, baixa estatura física, mas muito enérgica. Lembro-me do Professor Moacir Nazareno Monteiro, um mestre de elevada capacidade. Nas festas cívicas subíamos em um palco situado no galpão da escola. Era ali que recitávamos, cantávamos hinos oficiais. E na frente da escola existiam os mastros onde hasteávamos as bandeiras. No pátio havia a cantina e, além da área coberta, tinha também uma grande área livre, com algumas árvores no fundo.”

Naquela época a Chácara Nazareth não havia sido loteada ainda. Onde hoje existem casas belíssimas era terreno da chácara! A Av. Dr. Paulo de Moraes tinha seu final na Rua do Rosário. Onde hoje passa a Av. Dr. Paulo ficava a oficina do Bidito! Uns galpões da chácara ficavam onde hoje existe um posto de escapamento. Na Rua Alferes, ao lado do então Grupo Escolar Dr. João Conceição, mais tarde Colégio Estadual Dr. Jorge Coury, havia, nos fins de semana, festinhas, quermesses. Era o lugar onde se podia paquerar, namorar. Era onde se tinha para ir.

Nelsinho conta que foi a muitas procissões de Semana Santa, levado pelo saudoso pai. “Ainda garoto ia com meu pai às vigílias, eu gostava, é um momento em que o católico fica quieto, refletindo. Às cinco horas da manhã acordava e ia com ele, depois que saía da igreja passava na Padaria Jacaré e ia comer pão fresco, tomávamos café juntos. Lembro-me da Padaria São João, do Sr. João Rossi. Ficava ali na primeira quadra da Rua Alferes José Caetano.”

Morro do Enxofre era a denominação dada a um trecho com aclive muito forte da Av. Madre Maria Teodora. Qual foi o garoto que foi criado próximo a essa subida que não subia ao lado do caminhão, puxava duas, três canas, o feixe afrouxava, aí era puxado inteiro? Mas ele garante: “Isso era feito sem que meu pai soubesse!” A Av. Madre Maria Teodora, assim como a Rua do Rosário, não tinha asfalto, além de ser mão dupla. O trânsito era nos dois sentidos: bairro-centro e centro-bairro! Os caminhões daquele tempo eram Fordinho 1946, Chevrolet, Fargo, GMC, carregados de cana, subiam muito devagar.

Bidito era um mecânico, negro, que se mudou próximo do local onde hoje existe uma empresa de oxicorte. Há uma travessa, logo depois, no meio do quarteirão, onde era sua oficina, entre onde depois foi construída a Base da Polícia Militar e essa travessa. Ele tinha ali um barracão que era a sua oficina de conserto de veículos. Aos finais de semana ele encostava todos os carros que estavam para serem consertados e abria um espaço onde era feito um bailão, um forró. Era o famoso Salão do Bidito!

“Tive o grande privilégio de ser engraxate na Praça Takaki! Olha a minha caixa de engraxate dependurada ali na parede! (Nelson aponta para uma caixa em perfeito estado de conservação, uma relíquia!). A graxa tinha que ser Nugget. Se não fosse uma bota, para engraxar um par de sapatos era trabalho de uns cinco minutos. Meus melhores clientes eram os senhores, os motoristas de praça. Eu tinha uma clientela nas residências. Engraxava na frente da própria casa do cliente. Tinha que tomar muito cuidado, naquele tempo a qualidade do couro ou a pintura do sapato eram inferiores, era muito fácil manchar o sapato do cliente. Quando surgia alguma dúvida, usávamos a graxa incolor, ela limpava o sapato, dava brilho. Existia um código para o freguês trocar o pé que já havia sido engraxado pelo outro a ser engraxado: eram três batidinhas na lateral da caixa! Significava que ele tinha que trocar o pé.”

Naquele tempo eram utilizados Gordinis, DKW, Simca, havia muito Simca. Tecnicamente o Simca, com relação a parte elétrica, era muito problemático! Tinha uma instalação extremamente complicada para a época, é um projeto francês, muito arrojado. Talvez na França ele estivesse acompanhando uma tecnologia praticada para a realidade de lá. No Brasil esse projeto foi copiado, o nosso conhecimento teórico, técnico, não estava à altura, mesmo dos profissionais mais experientes, explica ele.

Nelson comprou um automóvel logo depois que se casou, em 20 de maio de 1972, com Maria Aparecida Páfaró Anhão. Foi um Dauphine! Naquele tempo o Dauphine tinha três marchas para frente e a ré era em cima (à frente): se não tomasse muito cuidado, esquecia! A ré ficava bem no lugar onde fica a primeira marcha dos carros

atuais. O casal tem duas filhas, o casamento foi na Igreja dos Frades, realizado pelo Frei Afonso.

Frequentou o Cine Paulistinha, e muito! Trocava gibis do Batman, Tarzan. Frequentou o Cine São José, Colonial, Broadway, Politeama, Palácio, que depois passou a chamar-se Rivoli

Nelson completa: “Charles Chaplin, que interpretava Carlitos, pelo que sei e li a seu respeito, deixa a mensagem de que o homem nunca deve fugir da luta. A luta deve ser permanente. Isso me atrai até hoje! O Carlitos sempre deixou uma mensagem de paz, amor, dignidade.”



**Clélia del Tedesco
Saipp**

A RÁPIDA EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA em que vivemos afeta diretamente nossos hábitos e costumes. Nas décadas de 50, 60 do século XX era comum um menino sair pelas calçadas, quando existissem, rodando com a mão um pneu velho ou, ainda, um aro de metal ou borracha era conduzido por um longo arame, ou ferro fino de construção em forma de “U” tendo, às vezes, até um cabo de madeira. Era o famoso “arquinho” e se mostrava indispensável para que mais rapidamente a criança pudesse ir fazer os mandados da mãe. Um cabo de vassoura transformava-se em um cavalinho de pau. Com caixinhas de fósforos vazias e uma linha de costura fazia-se o telefone. O papagaio, que depois passou a se chamar pipa, é uma brincadeira que necessita condições climáticas de ventos constantes, próprias do mês de agosto. O bodoque, que passou a se chamar estilingue, era feito com uma forquilha de madeira: as melhores eram de pé-de-goiaba, um par de tiras de câmara de ar de bicicleta, de 25 centímetros de comprimento e um centímetro de largura, e um pedaço de couro que unia as duas tiras de borracha. Era usado para atirar pedras com muita força. O jogo da bolinha de gude aparecia num determinado período do ano e depois de alguns meses cessava a brincadeira. Havia a perna de pau, o pião de madeira. O carrinho de rolimã ou carrinho de rolamentos era feito artesanalmente usando madeira e rolamentos. Fazer uma bola de pano era uma arte. As meninas tinham poucas variações de brinquedos, em geral eram bonecas de pano recheadas com retalhos, peteca feita de palha de milho,

brincavam de fazer guisadinhos, com comidas colocadas em latinhas de goiabada, marmelada, massa de tomate e sardinha, havia também as cirandas ou brincadeiras de roda. Em 1961, quando o presidente recém-empossado Jânio Quadros proibiu o lança-perfume, foram produzidas bisnagas em plástico no mesmo formato das proibidas: bastava colocar água e apertar, foi uma febre no país inteiro. Muita criança de famílias mais abastadas perdeu o sono até ganhar o pequeno projetor movido à manivela, cujos filmes eram feitos de papel-manteiga desenhados com duas imagens e duas opções de movimento. Chamava-se Cine Barlan. Carrinhos feitos de folha de lata eram importados e caros. Os brinquedos de lata prensada foram fabricados até a década de 60. Inicialmente chamada como matéria plástica, na década de 60 o brinquedo plástico tomou grande impulso. Piracicaba tinha alguns templos de consumo infantil, entre outros, a Loja da Lua, Ao Cardinali Presentes, Casa Portuguesa, Casa dos Presentes. Clélia Del Tedesco Saipp e Alcides Saipp são nomes extremamente populares no bairro da Paulista. Foram padrinhos de muitos casamentos e batizados de clientes que se tornaram amigos, afilhados e compadres. Nascida em 9 de julho de 1932, seu marido às vezes brincava dizendo que pelo fato de ter nascido nessa data ela era uma “revolucionária”. Natural de Mococa, fez o primário e o curso normal em Monte Santo de Minas. Seus pais, José Del Tedesco e Elza Di Conti Del Tedesco, tinham um depósito de queijos, compravam em Minas e traziam para Mococa. De lá se mudaram para Londrina e após uns dois anos se transferiram para Bela Vista do Paraíso, também no Paraná, de onde vieram para Piracicaba.

Tinham um armazém na Rua Benjamin Constant, 2333. Alcides tinha um bar bem em frente, onde hoje há um posto de gasolina, na esquina da Av. João Conceição com Rua Benjamin Constant. Alcides Saipp, seu marido, nasceu em Rio Claro, em 23 de dezembro de 1923. Seus pais eram Lucia Saipp e Antonio Saipp. Na época, a Av. João Conceição era de terra, quase em frente à casa em que residiam havia uma fábrica de barcos de madeira.

O seu pai contruiu a casa, que foi recentemente demolida. Anexo à casa havia um salão comercial. Existiam poucas casas nas imediações; os vizinhos eram Jorge Razera, Pedro Razera, João Sabino Barbosa, sua esposa Dona Vitalina, Isidoro Lopes, Rosa Canaan Nassif, muito amiga da sua mãe, e com cuja filha, Georgina, Clélia ia quadrar o jardim no centro. Desciam a pé pela Rua Alferes José Caetano, visitavam sua irmã Josefa e iam até a praça, assistiam a um filme no Cine São José, no Broadway, quadravam o jardim e voltavam para casa. Tudo a pé. Quando havia um filme muito concorrido, o bonde ia lotado. Ao lado da sua casa há uma rua particular que dá acesso a um conjunto de casas. O acesso ainda era fechado com cerca de arame quando aconteceu um fato que Clélia guarda na lembrança até hoje. Ainda era tudo terra, um dia viu um carro fúnebre entrando pela rua particular, comentou o fato com a sua mãe, ela disse-lhe que Dona Teresa estava grávida e havia falecido. Era muito cedo, estava frio, resolveu levar um café fresco, ao chegar à casa o corpo estava na sala sendo velado na sala, os filhos dela, conforme iam acordando iam pedindo: “Mãe! Quero leite!” ou “Mãe me dá o café!”. Ela tinha passado mal à noite, faleceu de madrugada, era costume naquela época velar os mortos em suas próprias casas. Nunca Clélia se esqueceu desse episódio.

A Rua do Rosário era mão dupla, terra vermelha, o movimento dos caminhões que subiam e desciam por ela, levantavam uma poeira triste. Sua mãe cultivava uma horta no quintal da sua casa.

Em 24 de maio 1953, casou-se com Alcides, que trabalhava como serralheiro com seus irmãos Hélio e José.

Uma loja de utilidades domésticas e presentes, que existia na Rua Governador, próxima à Av. Dr. Paulo de Moraes, havia sido fechada. Foi quando ela disse a Alcides que podiam tentar estabelecer uma loja nesse ramo, já que não havia nas proximidades uma loja que substituísse a que havia mudado para o Largo São Benedito. Alcides passou a procurar um local para abrir a loja, então os pais de Clélia ofereceram o

salão anexo à casa deles, que estava vazio. Assim começaram ali um estabelecimento comercial. Por volta de 1962, construíram o prédio onde até hoje funciona a Casa dos Presentes. Foi o segundo sobrado construído no bairro da Paulista. A Casa Portuguesa, que ficava no centro, era umas das grandes lojas do ramo, muito conhecida, que encerrou suas atividades em consequência da queda do Edifício Luiz de Queiroz, o Comurba, quando vários membros da família do proprietário, “Seu” Francisco, foram fatalmente atingidos. A loja Ao Cardinali, outra grande expressão do comércio piracicabano, sofreu um incêndio.

Às vezes, Clélia vai até a loja, só para se distrair, de vez em quando chega alguém e pergunta se a loja ainda pertence à família. A pessoa então relata que quando era criança ainda, vinha para comprar brinquedo e que, agora, está comprando brinquedo para seus filhos.

Alcides gostava muito de assistir uma partida de futebol do XV de Novembro, ia também até um campo de bocha muito famoso, que existia na Av. Edgar Conceição, entre a Rua da Palma e a Rua Campinas.

Tiveram três filhos, Wilney, Marilney, Adilney. Adilney, embora também tenha feito curso superior, decidiu dar continuidade ao comércio fundado pelos pais. O sobrenome Saipp é de origem alemã.

A loja tinha muitos clientes que moravam na zona rural. Quando havia casamento, eles vinham de caminhão, os noivos vinham na cabine e os padrinhos e demais convidados na carroceria, que ficava bem cheia. iam até a Igreja dos Frades, onde a cerimônia era celebrada, e na volta paravam em frente à loja, desciam e compravam os presentes para os noivos. Os convidados pediam: “Pare na Casa dos Presentes para comprar presente para a noiva!”. Era aquele alvoroço!

Clélia conta: “Embrulhar os presentes que era o detalhe. Nós comprávamos folhas de papel pardo e papel de seda: como o papel de seda era muito caro, era colocada apenas a metade da folha, ou seja, o presente era embrulhado com o papel pardo, ficando

apenas uma dobrinha de papel de seda. Na época fazia muito sucesso o licoreiro, que era composto por uma garrafinha, uma bandejinha e seis cálices pequenos. Um convidado da festa vinha e comprava, depois vinha outro, mais outro, com isso a noiva ganhava muitos licoreiros, eles achavam bonito, compravam o que gostavam, para dar aos noivos. Os presentes eram embrulhados e eles seguiam para a festa, convidados e presentes iam embora, no caminhão. Os padrinhos davam jogo de panelas em alumínio, pratos, jogo de jantar, ou um faqueirinho. Era comum que os padrinhos pagassem as bebidas.”

Alcides e Clélia foram padrinhos de muitos casamentos e de alguns de batizados. Na Semana Santa e no mês de agosto não havia casamentos. Havia certa superstição com relação ao mês de agosto, dizia-se “agosto mês do desgosto”, com isso não se casava nesse mês. Era comum a venda de manteigueiras, a manteiga vinha embalada em papel ou caixinha de papelão. Bem mais tarde surgiram as travessas da marca Pirex, vendia-se muito esses produtos. Hoje já vem em embalagem própria para consumo e armazenamento.

Vendiam bacias enormes, próprias para banho, não havia água encanada no bairro. A família de Clélia tinha um poço, com uma bomba, a água era armazenada em um reservatório e de lá distribuída para a casa. Poucos tinham esse recurso, a maioria tomava banho de bacia. O maior sacrifício quando vendiam uma bacia dessas era embrulhar. O cliente tinha vergonha de sair com ela sem embrulhar. Usavam jornais para embrulhar as bacias. Mesmo outras mercadorias eram embrulhadas em jornais, não havia sacolas plásticas. As pessoas traziam de casa sua própria sacola. Uma panela de alumínio, meia dúzia de pratos, era tudo embrulhado em jornal. Os brinquedos eram levados em sua própria caixa, não havia nada de sacola.

As crianças gostavam de ganhar bolas, carrinhos, bonecas. Chegaram a vender bonecas e cavalinhos de papelão.

Iam a São Paulo de trem para fazer compras na Rua 25 de Março. Levantavam-se

de madrugada, embarcavam no trem logo cedo, Alcides ia com uma mala e Clélia ia com outra. Levavam um lanche de casa, não se consumia em restaurantes. Água mineral não era comum consumir-se, se estivesse com sede pedia-se um copo de água no local onde estavam fazendo compras. Abria-se a torneira e tomava um copo de água. Era isso que existia. Faziam as compras, no final da tarde iam a pé até a Estação da Luz, tomavam o trem de volta a Piracicaba e aqui chegavam às 10 horas da noite. Da estação até a casa também seguiam a pé, com as malas. Foi assim que começaram, a vida era dura naquela época. Até hoje, algumas vezes quando seu filho vai fazer compras em São Paulo e Clélia o acompanha, anda bastante a pé percorrendo diversos fornecedores. Clélia afirma: “Qualquer lugar para onde você for para conhecer tem que ir a pé, isso se aplica até em viagens turísticas.”

Hoje há, sem dúvida, uma maior quantidade de alimentos disponíveis, porém a qualidade é inferior a de algumas décadas. Muito pior. Naquela época obtinha-se o necessário com muito sacrifício, mas era tudo natural. Na horta que a sua mãe plantava, em seu quintal, não se usava adubo ou veneno. Plantavam-se tomate, milho, criavam-se galinhas, porcos. A criação de porcos em fundo de quintal deixou de ser permitida, até então quase todo mundo criava um porquinho, que era tratado com restos de comida e milho, não havia ração, e a enorme quantidade de produtos químicos utilizados para a sua fabricação. Atualmente as frutas têm um visual mais bonito, porém são menos saudáveis.

Clélia via e ouvia muita coisa. Opinião diferente entre algumas noras e sogras era muito comum existir. A sogra vinha e falava a respeito de um objeto, suas utilidades e propriedades. A nora em outra ocasião vinha com outra opinião a respeito. Ela escutava apenas, eles tinham que viver a própria vida e ela a dela. Quem está no comércio não pode tomar partido em opiniões diferentes dentro de uma família. O Alcides gostava muito de conversar com os vizinhos, não ficava muito na loja, era mais ela que permanecia.

Quando chegava a noite, os dois sentavam-se e ele então comentava: “Soube que fulano está doente!” ou “Fiquei sabendo que sicrano se mudou para tal lugar!”.

Hoje ela sente falta dessas conversas. Em 15 de setembro fará 10 anos que ele faleceu.

Naquela época, meia-noite já era tarde. Certa vez tocou a campainha da sua casa e Alcides saiu ao terraço. Era o guarda noturno dizendo que estava com um pai, cujo filho estava com febre. Durante o dia ele tinha passado com a mãe e visto um carrinho de folha de lata, era um jipinho. Seu marido abriu a loja para eles entrarem, foi quando o homem disse que estava sem dinheiro. O Alcides deu-lhe o carrinho para que pagasse quando pudesse. Não faz muito tempo veio a criança da época, hoje um senhor, dizendo que seu pai sempre lhe contava a história do carrinho.



**Dejandir Jorge
Miller (Nenê)**

AOS 58 ANOS DE IDADE, com cinco hérnias de disco, hipertenso, sequelas no joelho em decorrência das inúmeras partidas que jogou, o ex-jogador de futebol encara mais um desafio, movido pela sua fé. Estacionada em sua garagem, separada em duas partes que se encaixam através de dispositivos próprios, está uma enorme cruz de madeira, a primeira bi-articulada de que se tem notícia. Dejandir nasceu em Piracicaba em 12 de janeiro de 1953, filho de Oswaldo Odilon Miller e Maria Sturion Miller. Ele projetou e construiu a maior cruz de madeira de que se tem notícia: 30 metros de comprimento. Ela é bi-articulada para dobrar as esquinas. Nenê, como é conhecido, juntamente com seus filhos, os artistas Willyan e Wellington, irão levar nos ombros essa cruz até Bom Jesus de Pirapora. Um desafio que envolve muita fé e disposição física: o peso da ponta da cruz nos ombros é mais do que 40 quilos, em uma jornada com mais de 100 quilômetros.

Nenê sempre residiu na Paulista, morou na Av. do Café em uma chácara que tinha o Campo do MAF nos fundos de casa. Cresceu aprendendo a chutar as bolas no campo de terra vermelha do MAF. Fez os seus estudos no Grupo Escolar Dr. João Conceição, no Colégio Dr. Jorge Coury, concluiu o curso colegial na Escola Sud Mennucci, fez curso profissionalizante no SENAI.

Tornou-se jogador profissional de futebol, é diplomado como torneiro mecânico, embora nunca tenha exercido essa profissão. Aos 16 anos jogava no juvenil do Jaraguá quando surgiu a

oportunidade para jogar na seleção amadora de futebol, onde acabou sendo titular, campeão, bi-campeão e tri-campeão dos Jogos Regionais; bi-campeão e tri-campeão dos Jogos Abertos do Interior, defendendo na época Piracicaba, através da Comissão Municipal de Esportes. “Seu” Gaspar e “Seu” Dema eram treinadores do XV de Novembro e o levaram para lá, onde, com 17 anos, tornou-se profissional. A primeira partida da qual participou foi contra o Noroeste de Bauru. O XV perdeu por 3 a 1, porém ele teve a felicidade de fazer o gol do XV.

No XV atuou como lateral direito, embora fosse polivalente, substituía todos os jogadores da zaga, inclusive em Campeonato Brasileiro substituiu o goleiro Getulio, só não jogou de ponta esquerda. Na Taça São Paulo de Futebol Junior, substituindo Ricardo, jogou no gol contra o América do Rio e depois contra o Internacional de Porto Alegre, e Falcão estava entre eles. Acabou sendo considerado um dos melhores goleiros da Taça São Paulo. Na posição de lateral direito se tornou campeão paulista da segunda divisão por duas vezes: uma pelo XV e outra pela Ponte Preta, de Campinas. Foi jogador profissional de futebol por 16 anos. Muitos clubes como XV de Jaú, Ponte Preta e mesmo o Santos o olhavam com admiração e respeito profissional. A sua atitude em não ser conivente com práticas anti-esportivas fez com que tivesse sérias divergências com o treinador do Santos da época, o que lhe valeu o desligamento do clube, mesmo tendo a admiração e o carinho da torcida santista.

Essas coisas ruins ficaram marcadas em sua vida, mas as boas coisas superaram. Parou de jogar em 1984, mas conserva seus amigos e é muito bem recebido em todas as cidades onde jogou. Vai ao campo assistir ao XV, torce, sofre, adora o XV que foi o time que lhe abriu as portas para o mundo.

Viaja muito com os seus filhos Willyan e Wellington, que formam a dupla sertaneja hoje conhecida no Brasil todo. Já faz 10 anos que os acompanha em todos os eventos. Em 2003 encerrou uma empresa que atuava no ramo de eletricidade: seus filhos passaram a se dedicar exclusivamente à carreira musical e já têm quatro CDs e um

DVD gravado aqui no Engenho Central, para orgulho da nossa cidade. Atualmente trabalham pelo Brasil afora, há profissionais da área de divulgação trabalhando em parceria com eles. Esse DVD foi lançado em Santa Catarina, São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Brasília Tocantins, e Rondônia. Fazem a Expo-Bauru, Expo-Jau, Rodeio de São José do Rio Preto. A dupla realiza constantemente apresentações em locais menores, junto a um público que é bastante fiel. Tiveram duas músicas que foram sucesso nacional. Por falta de recursos financeiros não puderam dar a divulgação em larga escala e outro cantor, com maiores recursos, a lançou e emplacou: é a música “Beber, cair e levantar”, composição de Marcelo Marrone, da Bahia. O pai conta que Willyan e Wellington estavam esperando sair o registro quando André Adriano soltou a música no mercado, sem registro sem nada, e acabou pagando uma multa que se mostrou irrisória diante do sucesso de alcance nacional. Uma autêntica jóia de música, “Pense em Mim”, foi gravada pela primeira vez pela dupla Willyan e Wellington, por uns seis meses procuraram um investidor para fazer a divulgação em âmbito nacional. Lucas e Luan jogaram um caminhão de dinheiro na divulgação dessa música e até hoje fazem sucesso em cima de “Pense em Mim”.

Dejandir com seus filhos Willyan e o Wellington fizeram uma cruz com dois módulos de madeira que totalizam trinta metros, composta por vigotas de dezesseis por cinco e meio. A madeira é araucária. Formada com muita fibra, embora comprida não se quebra muito fácil e nem é tão pesada como outras madeiras. São seis peças de cinco metros e meio, mede da ponta até o final trinta metros; o braço mede dois metros e oitenta da mesma madeira. As emendas são feitas com chapas de ferros. É necessário muito cuidado porque a cruz balança, vibra muito, e a distância é longa, uns falam de cento e vinte quilômetros, outros de cento e quarenta quilômetros até Bom Jesus de Pirapora.

Por vinte anos Dejandir foi até Bom Jesus de Pirapora a pé, sem cruz, apenas com a mochila nas costas. Na época em que jogava futebol chegou a sair de Piracicaba

na quarta feira à noite, depois do jogo do XV no Barão de Serra Negra, chegava na quinta feira à noite, sem descansar. Fez esse trecho por 14 anos seguidos. A seguir, por seis anos foi com seus filhos, sem cruz. Então eles começaram a levar cruz e Nenê os acompanhou. A primeira cruz tinha 15 metros, isso há 10 anos. Ele conta: “No ano passado levaram uma cruz de arrasto com 11 metros, é uma cruz sem rodinhas atrás, com a madeira esfregando no chão. Ela cala no ombro, é a mais sofrida de ser levada. Quando fizeram a primeira, com 15 metros, projetaram o sistema de estirante, um na parte de baixo e um em cada lateral. O debaixo irá envergar a madeira para cima, formando uma espécie de arco, irá evitar quebrar no balanço para baixo, e os dois das laterais irão evitar que ela entorte, pelo fato de ser muito comprida ela joga.”

A cruz que estão levando neste ano tem 30 metros de comprimento, Dejandir foi obrigado a projetar baseado nos princípios de uma carreta, com dispositivo próprio para dobrar nas esquinas. Em uma base de 3/16 fez uma luva de ferro de 1/8 e colocou uma bola de engate de um carro e, na outra base, colocou um cano travando. Eles passam por dentro de várias cidades: Rio das Pedras, Mombuca, Capivari, Itu, Cabreúva. Saem de casa por volta das sete horas da manhã, o Padre Nivaldo Nascimento sai da igreja matriz do Itapuã, abençoa, fazem uma oração e saem em caminhada. Vão pelo bairro Matão, sobem a Av. Raposo Tavares, entram por trás da Femaq. A primeira parada para respirar um pouco é no Bairro do Chicó. Param por uns vinte minutos, logo seguem cruzando o Anel Viário indo em estrada de terra até Rio das Pedras, onde chegam por volta de onze horas. Nessa hora surge o trabalhos das esposas, parentes, da sobrinha Silvinha, que todos os anos faz o almoço e leva para eles. Em Rio das Pedras param junto a uma empresa situada logo na saída para Mombuca, próxima a Painco. Em Mombuca passam a noite em um posto de gasolina, cujo dono deixa a chave com eles. É onde descansam, tomam banho. Por volta das quatro e meia da manhã seguem em direção a Capivari, onde às dez horas chegam à praça central. Há uma sorveteria na praça cujo dono já os conhece e onde tomam um sorvete, já se

tornou tradição. Cabe lembrar que durante a viagem ninguém ingere nada alcoólico. Na saída de Capivari com destino a Salto há um posto de gasolina chamado Cartola. É lá que tomam um lanche, descansam até umas duas e meia da tarde, há um pessoal de Piracicaba que leva o almoço. Continuam andando por uns quatorze quilômetros de terra até chegar a um lugar chamado Samambaia, onde há uma venda de beira de estrada, o dono é tratado por “João Ratão”. Esse apelido surgiu porque onde era o antigo paiol romeiros dormem, existem ratazanas que não acabam mais. É um senhor de família muito bondosa, que se levanta às quatro horas da manhã para lhes servir o café. Essas refeições são cobradas e por valores nada modestos.

É colocado um travesseiro no ombro, e a pessoa carrega a cruz até aguentar, sendo substituída por outra assim que não aguentar mais. Tanto na subida como na descida outros romeiros auxiliam, pois o peso é enorme. Ninguém leva uma cruz sozinha: quando ela é de 10, 15 metros, um carrega, outro vai atrás segurando para tirar o balanço dela, senão ela quebra. Aprenderam ao longo dos anos a não andar à noite, só se acontecer algum imprevisto. Na parte traseira colocam um triângulo de carro, as pessoas que ficam na parte posterior sinalizam com lanternas, sinalizando tanto a cruz como o braço que a compõem com tiras refletivas.

Rezam muito durante o trajeto, rezam o terço, pedem pela paz, fazem as suas profundas reflexões. Nesses trinta anos é de Dejandir a responsabilidade de conduzir as orações. Ele conta: “Já passamos por tudo em Itu, o povo de lá não gosta muito de romeiros. Eles dizem palavras nada agradáveis, dizem que atrapalhamos o trânsito, os romeiros costumam dizer que o pessoal de lá é meio nervoso! Assim como alguns desejam boa viagem outros dizem: ‘Larga mão disso! Vai trabalhar’. Sequer imaginam a benção, a graça, que alcançamos para estarmos levando essa nossa cruz em manifesto de gratidão. Não coloco nenhum nome na minha cruz, ela é em gratidão pelas graças que alcancei nesses anos todos da minha vida.”

Eles seguem em frente até almoçarem na Gruta, pela estrada do Romeiro, é uma

estrada muito perigosa, vicinal sem acostamento, com aproximadamente 45 quilômetros. Por volta de 3 a 5 horas da tarde chegam a Cabreúva, o prefeito libera o ginásio para a acomodação dos romeiros. Passam a noite, descansam até as duas horas da tarde, ali é o verdadeiro descanso do romeiro. Prosseguem a caminhada por mais doze quilômetros até Bananal, que fica distante mais dezoito quilômetros de Pirapora. Às cinco horas da manhã da quinta feira prosseguem a viagem chegando a Pirapora em torno do meio-dia. Saíram de Piracicaba no dia 16, sábado, e chegaram a Pirapora na quinta feira, dia 21, na hora do almoço.

Desmontam os estirantes da cruz, os rodeiros, para entregar a cruz na Sexta Feira Santa. Fica a cerca de 300 metros da igreja, não passam a ponte antes da sexta feira. Do alto de um monte, às nove horas da manhã da sexta feira fazem uma oração e descem com a cruz. Na verdade não é só Dejandir e seus filhos que levam as cruzes, há outros amigos que os acompanham, como o Marquinho Cruz, o Tiquinho.



**Helio dos Santos
Módica**

POR MUITAS DÉCADAS, a porta principal de Piracicaba foi a Estação da Paulista. Pessoas do mais alto nível social e cultural utilizavam o trem como meio de transporte. As estradas de rodagem eram precárias e os veículos não ofereciam o conforto e segurança do trem. A cidade era abastecida por vagões de carga, assim como despachava os frutos da sua riqueza por eles. A Companhia Paulista de Estradas de Ferro ficou conhecida pelo seu alto padrão de qualidade no atendimento ao público e, ainda hoje, é lembrada com orgulho e saudade. Afinal, desde os seus primórdios, foi reconhecida como uma ferrovia exemplar e símbolo de excelência. A preocupação com a pontualidade era tão grande que as pessoas diziam que acertavam os relógios pela chegada dos trens. A ferrovia foi idealizada, em 1864, por um grupo de fazendeiros, negociantes e capitalistas que necessitavam de um meio para escoar o café cultivado no interior do estado de São Paulo. Pretendiam que a São Paulo Railway, a "Inglês" ou "Santos-Jundiá", levasse seus trilhos até a então São João do Rio Claro (atual cidade de Rio Claro), já que detinha a concessão para tal. A decisão de fundar a "Companhia Paulista" surgiu após a São Paulo Railway declarar que não seria possível prolongar a ferrovia adiante, nem sequer até a cidade de Campinas, devido as perdas com a Guerra do Paraguai. Os trilhos da São Paulo Railway chegaram só até Jundiá. Nesta cidade começou-se a construir os trilhos da Companhia Paulista rumo ao interior de São Paulo. O presidente da província (governador do Estado) de São Paulo na época, Joaquim Saldanha

Marinho, teve atuação fundamental na fundação da Companhia Paulista, aglutinando no mesmo ideal os capitalistas e fazendeiros que se digladiavam por interesses políticos naquele momento. A Companhia Paulista foi fundada no dia 30 de janeiro de 1868, sob a presidência de Clemente Falcão de Sousa Filho, porém as obras de construção da linha iniciaram-se mais de um ano após essa data, com a aprovação dos estatutos pelo Governo Imperial. Finalmente, em 11 de agosto de 1872, com uma bitola de 1,60 metros, chamada "bitola larga", foi inaugurado o primeiro trecho, entre Jundiá e Campinas. A estação da Paulista em Piracicaba foi aberta a 9 de setembro de 1922, depois de mais de vinte anos de espera e promessas de chegada do ramal da Cia. Paulista à cidade. O terreno foi doado por João Baptista da Rocha Conceição, dono da fazenda Algodoal.

O nome da estação tinha a terminação "Paulista" para diferenciá-la da estação da Sorocabana, situada no centro da cidade. As linhas da Paulista e da Sorocabana não se encontravam, apenas se cruzavam (a da CP passando em um viaduto sobre a linha da EFS, demolido em 2011, ao lado da Av. 31 de Março). Em 20 de fevereiro de 1976, os trens de passageiros foram suspensos. Alguns trens de passageiros especiais para Piracicaba e Santa Barbara D'Oeste existiram nos anos 1980 e começo dos anos 1990, bastante raros. Cargas seguiram pelo ramal até 1995. Quando se questiona o porquê do fim das ferrovias, surgem diversas respostas, entre elas o entusiasmo do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira pelo transporte rodoviário. Há aqueles que afirmam ser a estatização da Companhia Paulista o fator responsável pelo declínio: os cargos de diretoria e presidência eram exercidos por indicação política, sendo ocupados algumas vezes por pessoas com total despreparo.

Helio dos Santos Módica é um ex-funcionário da Companhia Paulista, morou por muitos anos na "Colônia da Paulista", pouco mais de duas dezenas de casas destinadas à residência de funcionários da empresa.

Sua narrativa às vezes é tomada por emoção, lembrando-se do orgulho que todos

sentiam em fazer parte dessa verdadeira família chamada Companhia Paulista de Estradas de Ferro.

Nascido em São Paulo, no bairro de Pinheiros, em 2 de novembro de 1945, filho mais velho de cinco irmãos, seus pais são Manoel Módica e Páschoa Broglio Módica. Quando tinha oito anos de idade se mudaram para Piracicaba, terra da família da sua mãe. Inicialmente foram morar no bairro Saibreiro (atualmente denominado Jardim Elite). Depois mudaram para a Paulicéia, onde Hélio estudou na escola Prof. Antonio Mello Cotrim; Prof. Heitor Pompermayer era o diretor da escola.

Começou a trabalhar aos sete anos na firma de consertos de enceradeiras do Belardi. Hélio fazia entregas. Aos doze anos foi trabalhar na Casa Asta, propriedade de Santo Pavanelli: tomava conta da loja, ajudava na limpeza, transportava canos de ferro. Saiu para trabalhar como ajudante de pedreiro. Ajudou a fazer os muros que cercam a Santa Casa. Em seguida foi trabalhar na Padaria Inca, situada na Rua Gov. Pedro de Toledo, propriedade de Dona Augusta. Fazia as entregas em restaurantes com uma espécie de bicicleta de três rodas: havia um baú na frente onde levava os pães do tipo bengala, filãozinho. Entrava para trabalhar às cinco horas da manhã; fazia entregas no Hotel Central, Café Senadinho, Hotel Jardineira, Hotel Regina.

Em todos os bairros havia pessoas dispostas a brigar. Se o pessoal da Paulicéia entrasse na Paulista, o pessoal de lá batia nos intrusos. A mesma coisa acontecia se o pessoal da Paulicéia entrasse na Vila Rezende. Ou ainda no Bairro Verde. Nas imediações de onde está a igreja da Paulicéia era o chamado Bairro da Coréia.

Hélio permaneceu por dois anos na Inca, em seguida foi trabalhar em uma fábrica de urnas mortuárias, propriedade de Darcy Soffner, vizinha à serraria do Chico Carretel. Ele aplainava madeira, fazia enfeites do caixão; na época as urnas eram forradas com tecido. Ia despachar os caixões na Estação da Paulista. Existiam quatro fábricas de urnas mortuárias na cidade: do Sbrissa, do Darcy, outra na Rua Joaquim André. Na Vila Boyes também havia uma fábrica de caixão funerário.

Chico Carretel fabricava principalmente carrocerias de caminhões.

Ele ia aos Cines Politeama, Broadway, São José, Colonial, Palácio. No Cine Paulistinha as poltronas eram de madeira, sem estofamento; o proprietário era o Cassano No tempo de festas juninas, ao lado da Igreja dos Frades havia as quermesses, onde funcionavam barracas com diversas atrações. Era o local onde os jovens “paqueravam”. Saía dali e iam dar uns “rolês” (passear sem destino certo) na Praça José Bonifácio, centro da cidade. Voltavam de bonde. Hélio sempre gostou muito de jogar snooker, jogou com Ary Pedroso, Rubens de Oliveira Bissom. Jogava no Snooker Bola Sete, que ficava na Rua São José esquina com Rua Gov. Pedro de Toledo, hoje há um edifício no local. Jogou no Snooker Bola 13, que ficava na Rua Treze de Maio, entre a Rua do Rosário e Rua Alferes José Caetano.

Ele tinha feito curso de desenho e torno no SENAI, ingressou em uma empresa de implementos agrícolas que ficava em frente ao barracão de carga e descarga da Paulista. Em seguida foi trabalhar com a empresa Irmãos Rosa, que prestava serviços à Companhia Paulista. Houve um concurso para a admissão de funcionários na Cia. Paulista, em 1965: ele prestou e ingressou. Veio morar na casa número 17, onde permaneceu até fevereiro de 1996, quando se aposentou.

Era trabalhador de Estação, transportava mercadorias com carrinho - geladeira, fogão, sabão, lâmpadas, uma infinidade de itens. O chefe da estação era Ivo Pizza. Trabalhou com Polizel, Zé de Barros, João Fraceto, Lovadini, irmãos Rodrigues, Zé Paulicéia, José Paulino. Alguns motoristas que trabalharam com os caminhões da Cia. Paulista foram o Neuri, Passarim Paulo Gambaro, Oscarzinho Lacerda, que jogou no XV de Novembro.

Na sua época eram todas locomotivas a diesel. As máquinas a vapor eram apenas utilizadas para transporte de pessoal que inspecionava trilhos e dormentes.

Na estação em Piracicaba havia, aproximadamente, umas vinte chaves de mudança de linha. Existia um girador de locomotivas que eram movidas a vapor. No barracão

onde funciona a Estação Idoso “José Nassif”, era feita manutenção de vagões, inclusive trocavam-se rodeiros que estavam gastos, com a utilização de macacos hidráulicos.

Ao descarregar gado, o trem atravessava a Rua do Rosário, não só atravessava como às vezes permanecia sobre a rua, impedindo a passagem de veículos, o que podia demorar bastante tempo. Quem tinha que passar não tinha outra coisa a fazer senão esperar o trem movimentar-se. Ainda havia os corajosos que passavam sob o engate dos vagões. A composição era cortada (alguns vagões eram desligados da composição), os vagões permaneciam descarregando e eram movimentados na medida em que descarregavam. Havia o que era chamado de seringa, um local por onde o gado descia do vagão para a mangueira e, mais tarde voltariam para subir em um caminhão de transporte que os levaria até o frigorífico.

Os vagões-dormitórios eram utilizados para percursos mais longos, que não era o caso de Piracicaba.

Havia muita gente que vinha ver a chegada do trem, para esperar parentes, conhecidos. Outros vinham para paquerar. Na época existiam os carros DKW, o pessoal sentava na pracinha em frente à estação, principalmente no tempo do calor. O bonde circulava, logo adiante existia a Adega do Vitória. Na primeira quadra da Rua Alferes José Caetano havia a Padaria São João, de propriedade de João Rossi. Na esquina da mesma rua com a Av. Dr. Paulo de Moraes havia o armazém de Roque Signoretti. Na Rua Boa Morte esquina com a Rua Joaquim André existia a Pensão Paulista

Quando saía o trem eram dados dois apitos. Quando chegava à estação vinha dando vários apitos contínuos para liberar a plataforma. O trem saía de São Paulo às 6h45 e chegava em Piracicaba às 10h20.

Antigamente uma composição com muitos itens vinha e permanecia no pátio da estação, onde as compras eram feitas pelos funcionários, uma espécie de supermercado sobre rodas. Depois passou para a central em Campinas, tinha que ir comprar lá. Mais tarde mandaram comprar em supermercado, depois descontavam no hollerith.



c.1960

Reunião de funcionários da Companhia Paulista. Autoria desconhecida. Acervo IHGP

Hélio permaneceu por 30 anos na Companhia Paulista: em Piracicaba trabalhou por uns 18 anos, o resto do tempo prestou serviços em Campinas, Americana, Santa Barbara D'Oeste, Limeira, sempre no serviço de faturamento.

Era mandado para substituir alguém e isso implicava em dobrar o seu salário pelo fato de estar em outra localidade. As casas da Colônia da Paulista eram confortáveis, casas boas, ele gostava. A sua casa tinha cozinha, sala, três quartos, e o banheiro no lado de fora.

As empresas que deram origem à FEPASA na unificação das ferrovias paulista foram

Companhia Paulista, Sorocabana, Araraquarense, Mogiana e São Paulo-Minas. Sendo bitolas (distância entre trilhos) diferentes, há como composições percorrerem trechos de outras companhias com o auxílio de um terceiro trilho.

As entregas em Piracicaba eram feitas com caminhão da Cia Paulista. Eram utilizados caminhões marca Ford, F-600, azul e branco. Cada caminhão atendia a um bairro. Para o centro era comum irem dois caminhões, a carroceria era aberta. A cidade inteira os conhecia e gostava deles. Faziam entrega e coleta de mercadorias. Na Boyes carregavam tecidos, no Dedini carregavam pregos, correntes, parafusos, porcas.

Era comum mandar, principalmente para São Paulo, porcos, frangos, cabritos, todos vivos, iam dentro de um engradado individual de madeira. Cobras coletadas na região eram remetidas vivas para o Instituto Butantã em São Paulo. Colocava-se água, comida para serem ingeridos pelos animais durante a viagem.

Hélio conheceu o Dr. Jacob Diehl Neto, já idoso. A casa dele foi um restaurante de massas, na Av. Dr. Paulo de Moraes, em frente ao barracão de cargas da Paulista.

Antonio Barbosa era um criador de pombos-correio na Colônia da Paulista, ele os levava aos mais diversos locais para soltá-los, ia a Santa Barbara D'Oeste, Limeira, Rio Claro, Araras. Levava uma caixa cheia de pombos, soltava-os e eles voltavam a Piracicaba.



Renato Leme Ferrari

TETRANETO DO BARÃO DE SERRA NEGRA, Renato Ferrari é engenheiro e administrador de empresas, paulistano, piracicabano por adoção, com profundos laços com Piracicaba. Descendente do Barão de Serra Negra, Dr. Renato cultivava interesse pela história da sua família e naturalmente isso envolve grande parte da história de Piracicaba. Acompanhando Dr. Renato Leme Ferrari e sua esposa, Sra. Sonia Marchetti Ferrari, o presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Haldumont Nobre Ferraz esteve nos estúdios da Rádio Educadora de Piracicaba no dia 22 de janeiro de 2005 concedendo entrevista no Programa Piracicaba Histórias e Memórias. A entrevista abre a primeira página de um próximo capítulo sobre a história de Piracicaba.

Vultos como Barão de Serra Negra, Barão de Rezende, João Conceição, Jane Conceição, Edgard Conceição, e tantos outros nomes que denominam logradouros públicos, escolas, estádio de futebol, são nomes familiares aos habitantes de Piracicaba e região.

A Chácara Morato, próxima à Ponte do Morato, é ponto conhecido do piracicabano. A chácara recebeu essa denominação porque a população a conhecia assim. Na realidade seu nome é Chácara Vila Maria, seu proprietário era Francisco Antônio de Almeida Morato, que nasceu em Piracicaba a 17 de outubro de 1868. Exerceu a profissão de advogado - foi o primeiro advogado que nasceu em Piracicaba - ocupando também os cargos de promotor público, vereador, inspetor

dos Advogados de São Paulo, tendo sido eleito seu primeiro presidente, função que ocupou de 1916 a 1922 e de 1925 a 1927. No âmbito político, foi fundador do Partido Democrático, eleito deputado federal em 1927, tendo sido um dos organizadores da Frente Única de 1932, com destacado papel no Movimento Constitucionalista. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e presidente do Tribunal de Ética Profissional. Após a Revolução, no período de 1932-1933, esteve exilado na França e em Portugal. No período de 1935 a 1938, foi diretor da Faculdade de Direito de São Paulo. Recusou a presidência do Estado, aceitando, porém, o cargo de secretário da Justiça e Negócios do Interior na interventoria de Macedo Soares. Faleceu a 21 de maio de 1948. Ele recebeu como homenagem a denominação de Francisco Morato a uma cidade próxima à capital de São Paulo. Uma importante artéria da cidade de São Paulo, que liga os bairros Butantã e Morumbi ao centro de São Paulo, recebe o seu nome, assim como o Fórum de Piracicaba.

Francisco Morato é bisavô de Renato Leme Ferrari. A casa da Chácara Morato ele construiu para lazer. Ele morava em São Paulo e vinha à Piracicaba com muita frequência para ficar na chácara. O Barão de Serra Negra tinha a propriedade chamada Chácara do Enxofre, na época com área de cerca de 150 alqueires de terras e, na partilha dessas terras, que ele fez ainda quando era vivo, deixou uma parte ao Dr. João Conceição, seu filho, e outra parte a sua filha, Maria Conceição Morato.

O Barão de Serra Negra nasceu em Piracicaba, na Fazenda Bom Jardim, no então bairro de Rio das Pedras. Essa fazenda existe até hoje, tem uma capela que o Barão construiu e conseguiu junto à Cúria uma autorização para ser enterrado lá, como de fato aconteceu. Após alguns anos foi feito o traslado para o Cemitério da Saudade em Piracicaba. O nome do Barão de Serra Negra era Francisco José da Conceição, faleceu em 2 de outubro de 1900. Era filho de Antonio José da Conceição, natural de Lisboa, e de Rita Morato de Carvalho, de nobre família portuguesa. A família dele é toda de agricultores. Ele desviou-se um pouco da vocação da família e entrou no

comércio. Percebendo as dificuldades que os agricultores da região tinham para o abastecimento das suas fazendas, na venda das suas produções, ele estabeleceu um entreposto, fornecendo insumos, víveres, roupas, implementos, e, ao mesmo tempo, comprava a produção desses fazendeiros.

Ele mantinha uma linha que funcionava em lombo de burro transportando mercadorias. Esse sistema foi se ampliando, saindo de São Paulo e chegando até o Mato Grosso. Para usar um termo atual, ele tinha a logística muito clara. Com o advento da Guerra do Paraguai, o ditador paraguaio Solano Lopes fechou o acesso para Cuiabá pelo Rio Paraguai e invadiu o Mato Grosso. Não havia como abastecer as tropas brasileiras que lá lutavam. A pedido do Conde D'Eu, ele passou a levar os provimentos para o front de batalha, através da linha de fornecimento que possuía. Ele montou uma milícia armada, um pequeno exército, não só para combater na Guerra do Paraguai, mas também para transportar armamentos, uniformes, material de campanha, medicamentos, barracas. Ele ia buscar os equipamentos no porto de Santos - canhões, mosquetes, todo material necessário à guerra - e levava para o Mato Grosso. Como reconhecimento a esse grande serviço que ele prestou ao Império, foi agraciado por um decreto de D. Pedro II com o título de Barão de Serra Negra.

O Barão de Serra Negra casou-se com Gertrudes Eufrosina da Rocha Amaral, a Baronesa de Serra Negra, filha do Capitão Manoel da Rocha Garcia. Ela casou-se com cerca de 15 anos de idade e teve 20 filhos. Sobreviveram até a vida adulta 10.

São eles:

1 - Baronesa de Rezende, Anna Candido da Conceição, casada com o Barão de Rezende, Dr. Estevão de Souza Rezende;

2 - Dr. João da Rocha Conceição, que se formou em Medicina e se casou com Dona Maria Nazareth, filha do Dr. Antonio da Costa Pinto e de sua primeira esposa, Dona Maria Nazareth de Souza Queiroz;

3 - Dr. Francisco Julio da Conceição, formado em Engenharia, que se casou com

Dona Ana Monteiro de Barros, filha do Dr. Rodrigo Antonio Monteiro de Barros e de Dona Ana Francisca da Silva;

4 - Dr. Antonio Augusto da Conceição, formado em Engenharia, que se casou com Dona Laura Correa Pacheco, filha de Antonio Correa Pacheco;

5 – Conde de Serra Negra, Manoel Ernesto da Conceição, agricultor, que se casou com Dona Maria J. de Souza Rezende, filha do Barão de Valença e de Dona Justina Emerich, Baronesa de Valença;

6 - Julio Conceição, agricultor e comissário de café, que se casou com Dona Mariana Freitas;

7 - José Conceição, agricultor, que se casou com Dona Angelina da Silveira, filha do Comendador Joaquim da Silveira Mello e de Dona Ana Theolinda da Silveira;

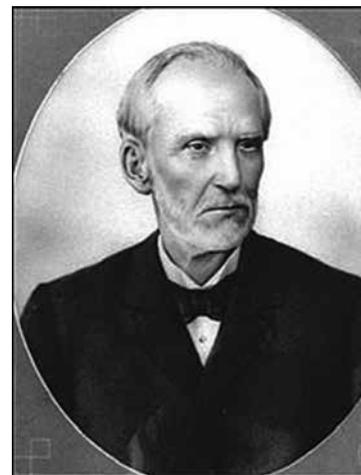
08 - Francisca Conceição, que se casou com o Dr. Adolfo Correa Dias, formado em Direito;

9 - Angelina Conceição, que se casou com o Dr. Torquato da Silva Leitão, médico em Piracicaba;

10 - Maria da Conceição, que se casou com o renomado advogado Dr. Francisco Morato, filho do Dr. Antonio Morato de Carvalho e de Dona Ambrosina de Almeida Lara.

Eles montaram o ciclo completo do café. Como eram 10 irmãos, alguns trabalhavam na produção de café aqui em Piracicaba e em Botucatu. Outro irmão trabalhava em Santos na exportação do café, era Julio Conceição, comissário de café; Manoel Ernesto Conceição, o Conde de Serra Negra, morava em Paris, onde recebia, beneficiava o café, embalava e distribuía na Europa. Eles tinham o ciclo completo, desde o plantio até a distribuição.

A família Ferrari tem origem na Itália e se radicou em Botucatu. Monsenhor Ferrari tinha muito interesse em vir para o Brasil. Ele acabou sendo enviado para a paróquia de Botucatu. Era o período de efervescência do café, existia uma dinâmica muito



Francisco José da Conceição,
o Barão de Serra Negra



Gertrudes Eufrosina da Rocha Amaral,
a Baronesa de Serra Negra

grande na cidade com relação ao café, ele então escreve para os irmãos que estavam na Itália dizendo que aqui teriam muitas chances de prosperarem. Estavam Ferrari casa-se com Dona Alcinda Cardoso de Almeida e tem o filho Alcides de Almeida Ferrari, que acabou casando-se com a neta do Barão de Serra Negra, Laura Conceição.

Renato detalha; “A minha mãe é filha de Cinira Conceição Morato, também é neta do Barão de Serra Negra. Meus pais são primos. Minhas avós também. Era muito comum o casamento na família. Tanto meu pai como minha mãe são descendentes do Barão de Serra Negra. O Conde de Serra Negra recebeu o título de conde do Papa. Ele financiou a criação da diocese em Botucatu e, como reconhecimento a esse serviço, o Papa concedeu-lhe o título de Conde de Serra Negra. O Barão de Serra Negra participava ativamente da vida piracicabana, quer na esfera política, quer na

esfera social, esfera econômica, na saúde, na educação, ele foi um dos motores do progresso na nossa região. Posso dizer que na área política ele era monarquista, foi chefe do Partido Liberal, recebeu por duas vezes D.Pedro II em Piracicaba e por três vezes o Conde D'Eu. Na ocasião, D.Pedro se hospedou na casa do Barão de Rezende, que ficava onde era a antiga prefeitura, lamentavelmente demolida para virar um estacionamento. Com advento da República o Barão de Serra Negra não apoiou a proclamação, mas tampouco colocou qualquer obstáculo no assunto, aceitou resignadamente a decisão popular, afastando-se, portanto da vida política. Ele era um dos caciques políticos do Império.”

Na esfera social ele doou o terreno onde era antigamente o bosque Barão de Serra Negra e que depois se transformou no Estádio Municipal. Na economia ele teve um envolvimento muito grande, foi o maior plantador de café na região, quase todo café fino, de primeira, para exportação. Os cafezais dele se iniciavam em Piracicaba e iam até Capivari, era um oceano verde. Foi o introdutor dos primeiros equipamentos para uso, na agricultura, de beneficiamento de café - arados, secadores. Foi introdutor da mão de obra imigrante na região, foi introdutor da cultura do algodão. Foi fundador, juntamente com seu genro, Barão de Rezende, da Cia Fluvial Paulista de navegação, que fazia a navegação do Rio Piracicaba ao Rio Tietê. Foi sócio na construção do Engenho Central, juntamente com o seu genro, o Barão de Rezende; foi o fundador do Banco de Piracicaba, era sócio na Cia Ferroviária Ituana, Cia Paulista, Banco Mercantil de São Paulo, Banco Mercantil de Santos, Banco União de São Paulo, tendo sido considerado na época uma das maiores fortunas do Estado de São Paulo. Na saúde foi fundador e contribuinte, juntamente com José Pinto de Almeida, da Santa Casa de Misericórdia de Piracicaba. Participando da primeira reunião ocorrida em 1854 construiu e doou à Santa Casa o Hospício de Alienados. Na educação, construiu por sua conta a primeira escola de Rio das Pedras. Foi sempre de grande dinamismo e admirado por todos.

Ele expressou a vontade de quando fosse realizado seu sepultamento, seu corpo fosse carregado por escravos, que os mais desafortunados carregassem o caixão dele e que o acompanhasse uma banda sem tocar nada. Esse era o seu desejo para o cortejo fúnebre. Ele tinha deixado reservada uma importância para cada um desses escravos.

A Chácara Nazareth pertencia a uma gleba única que era a Chácara do Enxofre, que foi desmembrada em duas, ficando a Chácara Morato de um lado e a Chácara Nazareth do outro lado. A Chácara Nazareth ficou por herança para o filho João da Rocha Conceição, médico, provedor da Santa Casa, casado com Dona Jane Conceição, filha do Conselheiro Costa Pinto. A casa que existe na Chácara Nazareth remonta ao ano de 1880. Ela é toda original. Tem um pouco da arquitetura francesa. Na época existia um cuidado com a decoração, o mobiliário era francês, os cristais da Bohemia, talheres de prata portuguesa, era tudo da mais alta qualidade.

O Conde de Serra Negra, ou Manéco Conceição, ou ainda Manoel Ernesto Conceição, foi um homem muito rico, casado com Maria Justina de Rezende Conceição, Condessa de Serra Negra. Na Inglaterra teria ocorrido um possível caso de amor do Conde de Serra Negra com a inglesa Sarah Junner, que resultou no nascimento de Thomas Edward Lawrence, o herói inglês também conhecido como Lawrence da Arábia, em 15 de agosto de 1888, em Tremadoc, no Carnarvonshire, Inglaterra, ou nasceu nessa mesma data no cimo da Serra de Botucatu, no solar do Conde de Serra Negra, com toda assistência necessária, com amor, com muito poder, muito sonho, muita, muita esperança.

O filho famoso do Conde de Serra Negra é uma história curiosa que corre pelos bastidores. Foi levantada pelo Dr. Armando Moraes Delmanto, ilustre advogado de Botucatu, que chega à conclusão que, de fato, Lawrence da Arábia teria nascido na Serra de Botucatu, filho de um piracicabano. A história é contada da seguinte forma: no fim do século XIX chega em sua fazenda, em Botucatu, o Conde de Serra Negra, acompanhado de uma moça, de médicos, policiais, e monta todo um aparato de

segurança em torno dessa propriedade. Ele vai embora e deixa a moça na fazenda.

A moça fica por lá durante quatro meses, e nasce uma criança. Essa moça é atendida por um médico famoso de Botucatu, que faz o parto. A criança recebe as bênçãos do Monsenhor Ferrari e, após o nascimento da criança, a moça passa mais um período de tempo em Botucatu, depois embarca para Londres. Essa criança se tornará Lawrence da Arábia. Segundo Dr. Delmanto, existe o envio regular de dinheiro para custear os seus estudos. Quem envia é o Conde de Serra Negra. Essa seria a prova material do ocorrido. O romance extraconjugal do Conde e o fato da moça também pertencer à nobreza inglesa obrigou que tratassem o assunto com o maior sigilo. Os brasileiros são os mais interessados em desvendar essa história, porque Lawrence da Arábia é um herói inglês e um herói árabe: ele fez a unificação dos povos árabes. Alguns estudiosos estão indo mais a fundo nessa pesquisa. Há indícios de que ele realmente nasceu em Botucatu.

Um outro fato pitoresco ocorreu na família. Em uma noite chuvosa, bate à porta do Barão de Serra Negra uma moça pedindo amparo, e um dos filhos dele a atende e a acolhe na casa. No dia seguinte, com o tempo bom, a moça vai embora, mas é constatado que ela sofria de hanseníase (lepra). Ficou aquele alvoroço na família, todo mundo muito preocupado. O Barão faz a seguinte promessa: se o filho dele não viesse a ser contaminado, ele construiria um sanatório e o doaria para a comunidade. Como seu filho não foi contaminado, o Barão cumpriu sua promessa e construiu o Hospício de Alienados de Piracicaba.

O Barão de Serra Negra é pertencente à família Morato. O seu avô, ituano, recebe alvará para construir um engenho nas terras que possuía em Rio das Pedras, se desloca com a família, e uma das filhas, Rita Morato, acaba se casando com o português de Lisboa, Antonio José da Conceição, pai do Barão de Serra Negra. Na família Morato existem casamentos entrelaçados. Os Almeida Lara são três irmãs casadas com três irmãos Morato.



Tarciso Chiarinelli

CONCEITUADO E REQUISITADO mestre-de-cerimônias, atuando em solenidades com a presença de autoridades de alto nível, como presidentes da República, governadores, ministros, prefeitos, presidentes de conglomerados financeiros, industriais. O constante convívio com autoridades das mais diversas áreas em nada afetou o comportamento simples e discreto desse comunicador e grande nome do rádio piracicabano, Tarciso Chiarinelli. Sua vida pautada pela retidão de caráter reflete no seu trabalho ético e de profissionalismo admirável. Acalentou o sonho de ser um homem de comunicação, em particular do rádio; sem ser visionário e com passos em terra firme trabalhou duro até transformar seu sonho em realidade. Tarciso Chiarinelli é um dos 10 filhos do casal Rosália Grisotto e Ernesto Chiarinelli, nasceu em 8 de janeiro de 1952, no bairro rural Monte Branco, cerca de 18 quilômetros de Piracicaba. Seu pai trabalhava como conservador de estrada e na agricultura.

Quando tinha 3 a 4 anos, foram morar no Saibreiro, assim denominada a região dos bairros Jardim Elite, Nova América. Logo depois foram morar no bairro Jaraguá, na Rua Cabreúva. As lembranças que guarda da sua infância são a partir da casa na Rua Dona Anésia, quase na esquina com a Rua da Colônia.

As ruas não eram asfaltadas, quando chovia brincavam nas enxurradas, jogavam bola na rua. A sua vida foi sempre de muito trabalho, não sobrava muito tempo para as brincadeiras de infância. A família cultivava uma horta, seus irmãos e ele plantavam, a sua mãe acordava cedo e ia cortar as verduras

que deveriam ser vendidas. O seu pai trabalhava na Prefeitura e saía logo cedo de casa, a Rua do Rosário foi varrida por ele por muitos anos. Aos 10 anos Tarciso já vendia verduras nas ruas, levava-as em uma cesta de bambu, fazia uma parte da Paulista. O dinheiro apurado ajudava na manutenção da casa, eram muito pobres. Começou a usar sapatos a partir dos 14 ou 15 anos, até então andava de pé no chão ou com chinelo. Ele tinha uma clientela mais ou menos certa, às vezes vendia logo e retornava mais cedo para casa. Outras vezes tinha que esticar mais o percurso, indo oferecer as verduras até as residências situadas na Rua Benjamin Constant. Iniciava o seu trabalho às sete horas da manhã e tinha que vender tudo antes do meio dia para poder ir à escola na parte da tarde. Estudava no Grupo Escolar Barão do Rio Branco.

Na Av. Dr. João Conceição, que era chamada de “rua atrás da Estação”, havia uma senhora que adquiria verdura quase todos os dias. Tarciso imagina que possa ter sido para ajudá-lo. Fez esse trabalho até os 12 ou 13 anos. Foi trabalhar no Mercado Municipal, com Antonio Brancalion, que tinha duas bancas de sua propriedade, uma em frente à outra, ambas no ramo de mercearia.

Diziam no Mercado que quanto mais forte era o santo mais cedo tinha que levantar. Aos feriados, às quatro e meia da manhã ele já tinha que estar no Mercado, preparar para abrir às seis horas. No início ia ao trabalho a pé, com o tempo comprou na Casa São Francisco uma bicicleta Göricke. Permaneceu trabalhando com Antonio Brancalion por quatro anos e meio, foi o seu primeiro registro em carteira. Recebeu uma proposta para trabalhar com Antonio Ferrante, que tinha uma banca de frutas, também no Mercado Municipal. O forte da banca eram as frutas importadas, a clientela era mais exigente. O radialista Ari Pedroso estava no auge da sua carreira, ele frequentava a banca. Tarciso acredita que ele tenha sido uma das suas fontes de inspiração para ingressar no rádio. Outro cliente famoso era o Comendador Humberto D’Abronzo: a sua esposa telefonava, encomendava as frutas e geralmente quem entregava era Tarciso. A família Coury também realizava suas compras dessa forma. Trabalhava até

o final da tarde, algumas vezes, no final da tarde, ia até Campinas, de Kombi, para trazer frutas do Ceasa.

Foi trabalhar no Centro de Energia Nuclear na Agricultura, CENA, na portaria, contratado por uma empresa terceirizada. Permaneceu pouco tempo lá. Em seguida foi trabalhar na empresa Angemar, onde permaneceu por 13 anos.

A Angemar se situava na Av. Dona Jane Conceição esquina com a Rua do Rosário, em frente à Praça Takaki; os proprietários eram Luiz Marchini, Antonio Marchini e Marcos Contarini. Entrou como ajudante, foi promovido para balconista e passou a chefe de expedição. No local, antes da Angemar se estabelecer, era um terreno vazio onde se montavam parques de diversões, circos de pequeno porte, na Semana Santa havia a malhação do Judas com pau de sebo e tudo. Na esquina havia o Bar Serenata, onde hoje é a farmácia Drogal. Na época existiam duas farmácias na Rua do Rosário, a Farmácia Nossa Senhora da Penha e a Farmácia São Judas Tadeu. Os farmacêuticos atendiam os doentes do bairro, aplicavam injeções, faziam curativos, só depois de algum tempo é que apareceu um Pronto-Socorro na Rua São João, o transporte do paciente era precário.

Na Av. Madre Maria Teodora circulavam caminhões carregados de cana.

Ele conta: “Éramos crianças, gostávamos quando chovia porque os caminhões não conseguiam subir o Morro do Enxofre, a rua não era asfaltada, os motoristas precisavam amarrar correntes nos pneus. A água da chuva formava enormes valetas onde brincávamos.”

Um ponto “turístico” do bairro da Paulista era a descarregadeira de gado. Situava-se no terreno, hoje murado e com um portão de ferro, entre a Droga Raia e o Restaurante Frios Paulista, consta que é área remanescente da Companhia Paulista de Estradas de Ferro, de propriedade federal. Tinha seu início na Rua do Rosário e ia até a Av. Nove de Julho. Ali era uma festa! O trem tinha ali o lugar de embarque e desembarque, fechava o trânsito na rua para passar o trem. Onde hoje é o leito da Av. Dr. Paulo de

Moraes existia o beneficiamento de café colhido na Chácara Nazareth. Ele ia assistir a chegada ou a partida dos trens da Cia. Paulista. Algumas vezes foi de trem até Santa Bárbara, Tupi, Caiubi. Foi usuário do bonde, ia em pé, no estribo.

O Cine Paulistinha era carinhosamente chamado de “Purgueiro”! Os assentos eram em madeira sem estofamento. Não havia muito tempo para se divertir, não só ele como seus amigos também trabalhavam muito. Naquele tempo havia muitas hortas no bairro da Paulista: quem cuida de horta trabalha aos domingos, feriados, era assim e continua até hoje. Para molhar as verduras era comum se tirar água de poço ou de algum ribeirão próximo. No fundo da Rua da Colônia havia um pessoal que cultivava agrião no próprio ribeirão, a água naquele tempo era boa. No domingo à tarde era comum ver os seus colegas cortarem agrião para embalar e ser vendido na segunda-feira.

Tarciso fez uma promessa e conseguiu a graça: a promessa era ficar um ano sem cortar a barba e o cabelo. Era moda ter cabelos e barba compridos, desde que fossem cuidados e, no seu caso, não despontava nem aparava. Nessa época já era casado com Dona Neusa, tinha o nascido o seu filho Fábio, depois nasceu a Aline. Tem dois netos, o Fernando e o Murilo (Tarciso guarda diversas fotos dos netos em algumas de suas gavetas, apressa-se em mostrar, com muito orgulho). Quando foi cortar a barba e o cabelo recorreu ao seu pai, que também era barbeiro e que, além de trabalhar na limpeza de rua, ao chegar em casa aplicava injeção nas pessoas que necessitavam e cortava cabelo de quem o procurasse. Após aposentar-se, ele trabalhou como jardineiro. Tarciso guarda consigo a alfanje de marca São Floriano, que lhe pertenceu (tradicional marca de origem austríaca). Quando Tarciso foi cortar o cabelo e a barba levou o seu filho junto, ele tinha uns 5 anos e poderia assustar-se em ver o pai sem o cabelo e a barba compridos. Desde aquela data ele tem bigode.

Desde criança Tarciso teve atração pelo rádio. Alcides Spironello, que tinha uma banca no Mercado Municipal, emprestou-lhe um gravador, na época uma verdadeira raridade. Tarciso pegava as propagandas impressas em jornais, os chamados

“reclames”, e ficava lendo, praticando, fazia isso na sua casa. Como havia, às vezes, muita gente em casa, ele saía e ia até onde estavam fazendo o loteamento da Chácara Nazareth, onde ainda havia muitos pés de café, entrava ali perto da Rua do Rosário e, na sombra de um pé de café, gravava comerciais, notícias de jornal. Ouvia o que havia gravado, gravava novamente, buscando atingir a melhor apresentação possível. Devolveu o gravador e passou a ter contato com pessoas que trabalhavam na rádio A Voz Agrícola, que lhe arrumaram uns textos. Naquela época os textos eram apresentados ao vivo nas rádios, não eram gravados. Quem lhe deu um empurrão foi Antonio José, o Gordo, que trabalhava como produtor do Garcia Neto, na Rádio Educadora, quando ainda funcionava na Rua São José, esquina com Rua Governador.

Tarciso decidiu conversar com Garcia Neto em uma quinta feira à noite, no horário em que ele apresentava um programa de esporte. Ao chegar, Garcia perguntou: “O que você quer, menino?” Tarciso respondeu-lhe: “Quero ser locutor!”. Garcia perguntou se tinha experiência, disse-lhe que não, ele então sugeriu que fizesse um teste. Apesar de ter treinado, não deu certo, o nervosismo bateu forte. Ele chamou o Gordo e mandou que desse dois textos para Tarciso ler. O Garcia disse-lhe que poderia ser um bom locutor, mas que no momento necessitava de um profissional com experiência. Encaminhou-o para A Voz Agrícola, aos cuidados do Francisco Caldeira, diretor da rádio. Ela estava instalada na Rua Moraes Barros ao lado do Chaveiro Expresso. Caldeira disse-lhe que não precisava de ninguém naquele momento. Tarciso perguntou-lhe se poderia ficar apenas olhando o pessoal trabalhar. Ele trabalhava no Mercado, tinha o domingo à tarde de folga, Caldeira aceitou. Tarciso passou a observar o trabalho feito na rádio, surgiu a Jornada Esportiva, após algum tempo o rapaz que fazia o plantão, e era de Mato Grosso, saiu da rádio. Na época, o Abel Bueno tinha um programa de cururu nos domingos à noite, Tarciso passava a tarde acompanhando a Jornada Esportiva, ficava só olhando, de vez em quando o mato-grossense dizia-lhe: “Dê os resultados desses jogos!”

Nunca operou a parte técnica, nem sabe como é que liga! Nunca fez técnica.

Após determinado tempo o Abel Bueno disse-lhe: “Ajude-me a fazer o programa!” Passou a apresentar, a ler uns comerciais, isso foi na década de 70. Era um programa muito solto, muito tranquilo. A primeira vez que falou ao microfone disse ao Abel que iria ler o texto, ao que ele disse que não deveria ler nada, deveria falar de improviso. Feito improvisado, e tremendo! Depois surgiu o Márcio Terra, que na época era diretor de esportes. Ele o convidou para fazer o plantão esportivo, acabou assumindo e procurando melhorar cada vez mais. Fez plantão esportivo por 33 anos!

Sua esposa sempre o apoiou e o incentivou, ela sabia que era isso que ele queria! Ele a conheceu na Igreja São José, quando tinha uns 20 anos.

Foi coordenador de uma SEJOPAC - Semana Jovem para Cristo. Quando havia as festas no Cesac, ele era o locutor que dizia: “O rapaz de camisa branca oferece esta música para a moça de vestido azul”, e assim por diante! O Cônego Luiz deu uma grande força a ele!

Ficou na Rádio Alvorada uns 10 anos. O Roberto Moraes o convidou para fazer o plantão esportivo na Rádio Difusora, ele tinha a equipe completa, só faltava o plantonista. Em 1991 Tarciso e o Vanderlei Albuquerque foram para a Rádio Difusora, onde permanece até hoje, só não faz o plantão esportivo. Sempre teve dois empregos, sempre trabalhou muito. Atualmente já não faz transmissão de carnaval de madrugada. Tarciso trabalhava na Angemar e por um ano e meio trabalhou em São Paulo. A sua rotina era apresentar um programa sertanejo, “Manhãs na Roça”, na Rádio Alvorada, das quatro horas da manhã até as sete, ia trabalhar o dia todo na Angemar e à noite estudava. Já era casado e tinha os dois filhos. Surgiu a oportunidade de trabalhar em São Paulo, na Rádio Gazeta, na Av. Paulista, fazia o plantão esportivo. Dinival Tibério tirou e publicou uma foto onde dizia que era mais um piracicabano que ia para São Paulo, isso na década de 70. Fez um acordo com o Luiz Marchini da Angemar: saía do serviço no sábado às 10 horas, tomava o ônibus, ia até São Paulo, fazia o plantão no

sábado à tarde e à noite, dormia em São Paulo, na própria rádio, terminava a Jornada Esportiva às onze e meia ou meia-noite, acabava dormindo no próprio estúdio. Antônio José Quartarollo, o Tony José, foi quem o levou para a Rádio Gazeta. Logo em seguida ele foi para a Rádio Bandeirantes. Chegou a fazer plantão em São Paulo na quarta-feira à noite.

O programa “Manhãs na Roça” tinha um espaço da Secretaria de Serviços Públicos, o secretário municipal era José Flavio Leão que ia até a rádio para dar informações, principalmente às pessoas da zona rural. Após algum tempo ele o convidou para prestar uma assessoria junto a sua pasta. O prefeito era o Dr. Adilson Maluf, o seu contrato de trabalho não tinha nenhuma estabilidade, teve apoio do Luiz Marchini, que deixou as portas abertas para quando quisesse voltar. São fatos que nunca irá esquecer.

Os cerimoniais surgiram na época em que o prefeito era o Dr. Adilson Maluf, o chefe do cerimonial e diretor de comunicação da prefeitura era Jamil Neto. Xilmar Ulisses, Carlos Eduardo Gaiad, Benedito Hilário e Waldemar Bília também participavam. Quando foi trabalhar na Prefeitura fez o cerimonial da inauguração do Campo do Jaraguá, com o apoio de Jamil e dos outros integrantes da equipe. Jamil trabalhava com muito profissionalismo. Dessa ocasião em diante passou a fazer cerimoniais para a prefeitura.

Tarciso diz: “O segredo para realizar um bom cerimonial é agir com responsabilidade, não subestimar nenhum cerimonial. Por mais modesto que pareça ser, cada evento é um desafio e todos têm a mesma importância. Não é qualquer pessoa que enfrenta o público, uma coisa é ser locutor de estúdio e outra é ter um público a sua frente. Um cerimonial exige uma preparação detalhada antes de ser realizado, conhecimento de cada detalhe, é necessário ter muito jogo de cintura. Após ter o cerimonial pronto, normalmente ele se desvirtua. No lançamento da pedra fundamental do novo prédio da FUMEP fui cumprimentado por um ministro de estado pela realização do cerimonial em decorrência de situação anômala e pela forma como conduzi o evento.

O cerimonial público tem normas, a lei federal de número 7274 de 9 de março de 1972 regulamenta todos os cerimoniais.. Não é só chegar, pegar e falar. Já realizei mais de mil cerimoniais com certeza! Não sou o único que faz na cidade nem na prefeitura.” (Realizando os cálculos da média mensal pelos anos trabalhados descobrimos que Tarciso já realizou mais de 5.000 cerimoniais).



**Jandyra Silveira
Ramos**

BISNETA DE PRUDENTE DE MORAES, sua avó Maria Amélia casou-se com seu avô João Batista da Silveira Mello. A Profa. Jandyra casou-se com o Prof. Algemiro Coelho Ramos. Muitas gerações de piracicabanos devem a ambos não só o aprendizado formal de música, português, latim. Formaram um casal que sempre honrou e dignificou o nome de seus antepassados ilustres e que educou, antes de tudo, com o exemplo. Ambos lecionaram por muitos anos no Colégio Estadual Dr. Jorge Coury.

Jandyra nasceu em Brotas em 12 de fevereiro de 1932. Seu avô materno tinha uma fazenda de café no Alto da Serra; seu pai, Sílvio Silveira Mello, tomava conta dessa fazenda. O pai dele, João Batista da Silveira Mello, cujo cognome carinhoso era Lalau, um dos primeiros médicos de Piracicaba, foi casado com a filha mais velha de Prudente de Moraes, Maria Amélia. Era o genro para quem ele escrevia. Foi ele quem tomou as providências necessárias para realizar a mudança de Prudente de Moraes quando este terminou seu mandato como presidente da República. Seu avô, João Batista Silveira Mello, foi um dos primeiros médicos da Estrada de Ferro Sorocabana. Lembra-se da família Martins comentar que ele foi médico deles. Sua mãe era da família Camargo Simões, seu nome é Jandyra Simões Silveira Mello. Os Simões de Brotas abriram fazendas, era sertão, viam-se onças.

Eram seis. Tinha um irmão que faleceu em Jacaré. O mais velho, João Batista Silveira Mello, é vivo ainda, mora em Curitiba, ele era conhecido como João Fazendinha. Seus

irmãos são João, Maria Amélia, conhecida por Lia, era muito bonita. Não havia colegial em Piracicaba, ela fez um pouco em Limeira, um pouco no Colégio Piracicabano, e quando abriu no Sud Mennucci só havia ela de mulher, a classe era de 33 alunos. Eram todos muitos amigos. Ela conheceu seu marido, Hélio Cândido de Souza Dias, da família Souza Dias de São Paulo. Ele foi um grande agrônomo. Eles tiveram nove filhos. Entre os meus irmãos, depois vinha o Silvinho, Jandyra, Josette, e a Maria da Glória. É interessante observar que Josette era muito amiga de Monteiro Lobato, ainda moça ela já escrevia. Monteiro Lobato, quando escreveu “Os doze trabalhos de Hércules” estava na Argentina e, de lá, mandou para ela os fascículos. Antigamente as frutas de Piracicaba eram maravilhosas, e a mãe de Jandyra mandou para Monteiro Lobato uma caixa de mangas Bourbon. Ele escreveu uma carta interessante dizendo que ele sempre pensou que a Bahia fosse a rainha das mangas, mas descobriu que Piracicaba é que era a rainha das mangas!

Jandyra também conheceu Monteiro Lobato. Foi em uma visita que sua irmã Lia foi fazer a ele. A única coisa de que se lembra foi de ele ter dito, quando a olhou: “Você é pernilonga quem nem o seu avô!” Ele e a esposa dele gostavam muito da irmã de Jandyra, a Josette. Quando ele faleceu, sua esposa mandou de presente para Josette uma tesourinha que ele utilizava para abrir suas correspondências.

Dr. João Batista da Silveira Mello morou na Rua Treze de Maio, entre as ruas Santo Antonio e Alferes José Caetano, em frente aonde foi posteriormente o consultório do médico Dr. Tito. O pai de Jandyra tinha um grave problema de visão e, mesmo assim, ele tomava conta da contabilidade da fazenda, com grande competência. Essa sua deficiência visual o impediu de prosseguir nos estudos. Seus irmãos prosseguiram nos estudos, um deles, João Batista, também foi juiz; o Otávio da Silveira Mello tomava conta do Jardim Botânico. Sua tia, também neta de Prudente de Moraes, Maria Thereza Silveira Mello de Barros Camargo, foi prefeita em Limeira, uma das primeiras deputadas.

A família dela era muito grande: sua avó teve muitos filhos e a sua mãe era a mais velha. Sua mãe entendia o francês; ela lia em francês e em espanhol, lia para o marido por causa de sua visão deficiente. Juntos, eles leram todos os clássicos portugueses.

Jandyra conta: “O mais engraçado era quando eles iam ao cinema, com o tempo minha mãe passou a ter uma pequena deficiência auditiva. Ambos iam até o cinema, sentavam-se bem à frente da tela para não incomodar as pessoas que ali estavam. Era um horror para quem se sentava perto deles, porque minha mãe ia lendo as legendas para meu pai. Quem se sentava sempre por perto era Erotides de Campos e sua esposa. Uma das lembranças que guardo da minha mãe era ela mexendo as panelas com um livro na outra mão lendo! Ela lia o tempo todo! Discutia qualquer assunto. A família do meu pai era muito ligada à leitura.”

Ela tinha um tio-avô, o Tio Nhô-Nhô, ele era irmão da Carolina Ferraz Barbosa, esposa do Coronel Barbosa, que deu origem ao nome do Clube Coronel Barbosa. Jandyra conta: “Nós morávamos na Rua Prudente de Moraes, na direção da cadeia, e o Tio Nhô-Nhô morava em uma casa que existe ainda na esquina da Rua Prudente de Moraes com a Rua Tiradentes. No tempo da Segunda Guerra Mundial ele descia até a nossa casa para ouvir o Repórter Esso. Já velho, ele entrava, e dizia: ‘Ó de casa!’ A criança respondia: ‘Entra tio Nhô-Nhô!’. Começava o Repórter Esso, tínhamos que fazer silêncio. O apresentador entrava no ar e dizia aos ouvintes: ‘Boa-Tarde!’. Tio Nhô-Nhô respondia: ‘Boa Tarde!’ Ele era lúcido. Todo dia ele ia à nossa casa para a minha mãe ler as Notas e Informações do Jornal O Estado de São Paulo. Ele estava tão acostumado, que para ele só a minha mãe é que sabia ler essas notas e informações! Ela lia bem, entendia o que estava lendo. Em casa, o castigo era quando a minha mãe viajava para acudir um parente doente, alguém era escalado para ler as Notas e Informações do Jornal Estado de São Paulo.”

A esposa de Fernando Costa era prima do seu pai.

Jandyra fez o primário na Escola Prudente, que funcionava onde é hoje o Museu

Pedagógico Prudente de Moraes. Antigamente o ginásio era no Sud Menucci, a relação dos alunos que passavam ficavam expostas no Jornal de Piracicaba.

Quando entrou na sala de aula a primeira coisa que o Prof. Benedito Dutra fez foi a chamada dos alunos. Quando chegou o seu nome, ele disse: “Dona Simões! Vamos ver se não derruba a peteca!”, por causa dos seus tios, que eram muito bons.

Próximo a sua formatura foi incluído o curso de Música no currículo escolar. Os conservatórios só existiam no Rio de Janeiro, em São Paulo e Campinas. Miguel Ziggianti vinha para Piracicaba procurando levar alunos para o conservatório. Cidinha Mahle estudava com Dona Dulce Rodrigues de Almeida, tinha uma formação excelente como pianista. Jandyra estudou com Dona Maria Wagner, uma senhora austríaca que viera ao Brasil para dar aulas à filha de um fazendeiro de café.

Jandyra conta: “Dona Dirce Rodrigues nos ensinava a cantar, na época eu deveria ter de cinco a seis anos de idade. Quando viemos morar em Piracicaba ela se tornou nossa amiga. Era muito amiga da minha irmã Josette. Essa minha irmã foi pioneira no ensino de música para bebês a partir dos 10 meses. No ano passado a Universidade Federal de São Carlos implantou esse curso de Música.”

Jandyra tem quatro filhos. A mais velha é Esther, médica, professora de genética, trabalha com pesquisa na USP. Ela tocava violino e depois tocou viola na orquestra do Maestro Ernst Mahle. Por três vezes foi à Bahia para completar a orquestra da Universidade da Bahia. Depois dela nasceu Ruth, já falecida. Em seguida, Rachel, que é engenheira química, trabalhou por treze anos na Gessy Lever. Hoje está na Itália com o marido. Conseguiram formar os quatro filhos, dois na USP e dois na Unicamp. Caio fez Direito na São Francisco em São Paulo. Hoje ele é um dos diretores mais novos da Assembléia Legislativa. Ele gosta muito de escrever. Ao conhecer as músicas de Germano Mathias, gostou muito. Descobriu que Germano estava vivo e conseguiu fazer com que o cantor voltasse à mídia, tendo inclusive escrito um livro sobre ele.

Por 30 anos Jandyra tocou na Igreja Bom Jesus. Lecionou em Paraguaçu Paulista: a casa onde morava pertencia a um alfaiate, Sr. Adolfo Grilli. Para ele, Jandyra era a filha mais velha.

Existiam em Piracicaba os banheiros carrapaticidas: um adiante da Metalúrgica Dedini e outro na Paulista. A cada vinte dias o gado tinha que passar por aquele banho. Era composto por corredores, onde cada pessoa que tivesse gado, cabras, levava seus animais para passar por esse corredor. O serviço que o seu pai desenvolveu na escrituração dessas atividades serviu como modelo para a Água Branca, em São Paulo.

Jandyra lecionou em Londrina. Quando se formou, embora estivesse com os devidos registros, não tinha a idade obrigatória para prestar concursos, que era de 21 anos. Seu irmão trabalhava no Paraná e ela foi ajudar a sua cunhada a preparar uma festa de formatura. Era obrigatório ter registro para lecionar, o que a moça tinha. Com isso deu aulas em colégio particular e do estado. Foi de avião. Seu tio veio para cá e ela foi com ele. A comunicação entre Londrina e Piracicaba era quase inexistente, o telefone levava horas para poder completar uma ligação. A viagem de trem era constantemente interrompida por queda de barreiras. Quando chegava a Sorocaba era um alívio. Em Londrina deu aulas de piano no conservatório de lá.

Os concursos eram como provas de mestrado. Havia uma prova de erudição. Uma prova em que a pessoa cantava Lá-rá-rá-rá e tinha que fazer as notas musicais correspondentes. Depois havia uma prova com o tempo de 40 minutos, sobre um tema sorteado 24 horas antes. Uma aula dada em escola do Estado, sorteada também 24 horas antes. Então foi designada para a Alta Sorocabana, local mais próximo da sua irmã. Ela saía de São Paulo às 4 horas da tarde e chegava a Santo Anastácio no dia seguinte, às 7 horas da manhã. De Presidente Prudente veio para Palmital, que é pertinho de Assis. De Palmital foi para Paraguaçu.

Conheceu seu marido, Prof. Algemiro Coelho Ramos, quando ele lecionava latim em Paraguaçu. Ele morava com seus parentes em uma casa que ficava em frente onde

ela morava. Ela conta que ele ia e voltava com outros professores, “éramos muito amigos, eles tinham as namoradas deles. Depois ele foi para São Paulo. O pai do Algemiro era de família tradicional de Itapetininga, daqueles tradicionais coronéis, uma figura imponente, tinha muita semelhança com Washington Luiz. Na época de Getúlio Vargas ele foi preso, pensaram que estavam prendendo Washington Luiz! E ele com maior orgulho!” Aos 7 anos de idade a mãe de Algemiro teve morte súbita. Ele foi morar com uma tia em Itu. As Irmãs de São José perceberam que o Algemiro gostava muito de estudar, a madre o aconselhou a entrar para o Seminário dos Padres Premonstratenses, em Pirapora. Só que ele não tinha a vocação sacerdotal. Quando teve que passar para o Seminário Maior em São Paulo, ele estava desapontado, conversou com os padres, que o apoiaram na sua decisão. Sua tia foi informada da sua decisão e como ela tinha se mudado para São Paulo, ele foi morar com ela. Prestou exame para a Faculdade de Filosofia, entrou, arrumou emprego em um banco. Quando concluiu a faculdade, conseguiu uma substituição grande para dar aulas de latim em Paraguaçu.

O casamento de Jandyra e Algemiro foi na Igreja São Judas Tadeu, em São Paulo, em 10 de janeiro de 1962. Foi um casamento muito simples. Ele era de uma grandeza, muito preocupado com os outros. Havia muitas pessoas que o adoravam.

Faleceu em 4 de maio de 1995. Jandyra relembra: “Quanta gente ele ajudou, quantas apresentações por carta ele fez! Quantas bolsas ele conseguiu no CLQ, com o Turcão, com Wilson Saito. Em Paraguaçu, o Banco do Brasil estava construindo uma agência, a moçada animou-se, lá não havia muitas oportunidades de trabalho. Pediram ao Algemiro que os preparasse para o concurso do Banco do Brasil. Todo dia, às 6 horas da manhã, estava abrindo a escola, deu as aulas pra eles. Passaram todos!”

Uma vez Algemiro e Jandyra foram passear em Paraguaçu, passaram pela porta do Banco do Brasil. Quando um dos funcionários os viu, saíram todos de dentro do banco. Aqui em Piracicaba ele era procurado por pessoas das mais diversas faixas etárias para conversar com ele quando tinham problemas.



Orivaldo Trimer

DESCENDENTE DE RUSSOS que imigraram para o Brasil, Orivaldo Trimer mantém características físicas típicas: com um metro e oitenta centímetros de altura, conserva o corpo em forma, dono de uma grande força física. Os imigrantes da Letônia, considerados russos, eram bons agricultores. A vinda dos primeiros contingentes de Letos para Nova Odessa foi em 24 de junho de 1906, em área que abrangia terras que hoje compõem Nova Odessa e municípios vizinhos. A saga da família Trimer se assemelha a de muitos imigrantes que lutaram contra muitos obstáculos: língua, costumes, clima e a luta infundável pela sobrevivência. Orivaldo é filho de Alfredo Trimer e Paschoa Grivol Trimer. Nascido em Tupi, em 22 de julho de 1939, é casado com a piracicabana Neusa Helena do Amaral Trimer desde 1968, casamento realizado na Matriz da Vila Rezende pelo Monsenhor Jorge Simão Miguel.

Seu pai, Alfredo Trimer, tinha um armazém em Caiubi, e foi lá que ele se tornou um grande amigo de José Nassif. Orivaldo conta: “O ‘Seu’ José transportava açúcar da Usina Furlan e passava diariamente pelo armazém do meu pai. Eu saí de Caiubi com 11 anos de idade e fui para a Fazenda Cachoeira em Ártemis. A nossa família toda se mudou para lá, fomos plantar cana de açúcar, a propriedade era do Dr. José Freitas. Em 1956 fui campeão de ciclismo em Ártemis, com uma bicicleta suíça, marca Nata, acho que foi a única que existiu no Brasil! Nós vínhamos de Artemis até Piracicaba de trem, descíamos na Vila Rezende e apanhávamos o bonde para economizarmos.

O preço do trem da Vila Rezende até o centro era mais caro do que o bonde. Essa economia era importante para nós naquela época.”

No início era um bar, ia indo bem, vendia-se muito bem pão, “frangava” (negociava com os famosos “frangueiros”, comerciantes que percorriam as localidades rurais levando principalmente armarinhos, pães doces, muitas vezes até cortes de tecidos. Uma característica peculiar é que o carrinho de tração animal tinha abaixo do seu piso uma gaiola, onde eram transportados os frangos vivos. As negociações eram feitas por permutas com frangos, ovos, queijos, produtos da roça). Seu Alfredo abastecia esses “frangueiros”.

O que definiu o fim do armazém foi quando seu pai decidiu ampliar as instalações e o investimento não deu o retorno esperado. Outro fator que pesou muito foi o excesso de confiança que ele tinha na honestidade das pessoas que compravam a crédito. Muitos não corresponderam a essa confiança.

Seu pai era muito trabalhador, a lavoura dele era equivalente à lavoura cultivada por uma família com maior número de pessoas. Plantava algodão - na época o serviço na terra era feito com a utilização de burros. Até ao meio dia ele trabalhava com uma parrelha de burros, sua mãe levava o almoço e outra parrelha de burros descansada. Quando era tempo de lua cheia ele ia até mais tarde. Seu pai levantava-se sempre às quatro horas da madrugada, era ele quem fazia o café e tirava leite. Sua mãe tinha o costume de por uma pitada de sal no leite. Quem bebia dizia: “Que leite gostoso!”

Seu pai estava procurando um lugar para morar. Encontrou um conhecido que morou na Fazenda Cachoeira, que lhe disse: “Estou morando em tal lugar, lá está muito bom, vamos lá, você vai ver”. Meu pai veio, encontrou o administrador Antonio Massoca. Ele então disse ao meu pai: “Estou saindo, Alfredo. Aqui é bom para você, que é trabalhador”.

Orivaldo tinha uns 18 anos de idade, se mudaram para lá no final da década de 50 e saíram em 1978. O proprietário da Chácara Morato era Dr. Celso Leme, casado com Dona Cenira Leitão, filha do Dr. Francisco Morato. A área da Chácara Morato era 50

alqueires paulistas (cada alqueire paulista mede 24.200 metros quadrados). Hoje é cidade! Está ali o Carrefour, o condomínio Terras de Piracicaba.

Uma extremidade ficava uns 100 metros abaixo do Castelinho (propriedade em forma de castelo, projetada pelo arquiteto Dr. João Chadad, que deu origem ao nome do Bairro Castelinho). Pela antiga Estrada Boiadeira ia até o café da Chácara Nazareth.

Havia muitas espécies de mangas, não se sabe dizer quantas, mas chegaram a estimar trinta espécies diferentes. Havia pé de manga enorme, que precisava de três a quatro homens para abraçar. Havia uns pinheiros que tinham sido plantados e que em 1970 seus registros marcavam 105 anos de existência.

O lugar onde havia comércio mais próximo era a Paulista: passavam pelo pasto, pela invernada, iam até a Igreja dos Frades. Suas irmãs e ele iam assistir à missa bem cedo. Era um trilho, só se passava a pé. Lá em cima havia uma porteira fechada com cadeado, passavam entre os fios de arame da cerca e saíam no aterro da Estrada de Ferro Paulista, onde hoje existe uma empresa de terraplenagem, próxima à rotatória da Av. Dr. Paulo de Moraes com Av. Nove de Julho.

Ele conta: “Eram realizados bailes no terreirão, fazíamos o palizado. A Cerâmica tinha uma colônia de trabalhadores cujas casas ficavam onde hoje há uma padaria em frente ao Condomínio Colinas, próximo ao Carrefour. Quem cuidava do casarão da Chácara Morato era uma funcionária, Dona Nerina. A família do Dr. Celso vinha passar as férias no casarão.”

A família Trimer morava na casa que foi habitada pelos escravos. Era uma casa em forma de Z, muito comprida, mais de cem metros de comprimento, paredes feitas com pedras com a espessura de quase um metro de largura, os caibros do telhado feitos com coqueiros, telhas feitas nas “coxas” (telhas fabricadas com barro moldado nas coxas dos escravos). Algumas vezes suas irmãs iam ver uma novela na televisão do casarão, mas era preciso que uma pessoa as acompanhasse: quando voltavam, no escuro da noite, era muito fácil imaginar vultos ou ruídos assustadores.

Alfredo Trimer tinha muita experiência no plantio de algodão. Existia uma terra vermelha, em um pedaço da chácara, lá pelos lados da Paulista, terreno bem plano. Deu um algodão muito bom. Orivaldo diz: “Foi a primeira planta que endireitou a costela nossa. Foi vendida para o ‘Seu’ José Nassif. Na primeira vez que fiz a entrega, engatei dois burros na carroça e subi para a Paulista. Era o trilho da invernada, o administrador da chácara me deu a chave do cadeado e passei pela porteira do Jaraguá. Ali havia uma estrada que chegava até a Rua do Rosário, levei nessa viagem umas 50 arrobas (cada arroba pesa 15 quilos).”

O carregamento de cana era manual. A terra sempre foi muito boa, resultando em uma cana bem desenvolvida. Chegaram a colher até 2.000 toneladas de cana que eram entregues no Engenho Central.

Orivaldo chegou a cortar e amarrar 411 feixes por dia. Em uma cana boa, a “77-Brasil”, até o meio dia tinha 300 feixes amarrados. Depois do meio dia ia para 500 feixes. Ninguém nunca conseguiu cortar essa quantidade. O seu podão de cana era amolado dos dois lados. O administrador Luiz Trevisan dizia que não conhecia alguém que cortasse aquela quantidade. Comia e já ia mastigando trabalhar. Naquele tempo o Engenho Central não aceitava que a cana fosse queimada.

No início da cultura de cana na Chácara Morato o transporte era feito com um caminhão “toco” (caminhão com somente um eixo traseiro), à gasolina, F-600 ano 1958. Os caminhoneiros ficavam esperando em uma fila a vez de descarregar a cana na usina. Era comum os motoristas tomarem um aperitivo antes do almoço.

Existia esse hábito na época. O caminhão F-600 tinha um espaço atrás do banco onde podiam levar os pertences pessoais. Orivaldo costumava levar dois vasilhames. Em um deles tinha o aperitivo para seu consumo. O outro era para aqueles caminhoneiros que vinham pedir. No trajeto para ir até o Engenho Central havia um local onde era hábito serem feitas os chamados “despachos” com diversas oferendas para as entidades, entre elas aguardente. Ele e seu ajudante abasteciam com a pinga deixada

ali o vasilhame destinado aos colegas que gostavam de “filar” um aperitivo. Por muitos anos eles se deliciaram com essa cachaça, até que Orivaldo acabou contando para eles a origem do que consideravam um produto de sabor excepcional!

Na época a fila era enorme, as últimas viagens iam até de madrugada. Chegavam a ficar esperando por oito horas na usina para descarregar a cana de açúcar. Isso no Engenho Central. O caminho que ele fazia seguia pela Rua do Porto, era estrada de terra. Onde foi o Clube Regatas o caminhão não passava, era obrigado a ir por cima, pela Rua do Sabão.

A subida que há na Rua do Porto, atrás do Palacete Boyes, não existia. Não havia, era tudo propriedade da Fábrica Boyes. Onde hoje é a Nova Piracicaba era plantação de cana. No bairro Nhô Quim, onde hoje existe a Av. Manoel Conceição, foi propriedade do Mário Áreas Vitier, conhecido como Mário da Baronesa, por ter sido criado por ela.

O caminho para levar a cana para o Engenho Central obrigatoriamente tinha que ser pela Ponte do Mirante, hoje Ponte Irmãos Rebouças. Quando o bonde ia, seguiam atrás do bonde. Quando ele vinha da Vila Rezende para o centro, na cabeceira da ponte havia um funcionário em cima de um poste, sentado em uma cadeirinha. Com uma manivela ele apagava o farol de um lado e acendia de outro lado. Tinham que esperar, não havia porteira, entravam pela Av. Maurice Allain. Desciam até o local próprio para descarregar e lá o guincho descarregava. O pai da sua esposa, “Seu” Osvaldo do Amaral, trabalhou muitos anos lá como cozedor de vácuo, que é uma etapa onde passa a garapa para ser processada. Um dos balanceiros era o “Seu” Joaquim.

O local chamado Matão se iniciava nas Glebas Califórnia e ia até a Pedreira Equipav. A Chácara Nazareth era toda formada por invernada, existia só gado praticamente. Havia muita codorna. O plantio de café era feito só mais para cima, e dava serviço para muita gente, eles apanhavam o café escolhido, selecionado, até se acreditava que era para servir como semente. As mulheres e crianças, quando passavam para fazer a colheita, era um número muito grande de pessoas, duzentas a trezentas pessoas.

Quando voltavam do trabalho apanhavam do canavial uma ou duas canas, isso todos os dias. Imagine ao final de um mês quantas toneladas eram apanhadas para consumo deles!

Havia roubo de gado. Na época, perderam um cavalo e uma parelha de mulas. Certa época apareceram uns ciganos, com tropa de animal. Seu pai trocou uma égua velha e “Seu” Clemente, que era da Gleba Califórnia, onde tinha um barzinho com jogo de boche, também fez uma troca de animal com os ciganos. Os dois foram para a Paulista. Seu pai disse: “Clemente, essa aqui eu comprei do cigano.” O Clemente disse: “Eu também comprei essa.” Na outra semana deu uma chuva e lavou os animais. Os ciganos passavam algum produto, talvez cinza de fogão nos pontos estratégicos das montarias. Isso porque quando é velho, o queixo dos animais fica branco. Eles tinham maquiado os animais! Seu pai e o Clemente deram boas risadas.

Seu pai gostava de pescar. Quando moraram em Artemis, Orivaldo não saía do rio. Era bom nadador e mergulhador. Quando o rio Piracicaba enchia, subia no então trampolim do Clube de Regatas, pulava, e ia até a Barra do rio Corumbataí nadando, sem bóia, sem nada. O corpo, acostumado a trabalhar no pesado, desenvolveu uma disposição física impressionante.

A família comprou seu primeiro veículo automotor, uma Kombi de segunda mão: o teto era branco e o resto da pintura na cor café com leite. Foram a Santos, a família toda, oito pessoas, que alegria! Isso foi em 62 a 63. Deu problema na volta, o relê não funcionou mais, e, de Americana a Piracicaba, vieram sem luz! Na época o movimento nas estradas era pequeno.

Quando encerrou o período de trabalho na Chácara Morato, Orivaldo e seu primo montaram uma pequena empresa de terraplenagem. Foram para a cidade de Itapeva, aqui havia muita concorrência. Na época o então proprietário da Padaria Jacaré tinha uma fazenda em Itapeva, foram realizar um serviço para ele, começaram a aparecer serviços bons.

Na Chácara Morato, trator, caminhão, Orivaldo mesmo consertava. Em Itapeva ele tinha uma oficina onde recondia o motor até a parte rodante dos tratores de esteira. Quando descobriam defeitos de fabricação em uma máquina, escreviam ao fabricante sobre o assunto. Na máquina Fiat a bomba de embreagem fundia muito pela sua localização. O modelo seguinte já veio com a bomba melhor localizada. Esse é um exemplo, muitos outros aconteceram, inclusive com outros fabricantes de máquinas pesadas. Chegaram a retificar motores em pleno mato fechado. Isso foi uma grande vantagem para a empresa, que ganhava muita agilidade. Tíham um veículo que era praticamente uma oficina completa, e sempre mantiveram prontas para uso reservas de partes e peças mais estratégicas para o funcionamento das máquinas.



Ozaide Trimer

A FORMA PAUSADA de se expressar, com um português impecável, revela o seu grau de cultura. Objetiva nas respostas, embora saiba relevar até o tolerável o que nem sempre a agrada. Pode-se dizer que Ozaide Trimer é constituída de uma personalidade forjada não só pela genética como pelos seus desafios, que tendo vencido de uma forma arrojada, externa um pouco do infinito limite da capacidade humana. Filha de Alfredo Trimer, nascido em 13 de setembro de 1913, e Paschoa Graviol Trimer, nascida em 4 de abril de 1915, ambos já falecidos, Ozaide partilha com os irmãos Orivaldo, Oveida, Odila, Oraide e Odacir Alfredo a epopeia de uma família a quem o trabalho sempre foi uma constante e a dignidade e honra considerados como valores sagrados. Onde hoje se situa o Carrefour foi anteriormente uma área denominada Chácara Morato. É possível ver, acima dos muros do estacionamento, parte de uma casa de construção centenária. Era a sede da fazenda. Uma construção ao lado era a casa onde Alfredo Trimer e sua família moravam. Eles cuidavam da propriedade. As lembranças de Ozaide ajudam a recompor esse importante marco da cidade de Piracicaba.

Seu pai nasceu no Brasil, na cidade de Nova Odessa, um local onde moravam muitos russos e letos. Sua mãe nasceu no município de Santa Bárbara D'Oeste, seus pais vieram da Itália, da região de Treviso. Seu avô paterno imigrou para o Brasil antes da revolução ocorrida na Rússia. Por muitos anos ele trabalhou na Estrada de Ferro Sorocabana.

Sua mãe estava ajudando a sua tia, lavando roupas em um córrego. Seu pai e seu tio Rodolfo Arnaldo, passaram pelo ribeirão com uma carroça carregada de toras de madeira. Por algum motivo essas toras caíram no ribeirão e sujaram a água. Sua mãe comentou com a sua tia: “Nossa, que dois moços bonitos!” Em uma festa num mês de outubro, no município de Santa Bárbara, na localidade muito conhecida, denominada Santo Antonio do Sapezeiro, seu pai e sua mãe estavam presentes. Houve resistência por parte da família da sua mãe a esse casamento, por motivos diversos, a religião, o fato de seu pai ser descendente de russos. Mas sua mãe enfrentou tudo e se casou com ele.

Alfredo era muito trabalhador, apontado como uma pessoa extremamente dedicada ao trabalho. Ele se casou com 25 anos de idade. No início ia pelos sítios comercializando miudezas, era o que na época denominava-se “frangueiros”, pessoas que comercializam mercadorias tendo como base a permuta de produtos industrializados por produtos agrícolas. O termo frangueiro era uma denominação dada por trabalharem com um carrinho de tração animal em cuja parte inferior, no lado externo, havia uma espécie de gaiola, onde as aves, frutos da negociação, eram transportadas vivas. Ele exerceu essa atividade por uns três anos. Quando Marcelino Angolin encerrou as suas atividades no tradicional armazém situado em Caiubi, transferiu esse armazém para Alfredo. Nessa ocasião seu pai deixou de fazer o comércio como “frangueiro” e fixou-se no armazém. Por questões administrativas, especialmente a venda a crédito com elevada inadimplência, ele acabou perdendo tudo. Saíram de Caiubi com a roupa do corpo e os pertences da casa. Na época Ozaide tinha doze anos de idade. Foram para a Fazenda Cachoeira, ao lado do lugar hoje denominado Colinas de Piracicaba. O proprietário da fazenda era Dr. José Freitas. Permaneceram lá por 4 anos. Mudaram-se para uma fazenda do Dr. Virgílio Fagundes, bem na frente onde passava o trenzinho que ia para Ártemis. Plantavam cana e cereais. O sítio onde moravam chamava-se Canadá. Um dia seu pai encontrou-se com Francisco Lima,

que foi vizinho na Fazenda Cachoeira. O Francisco Lima disse que estava morando na Chácara Morato e que eles estavam precisando de mais pessoas para trabalhar.

Foi em 1960, quando então vieram trabalhar na Chácara Morato, na época de Dona Cenira Conceição Morato Leme, casada com o Dr. Celso Leme. A família Trimer morou por um período de 18 anos na Chácara Morato. Dona Cenira teve os filhos Dona Madelana, Dona Cidinha, Dona Cecília, Dona Martha e Francisco. O caminho para vir para a cidade era pelo pasto da Chácara Nazareth ou pela Rua do Porto.

Apesar da denominação de chácara eram 50 alqueires. Fazia divisa com a Chácara Nazareth. Onde hoje é o bairro Castelinho era um pasto enorme da Chácara Nazareth. Uma coisa curiosa é que a ponte existente lá sempre foi conhecida como Ponte Francisco Morato. Um dia, Ozaide teve uma surpresa muito grande ao ver que essa ponte havia recebido uma nova denominação. Dr. Morato foi um homem muito influente: na cidade de São Paulo há rua e uma ponte muito importante com o seu nome. Há até uma cidade em sua homenagem: Francisco Morato.

Na Chácara do Morato havia uma entrada muito bonita, era uma alameda formada por árvores. Ainda resta uma árvore muito bonita, situada nas imediações do Carrefour. Ozaide acha que é a árvore mais bonita da cidade. Na época da construção do supermercado, ficou sabendo que um senhor do Bongue permaneceu embaixo dessa árvore por dias, para que não a cortassem.

A casa onde a família Trimer morou foi desmanchada quando foi vendida uma parte da área para o supermercado. Dona Cenira era uma defensora da preservação das coisas antigas.

Uma das curiosidades existentes na época era uma sirene manual. Na passagem de ano ficavam acordados e seu pai ia lá e tocava por um bom tempo a sirene.

Saíram da Chácara Morato em 1977. Quando Ozaide estava na chácara trabalhou na roça por muito tempo. Fez o colegial e a universidade. Tem o curso superior de

Processamento de Dados. Chegou a fazer estágio na Cipatel, Companhia Telefônica de Piracicaba, empresa antecessora da Telesp em Piracicaba. Permaneceu por um ano lá. Em 15 de setembro de 1977 foi contratada para trabalhar como auxiliar de secretária no Colégio Piracicabano. O reitor era o Dr. Richard Edward Senn. Depois entrou o Prof. Elias Boaventura.

Permaneceu no Instituto Piracicabano por 21 anos. Em 1987 foi nomeada Secretária Chefe. Quando entrou era a menorzinha de todas, com o salário mais baixo. Cuidava do arquivo. Só que sempre foi muito curiosa. Quando descia para ajudar as meninas, queria saber porque o histórico era feito daquela forma. Lá dentro, deu um salto muito grande. Saíram dos históricos feitos manualmente para os feitos pelo computador. Trabalhava com o Centro de Processamento de Dados, que atendia a universidade e o colégio. Havia um analista que trabalhava com o computador de grande porte e ela desenhava o formato em que deveriam ser o histórico, a ficha individual, toda a documentação do aluno. Deu um trabalho muito grande para fazer. O analista de sistema queria saber o porquê de cada dado ser colocado de determinada forma. Ocorre que existe uma legislação a respeito e que tem que ser obedecida de forma rigorosa. Saíram de um sistema totalmente manual, escrito a tinta, onde não podia haver erro. Quando Ozaide entrou era utilizada caneta tinteiro. Para a correção de algum erro foram sendo inventadas formas de apagar os possíveis erros cometidos. Misturavam a água com água sanitária, até chegarem a uma combinação ideal das duas substâncias, de tal forma que o erro era apagado. Só que não podia ser escrito em cima no mesmo dia, tinha que esperar uma semana para secar bem e depois podia escrever sem problema nenhum. Aquilo era um segredo das meninas da Secretaria!

Para cada curso que um aluno realizava havia uma pasta independente, Ozaide conseguiu unificar tudo em uma pasta só. O período de trabalho era de oito horas. Nos finais de ano o período de trabalho se estendia para 12, 13, 14 horas. Depois que

assumiu o cargo de Secretária Geral, ela fazia o cerimonial de formatura. Havia um programa, um protocolo bastante rígido.

Ozaide teve câncer na mama direita, tirou um nódulo aqui em Piracicaba, passou a fazer tratamento na Unicamp, fez mastectomia total usando a técnica do Dr. José Aristodemo Pinotti, pela qual o médico faz a transposição do tecido da barriga para o seio, no mesmo dia. Ela ia para Campinas fazer radioterapia e quimioterapia. Ficou por seis meses afastada do trabalho. Após esse período voltou a trabalhar, em 1987. Em 1998 aposentou-se.

Ozaide acalentava um sonho desde criança: viajar. Sempre teve uma vida bastante regrada, a sua remuneração era dentro de um orçamento modesto. Sua amiga Mercedes Vecchini convidou-a para ir a Rodeio, em Santa Catarina, porque os tiroleses participam de uma festa existente lá. Ozaide disse-lhe que não gostava de rodeio, ela então lhe disse que esse era o nome da cidade! Ficou sabendo que ela tinha viajado anteriormente para Austrália e Nova Zelândia, surgiu a curiosidade em saber como ela havia realizado essas viagens. Foi então que ela lhe disse que fazia parte da Friendship Force International (Força da Amizade Internacional) e foi contando como funciona. É uma organização não-governamental que tem por objetivo promover amizade entre os povos através de intercâmbios: os visitantes são hospedados em casas particulares durante uma semana, participando da vida e cultura local. Ela disse-lhe que havia vaga para a Alemanha e Hungria. Era isso que Ozaide queria! Nesse meio tempo veio para o Brasil um grupo de americanos. Ozaide acabou hospedando em sua casa uma senhora do Estado de Nova Iorque, Miss Mayblin. Comunicavam-se mais com gestos para se fazerem entender! A Friendship tem esse lema: não é obrigatório o uso do inglês. O mais importante é a linguagem do coração. Saber receber, acolher, a pessoa fica uma semana na sua casa. Existe uma programação preestabelecida.

Dra. Antonieta Rosalina da Cunha Losso Pedroso teve sempre o costume de oferecer

o café da manhã aos membros da Friendship quando chegavam a Piracicaba. Ela inclusive participava da Friendship Force International. O lema desses intercâmbios não é de cunho turístico e sim de amizade entre os povos. Através dessa amizade se chegar a um mundo de paz.

Ozaide conta: “Existe uma orientação para não procurar oferecer alimentos com as características da terra do visitante, e sim o que nós temos aqui. Eles acham Piracicaba muito bonita! O rio Piracicaba, a Rua do Porto, adoram comer pastel no Mercado Municipal. São levados para visitar a Agronomia. Uma americana que conheceu a Unimep ficou fascinada, achou própria de um país muito avançado. Aqueles que são levados para visitar o Lar dos Velhinhos acham bonito demais, muito avançado.”

Houve o caso de uma americana, portadora de diabetes, que na volta do passeio ao Lar dos Velhinhos, já na Av. Beira Rio, parou em um trailer que fazia garapa, e tomou vários copos! Chamava-se Jim, tinha 81 anos de idade. Mercedes estava hospedando outra americana. Ozaide diz: “Nós as levamos para comer pastel na Rua do Porto, elas tinham uma adoração por pastel. As duas sentaram e passaram a ficar olhando o Rio Piracicaba por um longo tempo. Caipirinha eles tomam e gostam. Sempre fazemos um almoço na Rua do Porto, acompanhado de peixe. Principalmente os americanos, eles ficam doidos por mamão, que denominam de papaia.”

Ozaide foi para a Alemanha duas vezes, Hungria uma vez, duas vezes aos Estados Unidos, para a Costa Rica duas vezes, para o Canadá, África do Sul. No México foram a um restaurante giratório no 47º andar - percebe-se que está girando pelos edifícios que estão à vista. Ozaide fez a viagem dos sonhos às Montanhas Rochosas, no Canadá. Esteve na Itália, em Cuba, que adorou. Não chegou a ver Fidel Castro. Foi à Terra Santa, começando a viagem pelo Egito; Frei Augusto foi o guia espiritual. Esteve no Muro das Lamentações! Colocou o papelzinho no muro! Conheceu a entrada do Monte Sinai.

Ela explica: “Não precisa ser rico para fazer essas viagens. É preciso apenas pagar uma taxa, ficamos hospedados em casas de família. Essas viagens não têm nada de luxo. Eu sou caipira, me orgulho de ser caipira, trabalhei na roça, não recebi herança nenhuma. Cortei cana, carreguei até lenha em caminhão. Ia descarregar lá nas olarias da Água Branca. Hoje conheço o mundo.”



**Amadeu Gomes
Domingues**

PELO BAR DO AMADEU, já demolido, muitos estudantes de Odontologia alimentaram seus sonhos acompanhados de boa conversa e uma cerveja gelada. Muitas moças residentes no internato das freiras ali se abasteceram de gêneros de extrema necessidade.

Em um prédio situado na esquina das ruas XV de Novembro e do Rosário, uma faixa dependurada, com os dizeres “Vende-se”, parece uma página a ser virada na história recente de Piracicaba. Ela está ao lado do Dispensário dos Pobres, também conhecido como “Pensionato das Freiras”, onde dezenas de moças pensionistas viveram durante o período de seus estudos em cursos universitários de Piracicaba. Por muitas décadas, um estabelecimento comercial, de proporções físicas diminutas, foi para muitos o local que atendeu as urgências de complementos culinários e domésticos para as referidas pensionistas. Ao lado esquerdo do armazém, o Condomínio Vargas abrigava um grande número de “repúblicas” de estudantes. Profissionais de elevada competência, espalhados nos mais distantes rincões, quando ainda estudantes residiram ali, estabeleceram animados diálogos regados a deliciosa cerveja servida “no ponto”, no Bar da Rosário. Mais do que ingerir o líquido, havia a companhia de amigos, companheiros de jornada, muitos sonhando com o futuro, traçando planos. Aquele armazém, além de servir gêneros próprios da sua atividade, foi uma fábrica de sonhos e de esperança. Em cada detalhe, parece que o tempo foi congelado. O ladrilho hidráulico, hoje bastante raro, a geladeira revestida

de fórmica de um tom avermelhado, como era a moda da época. O que destoava do ambiente é a presença do proprietário, que transmite uma energia simpática e autoritária, de alguém que foi talhado para atuar nesse ramo de atividade, com seus 69 anos. Amadeu Gomes Domingues nasceu em 28 de novembro de 1939 e é o proprietário desse armazém desde 9 de fevereiro de 1982. (O prédio foi vendido e demolido no segundo semestre de 2011).

O seu trabalho anterior era na Itelpa, uma empresa que fabrica telas para a indústria de papel. Amadeu trabalhou lá por 22 anos – começou aos 18 anos e saiu com 40 - iniciou em fevereiro de 1958, quando a Itelpa situava-se na Rua Moraes Barros esquina com a Av. Armando Salles de Oliveira. Em 1969 ela se transferiu para rodovia que vai de Piracicaba a Tupi, onde está localizada até hoje. Entre 1955 e 1957 tinha trabalhado em uma indústria situada na Vila Rezende, uma tecelagem de seda, a Suceda. Começou a trabalhar com 14 anos de idade, no setor de estamparia, estampavam o tecido. Na época morava no Morro do Enxofre, na Rua da Colônia, 132.

Seu pai chamava-se Ricardo Gomes Domingues e a sua mãe Josefa Anhão Rando Gomes. Ambos vieram da Espanha, o pai com 18 anos e a mãe com 11 anos de idade. Conheceram-se na região de Piracicaba. Naquela época havia as fazendas de café e a propaganda feita na Europa incentivou a vinda de muitos espanhóis para o Brasil. Seus pais desembarcaram em Santos, depois rumaram para São Paulo, onde ficaram na Hospedaria dos Imigrantes. Lá eram estabelecidos os contatos com emissários de fazendeiros, onde de forma fantasiosa arregimentavam os novos colonos que, na verdade, vinham para substituir a mão de obra escrava dos negros libertos recentemente. Seus pais moraram no Bairro da Floresta, depois se casaram e se mudaram para Santa Maria da Serra. Isso já foi em uma fase em que tinham superado as imensas dificuldades sofridas pela família, desde a chegada ao Brasil. Mais tarde voltaram para Piracicaba e passaram a morar na Rua da Colônia. Tiveram oito filhos: Ricardo, Amadeu, Mercedes, Nelson, Maria, José, Josefa.

A Suceda ficava em frente à Dedini: para ir trabalhar tinha que pegar o primeiro bonde. Às cinco e meia da manhã desciam os três bondes: primeiro o da Vila Rezende; depois o da Agronomia e o terceiro era o da Paulista. A garagem dos bondes era na Av. Dr. Paulo de Moraes, próxima ao antigo Corpo de Bombeiros. Ele tinha que pegar o primeiro bonde para não pagar duas passagens. E se perdesse o primeiro bonde, teria que esperar o bonde voltar da Vila Rezende. Ou ir a pé do centro até a Suceda. Entrava às sete horas da manhã e saía às cinco horas da tarde, com intervalo de duas horas para o almoço. Naquele tempo levavam a marmita. Amadeu trabalhava na estamparia, o tecido era estampado à mão, quadro a quadro, um tecido com cinco cores usava cinco quadros como, por exemplo, branco, verde, preto, vermelho, amarelo, os desenhos eram sobrepostos. Esticava-se o tecido em uma mesa com uns trinta metros de comprimento, almofadada. Essa peça era colocada sobre a mesa, poderia ser popeline, seda. Ficava uma moça de cada lado com os quadros, e iam passando-se os quadros na sequência. Havia estampas que levavam duas cores, outras levavam quatro. Dali ia para uma máquina chamada vaporizador para fixar essa tinta no tecido, em seguida ia para a lavanderia e para a embalagem.

Quando Amadeu completou 18 anos, a Suceda estava em declínio. Ele tinha um tio que trabalhava na Itelpa e o indicou para trabalhar lá. Amadeu entrou em 1958, e em 1961 tinha passado de ajudante a tecelão e fazia urdições, que é o começo da tela, do tecido.

Na época o tecido era feito em bronze ou em aço inox também. Por volta de 1968 a 1970 essa tela passou a ser feita em fio sintético. O bronze era muito caro e dava muito problema. A matriz da Itelpa ficava na Alemanha; em 1961 a Itelpa comprou uma empresa em Buenos Aires, e cinco pessoas de Piracicaba foram ensinar o pessoal de Buenos Aires a trabalhar com os teares. Amadeu permaneceu lá por três anos. Era solteiro, tinha 22 anos. Teve contato com a cultura argentina, a cada seis meses tinha direito a uma viagem para o Brasil, onde permanecia por

15 dias. Realizou essas viagens de avião, com exceção de uma que foi de navio para Buenos Aires, para levar uma máquina.

Já se passaram quarenta e poucos anos, mas Amadeu se lembra de que eram muito bem servidos com carnes, pão, massas. A alimentação era feita exclusivamente em restaurantes, pagos pela empresa. Ele não era muito ligado a esporte, tinha vindo do interior, não tinha muito conhecimento de esportes. Nessa época Pelé estava muito em evidência, assim como Coutinho, que era de Piracicaba. Os argentinos tinham muita curiosidade sobre Pelé, Amadeu não tinha muitos subsídios para poder responder a todas as questões que lhe faziam. Procurava sempre se informar para matar a curiosidade deles. Um dos diretores da empresa argentina era muito esportista. Coincidiu que o Santos foi fazer uma excursão por lá, levando Pelé, Coutinho. Foram assistir a uma partida no campo do River Plate, que fica em Nuñes, um bairro muito bonito de Buenos Aires, e o Santos ganhou de 8 X 2. Só Pelé marcou 5 gols, Coutinho marcou mais 2. No outro dia, na fábrica, os argentinos os aclamavam. Amadeu chegou a ser sócio do Racing Club. Estavam hospedados no Lafayette Hotel na Calle Constitución, um dos diretores do hotel os tornou sócio do Racing, o que lhes dava uma série de vantagens, como piscina, dançar o tango - uma das coisas que não conseguiu: aprender a dançar com perfeição, o tango bem dançado é difícil!

Talvez pelo fato de estarem trabalhando em uma empresa como a deles, e desfrutarem de uma boa condição de vida, tinham facilidade em conquistar as moças argentinas. Só que na época era um país muito distante, hoje com o avanço dos meios de transportes tornou-se um país de mais fácil acesso. Na época usavam a Varig, Alitalia, Lufftansa, para voar.

Amadeu quase chegou a se casar com uma argentina, namorou a moça por cerca de um ano. Frequentou sua casa, ela morava bem próximo à fábrica onde trabalhavam. Ele foi algumas vezes almoçar na casa dela, era servido churrasco, o argentino come muita carne. Amadeu se dava muito bem com o pai da moça, ele trazia um

vinho, é um hábito deles oferecer o melhor vinho ao visitante. Só que no fim não deu certo. Ela era muito apegada à família, ele muito apegado à sua família também. Foi muito claro com ela, disse-lhe que se chegasse a casar e vir embora para o Brasil seria muito difícil ela ver a família. Isso se tornou um empecilho para que continuassem o relacionamento.

Casou-se em 21 de janeiro de 1967 com Regina Passarelli Gomes na Igreja do Bom Jesus, tendo Monsenhor Martinho Salgot como celebrante. A festa foi na casa dela, foram cortar bambu na fazenda do pai dela em Santa Maria da Serra, fizeram o empalizado (conjunto de estacas de madeira fincadas verticalmente no terreno, ligadas entre si, de modo a formarem uma estrutura firme), com o encerado cobrindo, choveu muito naquela noite, mas deu uma bela de uma festa. Isso foi na Rua Bom Jesus, 1417.

Em 1973, no primeiro ano em que surgiram as férias de 30 dias na indústria, Amadeu foi passear na Argentina, de carro, com a esposa grávida e um filho de três anos. Ele tinha comprado um Fusca ano 1970, branco, 1200cc, e foram para Buenos Aires. Levaram seis dias de viagem, permaneceram um dia em Florianópolis, onde morava uma prima da sua esposa. Na Argentina ficaram por volta de vinte dias na casa de amigos que foram colegas na empresa.

Amadeu trabalhou na Itelpa até agosto de 1980, quando fez um acordo com a empresa, de empregado estável para empregado novo. Após 90 dias foi demitido. Seu último cargo foi de Inspetor de Qualidade da Divisão Telas. Recebeu todos os seus direitos. Trabalhou por um período de um ano e meio na Cicobra, na Av. Armando Salles.

Amadeu tinha um cunhado proprietário de um bar na Rua XV de Novembro, descobriu que o antigo proprietário deste estabelecimento, Sr. Antonio Granzotto, estava querendo vendê-lo. O prédio era alugado, assim Amadeu também passou a pagar aluguel. Foi difícil! Ele não entendia nada! O antigo dono permaneceu por uns 15 dias acompanhando-o. Começou a pegar o jeito da coisa e seguiu em frente. Na época em que entrou no bar, o Dispensário dos Pobres era bem atuante.

Existia também o pensionato para as moças. O portão de acesso para as moças era fechado às 11 horas da noite. Os pais deixavam as moças hospedadas aí com inteira segurança. Elas faziam as faculdades de Odontologia ou Agronomia, cada uma fazia o curso que havia escolhido. Era pensionato exclusivo de moças. Namorado não entrava. Ao lado do local onde foi o bar temos um conjunto de apartamentos chamado Conjunto Vargas, era república só de homens. As moças do pensionato viajavam no final de semana para as suas cidades de origem, e quando voltavam traziam alimentos congelados. Cada uma tinha o seu espaço nas geladeiras. Tinham que fazer a própria comida no pensionato. Às vezes faltava alguma coisa, elas compravam no bar, por exemplo, um ovo. Outra vinha comprar uma cebola. Ou um tomate. Algumas perguntavam: “Você vende um ovo só?”. Amadeu brincava, dizia que só não vendia metade porque não tinha onde cozinhar um ovo. Algumas fumavam, vinham buscar dois, três cigarros avulsos. O nome do estabelecimento é Bar da Rosário, antigamente era conhecido como “Jumbinho da Rosário” em uma alusão ao supermercado Jumbo. Era uma época em que ele trabalhava com legumes e diversos gêneros alimentícios.

Os rapazes se reuniam na frente do estabelecimento para tomar cerveja.

Isso acontecia mais aos finais de semana, na sexta-feira, sábado. Naquele tempo havia umas oito mesas: eles sentavam e ficavam à vontade. Havia algumas meninas que também vinham tomar cerveja. Era um número restrito de moças. Mas ficavam tomando uma cervejinha aos sábados à tarde ou na sexta-feira.

O Sr. Eugenio Nardin foi um grande amigo de Amadeu. Ele era um artista muito importante, as portas da Catedral de Piracicaba foram feitas por ele. As cadeiras do altar também foram feitas por ele.

O famoso Zé do Prato era cliente do Bar da Rosário. Ele foi casado com uma tia de uma sobrinha de Amadeu. Com isso criou-se uma amizade. Quem frequentava o bar eram quase sempre os mesmos. Um que trabalhou por 22 anos na Boyes é o Oswaldo, mais conhecido como Pardal. Uma pessoa muito boa, muito conhecida. É uma pessoa

muito inteligente. Era o ponto de informação da cidade, o que deram de informação! Perguntavam onde era a delegacia, onde era o posto fiscal. A maioria perguntava onde era a Acipi, aonde iam “limpar” o nome. Procuravam pela Guarda-Mirim.

Geralmente todos os bares têm as soluções mais perfeitas para os problemas que afligem a humanidade!

Um frequentador interrompeu e soltou a frase lapidar: “O Bar do Amadeu é cultura!” (Bar da Rosário ou Bar do Amadeu como é conhecido o estabelecimento pelos habitués).



**Mário Lopes
(Marinho)**

A TECNOLOGIA ESTÁ EVOLUINDO em proporções geométricas. Basta olharmos as inovações criadas nos últimos anos. O que hoje chamamos de civilização é uma fina camada de verniz. É um fenômeno mundial. A humanidade refinou a desumanidade. Com técnicas mais primorosas continuamos bárbaros. Perversos. Caminhamos para uma civilização a cada dia mais objetiva, focada em reprimir os sentimentos naturais do ser humano para torná-lo uma criatura mais especializada, eficiente. Melhoramos nossos instrumentais, pioramos nossos princípios. Ao entrarmos na casa de um caboclo, a solidariedade, os sentimentos sem cálculos de ganhos futuros, mostram as raízes de um humanismo que é a verdadeira riqueza da existência. O caboclo é uma criança crescida. Não importa qual seja a sua idade cronológica. Sempre será alegre, feliz com o que possui, canta, conta causos, ri de tudo em sua volta, a sua alma está sempre em festa. A alegria de viver é o que ele tem de mais importante. O caboclo só conhece uma maneira de viver: feliz. Mesmo cantando músicas de lamento, chora de felicidade! Há uma identificação muito grande entre ele e a natureza. Se, um dia a sorte lhe sorri e traz bens materiais, saberá muito bem ditar as regras para ser servido e nunca se deixar escravizar. Isso não faz parte da sua índole. Com isso mantém-se forte e saudável. Física e espiritualmente. Na arte da vida o caboclo é um verdadeiro professor. Mário Lopes, conhecido como Marinho, traz em seu peito a alma do caboclo. Canta e declama. Toca viola. Cura animais. E faz amizades, muitas amizades.

Nascido em Jaú, em 05 de outubro de 1931, filho de Aristides Lopes Correa e Rosalina Alves de Oliveira, seu pai tomava conta do pessoal da roça de café, em Jaú. A família mudou-se para Piracicaba quando Mário tinha uns 8 anos de idade e seu pai foi trabalhar na Escola de Agronomia. “Seu” Aristides faleceu aos 56 anos de idade. Sua mãe teve dezoito filhos, todos filhos do mesmo pai, não teve segundo casamento.

Mário lembra-se do nome de quase todos, diz com bom humor que “de alguns não me lembro no momento, é muito nome!” A primeira foi Iracema, depois Arlindo, Nilton, Amélia, Mário (ele), Anésia, Luiz, José, Nelson, Ivone (casada com Paulinho da Vidraçaria Paulista), Neuza, Maria, Ana (que faleceu bem jovem), aí nasceu outra menina que passou a chamar-se Ana também, Paulo. E ele complementa: “Há mais três que no momento a memória não ajuda a lembrar!”

Seu pai não conseguiu cuidar dessa turma toda. Acabaram sendo integrados a famílias de parentes e amigos muito próximos.

Logo que a família mudou-se de Jaú para Piracicaba, foram morar na Rua do Trabalho. Na época era uma chácara, havia apenas uma casinha. Aos treze anos de idade Mário foi trabalhar no açougue de José Massariol. Ficava na Rua Santa Cruz entre as ruas Marechal Deodoro e Regente Feijó, lá ele fazia muita linguiça.

Os ingredientes eram carne de porco, no caso da linguiça mista é usada também a carne de porco, toucinho. E ele dá a melhor receita para linguiça: oito quilos de carne de porco pura, sem gordura, e mais dois quilos de toucinho. A cada quilo de carne são acrescentados 25 gramas de sal. Uma colherinha pequena de pimenta do reino, alho moído. As pessoas antigas enchiam a tripa usando um funil, empurrando a massa com o dedo. O pessoal do sítio até hoje faz isso, ensaca a tripa no funil e, depois, põem a massa de carne no funil e vai ensacando. Depois dependura acima do fogão de lenha, para defumar. Ela “amadurece”.

Na época usavam a tripa natural. Hoje existe tripa artificial. Era usada a tripa de porco, muitas vezes era comprada já seca, de boi. Mário fazia a linguiça,

dependurava, após uma semana ela estava enxuta, virava um salame. Ele trabalhou nesse açougue por quatro anos.

Havia um professor da Escola de Agronomia que gostava muito de Mário. Ele era frequêns do açougue, mas sempre queria ser atendido por ele. Era o Dr. Alcides Di Paravicini Torres, pai de Nelson Torres. Um dia ele perguntou-lhe se queria trabalhar na Agronomia, ele estava precisando de uma pessoa que tivesse prática em trabalhar com suínos, estava recebendo a suinocultura no seu departamento. E ofereceu-lhe o dobro do salário que ganhava, além de uma casa para residir na Escola de Agronomia quando casasse. Mário falou com os seus patrões, José e Durval Massariol. Eles afirmaram que estava fora do alcance deles pagar aquela quantia, embora achassem que ele merecia. Aconselharam-no a refletir se era uma boa proposta e, se assim achasse, que deveria aceitar o novo emprego. Em 1949 Mário foi trabalhar na Escola de Agronomia. Saiu de lá em 1985, depois de 35 anos de serviços dedicados à suinocultura. A Escola desenvolvia projetos de aprimoramento de raças, cruzamentos, com o intuito de obter raças melhores. O Piau Piracicaba é o resultado de diversos cruzamentos. Mário residiu dentro da Escola por 15 anos, depois adquiriu um terreno no Bairro São Dimas.

O seu sogro era José Pereira, foi um grande peão domador de animais. Ele residiu na esquina da Rua da Palma com Av. Jane Conceição por mais de 60 anos. Era uma das casas mais antigas da região. Em volta era pasto de animal e plantação de algodão. Depois essa área foi loteada.

Mário conta: “Meu sogro era um homem de estatura grande. Bravo. Ele tinha um amigo, tropeiro também, o Agostinho, que me conhecia. Um dia o Agostinho me disse: ‘Você está namorando a filha do Zé, cuidado que o Zé é violento, é homem bravo! Vai bater nos dois, na filha e em você!’ Eu resolvi conversar com ele. Mandeí o recado que na sexta feira iria conversar. Falei das minhas intenções em namorar a filha dele. Ele respondeu: ‘Se você quer namorar, namore. Mas só

de sábado e domingo! Não apareça aqui no meio da semana, todo o mundo tem que trabalhar!’ Com o tempo ele ficou mansinho!”

Marinho conheceu sua esposa, Georgina de Aguiar Lopes, na época em que se quadrava o jardim no centro de Piracicaba. Ele deveria ter uns 14 anos de idade, ela nem 13 anos de idade ainda tinha. Casaram-se em 1950, na Igreja São Benedito. Tiveram quatro filhos.

Ele ia namorar utilizando o bonde como meio de transporte. Pegava o bonde na Rua São João, próximo aonde hoje é a Unimed. Vinha para o centro, onde pegava outro bonde para a Paulista e descia em frente à Estação da Paulista. De lá, vinha a pé. Em 1949 era tudo terra. A Rua do Rosário, tudo em volta era terra. Naquela época a Rua Moraes Barros não era calçada! Ele descia de charrete no meio dos pedregulhos. Naquela época o último bonde parava de correr às onze horas da noite. Marinho saía a pé da Paulista, subia a Av. Independência, que não era asfaltada, tinha chão de terra, cascalho. Já de madrugada passava pelo portão do cemitério. Do lado debaixo, onde hoje é o Estádio Barão de Serra, era um bosque, havia eucalipto com mais de um metro de grossura. Era tudo escuro. Havia só a luz que clareava a avenida.

Veio morar na Paulista em 1954 ou 1955. Em frente à sua casa havia o campo de futebol do Jaraguá Futebol Clube. Era o quarteirão inteiro, um campo bonito. Os jogos mais disputados do bairro eram realizados nesse local. A disputa ficava acirrada quando o Jaraguá jogava contra o MAF, saía muita briga, pedrada! Na Av. Jane Conceição havia o Carlos Ferreiro. Era ferreiro de primeira. Fazia ferramentas. Ele não ferrava animais. O ferreiro mais famoso para ferrar cavalo em Piracicaba era o Silvio Guidolim, do Bairro Alto. Onde hoje é a Praça Takaki não havia nada.

Mário diz que cuidar de suínos é trabalhoso! Tem que ser cuidado diariamente, ele faz muita sujeira, tem que lavar, administrar a ração correta. É um animal que come muito. É difícil criar porcos sem ter muita dor de cabeça. Existem muitas doenças.

Na Agronomia havia de duzentas a trezentas cabeças de porcos. Era Mário e uma pessoa que o ajudava para cuidar deles todos. A alimentação era exclusivamente ração balanceada.

A cana é só para o animal não passar fome. Não é indicada como alimento regular, a cana funciona como laxante para o porco. Dá tosse no animal. A pior doença do porco é a peste, ou febre suína.

Já houve uma porca que deu 17 leitões. O normal é de 10 a 13 leitões. O leitãozinho come 344 quilos até os seis meses de idade. Ele chega a ter em média 70 a 80 quilos.

O suíno mais pesado que Mário conheceu foi um com o peso de 450 quilos! Nem andava. Era só banha.

Cachaço é o macho reprodutor. Se você matar um cachaço sem castrar a carne é muito ruim. Fica com cheiro de urina. Um macho pode cobrir até 10 fêmeas. A partir de um ano e meio ele passa a ser reprodutor, permanecendo nessa condição por até uns sete anos de idade.

Marinho tratou de muitos animais, pela prática. É conhecido em muitas propriedades agrícolas, trabalha com qualquer tipo de animal. No cavalo a doença mais comum é uma gripe equina, conhecida como “garrotinho”.

O animal é o maior amigo do homem!

Mário adora música, existe uma música que gosta muito, chama-se “Piracicaba Querida”. A letra é de Luizinho Rosa e a música foi gravada pela dupla Os Tangarás do Sertão.

“Cidade linda e importante

Esse povo me convida para saudar seus habitante.

Vou saudar os lavrador, os operários, os comerciantes.

Aonde brilha as esperança, do lado que a vista alcança

É canavial verdejante

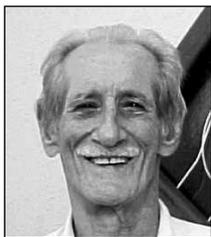
Piracicaba querida, já tem seu nome marcante

No basquete ou futebol tem nosso representante
Prestigiando o nosso esporte a sua torcida vibrante
E a festa fica bonita, e a torcida pula e grita vendo a bola no barbante.

A Escola de Agronomia é a alegria do estudante
Quem estuda colabora com o nosso Brasil gigante
Com os seus diploma nas mão as veiz vão morar distante
Deixando a nossa cidade, no peito leva a saudade
No dedo o anel de brilhante

Piracicaba moderna é uma jóia bandeirante
Está sempre de braço aberto recebendo os visitante
E quem viu, jamais esquece
Embora esteja distante, Piracicaba bonita
O nosso cartão de visita é as belezas do Mirante.”
(Foram respeitadas grafia e concordância do autor da letra)

Já faz mais de trinta anos que Marinho divulga essa letra. Existem outras letras que também canta e declama. Ele gosta muito de música raiz.



Sabino Stenico

OS IRMÃOS SABINO STENICO, professor, presidente da Associação dos Moradores do Bairro da Paulista, e Natalin Stenico, empresário, membro da Associação dos Moradores do Bairro da Paulista, são tradicionais moradores do Bairro da Paulista.

Sabino nasceu em 27 de março de 1927, em Santa Olímpia, um bairro tirolês, no município de Piracicaba. Seu irmão Natalin nasceu em 24 de dezembro de 1928: por nascer nessa data é que seu nome é Natalin.



Natalin Stenico

Tirolezes são aqueles que vieram de uma província austríaca intermediária entre Suíça, Áustria e Itália, que fica ao norte da Itália. Quando a região do Trento foi anexada à Itália, os tirolezes, antepassados dos Stenico, Forti, Vitti, Pompermayer, Degaspari, Negri, Correr não aceitaram a cidadania italiana. Por não se conformarem com o domínio italiano sobre a região e também em busca de melhores condições de vida, imigraram para o Brasil. Após a libertação dos escravos, o país estava carente de mão de obra na agricultura. O avô deles, Simone Stenico, foi trabalhar na lavoura de café em Campinas. Eles gostavam muito de música, trouxeram o gosto pela ópera. Quando o Imperador D. Pedro II veio a Campinas, assistiu a uma apresentação desses imigrantes no Teatro Municipal daquela cidade. Já imaginou naquela época um grupo de lavradores, colhedores, carpideiros de café ir cantar ópera no Teatro Municipal? Após algum tempo eles vieram trabalhar no bairro Monte Alegre, em Piracicaba, onde tiveram melhores condições de moradia e um

salário melhor. Conseguiram guardar suas economias e passaram a se interessar pela compra de uma área de terra no Bairro Monte Alegre. Procuraram outros locais e acabaram comprando a Fazenda Santa Olímpia e os outros parentes compraram a Fazenda Santana. Os Negri compraram outra fazenda encostada. Ficaram juntos três bairros de tirolezes. A fazenda Negri era enorme, uma maravilha, mas desintegrou-se, foi vendida em pedaços. Permanece ainda a denominação de bairro dos Negri, é um bairro menor.

Existe uma competição entre Santa Olímpia e Santana, e grande! Tão grande que já na infância, no seu tempo, Natalin disse que havia um só grupo escolar, o Grupo Escolar Samuel Neves, no meio dos três bairros. Na saída da escola, diariamente, as crianças brigavam. As crianças de Santa Olímpia e Negri contra as crianças de Santana. Eram amigos na sala de aula. Quando saíam, brigavam. Os meninos de Santana eram chamados pelo apelido de santaneiro, e eles diziam que os de Santa Olímpia eram banquistas! Isso era uma ofensa! A compra da Fazenda Santa Olímpia foi paga, mas sem que eles tivessem um recibo e sem que fosse passada a escritura! O velho que vendeu a fazenda adoeceu e estava para morrer, então houve uma corrida para São Paulo no intuito de buscar o recibo ou a escritura do imóvel que havia sido comprado e já estava quitado. O filho do vendedor não permitiu o acesso ao velho, disse que ele estava à beira da morte. Não seria possível falar sobre negócios com ele. Após a sua morte, os filhos não reconheceram o valor recebido e cobraram novamente a fazenda! A fazenda foi então hipotecada, penhorada ao banco. A fazenda passou a ser denominada popularmente por Fazenda do Banco! Depois, com o tempo eles foram pagando e continuou a ser chamada de Fazenda Santa Olímpia. Era uma ofensa grave ser chamado de banquista! Entre Santana e Santa Olímpia existe uma rixa, cada um quer ter a igreja melhor que o outro, o time de futebol melhor que o outro. Mas em uma briga, se entrar um terceiro, os de Santana e Santa Olímpia se unem e se voltam contra esse terceiro!

Sabino saiu de Santa Olímpia aos 12 anos de idade para ir para o Seminário Seráfico São Fidélis. Frei Joaquim de Moema tomava conta dos internos. Frei Anselmo era o diretor. A família Stenico era composta por dez filhos e uma filha. Sabino era o sétimo filho. Sua avó, Maria Stenico, a famosa Zia Maria, todo mundo tinha medo dela! Ela era a Imperadora de Santa Olímpia e Santana. Até o marido dela, o Simoni, a respeitava. Ela queria que todo mundo fosse padre e freira! Era religiosa demais! A família Correr tem um bispo, D. Marcelino. Nessa família são quatro padres e uma freira! O bispo D. Moacir Vitti é de Santana. Quando um bairro teve um bispo o outro bairro precisou ter também! Senão dava encrenca! Tem competição até em bispo!

Sabino diz, brincando: “Sabe como é que se atrai um tirolês? Colocando-se um padre dentro de uma gaiola. No dia seguinte você terá de 15 a 20 tiroleses lá dentro! A religiosidade do tirolês é muito forte.”

Frei Inácio, seu irmão, falecido em 1988, já estava no seminário, ele tinha a vocação para ser frade. Quando Sabino chegou ao seminário viu que existiam três campos de futebol. No sítio, ele não jogava futebol: ia levar almoço, ia cortar capim para alimentar os burros. Sabino gostava de estudar. Seis meses depois acabaram com o futebol. A comida era um espetáculo, abundante. Até hoje ele se lembra do sabor da carne de panela com batata doce. A batata era plantada lá mesmo. Ele estudava bem, tinha um comportamento exemplar, mas as regras eram muito arbitrárias. A finalidade daqueles frades antigos era de que o seminário quebrasse a vontade da pessoa. Deixar obediente ao extremo! Um dia o frade disse-lhe que se mandasse plantar alface de raiz para cima ele teria que obedecer e não discutir! Sabino disse a ele que deveria procurar um tonto, porque ele não iria plantar, tinha vindo da roça e sabia que a alface plantada assim não iria nascer!

Cafua era um quartinho embaixo da escada onde se guardavam as vassouras, rodos. Ali, fechado, não existia luz. Ele não sabe se foi por isso ou por outra coisa que foi mandado para lá. Cafua era uma penitenciária de segurança máxima! Seu nome ficou

famoso por muitos anos porque foi para a Cafua. Ninguém ia! Ele estreou e acha que foi o último! Quando viu que iam mandá-lo embora do seminário porque não o aguentavam mais, Sabino saiu. Nessa época sua família já morava em Águas de São Pedro. Ficou lá por quatro meses. Mas a vida era dura. Foi para outro seminário. Estigmatino, em Rio Claro. Seu irmão Natalino completa: “É verdade. Além da Cafua, onde ele foi colocado, algumas vezes ele ficou em cima do toco da árvore que era cortada. Quando algum aluno recebia algum castigo ficava em pé, em cima do toco de uns quarenta centímetros de diâmetro. Algumas vezes esqueciam-no em cima do toco! Eu ia procurar o diretor para liberá-lo do castigo.”

Em Rio Claro Sabino concluiu o ginásio, fez o curso colegial e filosófico, sentiu que não tinha vocação para ser padre. Seu tio, Luiz Stenico, residia em São Paulo, à Rua Dr. César, 319, bairro de Santana, e lhe disse que não deveria ficar na roça, que a roça não dá futuro. Uns dias depois, ele pegou o trem e foi embora. Em São Paulo, pegava o bonde na Rua Voluntários da Pátria e ia até o Largo São Bento, andava a pé até a Praça da República, pegava outro bonde e ia até a Rua Maria Antonia. O bonde subia a Rua da Consolação. Ele gostava de estudar, e ali não havia aquelas regras absurdas. Foi presidente do Grêmio Esportivo, jogava futebol, voleibol, até xadrez jogava!

Natalin conta que saiu do seminário na mesma época em que o Sabino. Ficou com a sua família em Águas de São Pedro, lá trabalhou em uma carpintaria, depois se mudou para Charqueada onde permaneceu por uns dois anos trabalhando na lavoura, veio para Piracicaba, onde arrumou emprego em uma carpintaria. Depois passou a trabalhar com doces. Em 1951, através de um tio, passou a fazer chupeta-doce. Quem forneceu a receita foi Benedito Baglione, da fábrica de balas Bala Piracicabana, que ficava na Rua Benjamin Constant na altura de onde hoje existe a Tec Freios. Em uma esquina. Em 30 de abril de 1960, um fornecedor de palito de chupetinha veio de São Paulo e disse que sabia fazer doces do tipo que Natalin faz até hoje. Negociou com ele, já no dia 1 de maio ele permaneceu lá passando tudo que sabia. Foi quando começou

a fazer e está até hoje produzindo, já nas mãos dos filhos. Natalin mudou-se para a Paulista em 1951, próximo ao lugar onde hoje mora, na Rua Sud Mennucci. Próximo à Av. Conselheiro Costa Pinto, existia uma raia. Tudo ali era campo. Tinham algumas casinhas esparramadas. O loteamento tinha começado fazia pouco tempo. Natalin comprou um terreno da família Pacheco Chaves. Existia o Bar do Gepp, o moinho de benefício de arroz de João Sabino e Augusto Grella, o armazém de Vitório Fornazier, o Bar de Crispim Durrer, Padaria Cruzeiro, Bar Serenata, Sorveteria da China. Sempre havia um circo ou um parque de diversões no bairro. Quando não era em uma esquina era em outra.

Sabino completa: “A grande atração do bairro da Paulista é a estação do trem. É onde podemos respirar. É a área verde.” Natalin prossegue dizendo que quando o trem funcionava, a estação era uma área de passeio. Na época eram moços, não iam apenas ver movimento do trem, mas também das moças que chegavam, as moças iam até a estação para ver os rapazes. Era uma festa a chegada dos passageiros! Cada trem que chegava era uma alegria! Nessa época o relógio da estação era o indicador correto da hora. Quando Sabino chegava de São Paulo, vinha sempre para a casa da sua mãe, voltava para São Paulo de trem, às 6h41 da manhã! Na madrugada, lá pelas 2 ou 3 horas, na manobra de locomotiva, era dado um apito qualquer, sua mãe já gritava: “Sabino! Não é o trem que vai embora? Você não vai perder o trem?” A viagem até São Paulo demorava 4 horas. O trem tinha um conforto extraordinário. Era muito limpo. Muito organizado.

Sabino diz: “Como um ginete rebelde (cognome auto-intitulado) comprava o bilhete de segunda classe, mas viajava na primeira classe.”

Isso era na Estrada de Ferro Sorocabana, daqui a São Pedro. A sua família morava em Charqueada, a Companhia Paulista parava em Piracicaba, aí ele tomava o trem da Sorocabana. A primeira classe tinha um banco estofado, limpinho. A segunda classe na Sorocabana era um esculacho! O carro de segunda classe ia cheio, e o de

primeira classe ia vazio. Como tinha pouco dinheiro, comprava também passagem de segunda classe, mas ele ia no carro de primeira classe, se refestelava bem. Quando vinham picotar o bilhete, o fiscal vinha e furava o bilhete, ele corria para o carro de segunda classe. Se o pegassem no carro de primeira classe iria pagar a diferença dos valores das passagens. Até que um dia ele foi pego, o fiscal disse-lhe que não podia ficar ali com bilhete de segunda classe. Ao que Sabino respondeu-lhe: “O carro de segunda classe está cheio, aqui está vazio, o carro fica muito leve, é capaz de descarrilar o trem! Eu vim aqui para dar peso!” Ele deu risada e foi embora! O trem da Sorocabana saía de onde é hoje o terminal urbano, ia beirando a Av. Armando Salles de Oliveira, passava sobre o rio Piracicaba, seguia pela Vila Rezende até Ártemis, seguia em direção a Charqueada, até São Pedro.

Antigamente, isso já faz muito tempo, só iam os frades velhos para Santa Olímpia, Santana. Uma vez por mês, quando ia o frade, matavam frango, faziam aquele banquete! O banquete era na casa da sua avó. Seu tio Joaneli que organizava. Frei Paulão, que gostava demais de comer, ia quase sempre. Ele via que quando ia lá tinha aquele banquete. Um dia disse: “Vocês aqui são pobres, porque vocês são muito comilões! Vocês comem bem demais! Não é assim! Vocês trabalham na roça precisam comer mais modestamente, nada de frango, carne todo dia!” Seu tio Joaneli levantou-se e disse: “Escuta aqui, frade! Nós comemos arroz, feijão e um ovo dividido por cinco ou seis! Banquete assim é quando vocês, frades, vêm aqui! Já que você comeu tanto, vai embora a pé para fazer a digestão!” Frei Paulão veio a pé até Santana! Só em Santana é que havia condução para ele agora! Esse Frei Paulão era rude. Nos sermões, ele xingava todo o mundo. Principalmente mulher! Mulher ele xingava de vaca para cima! Ele tinha raiva de mulher! Quando a mulher ia comungar de manga curta ele pulava, não dava a comunhão! Ele dizia: “Vai por roupa!” Os tempos mudaram muito. Coitados! A formação deles é que era assim! Eles não eram ruins. Eles eram formados assim.

Sabino diz: “Reunimos várias pessoas e fundamos a Associação dos Moradores do Bairro da Paulista. O bairro da Paulista é formado pelo polígono a partir da Rua Ipiranga, subindo pela Rua Benjamin Constant, até a Rua da Colônia – lá temos Córrego da Colônia –, seguindo até a Av. Presidente Vargas, indo até a Av. Dr. Paulo de Moraes, descendo até a Chácara Nazareth. O bairro da Paulista é o bairro mais denso da cidade. Ele é completamente construído. Não tem área livre. Todos os lotes são construídos. Temos poucas áreas verdes, em frente ao Assunção, à Igreja dos Frades e à Praça Takaki, que tem uma caixa d’água, sanitário, banca de jornal e baia para táxi. Não existe área verde! A Estação da Paulista foi um presente que caiu do céu! Em 1975 a Fepasa parou o movimento da estação, ali ficou tudo abandonado. Começou a trazer problemas. Ali é o único pulmão do bairro inteiro da Paulista!”



Norival Tedesco

NORIVAL TEDESCO É UMA PESSOA muito conhecida em Piracicaba, tanto pela sua atividade profissional como pela sua atuação social. Acometido por uma doença crônica e progressiva, conseguiu com sucesso dominá-la. Há muitos anos ele realiza o trabalho de auxílio na recuperação de pessoas que são dependentes químicos (álcool, drogas), uma atividade voluntária e sem nenhuma remuneração. É idealizador e o fundador da irmandade dos Narcóticos Anônimos em Piracicaba, criada de forma intuitiva para atender a necessidade de tratamento de uma pessoa que Norival conhecia. Carismático, com uma franqueza própria daqueles que dizem aquilo que o coração manda, aos poucos ele envolve desde um ouvinte até uma enorme plateia, situações corriqueiras em sua vida. Defensor ferrenho do livre arbítrio, nunca critica qualquer ser humano. Sob o seu conceito, as pessoas é que devem escolher o que acham ser o melhor da vida. Norival é respeitado por todos que o conhecem. Por muitos até admirado. Nascido em Torrinha, no dia 15 de dezembro de 1931, é um dos doze filhos de João Tedesco e Maria Sapia Tedesco. Norival é casado com Dona Maria Lina dos Santos Tedesco.

Seu pai tinha uma linha de ônibus, o percurso era feito com a então chamada jardineira. A princípio, ele fazia o percurso Piracicaba a Torrinha. Resolveu vender parte da linha, que fazia o trecho de São Pedro até Piracicaba, ficando com o trecho que ia de São Pedro até Torrinha.

Seu pai e seu tio Miguel Tedesco foram sócios em um ônibus

que ia de Piracicaba até Rio Claro. Havia outra pessoa que fazia a mesma linha. Houve um acordo entre eles para se estabelecer um preço único da passagem, 15 unidades da moeda da época. Logo depois, o concorrente de seu pai abaixou a passagem para 13 unidades, pois um passageiro disse que pagou 14 unidades (afirmação incorreta), ao fazer o trajeto com o ônibus do seu pai. E assim, os concorrentes foram abaixando as tarifas, a ponto de levarem o passageiro de graça e ainda pagarem o almoço e uma cerveja para o então feliz passageiro! Quando acabou o dinheiro, seu pai e seu tio pararam de fazer o transporte de passageiros. Só então ficaram sabendo que o concorrente tinha recursos para trabalhar mais uma semana e deveria parar. Esse concorrente tornou-se dono do Expresso de Prata. Muito tempo depois, seu pai estava em condições financeiras desfavoráveis, o dono dessa empresa ofereceu um ônibus de presente para seu pai que, talvez por brio, não aceitou.

Era um ônibus de marca Ford, que levava uns 15 passageiros, já era o modelo fechado. Ele teve um ônibus aberto, que fazia o percurso de São Pedro a Brotas, a estrada era muito ruim. Era chamada de “Gateada”, o motivo desse nome ninguém sabe. Era feita uma viagem de ida e volta todos os dias, a estrada era de terra, na serra era bem apedregulhada.

A família Tedesco mudou-se para Piracicaba em 1937, Norival tinha seis anos, vieram morar na Rua Regente Feijó, em frente ao campo do XV de Novembro. Norival é quinzista daquele tempo, sempre arrumava um jeitinho de entrar. Por ser menor, estando acompanhado não pagava e seu pai sempre assistia aos jogos.

Seu pai morreu no campo do XV de Novembro. O jogo era XV de Piracicaba, que fez 2 gols, e Guarani, que marcou 1 gol. O XV ganhou o jogo. Naquele ano, 1978, o Guarani foi campeão brasileiro. No domingo seguinte, dia 3 de setembro de 1978, veio jogar contra o XV em Piracicaba. Ao término do jogo, seu pai se levantou e tornou a sentar-se, morreu naquele instante. Havia um médico presente, que fez tudo que pôde, mas não tinha mais como devolver-lhe a vida. A primeira bandeira do XV que

Norival teve, seu pai que ajudou a comprar, seu caixão foi coberto com ela. Naquele dia Norival não estava no campo.

Ele tem uma grande saudade daqueles tempos. O goleiro do XV, Eduardo Farah, ficou na sua memória. Um time muito bom, que tinha em seu quadro o trio final: Índio, Raul e Renato.

Estudou no Grupo Escolar Moraes Barros, havia um respeito muito grande pelo professor. O mais importante, e que hoje acredita existirem bem poucos, eram os professores que lhes ensinavam a aprender. Ensinar que a leitura iria ser importante na sua vida. Sempre gostou de ler. O primeiro livro que leu foi Ideias de Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, e ficou muito entusiasmado com aquelas histórias. Naquele tempo, a biblioteca pública ficava na Rua Governador esquina com a Rua Prudente de Moraes, onde hoje está o prédio do Clube Cristóvão Colombo. Ela passou a emprestar livros às crianças e Norival ficava por dois dias com o livro emprestado.

Faltavam dois dias para que completasse onze anos quando começou a trabalhar em uma livraria, a Livraria Brasil, que ficava onde mais tarde veio a ser o Banco do Estado de São Paulo, hoje Santander, quase em frente ao Jornal de Piracicaba. Um fato curioso aconteceu nesse prédio da livraria, quando ele já não trabalhava mais lá. Durante a construção do prédio do Banco do Estado, o prédio da livraria, que ficava ao lado, caiu. Deu tempo de quem estava dentro da livraria sair correndo. A livraria se transferiu para a Rua Governador. O Hotel Central ficava ao lado da Catedral de Piracicaba. Pegado ao Hotel Central existia o Bar Comercial, era um sobrado muito antigo, na parte superior foi sede da UDN. Havia bailes de carnaval: naquela época Norival dançava ali e no Teatro Santo Estevão, onde no tempo de carnaval havia a Boca do Diabo.

E ele conta os detalhes desse baile da Boca do Diabo: “As músicas eram executadas por uma orquestra. Quando ia começar o baile de carnaval, o responsável pelo baile dirigia-se ao público dizendo: ‘Por favor, se estiver presente aqui alguma moça de família pedimos que se retire, porque nós não nos responsabilizamos pelo que possa

ocorrer.’ A coisa era brava! Eu era ‘freguesão!’ Na verdade, as moças que permaneciam eram moças mais modernas para a época. Se o rapaz começasse com muita graça, havia alguém que vinha adverti-lo. Era um baile avançado para aqueles tempos. Hoje seria encarado de forma diferente.”

Onde hoje existe a Galeria Gianetti, era o quintal do Hotel Central. Ainda ao lado da Catedral, do lado esquerdo para quem a vê de frente, hoje existe um barzinho que vende pastel, foi a primeira sede da Viação Piracicabana, que começou a trabalhar com os carros Ford 1929. A corrida de um carro de praça, hoje chamado táxi, era coisa de 5 cruzeiros, dentro da cidade. Atílio Gianetti colocou o Ford 1929 cobrando 3 cruzeiros. Foi assim que apareceu o Fordinho número 1, depois o número 2, o número 3. Em seguida ele colocou um carro melhor para levar as noivas ao casamento.

Existia uma fábrica de bebidas chamada Andrade, quanto tempo Norival perdia nessa fábrica! Ele ia entregar encomendas da livraria e quando passava pelo Andrade, situada em frente ao Grupo Moraes Barros, ficava contando as garrafas que estouravam. O sistema de pressão era muito forte: ao serem cheias em excesso as garrafas não aguentavam. E assim permanecia pensando: “Vou esperar estourar mais uma!”

Os proprietários da Livraria Brasil eram Francisco Brasil, Paulo Brasil e Ary Brasil. Norival considera que deve muito a eles, ensinaram o valor da honestidade. Sempre lhe diziam: “Se você caminhar pelo caminho da honestidade, ele será longo, mas você nunca irá chegar cansado”. Conheceu Thales Castanho de Andrade, era um senhor baixinho, gordinho, muito simpático. Algumas vezes chegou a atendê-lo na livraria. Um dia os proprietários da Livraria Brasil lhe deram 5 cruzeiros para abrir uma caderneta na Caixa Econômica. Ele teve orgulho em ver o seu nome na caderneta! Passou a economizar, juntar papel que a livraria descartava, era na época da guerra, papel dava um bom dinheirinho. Ele morava pegado aonde hoje existe a Padaria Assagio. Vendia balas feitas por Dona Rosa do Amaral e amendoim no Cinema São José, em um tabuleiro que era dependurado no pescoço por uma correia de couro.

Norival assistia a vinte e poucos filmes por semana! Com os outros baleiros, apostava quem lia de trás para frente a legenda, de tanta prática que adquiriram. Eram quatro baleiros: Geraldo Pinto Pereira, Antonio de Barros, Norival e mais outro, de quem ele não lembra o nome. O Cine São José era voltado ao público popular e o Broadway era o cinema dos grã-finos. Foi no Broadway que alguns estudantes da Agronomia soltaram um urubu em plena sessão de cinema, causando grande alvoroço.

Norival conheceu uma ex-escrava, Nhá Izabé, que morava na esquina das ruas do Rosário e XV de Novembro, ao lado do Dispensário dos Pobres. Era uma figura muito popular, conhecida na cidade inteira, todos gostavam muito dela. Ela ganhou aquela esquina do pai ou de Luiz Dias Gonzaga, que foi prefeito. Uma das filhas dela, a Conceição, foi empregada do avô de Norival.

A Leiteria Brasileira ficava embaixo do Clube Coronel Barbosa, bem na esquina. Ele passava ali para ir até o Correio, que ficava na Rua Alferes José Caetano, esquina com a Rua Treze de Maio, onde hoje está instalada a Pizza do Bira. Um dia entrou na Leiteria Brasileira e pediu um café, que custava trinta centavos. Um senhor deve ter achado inusitado para aquela época, um menino tomando café. Disse-lhe: “Deixe que eu pago para você!” Ele gostou da ideia. Quando via o homem lá entrava para tomar um café. Ele pagava. Um dia iam servir o seu café quando ele chegou. Perguntou-lhe: “O senhor quer tomar um café comigo?” Ao que o senhor respondeu: “Hoje vou aceitar o cafézinho seu”. Norival passou-lhe os 30 centavos e disse-lhe: “Então o senhor toma o meu porque eu só tenho 30 centavos!” Aí ele pagou tudo.

Do outro lado, onde foi o prédio Comurba, da Rua São José para a Rua Prudente de Moraes, na esquina da Rua São José havia a Garaparia Seleta, logo em seguida era o Chalé do Losso, mais à frente era o depósito Maluf - Norival não sabe a qual dos membros da família Maluf pertencia. Era depósito de açúcar preto, o açúcar mascavo, pegavam aquele açúcar de sacos que às vezes estavam furados. O que comiam de açúcar mascavo! Mais à frente, havia a farmácia que mais tarde passou a chamar-se

Farmácia São Paulo. Na Rua Prudente de Moraes esquina com a Rua Alferes José Caetano havia a Loja da Lua. Em frente a ela, havia a Farmácia Popular. Norival passava lá, o farmacêutico lhe dava uma caixa de Cafiaspirina vazia, que passava a ser a sua bolsa, onde punha seus caderninhos. Quando estava muito velha a caixa, pegava outra nova.

Aos nove anos de idade, Norival tinha dois irmãos, já um pouco maiores do que os demais, que sabiam da existência de Papai Noel. Na véspera de Natal, Norival foi com eles até uma loja, era um irmão e uma irmã. A sua missão era induzi-los a gostar e querer ganhar o presente mais barato que pudesse encontrar. A situação financeira da família era muito difícil. Sua mãe o havia incumbido de levá-los até lá. Conseguiu convencer a irmãzinha a ganhar uma boneca de pano e para o irmão a escolha foi um carrinho de madeira. À noite, umas nove horas, os dois irmãozinhos foram dormir contentes porque iriam ganhar o presente de Papai Noel. Seu pai naquela época tinha caminhão de transportes, ele não havia chegado ainda. Quando ele não conseguia serviço, voltava bravo e sem dinheiro. Aquela noite, com certeza ele deveria chegar bem tarde e as crianças não teriam o presente de Papai Noel. Sua mãe começou a chorar. Ao vê-la assim, Norival foi até a loja, disse-lhes que a sua mãe estava doente, se eles não poderiam dar aquela boneca de pano e o caminhãozinho para ela ver, se ela gostasse lhes traria o dinheiro. A dona da loja era brava. A loja estava com muitos clientes, preocupada com as vendas a dona embrulhou os dois presentes. Ele chegou com os presentes na sua casa e sua mãe ficou admirada, perguntou de onde eram. Ele lhe disse que era da francesa. Era a Loja do Francês, ficava quase na esquina da Rua Alferes José Caetano com a Rua Prudente de Moraes, onde mais tarde funcionou o Fórum. A família de Norival morava na esquina da Rua São José com a Rua do Rosário. No dia seguinte seu irmãozinho queria brincar com o caminhãozinho, a um quarteirão da loja. Eles iam em direção à loja, Norival ficava o dia inteiro tomando conta dele com medo de que a dona confiscasse o seu caminhãozinho. Para ir estudar

no Moraes Barros ia pela Rua Tiradentes, para não passar próximo da loja. Seus coleguinhas lhe perguntavam porque ele dava aquela volta. Respondia: “É porque eu gosto de andar!” Sempre se lembrava dessa dívida para com a loja, quando teve condições de pagar a loja não existia mais.

Conheceu a Relojoaria Muller, tinha as portas de madeira! O Muller gostava muito de ler, ao entrar na relojoaria, com todas aquelas joias, relógios expostos, precisa bater palmas para que ele viesse atender. Norival ia entregar encomendas, tinha que bater palmas. Naquela época o ladrão que existia era conhecido de todos, roubava galinhas, ele era conhecido como Peru. Da Paulista, Norival se lembra que onde hoje é a Av. do Café havia plantação de algodão.

Na época do Carnaval não era permitida a venda de bebida alcoólica. Um soldado prendeu um homem do sítio porque ele estava bêbado em cima do cavalo. Isso foi na Rua do Rosário. O soldado vinha puxando o cavalo para conduzir à cadeia, na Rua São José, e o homem em cima do cavalo. Quando chegou na esquina da sua casa, o homem tirou o freio do cavalo, o soldado ficou só com a rédea na mão e ele subiu a Rua do Rosário levantando uma poeira só! E a criançada dando vaia no soldado.

Conheceu o Comendador Mário Dedini, era um homem de uma simpatia muito grande. Na época em que casou a filha dele, Dona Anita Dedini, com o Ricciardi, foi entregar os convites de casamento que tinham sido feitos em São Paulo. Na Livraria Brasil ele ganhava 60 cruzeiros por mês. Quando entregou o pacote com os convites, na residência do Comendador Mário Dedini, na Rua Santo Antonio, recebeu 60 cruzeiros de gorjeta. Quase morreu de susto.

Na Livraria Brasil trabalhou por seis anos. Aos dezessete anos pediu a conta, o Brasil lhe deu mais de 500 contos de presente. Passou a trabalhar com o seu irmão, que já tinha conhecimento na área após 10 anos de trabalho no ramo relojoeiro e de confecções de peças sob encomenda. Ele conta: “O dinheiro que tínhamos disponível era suficiente para comprar as ferramentas essenciais, ou adquirir o laminador, onde

é colocado o metal para ser laminado. Compramos na Casa Camargo, que ficava na Rua Governador com a Rua XV de Novembro, mais tarde foi Casa Siqueira. As primeiras peças que fizemos, conversamos com o motoneiro do bonde para que ele passasse bem devagar, o peso do bonde sobre o trilho laminava o ouro. Um dia 4 gramas de ouro baixo (ouro mais barato) ficaram grudadas na roda do bonde! Ficamos subindo e descendo, íamos até o Colégio Assunção lá embaixo, procurando. Tinha sumido. Quase quebrou a firma naquele dia. Meu tio Miguel Tedesco soube do caso e nos chamou. Disse que comprássemos o laminador, ele emprestaria o dinheiro para devagar nós pagarmos.”

Na Rua do Rosário, na altura do número 2547, havia uma bomba de gasolina da bandeira Texaco que ficava junto à calçada. Norival diz que se lembra até da cor, era vermelha. Ficava bem na esquina com a Rua Edgar Conceição. Era de propriedade de José Nassif.

“Eu tinha de 9 a 10 anos de idade. Eu e os meus coleguinhas íamos aprender desenho e pintura com Frei Paulo de Sorocaba. Pedi que eles conversassem com o frei se eu poderia ir. No outro dia, eles disseram que Frei Paulo tinha dito que eu poderia ir. Fiquei todo feliz porque iria aprender. Quando eles passaram para me chamar, estavam todos de sapato. Eu não tinha sapato, fiquei com vergonha de ir, se eu tivesse ido acho que Frei Paulo iria cuidar mais de mim do que dos outros.”



**Maria Joana
Nishimura**

EM MARÇO DE 2008, O GOVERNO DO JAPÃO lançou uma série comemorativa da moeda de ¥ 500 (Quinhentos yen), para homenagear o centenário da imigração japonesa no Brasil, que ocorreu em junho do mesmo ano. Na face, apresentou o desenho de uma família imigrante de três pessoas e, no outro lado, havia uma representação de flores de cerejeira (sakura) e grãos de café. É a reprodução do monumento em homenagem aos imigrantes japoneses construído na Praia do Boqueirão, em Santos. Foi no Porto de Santos que desembarcou o primeiro grupo de 781 imigrantes japoneses, em 18 de junho de 1908, a bordo do Kasato Maru. 773 seguiram, a partir de 27 do mesmo mês, para as fazendas Canaã, Floresta, São Martinho, Guataparã, Dumont (propriedade de Henrique Dumont, pai de Santos Dumont), e Sobrado, todas no interior de São Paulo. No total, foram 586 homens e 187 mulheres. Os demais, entre eles três casais, ficaram em São Paulo. Depois de seis meses, dos 773 imigrantes enviados às seis fazendas, 430 haviam se retirado desses locais indo para novas propriedades. Outros tentaram a sorte nas estradas de ferro da Noroeste. A obstinação dos japoneses impressiona qualquer pessoa. Acreditam no poder da força do trabalho. A cultura milenar lhes ensinou que realizar uma ação com união tem resultados superiores à ação individualista. O cooperativismo é um procedimento normal entre os japoneses e seus descendentes. O sentimento de honra é sagrado.

Pode-se dizer que a imigração japonesa no Brasil teve vários tipos de colonização. Um foi o planejado pelas companhias

subvencionadas pelo governo brasileiro. O segundo foi aquele formado pelos próprios imigrantes em torno de um líder. Outro surgiu da venda de terras chamado shokuminchi, onde se comercializava lotes em matas virgens de grandes propriedades. E havia ainda aquele em que japoneses iam adquirindo terras na mesma área. Piracicaba teve o privilégio de receber influências desse povo, com uma cultura tão distinta da cultura ocidental. Isso resultou em um verdadeiro cadinho cultural, trazendo à nossa terra sua maior riqueza com seu povo e seus costumes de origem.

Na língua japonesa os conceitos de artigos e plural são diferentes do padrão ocidental.

Maria Joana Nishimura relata: “Mamãe é Eiko (batizada Lourdes) Nishimura, nasceu em 13 de agosto de 1921 e papai, Musashi (batizado Oscar) Nishimura. Papai nasceu em 7 de janeiro de 1913, em Saga, próxima a Nagasaki. Ele veio para o Brasil com 20 anos de idade, em 1933. O navio da mamãe era África Mari, ela veio com a sua família, de Yokohama, província de Miyagi, próxima de Hokkaido, no norte do Japão. Ela veio com os pais e três irmãos. Vieram para Piracicaba, onde já residiam uns tios da mamãe. Eles escreviam ao Japão dizendo que poderiam vir para o Brasil, aqui era bom para viver. Aqui ninguém passava fome! O clima era muito agradável, lá na terra onde moravam, no Japão, era muito frio.”

Havia naquela época imigrante estudante. Ela conta: “Papai era imigrante estudante, veio junto com alguns colegas. Quando ele veio para o Brasil foi para o Amazonas. Papai era católico, a província de Nagasaki era formada por muitos católicos. Ele e um amigo, passando por Salvador, na Bahia, foram muito bem recebidos pelo bispo de Salvador, o que, naquela época, 1933, foi um acontecimento! Ele não permaneceu muito tempo no Amazonas, deve ter permanecido por uns dois anos. O objetivo era plantar juta, e ele foi seringueiro também. Só que ele dizia que as árvores ficavam distantes umas das outras, era necessário andar muito de barco. Ele tinha bom condicionamento físico, era um bom remador, praticava esportes. Ele era faixa preta em jiu-jitsu (a arte marcial mais antiga, perfeita, completa e eficiente de Defesa Pessoal). Ele

dava aulas dessa arte aqui em Piracicaba. Ele colocava uma fleira de arroz em casca e fazia o aluno andar em cima sem amassar!”

Oscar veio percorrendo diversas localidades, em um período de uns oito anos, até se casar em 1941 com Eiko. Ele trabalhava em Marília, onde contraiu maleita (malária). Alguém deu a sugestão para que ele viesse morar em Rio Claro, onde teria chance de uma cura completa em função do clima ser mais favorável. Chegando a Rio Claro encontrou-se com um imigrante japonês que o convidou para trabalhar com ele. Um dia, passando por uma rua, encontrou-se com uma pessoa que viera no mesmo navio. Era o Sr. Yabuki. Ele era amigo do tio de Eiko. Começaram a conversar. Maria Joana conta: “Por intermédio do Sr. Yabuki combinaram o casamento do papai com a mamãe! Mamãe conheceu meu pai no dia do casamento! O costume na época eram os casamentos arranjados. Vai casar com esse e pronto! Casaram-se em Rio Claro, mamãe vestida de noiva, acredito que só houve a cerimônia no cartório. Permaneceram lá por um mês. Aquele amigo do meu pai precisou viajar e deixou meus pais tomando conta da firma dele lá em Rio Claro. Foi nessa época em que mamãe aprendeu a fazer pastel, coxinha, empadinha. Vieram para Piracicaba, vovô morava no Pau Queimado, em um sítio. Ficaram pouco tempo lá. Vieram para trabalhar na Chácara Nazareth. Papai tinha aprendido a fazer carvão em Taperai, ele passou a fabricar carvão para a Chácara Nazareth. Era a época da guerra, o carvão era muito usado nos carros movidos a gasogênio. Mamãe falava da ‘Dona’ Joana, que era uma mulher muito bonita, que acredito ser Dona Jane Conceição. Eles tinham um motorista japonês: quando iam à França levavam o automóvel e o motorista japonês! Meu pai acabou arrendando os fornos para um amigo dele. Ele achava que devia procurar outro comércio. Foram ser pasteleiros no mercado municipal.”

É difícil afirmar se já existia pastel no Mercado Municipal. Se existia era muito pouco. Eles tinham um balcão dividido em três empresas, uma fazia café, a de Oscar fazia o pastel e outra firma era de frios, mortadela, queijo. Ele pegava a cestinha dele distribuía

pela cidade, ia para a Estação Sorocabana quando chegava o trem de madrugada.

A filha garante que “o segredo de um bom pastel está na massa! E também o recheio tem que estar no ponto correto para não molhar a massa!”

Ela conta que seu pai tinha um nível de cultura elevado, mas trabalhava com humildade, esse foi um dos motivos do seu sucesso. Em paralelo ele sempre estava ligado a questões culturais, estava sempre entrosado. Formava, em sua casa, núcleo de estudos para fazer poesia japonesa. Foi sempre um batalhador pela cidade de Piracicaba!

Maria Joana relembra: “O balcão começou a fazer muito sucesso e os vizinhos se sentiram incomodados. Mamãe disse que colocavam dinheiro em um saco, não dava tempo para contar! Vagou um box, ficamos proprietários de um box, permanecemos mais um pouco de tempo lá. Em frente ao Teatro São José havia uma mercearia, papai transformou em um bar, chamava-se Bar Esportivo. Naquela época havia jogo de carteadado no Clube Paulistano e outros clubes que existiam. Um fato interessante é que os garçons vinham comprar e pagavam com fichas e depois trocavam em dinheiro. Papai vendeu lá para o pai do Mário Miyasaki e comprou o Bar e Restaurante Giocondo, em 1946. Era um restaurante muito famoso, vizinho da Brasserie. Nosso vizinho do fundo era a Padaria Inca. Lembro-me que uma época pegou fogo na Inca. Foi uma correria para que nós tirássemos as latas de óleo que poderiam explodir!

Passou a ser chamado Restaurante Alvorada. Papai pegou um restaurante já famoso. Vendíamos bastante leitoa assada, feijoada. Éramos concorrentes da Brasserie. Era bom porque ambos crescíamos. Naquele tempo era tudo assado em forno de lenha. Já faz 30 anos que fechamos o restaurante e até hoje encontro pessoas que dizem: ‘Ah! Como era gostoso aquele sanduíche de pernil!’ Papai fazia no balcão, tinha o fogãozinho elétrico dele, ele cortava com capricho, o pernil tinha sido assado já no forno, o fogão mantinha aquecido. Fazia sanduíche com queijo provolone. Até hoje o pessoal lembra-se da leitoa assada, bem crocante! Mamãe atendia o cliente pelo telefone, a pessoa perguntava o que tinha, quando ela começava a falar o cliente dizia:

‘Pode parar! Já estou com fome!’ (risos). Era bar e restaurante, por volta das 8h30 horas da manhã já estava aberto, quem quisesse já podia almoçar! Algumas pessoas iam comer feijoada altas horas da noite. Comia-se feijoada, leitoa. A dobradinha era muito famosa também! Papai, por volta da meia noite, já ia abaixando as portas, porque os funcionários precisavam descansar. O governador Laudo Natel ia sempre lá. O hoje ministro Gilberto Gil, na época um cantor conhecido, frequentou nosso restaurante. Ele usava caftan (túnica de mangas longas, que geralmente vai até os tornozelos). Isso há quarenta anos!

Eu praticamente cresci nessa praça. Era bem diferente. Lembro-me que existia o footing!”

Ele também se lembra de quanto se pescava muito peixe no Piracicaba. “Peixe era fantástico! Eu era criança, os peixes vinham do rio Piracicaba, aqueles dourados eram muito bonitos. Os pescadores traziam e muitas vezes eles mesmos limpavam. Mamãe era ótima para limpar peixe! Lembro-me de um pintado com uma cabeça de uns cinquenta centímetros! Na hora de abrir a barriga desse peixe era preciso ficar em pé! Era muito grande! Era feito pintado à milanesa. Com o cascudo era feito sopa, geralmente chegavam à noite.

Logo no começo, quando adquirimos o restaurante, existiam muitas famílias italianas que o frequentavam, então antes do almoço era servida sopa. Todo dia tinha um tipo de sopa diferente! Sopa de legumes, macarrão, feijão, era o prato que antecedia o almoço. A sobremesa era o famoso Romeu e Julieta (goiabada e queijo) ou pêssego enlatado. Não havia grande variedade de sobremesas na época.

O nosso chopp era muito famoso! Tinha que saber tirar bem no ponto, cremoso. O tempo em que se abre a torneira é fundamental. Tem que ter muita calma. A comida para sair boa tem que ser feita com muito amor. Se não for feita com amor não sai boa!”

Oscar Nishimura participou do Piracicaba Baseball Club, foi um dos fundadores. O objetivo principal do clube era a prática de esportes. Na época também havia muitas

festas que eram realizadas lá. Todas as datas significativas tanto do Brasil como do Japão eram comemoradas lá, eram cantados os hinos brasileiro e japonês. Havia aulas de japonês, tênis de mesa. Um aspecto que nunca era tocado no clube era relativo a religião.



**Antonio José
Quartarolo
(Tony José)**

A VOZ MARCANTE É A PRÓPRIA IDENTIDADE de Tony José. Ele é tido como um dos monstros sagrados do rádio esportivo brasileiro. De origem humilde, com sua determinação atingiu um patamar de fama e glória, sem, contudo, perder a humildade e preservando suas amizades. Nasceu em 29 de março de 1953, filho de Aléssio Quartarolo e Arlinda Todeschini Quartarolo, no bairro Barreirinho, pertencente a hoje cidade de Saltinho, na época um distrito de Piracicaba. Seu avô tinha um sítio logo após o famoso Bairrinho, célebre pelos fumos de corda. Filho mais velho do casal, são seus irmãos: Maria Bernadete, Luiz Carlos Quartarolo, Camilo Irineu Quartarolo, Aparecida Quartarolo, Aléssio Quartarolo e Fernando Quartarolo. Quando era muito jovem ainda, sua família se mudou do Bairrinho para o local denominado Glebas Califórnia, região onde havia muitas chácaras; mais tarde uma parte dessa região deu origem ao Bairro Jupíá. O menino Antonio estudou em uma escola que hoje não existe mais e que ficava no Bairro dos Marins, próxima ao Córrego dos Marins, junto a uma olaria. A escola não oferecia estudos até o quarto ano primário e era necessário frequentar outra escola para continuar os estudos. Antonio José estudou na Escola Francisca Elisa da Silva, situada na esquina das ruas XV de Novembro e Antonio Correia Barbosa.

No Barreirinho seus pais trabalhavam na produção de fumo de corda e ele, ainda muito novo, ajudava. Na época não havia a proibição de criança trabalhar. Tony José considera que essa lei que proíbe o trabalho da criança está equivocada: caso a criança

queira, ela deve trabalhar. E ele completa, como se dizia antigamente: “Serviço de criança é pouco, mas quem perde é louco!” Com 6 a 7 anos começou a ir para a roça, não havia outra opção. Ele tinha prazer em ajudar o seu pai, a “virar cambito”, fazer corda de fumo. Tony diz: “Essa onda de criança não poder trabalhar é um cuidado exacerbado. A criança deve trabalhar de acordo com sua capacidade física. Com 14 anos eu carregava saco de 60 quilos, com isso desenvolvi minha musculatura. Como se dizia na época ‘peguei no guatambu’, puxei enxada, fiz tudo isso sem problema nenhum. O que mais me incomodava era a mesmice de sempre. Piracicaba era pequena demais. Não havia a facilidade de sair daqui como existe hoje.”

Seu pai sempre foi interessado em buscar novidades. Ele conheceu um japonês que lhe passou determinadas técnicas para o plantio de mamão e então plantou mil pés de mamão na chácara. Tony o ajudou. Depois ele arrendou um terreno que ficava no alto da pedreira, situada na Estrada do Bongue. Era um local com uma vista muito bonita, mas terrível para trabalhar, a inclinação do terreno era muito acentuada. Para o mamão era ótimo: a geada não pegava, o arejamento era fantástico, um terreno pedregoso, justamente o que o mamão queria. Para plantar o mamão tinha que fazer a cova, cercar com pedras, colocar pó de serragem, jogar as sementes e o pé de mamão nascia e crescia. Quando ocorria uma geada ela derrubava as folhas e o mamão amadurecia muito rápido, gerando grande oferta no mercado e caindo muito o preço pago ao produtor.

A trajetória de casa no Bairro dos Marins até a escola onde estudava era a pé: ele descia pela Estrada dos Marins, passava pela Cerâmica Piracicabana, nas proximidades de onde hoje é o Carrefour, passava pela Chácara do Morato. A Rua do Porto não fazia a trajetória que faz hoje, era bem mais curta, só existia o caminho à beira do rio Piracicaba, era tudo terra batida. Tony José diz: “Passei a usar sapatos aos doze ou treze anos, até então ia descalço mesmo. No alto das Glebas Califórnia existia a chamada Chácara do Limão, próxima à Chácara Espéria. Onde era mato, hoje é um condomínio. Do outro

lado tinha a Chácara Nazareth, que era do Pacheco Chaves, hoje é loteamento residencial. Não existia o Bairro Nova Piracicaba, era tudo plantação de cana.”

Esse trajeto diário às margens do rio Piracicaba não era um convite a banhar-se em suas águas, sua mãe colocava tanto terror a esse respeito que ele não me arriscava. Nadou um pouco no Ribeirão dos Marins, escondido. Ia para casa todo molhado, no caminho esperava secar. Seu pai tinha carroça com roda de madeira e aro de ferro. Só mais tarde é que passou a ter um carrinho com pneu, um conforto danado. Com a carroça lotada de mamão, iam ao Mercado Municipal, a partir das quatro horas da manhã.

Ele ficava tomando conta do carrinho com os mamões enquanto seu pai ia negociar com os compradores. No Moratinho, perto da Ponte do Morato, muitas vezes o caminho enchia de água na época das chuvas, a água batia na barriga do animal, eles torciam para que a ponte estivesse ainda ali, pois só dava para ver as suas laterais. Subiam pela Rua Rangel Pestana, às quatro e meia, cinco horas da manhã, a carroça lotada de mamões, seu pai pulava, ia conduzindo a pé o animal.

Foram morar perto da antiga revenda de automóveis Colina, na Rua Silva Jardim com a Rua Campos Salles. Tinham comprado um terreno ali, construíram uma casa e mudaram. Em 1966, seu pai teve dificuldade em conseguir um emprego, então resolveu fazer feira. Arrendaram uma área de quase um quarteirão nos fundos de uma agência Volkswagen, a Vepira. Não tinham equipamentos e, por 15 dias, seu pai e ele cavoucaram aquilo tudo, transformando em canteiros de horta o que era um pasto. Molhavam o pasto e usavam o enxadão. Seu pai tinha conhecimento técnico para produzir rabanete com 15 dias de plantio, alface com um mês. Aos domingos ficavam até às duas horas, duas horas e meia da tarde, porque as pessoas iam buscar verduras frescas. A família toda trabalhava nessa horta, preparava-se a verdura para vender no dia seguinte. Com o tempo seu pai passou a ter um armazém na feira, Tony permaneceu na feira até os seus 18 a 19 anos.

As feiras eram realizadas nos seguintes locais: na terça-feira, no Largo Santa Cruz; quarta-feira, na Vila Rezende; quinta-feira, na Paulista; sexta-feira, na Rua Riachuelo, atrás da Santa Casa; aos sábados era em um terreno onde jogaram as lajes do antigo Comurba, onde mais tarde foi construído o Hipermercado Jumbo Eletroeletrônicos e a feira mudou para uma rua ao lado; domingo era atrás da Estação da Paulista e na Vila Rezende, perto do Clube Atlético Piracicabano.

Inicialmente tinham uma Kombi, quando virou armazém passaram a ter duas Kombis e um caminhão Ford 36. Mais tarde trocaram esse caminhão por um Chevrolet 1957, o famoso “Marta Rocha”, depois adquiriram um caminhão Chevrolet Brasil. Tony José aprendeu a dirigir em um Ford 1929: o marcador de combustível era um nível, igual ao nível de pedreiro. Essa maravilha era do Fernando Cardinali. Tony tinha trabalhado para ele na feira por um período de um ano e pouco. Sua função era vender óleo comestível, que vinha em um tambor. Colocava-se uma bomba manual e se realizava a venda conforme o pedido do cliente: um litro, meio litro. O vasilhame era trazido pelo próprio cliente. Ele se lembra que levava um tambor de 200 litros por 50 metros, feira adentro e o comentário geral era: “Esse garoto é muito forte!”. Tony então explica: “Na realidade tudo se resume na forma como você conduz o tambor. Basta colocá-lo de quina no chão, dar dois pequenos impulsos e o próprio conteúdo impulsiona o tambor. Basta controlar o tambor de quina, com os dedos, o próprio tambor se movimenta.” Foi lançado um produto novo no mercado: o Cardinali vendia sete pedaços por uma unidade monetária da época (1 cruzeiro), era o sabão Ypê. Pelo fato de ser amarelo o pessoal dizia que era feito de fubá.

Tony José diz: “Na minha época era obrigatório fazer o Tiro de Guerra. Hoje, infelizmente, não é. Servi aqui na Paulista, na Av. Dr. Paulo de Moraes. Servi com o Waltencir, o comandante era o Guatura. Acho que todos deveriam servir o Exército, inclusive as mulheres. No Exército se aprende a ter amor à Pátria, o Exército prepara o indivíduo para a vida. Entra moleque e sai um homem em qualquer parte do mundo, sem disciplina não se chega a lugar nenhum.”

Ele foi estudar na Escola Industrial, quando estavam construindo o segundo prédio. Fez os cursos de torno, fresa, queria fazer Medicina, mas não era possível, tinha que trabalhar. Surgiu a vontade de buscar algo que trouxesse resultados mais rápidos. Ele tinha facilidade em ler textos, interpretando-os. Apareceu um amigo, João Barreto, que era locutor oficial da estação rodoviária “nova” e que precisava de alguém que o substituísse aos sábados e domingos à tarde. Foi para lá e passou a anunciar as partidas de ônibus. Apareceu um japonês, Duarte Yamanaka, criaram coragem e foram falar com Francisco Silva Caldeira que tinha adquirido a Voz Agrícola do Brasil, na Rua Moraes Barros 1191. Caldeira o aprovou, dizendo: “Eu não tenho nem verba e nem horário! Se você quiser, a partir das 16 horas pode vir para cá e ler os textos comerciais”. Não eram gravados, quem programava as músicas era o Cesar Floriano, que um ou dois anos depois saiu da rádio. O programa seguinte era apresentado pelo Paulo Roberto, irmão do Jayme Luiz, que havia saído da rádio e foi trabalhar em São Carlos. O Paulo Roberto deu sequência ao programa que era coqueluche em Piracicaba, chamava-se “Show das Cinco”. Havia a participação do ouvinte pelo telefone no ar, era novidade e tinha grande audiência. O Antonio Carlos Pedrassi saiu da rádio, era um locutor com uma característica interessante, normalmente era gago, ao entrar no ar passava a ser um locutor normal. Caldeira lhe ofereceu o horário dele e o salário possível. O seu sonho sempre foi comer no restaurante Brasserie, ele passava pela porta, mas nunca teve dinheiro para entrar. Ao receber o seu primeiro salário na Voz Agrícola foi comer um filé à parmegiana na Brasserie! Depois ficou “duro” pelo mês todo, mas feliz por ter comido o à parmegiana na Brasserie. Márcio Terra tinha um programa das 18 às 19 horas, o Panorama Esportivo. Foi ele que o puxou para o esporte. Quem escrevia o programa era Rubens Righetto, mas alguns meses depois Righetto saiu da rádio, Tony passou a fazer o programa com Márcio e alguma coisa também no programa Jornada Esportiva. Disse ao Márcio que seu irmão tinha concluído o curso de datilografia, poderia escrever os textos do programa, e assim

Luiz Carlos Quartarolo passou a ser redator da Voz Agrícola. Ele o fez com grande competência, conhece e gosta de futebol. Tony José ficou um bom tempo na Voz Agrícola, período em que chegou por lá Tarciso Chiarinelli e também um indivíduo com um gravador enorme nas costas, Rogério Aquiles. Estavam lá: Dinival Tibério, Márcio Terra, Osvaldo Onofre. Ele tinha 18 a 19 anos, viu que aquilo não oferecia melhores perspectivas financeiras. Foi trabalhar como gerente de cine, foto e som do recém-inaugurado Jumbo Eletroradiobrás. Em seis meses percebeu que não era o que queria. Foi trabalhar com Silvio Gonçalves Motta, atacadista da São Paulo Alpargatas, passou a viajar pelo Estado todo. Vendeu muitas alpargatas, congas, havaianas, calças e camisas US TOP. O carro chefe de vendas era o Ki-Chute, um calçado que utilizava derivado de petróleo. Com a crise mundial nesse setor a demanda era maior do que a produção e com jeans acontecia a mesma coisa. Tinha que cobrir cotas vendendo havaiana e conga, cujo valor agregado era bem menor. Decidiu ir a São Paulo em busca de algo melhor e sua esposa, Maria Nilcéia Spada, permaneceu em Piracicaba. O casamento ocorreu na Catedral, em 24 de dezembro de 1976. Carlinhos Libardi era gerente do Messias, que havia comprado um depósito da Skol que havia falido e ficava na Vila Mariana, na Rua Tutóia. Carlinhos lhe disse: “Só preciso de você aqui na parte da manhã, você circula a Av. Paulista e a Rua Brigadeiro Luiz Antonio, tira os pedidos, faz as notas e depois está liberado”. Ele ainda lhe ofereceu um aposento no próprio depósito de cervejas, onde Tony colocou uma cama e passou a dormir. Começou a visitar todas as rádios de São Paulo. O que o ajudou é que em Piracicaba já havia trabalhado na Voz Agrícola, na Rádio Educadora.

Certo dia foi à Rádio Gazeta. Roberto Petri estava começando a comandar a equipe, tinha entrado no lugar do Peruzzi, que havia saído. Ele precisava de alguém para ficar no lugar de Rui de Moura. Lá encontrou Athayde Teruel, que era de Santa Bárbara D’Oeste e já havia trabalhado em Piracicaba. Isso deu uma certa empatia, foi ele quem o apresentou a Roberto Petri. Athayde disse-lhe: “Esse é o cara que você precisa!”. E um

teste foi marcado para quinta-feira. Eram 15 pessoas para uma vaga. Havia um candidato do Mato Grosso, experiente, com um vozeirão. Outro de Jaú, fantástico. Mas deu certo, acabou sendo contratado. O Petri foi muito decente, disse-lhe que naquele mês e no mês seguinte ele só dispunha de metade da verba considerada o piso da categoria. No terceiro mês ele lhe deu mais do que o dobro de aumento. Na Rádio Gazeta, Tony José ficou de 1976 até 1982. Petri saiu e Flavio Araújo entrou no seu lugar. Darci Reis era chefe na Rádio Bandeirantes e o chamou oferecendo um excelente salário, a Gazeta cobriu a oferta. Darci Reis o chamou novamente, dobrando o seu salário. Em 18 de maio de 1983, foi para a Bandeirantes onde permaneceu até 1998. Quando Darci Reis faleceu, Fiori Gigliotti assumiu a equipe, foi um grande chefe e amigo. Com Eder Luis montaram uma equipe esportiva em FM, inicialmente para a Band FM, de lá foram para a Transamérica, ficou com o Eder até 2003. Deu uma parada, passou a fazer gravações de audiovisuais, apresentações de festas, comerciais, mestre de cerimônias, chegou a fazer três formaturas no mesmo dia. Uma das cerimônias que fez foi muito marcante, contrataram-no para apresentar a cerimônia de ordenação de um padre. A duração foi de umas quatro horas, Tony seguiu um script. João Thomaz é amigo de Tony José e pai de uma menina portadora de Síndrome de Down, que sempre se motivou muito ao ouvir música clássica. Colocada em uma escola de balé, atualmente é a única portadora de Síndrome de Down que realiza todos os movimentos de balé, se apresenta no mundo todo. Na sua formatura Tony foi convidado a narrar a sua apresentação.

O Deputado Roberto Moraes, em 2008 o convidou para ajudá-lo na apresentação de futebol aos fins de semana na Rádio Onda Livre, onde permaneceu até maio deste ano, quando a Rádio Capital o chamou. Atualmente faz um programa diário das 20h às 21h e futebol quarta, quinta, sábado e domingo. Em 1979 trabalhava na Gazeta aos finais de semana e a convite de José Roberto Soave veio para trabalhar na Difusora FM, que foi a primeira FM de Piracicaba. Ele e Olívio Pizzani, já falecido, eram

as vozes oficiais da Difusora FM. Na Difusora AM Tony fazia a parte policial. Tony José diz: “Quem faz futebol consegue improvisar no rádio. Quando um homem de rádio vai a campo, ele irá narrar geralmente mais de 90 minutos. O locutor tem que narrar tudo que está vendo, isso facilita o trabalho em festas, comerciais. Trabalhei em campo com o Faustão, quando ele fazia a Jovem Pan e depois a Globo, sendo que ele também trabalhava no Jornal O Estado de São Paulo. Naquela época não havia os recursos técnicos de hoje. No intervalo, quando todo mundo ia comer um lanche, ele ia ao orelhão passar matéria para a redação do jornal. A área esportiva me descortinou o Brasil e o mundo. Estive na América do Norte, Europa, Ásia. Em alguns países permaneci por mais de um mês, a trabalho. Consegui com o rádio ajudar alguns amigos: levei meu irmão Luis Carlos Quartarolo, que foi trabalhar como plantão da Gazeta; logo depois foi o Roberto de Moraes, que voltou por ter deixado a noiva em Piracicaba. Levei Tarciso Chiarinelli, que depois voltou a Piracicaba; levei de Jaú o Luiz Carlos Bonzanini, que também está de volta a Piracicaba.”



**Aparecida de Jesus
Pino Camargo**

A MULHER CONQUISTA CADA DIA MAIS o espaço que antes era um privilégio exclusivo dos homens. Se antes ela ficava com as tarefas domésticas, hoje já participa efetivamente nos mais diversos setores da sociedade. Com isso obtém a sua realização pessoal, beneficia a coletividade e põe por terra o paradigma de que lugar de mulher é na cozinha. Em Piracicaba temos muitos exemplos de mulheres ocupando cargos de toda natureza e fazendo seu trabalho com distinção. Uma delas é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Piracicaba e Saltinho: Aparecida de Jesus Pino Camargo. Nascida em Piracicaba, em 17 de maio de 1956, é filha de Francisco Pino Rodrigues e Isabel Garcia Pino.

Nascida no Bairro da Floresta, estudou na Escola de Emergência do Bairro da Floresta, depois foi para escola do Monte Branco, onde havia a quarta série. Ia todo dia a pé, numa distância de quatro quilômetros na ida e quatro quilômetros na volta. Ela e um primo iam juntos. As outras crianças não quiseram enfrentar a caminhada, era perigoso porque havia vaca na estrada, cana, capim molhado, chegavam à escola molhados de orvalho quando era tempo de cerração. Entravam às oito da manhã, mas saíam de casa antes das sete horas. No Monte Branco teve como professora Dona Therezinha. Na Floresta foi aluna das professoras Maria José, Joana Sato, Luciana.

Não era como na cidade, onde todas as casas estão agrupadas. Seus pais e tios eram quatro irmãos que moravam perto e a criança ia brincar com os primos. Brincadeiras como pular corda,

bola, boneca de pano, queimada, brincar de balanço. Os pais eram muito zelosos para que não brincassem com pessoas que não fossem da família, o pessoal era muito reservado, as crianças não iam até a casa de outras pessoas. Os pais ou pessoas mais velhas nunca deixaram criança opinar, a criança ouvia e ficava quieta. Geralmente era recomendado que a criança fosse fazer determinada tarefa ou lazer, para que saísse do ambiente onde os adultos conversavam. Na época havia políticos que de vez em quando visitavam os bairros. Aparecida lembra-se de um deles: Francisco Castillon Salgot reunia-se em uma fazenda, para onde todos os moradores se dirigiam.

Há mesmo floresta nesse bairro, muita, é um bairro cercado por serras. A propriedade pertencente ao seu pai existe até hoje. Quando ela era jovem, cultivavam lavouras e hortaliças. Havia plantações de milho, arroz, vassoura, algodão. Plantavam muita cebola e alho, além de vagem, abobrinha, pepino, produtos que eram cultivados o ano todo. A princípio vendiam o que colhiam no entreposto municipal, na época ficava no prédio do então Matadouro Municipal, hoje restaurado e utilizado para outros fins. As vendas realizadas ali foram transferidas para o Ceasa de Piracicaba.

A igreja da Floresta ficava a uns três quilômetros e a do Monte Branco a uns quatro quilômetros. Frequentavam a igreja da Floresta, eram poucos os eventos realizados nela. Uma festa por ano: na quaresma havia a via sacra, que era o período em que mais frequentavam a igreja. Ela está vinculada à Paróquia São José, de Piracicaba, cujo pároco, Monsenhor Luiz Giuliani, ia até lá. Frei Romário também ia celebrar as atividades religiosas. Uma vez por ano havia quermesse. Aparecida ia aos bailes, que eram realizados duas vezes por ano.

Casou-se com Luiz de Camargo Conheceram-se no Ceasa, casaram na Igreja dos Frades em 17 de novembro de 1979. Ele possuía uma horta no bairro Nova Suíça. Em 1991 ficou viúva com uma criança de 10 anos de idade. Ela e seu filho continuaram trabalhando. Embora o filho fosse ainda uma criança, o serviço leve ele ajudava a fazer. Na ocasião tinham a horta e a banca no varejão que ocorria na Vila Rezende,

no Centro e na Av. Raposo Tavares. Quando o seu marido faleceu, ela achou muito arriscado continuar com essa atividade, porque tudo é feito durante a madrugada, principalmente com uma criança de 10 anos. No início teve o auxílio de uma pessoa para dirigir a sua Kombi, embora fosse habilitada Aparecida não dirigia regularmente. Mediante a necessidade, passou a dirigir um automóvel e a vender cheiro-verde, uma mercadoria que não tinha tanto volume como as demais, fazia as entregas com o carro.

Ela se lembra que, ainda muito pequena, sua mãe acompanhava seu pai na roça e deixava os filhos embaixo de uma árvore. Levava as marmitas, a espiriteira que era usada para esquentar o leite, os alimentos. Pela manhã, ao levantar, era servido café, pão feito em casa ou bolinho de chuva doce ou salgado. O bolinho de chuva salgado é feito com ovo, sal, óleo, trigo, leite ou água. Bate, mistura-se fermento e frita-se.

O “frangueiro” era uma figura presente na vida rural. Assim era chamado porque fazia a barganha dos produtos que levava por frangos e ovos. Ele levava todas as miudezas necessárias para uma casa, desde tecido xadrez para fazer camisas, calças para a roça, linha, botão, macarrão, massa de tomate, produtos básicos. Até hoje não tem nenhuma venda ou armazém, no Bairro da Floresta. Quando sua mãe queria fazer uma roupinha pedia para o frangueiro: “Traz um paninho assim.” Quem escolhia a roupa que vestiam era o frangueiro, ele era o estilista, barganhavam esse tecido por ovo, frango, os produtos que tinham no sítio. O frangueiro mais fiel que a família de Aparecida teve era João Wolff. Desde que ela nasceu, ele estava lá. Ela casou-se e ele continuou a ir, por muitos anos percorreu aquelas estradas com seu carrinho de tração animal.

Vinham para a cidade de ônibus, tinham que ir da Floresta até o Bairro Monte Branco com carrinho de tração animal. Lá deixavam o carrinho e tomavam o ônibus. Outra forma era combinar com alguém do bairro que tinha condução, geralmente era um caminhão que trazia todo o mundo.

A energia elétrica passou a existir na sua casa só depois que ela casou. Antes Aparecida

conhecia a energia elétrica da casa dos parentes da cidade. À noite era utilizado o lampião, lamparina, rádio de pilha. Não havia televisão, geladeira. O alimento tinha que ser feito e consumido, não havia como armazenar. A única exceção era a carne suína, que era conservada em latas de banha.

Ela faz chouriço muito bem feito, dá a receita: “Coloco o sangue fresco, ovos, farinha de rosca ou arroz cozido, cheiro verde, bastante cebola refogada, toucinho feito com o couro da barriga do porco, sal, pimenta e um pouco de cravo e canela”. Um prato que faz e as pessoas gostam é a galinha caipira com batata.

Aparecida dá sua opinião sobre cozinhar: “Gosto do fogão a lenha, o problema é fazer aquele fogão esquentar, não pode ter pressa. Depois de quente é bom porque conserva, faz uma comida gostosa”. O ferro de passar roupa era com brasa. Quem trabalhava na roça passava a roupa nos fins de semana. Sábado e domingo era para fazer a faxina pesada na casa e passar a ferro a roupa. Lavava roupa a vertente. Usava sabão feito em casa. Aparecida ainda mora no sítio até hoje.

Sente que tem um espírito de liderança, é uma característica natural. Quando seu marido faleceu foi convidada a fazer parte da diretoria do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Piracicaba e Saltinho, onde já eram sócios. Começou como suplente, de 1992 a 1993. De suplente foi para secretária, depois vice-presidente. Nunca fez nada com muita pressa, tudo aconteceu naturalmente. O presidente da época não ia mais continuar, formaram uma chapa em 2003. Após 4 anos, a mesma chapa concorreu de novo e ganhou.

Oferecem facilidades de atendimento médico-odontológico, jurídico e trabalhista para os associados. Defendem os legítimos interesses a que a classe tem direito legal. O trabalho rural é classificado em três classes: o empregado assalariado; a agricultura familiar, onde em uma pequena propriedade o trabalho é exercido apenas pela família; e a propriedade maior onde há empregado registrado, quando o agricultor torna-se também patrão. O sindicato abrange as duas primeiras classes: o assalariado e aqueles

que trabalham com agricultura familiar. Essas duas faixas geralmente têm dificuldades de acessar o ensino e complementar seus estudos, isso faz com que permaneçam no meio rural. O trabalho do sindicato é ter profissionais competentes, cada um ocupando uma função importante, para que possa oferecer o melhor possível ao associado.

O pequeno agricultor deve buscar alternativas de plantio. Principalmente aqueles que praticam a agricultura familiar e que não possuem grandes recursos, devem procurar diversificar, ter de tudo. Quando um produto está no final da colheita, outro estará iniciando. Deve haver uma rotatividade de plantações, onde ele tenha sempre a disponibilidade de recursos. Se ele plantar só arroz para o início do ano, o resto do tempo irá ficar sem ter o que fazer. O sítio tem que ter rotatividade de cultura.

O sindicato nunca foi procurado por alunos da Esalq com o objetivo de melhorar a produtividade do pequeno agricultor. Caso haja interesse da parte deles, o sindicato está aberto para criarem planos que beneficiem os associados. Existe a Casa do Agricultor, a Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – CATI, que apoiam o pequeno agricultor. Isso não impede que os alunos possam realizar trabalho de campo nas hortas, orientando os trabalhadores e também coletando informações. Isso está disponível.

No Bairro da Floresta, que ainda está rodeado de matas, existe seriema que vem à porta de casa. Na Nova Suíça existia codorna, nhambu.

Muitas vezes uma pessoa de aparência humilde é dona de muita sabedoria. Na prática eles sabem mais do que pessoas que tiveram uma educação formal nas escolas. Hoje há um culto ao computador, algumas pessoas julgam que ali irão obter qualquer tipo de informação necessária para a vida. Há pessoas que têm pouco acesso às informações, muitas vezes não tiveram a oportunidade de estudar, quando ouvem o conselho de uma pessoa, a prática que essa pessoa realizou para obter um resultado ficará gravada na memória de quem não tem acesso às modernidades atuais. Ela analisa as poucas informações que recebe e as retém.

A televisão teve influência inclusive na zona rural. À primeira vista, as roupas, o comportamento, não determinam a região onde o indivíduo vive. Ninguém mais sabe quem mora no sítio ou na cidade. Houve uma uniformização, há ensino completo do segundo grau, até o colegial. Todo o mundo tem seu carro.

Aparecida diz “Entrei no cinema pela primeira vez quando eu já era casada para levar o meu filho para assistir Os Trapalhões. Eu adoro mesmo é ir para a praia. A primeira vez que eu fui devia ter mais de quarenta anos de idade, fui para a Praia Grande. O mar me dá uma paz muito grande.”

O sindicato já recebeu a visita de representantes de vários países: Alemanha, Inglaterra, França. Pelo fato da Cosan ser o maior grupo açucareiro e de álcool, e a matriz ser em Piracicaba, toda atenção volta-se para a cidade. Eles geralmente visitam em grupos grandes. Muitos nem conheciam cana de açúcar, nunca tinham visto. Eles vêm para ver o processo, qual é a idoneidade da empresa, o fato de não ter trabalho escravo.

O trabalhador que vem de outra região para trabalhar no corte de cana em Piracicaba tem uma melhor condição de trabalho hoje. Eles têm que ser transportados do local de alojamento para o local de trabalho em um ônibus em bom estado, tem um toldo com mesa, sanitário químico. Tem que ter um depósito com água fresca. Quando vem para Piracicaba já saem da região de origem registrados e com seguro de vida.

Não concorrem com a mão de obra local, porque o pessoal residente em Piracicaba já não se submete a esse tipo de trabalho. Fazem qualquer outra coisa, menos cortar cana.



**Padre Wagner
Rodrigues Pereira**

NO INÍCIO DOS ANOS 30, João Nardin construiu no Bairro da Paulicéia uma pequena capela que atendia as necessidades dos moradores daquela época. Com o aumento da população, em 22 de agosto de 1953, D. Ernesto de Paula, primeiro Bispo Diocesano de Piracicaba, instituiu a Paróquia Imaculado Coração de Maria, anexada a Catedral, sendo seu primeiro pároco o Padre Oscar Ferraz do Amaral. Logo em seguida, o Padre João Echeverria Torres foi encarregado temporariamente como vigário e, em 18 de março de 1956, foi nomeado Vigário da Paróquia. Em dezembro do mesmo ano foi concluída a construção da Casa Paroquial. Em visita à casa paroquial, o Padre Militão Vigueira e o Pároco tiveram a iniciativa de aproveitar uma pedra trazida por ele de Fátima, Portugal, tirada do poço onde Nossa Senhora apareceu, para que fosse utilizada como pedra fundamental da futura igreja. No dia 13 de maio de 1957, o Bispo D. Ernesto fez o lançamento litúrgico. No dia 25 de setembro começaram as marcações dos alicerces que se iniciaram pelas torres e em outubro foram feitas as estacas. Padre João saiu pelo bairro, zona rural, e em toda a cidade realizando campanhas para doações de tijolos. Para arrecadar dinheiro foram feitas quermesses, churrascos, rifas, almoços, feijoadas, leilões. Para a construção da igreja foram contratados dois pedreiros e dois serventes, muitas vezes auxiliados pelos moradores. Eram famosos os mutirões realizados aos sábados e feriados. Eugênio Nardin, filho de João Nardin, se responsabilizou pela direção

artística das obras. A Paulicéia era carente em infra-estrutura, faltava energia elétrica em muitos locais, água encanada, asfalto. Sob o comando e liderança do Padre João Echeverria, em 1974 concluiu-se o sonho de ver a Igreja pronta. Padre João Echeverria Torres faleceu em 4 de outubro de 1975.

Em 13 de fevereiro de 1981, os padres xaverianos chegaram para trabalhar na comunidade, tendo como carisma principal a evangelização missionária. Padre Wagner Rodrigues Pereira é um dos três padres da Paróquia Imaculado Coração de Maria, também conhecida como Igreja da Paulicéia. Natural de Londrina, nasceu em 11 de abril de 1977, é um dos cinco filhos de Washington Luís Alves Pereira, mecânico, e Ana Rodrigues da Silva, professora. Padre Wagner estudava e trabalhava em casa. Ainda muito jovem morava no sítio, ia à escola em Centenário do Sul. O ônibus da prefeitura os conduzia pela distância de oito quilômetros. Cuidava da plantação de milho, café, criação, pegou no cabo da enxada, aos 16 anos foi trabalhar em um mercado e mais tarde como office-boy em uma farmácia. Pertence a uma família muito religiosa, seguidora dos preceitos da igreja. O jovem Wagner sempre acompanhava, tinha amizade com os padres, era uma amizade bonita. Depois que fez a catequese e crisma, em determinado dia houve uma ordenação e um diácono que ia ser ordenado o convidou para fazer um período de experiência no seminário. Primeiro fez uma experiência em um seminário diocesano, em Londrina, mas não se identificou como imaginava, talvez porque a sua paróquia fosse administrada pelos padres xaverianos. Em uma viagem que fez a Londrina, estava ocorrendo um encontro vocacional para jovens que gostariam de doar as suas vidas para as missões. O que chamou muito a sua atenção foi um vídeo que estava sendo apresentado sobre a pobreza de Bangladesh. Pensou: “Também posso servir a Deus ajudando essas pessoas!” Esse vídeo ele guarda em sua memória até hoje, a pobreza extrema daquelas crianças. Terminou o segundo grau e entrou no seminário de Filosofia

Propedêutica (o Concílio de Trento criou os seminários propedêuticos com a missão de introduzir o candidato ao sacerdócio para os cursos de Filosofia e Teologia).

Em Londrina permaneceu um ano, em preparação para o vestibular que iria fazer no ano seguinte, em Curitiba, onde no Bairro Vista Alegre existe um seminário de Xaverianos. Em Curitiba estudou três anos de Filosofia, amadurecendo a vocação. Padre Wagner diz: “Temos problemas, temos alegrias, somos jovens normais. Só que amadurecemos o que estamos buscando. A crise dos jovens hoje é porque não têm uma vocação e sim uma profissão. Quando se identifica com a vocação, com aquilo que realmente escolheu, isso o ajuda a levar tudo, a superar todas as barreiras. Hoje nossa sociedade exige muito que o jovem busque um status, há jovens que estudam a vida inteira e depois não exercem aquilo que estudaram, aquilo que sonharam, aquilo que sempre desejaram. Surge a crise, todo o sistema entra em crise por terem que fazer outra coisa que não era o seu sonho original. Até mesmo sonhos amadurecem. Uma criança pode sonhar em ser algo que idealiza. Vamos nos surpreendendo. No caso da vocação, Deus toca em seu coração.”

Após o período de 3 anos de estudo e discernimento da vocação, Padre Wagner foi para o noviciado. Deu continuidade em Hortolândia. Para o religioso chama-se período de “noivado”, emitem-se os primeiros votos: pobreza, castidade e obediência e para os missionários tem-se ainda o voto de missão, que significa que estão dispostos a ir para onde Deus pedir. Depois dessa emissão dos votos, os missionários xaverianos fazem a opção por teologias internacionais.

É uma congregação presente em 19 países do mundo. Juntamente com o Mestre dos Noviços e o Superior Geral escolhem e optam em ir para um país de estudos, que atualmente são Itália, Camarões, Filipinas e México. Padre Wagner foi para a Itália dar continuidade aos seus estudos. Estava com 25 anos quando foi para Parma, onde nasceu a Congregação, na casa-mãe, que tem a comunidade de Teologia e é a casa que acolhe todos os padres que regressam das missões. Atualmente acolhe de 80

a 100 padres. Muitos deles são doentes, alguns têm idade avançada. Ele tinha estudado dois anos de italiano em Curitiba, achava que falaria italiano fluentemente. Na Itália mal sabia dizer bom dia! Foi aprender mais um ano de italiano. O latim para missionários é quase opcional.

Ficou por seis anos na Itália. Estudou um ano de língua e quatro anos de Teologia. O reitor perguntou-lhe se queria fazer a profissão perpétua. Ele lhe propôs fazer um Retiro Inaciano, são 30 dias em silêncio. Padre Wagner até tremeu, achou que não conseguiria ficar por 30 dias sem conversar. O Retiro Inaciano funciona em uma casa de retiro a parte, os jesuítas é que fazem esse tipo de retiros para leigos, padres jesuítas. A cada dois dias tinham uma colocação com o guia espiritual do retiro, aquele que dava as orientações, a meditação. Depois ficavam o dia inteiro em silêncio, rezando, meditando uma palavra do evangelho. O candidato ao retiro tem que dar ao guia espiritual a motivação, o porquê de fazer esse retiro. Padre Wagner achava que não iria aguentar, o orientador começou a falar como descobrir sua essência, Padre Wagner foi entrando na dinâmica e conversando todo o retiro, em silêncio, mas conversando com Deus. Olhar para dentro de si, descobrir e redescobrir o seu chamado vocacional e sentir o amor de Deus mais profundamente em sua vida. No trigésimo dia ele parecia um santo, só faltava auréola na cabeça! Aquilo foi levando-o a se encontrar.

A ausência do católico ao ato de confissão ajuda a aumentar as salas de espera dos psicólogos. Se o padre não oferece essas possibilidades às pessoas, elas vão acumulando as coisas que fizeram de forma errada. Muitas vezes não é uma confissão, mas um desabafo que a pessoa quer. Sentiu que errou, quer pedir perdão e não sabe como. Essa falta de espiritualidade acaba lotando as salas dos psicólogos. O padre muitas vezes atua como psicólogo, tem que entender um mínimo de psicologia para poder ajudar. A presença do padre será sempre mais importante do que a do psicólogo; o psicólogo oferece uma ajuda profissional, o padre oferece uma ajuda espiritual. Não

se dispensa nenhuma das duas formas de ajuda, as duas são fundamentais, a pessoa é humana e espiritual. Quando o lado humano não está bem, o espiritual também não estará e, se o espiritual não estiver bem, o lado humano também não estará bem.

A Paróquia Imaculado Coração de Maria, Igreja da Paulicéia, tem um território com aproximadamente 40.000 habitantes, 14 capelas. Conta com três padres: Padre Paulo Delavalle, de 45 anos; Giovanni Murazzo, com 75 anos, e Padre Wagner, que é o mais jovem. Todo final de semana celebram casamento, atendem confissões diariamente.

Atualmente não se usa confessionário. No fundo da igreja permanece um confessionário, mas a preferência é a confissão olho a olho. Pode-se ver a pessoa, estar próximo. O confessionário praticamente já foi abolido pelo Vaticano II, hoje funciona mais como peça decorativa. O diálogo aberto faz com que a pessoa sinta-se mais a vontade. Às vezes a pessoa vai se confessar e diz: “Padre, eu faltei à missa”. Padre Wagner pergunta: “Antes de cometer essa falta, como está sua vida interior espiritual?” Às vezes a pessoa acha que pelo fato de ter vindo à missa ela está cumprindo seu dever. A missa é a conclusão da semana que ela viveu, de trabalho, de estudo. E em casa, como está o tempo dessa pessoa com Deus? Esse pecado de faltar à missa é consequência de uma vida de falta de oração, de busca de Deus.

A paróquia apóia o trabalho feito pelos Vicentinos, que atuam diretamente nas obras sociais. O Padre Vicente, mais conhecido como Padre Vicentão, era muito voltado ao campo social, dia e noite ele estava à disposição dos pobres. Como missionários Xaverianos existe essa missão, de ir aos não-cristãos e aos mais pobres e afastados da sociedade. São Francisco Xavier é o padroeiro dos Xaverianos. O fundador, Guido Maria Conforti, leu sobre a vida de São Francisco Xavier e inspirou-se para fundar essa congregação, voltada para a missão na China. O início da Congregação Xaveriana era para evangelização na China, para dar continuidade ao trabalho de São Francisco Xavier, a de entrar no continente chinês, o que até hoje infelizmente não foi possível.

Padre Wagner foi ordenado no dia 30 de agosto de 2008 em Centenário do Sul. Após a sua ordenação foi destinado para a República Democrática do Congo. Passou um ano em Paris estudando francês, para poder ir ao Congo Belga. A situação no Congo é muito complicada. Extrema pobreza. Ele permaneceu por oito meses lá. É uma situação de guerra, muita violência. Assim que chegou foi informado do assassinato de um padre que estava denunciando militares rebeldes. Um mês antes tinham invadido a casa de três sacerdotes, sequestraram os três e pediram 20.000 dólares de resgate. Isso choca muito, principalmente a um padre recém-ordenado. Hoje, na paróquia também vivem situações onde surgem dificuldades, há muita violência, jovens dependentes químicos, isso gera uma miséria enorme. A situação no Congo só quem esteve lá e viu pode contar. Lá ele permaneceu em um seminário em Bucavo, com 28 jovens, aprendendo a língua local para depois ir trabalhar na floresta. Ele relata: “O que me encantava era a festa do povo. Apesar da situação, o povo é de uma fé e acolhida imensa. A missa durava três horas. Os cantos e danças motivavam a rezar. Na língua francesa, na língua deles. Apesar das dificuldades, da situação em que vivem, eles têm a alegria de fazer festa. E a eucaristia para eles é realmente a festa da vida. Para o africano, assim como para o brasileiro, o símbolo de festa é a dança. Por isso dançavam, era uma coisa muito linda de se ver.”

Padre Wagner é um pouco tradicionalista. Ele afirma: “A liturgia tem suas adaptações, há às vezes algum exagero. Mas pode-se adaptar e criar coisas para que a pessoa sintase bem. O importante na eucaristia é vir buscar Jesus Cristo, por ele vamos adaptando as coisas, respeitando o local onde estamos. Como padre sou o presidente da celebração, mas todos nós celebramos juntos a missa. Na África, quando eles dançavam eu ia dançar com eles. Eles diziam: ‘Nossa! O padre dança!’ Eu dizia: ‘O padre celebra com vocês e, se vocês para celebrarem precisam dançar, eu vou dançar!’ Eram só os tambores e as vozes, é muito bonito. Depois do Concílio Vaticano II é que foi permitido adaptar a missa à cultura. Outro dia pediram para

fazer a missa em italiano na cidade de Rio das Pedras. Telefonaram para a nossa paróquia porque sabem que aqui tem padre italiano. Fui, ao chegar me perguntaram se eu era italiano. Disse que não, mas havia morado por seis anos na Itália, onde estudei a fundo o idioma, sendo que hoje falo o italiano fluentemente. Rezei a missa inteirinha em italiano. Quando terminei a missa, uma senhora me procurou e me disse: ‘Padre, foi tão linda a missa! Não entendi nada, mas foi linda!’ Claro, a homilia (sermão) fiz em português. As pessoas vem à igreja para buscar Deus.”



**Pastor Luiz Antonio
Aparicio Callaú**

HÁ UMA IGREJA METODISTA na Rua Benjamin Constant, situada duas quadras acima da Av. Dona Jane Conceição. Fundada em 18 de maio de 1951, ela mantém sua beleza clássica, que nos remete a imagens de igrejas norte-americanas. Seus fiéis têm como pastor Luiz Antonio Aparício Callaú, nascido na região oriental da Bolívia, na divisa com Rondônia. É um dos cinco filhos do militar Anacleto Aparício e da Profa. Sarah Callaú, ambos metodistas. Fez seus estudos regulares, em seguida estudou Teologia na Universidade Metodista de São Paulo e Psicologia na Universidad Mayor de San Andrés, Colômbia.

Começou a trabalhar em uma área rural da Bolívia com os camponeses, em uma época politicamente complicada, sob o regime de Hugo Banzer. Teve que deixar a Bolívia: a maioria dos grupos de esquerda dessa época era de orientação trotskista, o grupo do qual ele fazia parte era um pouco mais conservador, hoje chamaríamos de centro-esquerda. .

Não chegou a pegar em armas, eram muito jovens na época. Pastor Luiz fazia parte do grupo de doutrinação. Nessa época o povo latino-americano começou a tomar consciência de sua situação de ignorância, de como era explorado. Esses movimentos surgiram nos meios estudantis, universitários.

A maior fonte de renda da Bolívia era e ainda continua sendo seus produtos minerais, recentemente fizeram uma descoberta sobre a existência de uma reserva de estanho que ninguém poderia supor que existisse. A Bolívia é um país que

tem recursos naturais, mas que sempre foram explorados por empresas multinacionais, especialmente as de origem norte-americana.

Luiz não teve outra opção, a não ser vir ao Brasil, e não se arrepende. O Bispo Metodista tinha conseguido para ele uma bolsa no México. Nessa época Luiz Antonio corria com motocross e sofreu um acidente, perdeu a oportunidade. Quando saiu do hospital já não tinha mais tempo hábil para se matricular no México. O Bispo disse-lhe que os brasileiros haviam oferecido uma bolsa, Luiz Antonio nunca havia imaginado vir para o Brasil. Veio para Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo, na Universidade Metodista de São Paulo, não tinha o menor conhecimento do Brasil.

No período em que atuou na ação realizada na zona rural boliviana, algumas vezes foi escalado para levar alguns brasileiros que estavam saindo do Brasil em direção ao Chile e ao Peru, por volta de 1973, quando a repressão atuava com rigor no Brasil. Seu contato com alguém que falava português era com essas pessoas. A sua mudança para o Brasil foi radical: La Paz tinha 500 mil habitantes e São Paulo, 10 milhões! Hábitos alimentares e comportamentos não eram muito diferentes, difícil foi aprender outra língua, Nessa época Luiz Antonio tinha 22 anos. Aos 28 anos, formou-se em Teologia aqui no Brasil – o curso de Teologia é de quatro anos –, nesse período ele voltou e permaneceu mais de um ano na Bolívia.

Seu trabalho sempre foi de cunho social e algumas vezes, por consequência, envolvendo política. Em 1979, ao se formar em Teologia, foi nomeado para Igarapava, com apenas uma igreja metodista. A Igreja Metodista no Brasil está dividida em seis regiões. Nos primeiros meses foi sofrido, tanto para o Pastor Luiz Antonio como também para os fiéis. Ele estava acostumado a um meio mais acadêmico, sentiu a realidade dos fiéis habituados a trabalhar no campo. Foi um período de adaptação tanto para a Igreja como para ele, e por isso mesmo tornou-se interessante. Ele conta: “Isso foi em 1980, não podemos esquecer que nessa época as igrejas tanto evangélicas quanto a Igreja Católica em si, as comunidades eclesiais de base, estavam começando a se

fortalecer, as igrejas estavam vivendo a força da Teologia da Libertação. Isso deu um barramento a todos os sacerdotes da Igreja Católica, os pastores evangélicos a trabalharem com o povo. A linguagem era mais comum, houve essa sintonia entre todas as igrejas evangélicas e inclusive com a Igreja Católica com os padres que estavam se formando. Havia encontros constantes, participação em movimentos sociais. Foi um momento riquíssimo da Igreja. Condensar a Teologia da Libertação é um pouco complicado. É uma prática social, uma convivência com os problemas sociais. Ainda estamos vivendo o momento forte da luta do povo contra as ditaduras. O povo está mais consciente e lutando mais pelos seus direitos.”

O seu grupo nunca se relacionou muito com o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra - MST. É outra realidade. Ele reflete: “A Teologia da Libertação é uma superação do desejo da luta armada. Os católicos formataram a Teologia da Libertação, ela nasceu com o movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), que é um movimento de evangelização e conscientização da realidade que o povo está vivendo. A época anterior a isso é a Alfalit, através da alfabetização é que iriam conscientizar as pessoas.”

Após dois anos em Igarapava, o Pastor Luiz Antonio foi para Franca. Uma cidade maior, com problemas diferentes, o centro industrial de Franca está centralizado nos calçados. Quando o mercado exportador está bom, a situação econômica da cidade é boa. Em Franca permaneceu por dois anos, onde em 4 de fevereiro de 1984 casou-se com Elenice de Souza Aparício Callaú. De lá foi para Botucatu, em 1984, uma cidade com grande número de viúvas de aposentados da FEPASA. Lá permaneceu apenas por um ano, seguindo para Dourados, no Mato Grosso do Sul; em seguida, foi para Avaré, logo depois se dirigiu para Andradina, onde permaneceram por nove anos.

Foi pastor por mais cinco anos em Avaré. De lá veio à Piracicaba para a Igreja Metodista da Paulista.

A Igreja Metodista da Paulista é de 1951, foi fundada por uma missionária norte-americana e uma leiga. A Congregação começou em uma casa que ainda existe. No bairro não existiam outras casas, era considerado bairro Paulicéia. Quando a igreja tomou corpo, alguns fiéis organizaram outra que é a do Matão. Aproximadamente 110 fiéis frequentam a Igreja Metodista da Paulista.

Há cultos todas às noites, com exceção de segunda-feira; às terças e quartas há nas residências dos membros da igreja. Quintas há no templo, sextas em residências, sábados geralmente há ensaios do conjunto de louvor e domingos há escola dominical às 9 horas e culto às 19 horas. A Igreja Metodista sempre faz um ministério de solidariedade. Nesse momento a Igreja Metodista da Paulista apadrinhou uma família de desabrigados com a catástrofe que ocorreu na região serrana do Rio de Janeiro. O pastor comenta: “A experiência nos mostra claramente que quando acontece alguma tragédia natural, onde muitas pessoas perdem casas, famílias, eles recebem ajuda nos primeiros dias, em quantidades que até chegam a se estragar. Depois essas pessoas são esquecidas. A Igreja Metodista da Paulista optou por apadrinhar uma família durante um ano, determinando uma ajuda com determinado valor em dinheiro. Essa família tinha acabado de adquirir uma perua Van para trabalhar, não tinha seguro, a enxurrada levou, inclusive destruiu sua casa.”

Há uma diretriz, o crescimento da igreja é lento e real, livre de qualquer visão mercantilista da fé. As igrejas tradicionais com certeza fazem um trabalho sério e por esse motivo também são as que crescem menos. Pastor Luiz Antonio diz: “Questiono muito a avaliação e a evolução do ser humano, não temos um parâmetro para isso. No meu entender e da Igreja, está cada vez mais isolado, mais ilhado. A vida social é mínima. O povo está vivendo insegurança em todos os sentidos, até espiritualmente. O materialismo tem o seu quinhão nesse tipo de comportamento. Falta espiritualismo, solidariedade. São muitos fatores que determinam. O fato de me preocupar apenas comigo sem me preocupar com os outros. Hoje mal cumprimentarmos nossos

vizinhos. Quais são os problemas que estão enfrentando, quais são suas alegrias. Esse é o grande desafio das igrejas. As crianças permanecem mais na internet, os adultos em frente à televisão. Vejo idosos em casas com grades, olhando de dentro para a rua, eles estão presos dentro de casa. Ficam olhando os outros passarem na rua, vendo a vida passar, esperando o seu dia final, sem motivação. Nós trabalhamos muito essas questões de relacionamento, como a palavra de Deus pode iluminar a nossa vida. O culto deve ser sempre a celebração da vida.”

Ele prossegue, dizendo: “Uma vez estava com o meu professor de aconselhamento pastoral e ele disse uma verdade: ‘Quando os católicos deixaram de ir aos confessionários, quem se beneficiou foram os psicólogos’. Eu tenho as minhas diferenças com os católicos, mas uma coisa que os católicos tinham, alguns poucos ainda mantêm, e nós metodistas mantemos é o fato de poder confessar seus pecados diante dos irmãos com a certeza de que os irmãos não irão sair correndo para contar aos outros.”

O senhor irá dizer que tem uma dificuldade e irá pedir que orem para solucioná-la. No grau de intimidade existente no grupo, esse irmão pode dizer se o problema é financeiro, com os filhos, com a esposa, sempre terá alguém para ouvir, para compartilhar. A maioria das igrejas perdeu a capacidade de ouvir. Essas mega igrejas não permitem à pessoa se expressar, não tem mais um ombro amigo para ouvir. Elas não são mais pessoas, é massa. O diálogo e a comunicação dentro das famílias são cada vez mais pobres. Uma das funções de um pastor é saber ouvir antes de falar.

Pastor Luiz explica que dentro da Igreja Metodista há um bom número de rapazes e moças, a Igreja Metodista aceita o pastorado feminino, tem até uma bispa. Foram dos primeiros a aceitar o pastorado feminino. Ele expõe seu ponto de vista sobre um tema polêmico: “A questão da castidade imposta pela Igreja Católica eu acho que é um dos seus grandes erros históricos, em que ela só tem a perder. Se a Igreja Católica acabasse com o celibato seria uma das grandes preocupações das igrejas evangélicas. O número de vocações dentro da Igreja Católica aumentaria assustadoramente.

Temos que reconhecer que dentro da Igreja Católica existem padres que abraçam isso como vocação. Eu os admiro.”

A Igreja Metodista da Paulista acolhe fiéis da cidade toda. Não há limite, conforme as pessoas se identificam com a igreja, elas passam a frequentá-la. Há até maneiras como expressam a fé: mais conservadores, mais liberais, mais carismáticos. Pelos seus colegas, o Pastor Luiz Antonio é considerado conservador.



**Maria Magali
Guidolin
e
José Adroaldo
Guidolin**

A AVENIDA 31 DE MARÇO em Piracicaba é hoje uma das mais movimentadas artérias que cortam a cidade, com seus enormes galpões abrigando estabelecimentos comerciais que atuam nas mais diversas áreas. Onde hoje é o Bairro Higienópolis, até algumas décadas havia uma região de muitas chácaras, com as características próprias de imóveis de zona rural, animais de grande porte, água de poço, criação de aves, caprinos, suínos, plantas frutíferas. Rancho Alegre é um nome que permanece na lembrança dos piracicabanos nascidos há 50 anos ou mais. Um confeitiro húngaro, Luiz Acs, deixou seus país, veio para o Brasil, foi encaminhado para a lavoura de café, onde suas mãos de artista adaptaram-se ao trabalho pesado. Após algum tempo saiu do campo e foi para São Paulo, indo trabalhar no Fasano, templo gastronômico que até hoje aguça o refinado paladar de clientes portadores de carteiras bem recheadas. A elegância e a mística do Fasano sempre acompanharam a evolução da cidade de São Paulo, em mais de um século de existência ocupou diversos endereços em uma clara demonstração de sintonia com sua clientela. Nesse ambiente de muito glamour, Luiz Acs exerceu o ofício de confeitiro, aprendido em sua pátria. Determinado dia, acompanhado de seu pai, veio até Piracicaba, provavelmente em prospecções de novas oportunidades, e acabou permanecendo. A cidade de São Pedro é conhecida no Brasil e em outros países pela qualidade e beleza dos seus bordados. O início dessa atividade, que veio a ser um cartão de visita de São Pedro, aconteceu pelas mãos

de Joana de Barros Furlani que, em 1929 começou a ministrar aulas de bordado a dezenas de alunas, os famosos trabalhos em ponto cruz, que requerem habilidade e muita paciência de quem se propõe a bordar. Quando Dona Joana mudou-se da cidade, uma de suas alunas, Ana Hermelinda Baltieri, prosseguiu seu trabalho, que teve, a partir de 1940, reconhecimento público. A partir dessa época, o bordado produzido em São Pedro tornou-se um importante ramo de negócio devido às muitas compras feitas por turistas. O Museu Gustavo Teixeira guarda trabalhos e objetos de uso pessoal de Dona Joana, uma alusão ao Museu do Bordado Joana de Barros Furlani. Dona Joana casou-se em São Pedro. Contraiu segundas núpcias em Piracicaba, com Luiz Acs e ambos construíram o Rancho Alegre, que fabricava doces e salgados, tinha amplas instalações para festas sociais, além de um restaurante frequentado por muitos piracicabanos ilustres. As coxinhas, empadinhas, croquetes, bombocados, folhados, caçarola italiana, bolos com decoração artística minuciosa, assados muito comuns na época, leitões, patos, cabritos, o famoso frango com polenta. Em 25 de maio de 2008, o prefeito Barjas Negri esteve no Jardim Higienópolis onde, junto à comunidade e demais autoridades, entregou oficialmente o novo centro de lazer do bairro denominado Joana de Barros Furlani, área de 2.575 metros quadrados, totalmente gramada, com um campo de areia cercado por alambrado, brinquedos, bancos de madeira, iluminação, lixeiras, calçadas e pista de caminhada, mesa de jogos, bebedouro e total iluminação. A filha mais nova do casal Joana e Luiz, Maria Magali Guidolin, nascida em Piracicaba a 25 de março de 1943, juntamente com seu marido, o engenheiro agrônomo José Adroaldo Guidolin, nascido em Piracicaba a 26 de novembro de 1940, ajudam a resgatar lembranças do Rancho Alegre.

Joana de Barros Furlani nasceu em 24 de junho de 1914 e faleceu em 20 de março de 1996. Seus trabalhos em bordados estão no Museu do Bordado Joana de Barros Furlani, de São Pedro, onde há até a cadeirinha utilizada por ela para bordar quando ainda era interna do Lar, doada pelas irmãs para o museu. Sua mãe faleceu quando

Joana era ainda criança, seu pai ficou viúvo com os filhos para criar e educar. Naquela época a melhor opção foi encaminhá-la para o Lar Escola Maria Nossa Mãe. Ela foi criada e educada pelas freiras, recebendo a sua formação e inclusive aprendendo a bordar. Saindo do Lar, ela foi morar em São Pedro com uma família, onde também se casou. Naquela cidade passou a ensinar as pessoas a bordar: na rua, nas calçadas, na praça. À tardezinha, as pessoas se aproximavam dela e com ela aprenderam a bordar. Essa história foi pesquisada e publicada pelo jornal O Estado de São Paulo.

Juntamente com seus três filhos, frutos do seu primeiro casamento, ela passou a morar na Rua São José, em Piracicaba, bordando, fazendo doces e salgados para manter a casa. Após algum tempo ela conheceu Luiz Acs.

Luiz Acs veio da Hungria, imigrou com seus pais. Ao chegar ao Brasil foi trabalhar na lavoura de café em São Manoel. Mesmo tendo feito o curso de confeitiro na Hungria, dizia que quando começou a trabalhar na lavoura “pegava no guatambu”! Conforme melhorou a situação, foi morar em um sítio adquirido pela sua família em Mogi das Cruzes. Seu pai faleceu em Piracicaba em 1956. Antes de vir morar em Piracicaba, Luiz Acs foi confeitiro no Fasano em São Paulo, em uma época em que era necessário ter muito conhecimento para ser confeitiro. Em Piracicaba ele trabalhou, entre outros lugares, como gerente na Fábrica de Massas Cacique, de propriedade de Augusta Maignon, que fabricava macarrão, bolachas. Maria Magali fez a pré-escola no Externato São José, o primeiro ano no Sud Mennucci, depois no Instituto Piracicabano, e o curso técnico na Escola Cristóvão Colombo, a Escola do Zanin. Morava na Rua São José, quando em 1948 mudaram para a chácara que passou a ser o Rancho Alegre. Ela e irmã iam para a Escola Sud Mennucci caminhando pela linha do trem da Sorocabana. Era uma verdadeira viagem. De manhãzinha, caminhavam em direção à escola, quando viam o trem da Companhia Paulista passar, indo para São Paulo.

Antes de ser adquirida a área da chácara, havia a opção de comprar uma casa muito grande, localizada à Rua Voluntários de Piracicaba, entre as ruas Governador Pedro

de Toledo e Santo Antonio. Outra opção que surgiu na época era adquirir a Padaria Jacareí, que existe até hoje com esse mesmo nome. Seus pais decidiram por adquirir área da chácara. Passaram a fazer doces e salgados, como folhados, empadas, coxinhas, croquetes, torta de banana, mil folhas, sonhos que eram entregues em vários colégios de Piracicaba, como no D. Bosco, Piracicabano, Assunção e outras escolas. Eram levados, em um tabuleiro, por carrinho de tração animal. A elite piracicabana da época consumia muito o bolo folhado e o apfelstrudel, que é um folhado de origem alemã, de maçã. Maria Magali estudava na Escola Zanin, levava seu lanche, seus colegas queriam também. Com isso passou a levar uma bolsa com material de escola e outra com doces e salgados. Passava uma listinha onde seus colegas escreviam quais doces ou salgados iriam querer que ela levasse. Ela ia a pé, caso chovesse tinha levar um par de calçados para trocar. José Aldroaldo lembra-se de Dona Justina, com seu avental impecável, uma cesta grande, vendia bombocado, creme, empada, ele era um garoto de uns 10 anos. Dona Justina se abastecia com produtos feitos no Rancho Alegre, ficou na história da cidade que ela percorria.

O acesso ao Rancho Alegre era seguir no sentido centro-bairro pela Rua Benjamin Constant, até a Av. Dr. João Conceição, onde deveria virar à esquerda, continuando até a Av. Bairro Verde. Nesses trechos as ruas eram calçadas com pedregulhos, a Rua Benjamin Constant era utilizada nos dois sentidos de direção. Outra opção, utilizada por pedestres, era, caminhando pelos trilhos da Estrada de Ferro Sorocabana, atingir a Av. Independência. Algumas vezes sentiam medo de alguém desconhecido e davam uma volta, indo sair na mesma Av. Independência, só que na altura da Santa Casa, uma volta enorme. Era uma área formada por chácaras, muitas com mangueiras, as ruas existentes hoje não existiam na época. A própria Av. Independência era apedregulhada, não era asfaltada. Onde hoje é o Teatro Municipal Dr. Losso Neto era o campo de futebol do Ipiranguinha. Na Av. Independência as construções existentes eram a Santa Casa e o Seminário Seráfico São Fidélis, muitas casas foram construídas

depois. No começo da Av. Luciano Guidotti havia uma vilinha de casas, e de algumas ainda há vestígios. Na esquina da Rua Riachuelo com a Av. Independência surgiu uma das primeiras construções, um sobrado que ficava do lado esquerdo da Riachuelo.

José Aldroaldo começou a namorar sua esposa Magali em 1960. Ele morava na Rua Moraes Barros, 1410. Tomava o ônibus que subia a Moraes Barros, da Auto Viação Marchiori, descia no ponto em frente a Santa Casa e de lá vinha cortando o caminho para chegar até o Rancho Alegre.

Magali lembra-se que, ao se mudar para a chácara, que veio a ser denominada de Rancho Alegre, havia alguma construção, tinha que ter uma casa, porque eram sete pessoas: seu pai, sua mãe, seus três irmãos, sua irmã e ela. A casa existente deveria ser suficientemente grande para comportar todos. As melhorias foram sendo feitas, até que se resolveu fazer esse rancho enorme, aí passou a ser uma atividade industrial, onde tudo era dimensionado para atender uma grande demanda. O movimento maior era aos fins de semana. No período em que o Comendador Antonio Romano presidiu o XV de Novembro, os jogadores tomavam suas refeições no Rancho Alegre. Muitos casamentos celebrados em Piracicaba tinham suas festas feitas no Rancho Alegre. Pode-se dizer que era o que hoje chamamos de buffet: contratavam garçons para o serviço, a capacidade era para atender até duzentas pessoas com toda estrutura necessária. As louças eram brancas, talheres de inox. O fogão enorme, a lenha, com uma característica interessante, ele não ficava em um canto como encontramos sempre os fogões a lenha, foi construído de forma que permitisse o acesso por ambos os lados. Magali lembra-se que, ainda criança, colocava um caixote de madeira para alcançar as panelas.

O início de atividades do Rancho Alegre foi em 1948, época em que não havia nem energia elétrica. Permaneceu com a família toda trabalhando ali até 1965. Não houve continuidade por parte dos filhos. Luiz Acs ainda permaneceu trabalhando por mais alguns anos; a irmã de Magali foi lecionar em São Sebastião, no litoral norte; Joana dividia-se entre São Sebastião e Piracicaba.

Seu pai fazia muitos salgados para Célia Perches, ele ia entregar a pé. Os salgados servidos no Clube de Campo de Piracicaba eram feitos por ele. As festas finas de Piracicaba eram abastecidas com salgados, doces, bolos confeccionados por Luiz Acs. Além de atender a encomendas de várias partes da cidade, tiveram duas casas de lanches, uma na Rua XV de Novembro e outra na Rua Moraes Barros, funcionando ao mesmo tempo.

No Rancho Alegre eram criados animais para serem abatidos e servidos aos clientes. Criavam perus, cabritos, carneiros, porcos, havia uma horta, era uma chácara muito grande. Seu tio João e sua tia Gertrudes Garcia moravam na chácara, os animais eram cuidados por ele. Nestor foi uma das pessoas que trabalhou por muitos anos no Rancho Alegre, mais tarde ele trabalhou na Tutti Buona Massa.

Joana deu esse nome, Rancho Alegre. Ela gostava de muita gente reunida, aos sábados e domingos eram realizados os almoços frequentados por muitas famílias. Existia uma nascente de água maravilhosa na chácara. Luiz Acs servia muitos professores da ESALQ que vinham almoçar no Rancho Alegre, a água da nascente em análise feita por eles foi considerada potável. Telefones só existiam o da Paróquia Imaculado Coração de Maria (Igreja da Paulicéia) e o do Rancho Alegre, que era o número rural 20, servia a todos os moradores vizinhos.

Até hoje procuram Magali, querem que ela faça um daqueles bolos que seu pai fazia. Infelizmente ela não pode atender.

Magali gosta muito de futebol, ia assistir aos jogos no Estádio Roberto Gomes Pedrosa, a famosa “Panela de Pressão”. Tinha carteirinha de associada do XV de Novembro.



**Maria Aparecida
Bismara Regitano e
Antonio Regitano**

O CASAL DE PROFESSORES Maria Aparecida e Antonio acabou de chegar de uma viagem a Santos, com ele ao volante do seu carro. Muito animados, com o entusiasmo de adolescentes, ambos enchem de alegria o ambiente. Ele nasceu quando sua família morava na Rua do Rosário, esquina com a Rua Rangel Pestana, em Piracicaba, a 23 de setembro de 1931, filho de Amadeu Regitano e Isaura Sartini. Ela nasceu na Fazenda Barreiros Luiz da Costa, em Tietê, no dia 18 de abril de 1934 e é filha de Antonio Bismara e Maria da Costa Bismara. Antonio é conhecido pelos amigos como “Lemão”, uma corruptela de “Alemão”, e Maria Aparecida é conhecida como “Cidinha”. Ambos ministraram aulas para centenas de alunos, foram professores em uma época em que a profissão era reconhecida e valorizada, a população reverenciava aqueles que transmitiam o conhecimento em salas de aula, a remuneração era à altura da função. Em um período em que a indústria automobilística implantava-se no país, recorria-se a diversas alternativas como meio de locomoção. O casal Cidinha e Lemão marcou época ao transitarem pela cidade em uma vistosa Lambretta. Como fosse feita de elástico, à medida que a família crescia iam adaptando-se ao veículo, chegando a cruzar as ruas com o casal e mais três filhos a bordo. Situação impensável nos dias atuais com trânsito pesado e legislação rigorosa.

Cidinha lembra-se com saudades dos tempos em que Tietê produzia as goiabadas e marmeladas tão famosas, do curso de História e Geografia que iniciou na USP, na época funcionando

no prédio da Rua Maria Antonia, local que mais tarde entrou para a história pela participação política dos seus alunos. O casal lembra-se do menino Gilbertinho, correndo pelas dependências da casa em folguedos infantis. Mais tarde esse garoto tornou-se apresentador conhecido no Brasil, o famoso Gilberto Barros. A vida de Lemão e Cidinha retrata a vida de muitos casais de professores de determinada época, e por isso mesmo tornou-se emblemática de um período da nossa história. Lemão resgata uma expressão peculiar e utilizada na época, para dizer que em determinado local havia boas probabilidades de professoras disponíveis para o casamento, um verdadeiro mapa da mina. Dizia-se que ali era o “Tufo do Anel Verde”!

O pai de Lemão foi um dos bons sapateiros existentes em Piracicaba. Tinha seu estabelecimento na Rua Governador Pedro de Toledo, em frente ao Hotel dos Viajantes. Esse hotel situava-se na esquina do Mercado Municipal, onde hoje há uma farmácia, no hotel havia um jardimzinho. Seu pai tinha uma portinha onde havia uma oficina de concertos e venda de sapatos. O seu avô tinha uma sapataria logo adiante, próxima ao local onde hoje é o Hotel Esplanada, em frente ao Mercado Municipal. Seus vizinhos eram o atacadista Sebastião Ferraz e o armazém de secos e molhados do Romualdo Bertozzi. Onde é o Hotel Esplanada era a loja de Tannus Neder, pai do cirurgião dentista, Dr. Antonio Carlos (Lalo) Neder, que é filho de leite da mãe de Lemão. Quando se encontram Dr. Antonio Carlos costuma dizer: “Esse aí é meu irmão de leite!”

Seus pais tiveram cinco filhos: Maria Loreley, Antonio, Amaysa (mãe do apresentador Gilberto Barros), Arlete e Vicente. A professora Maria Aparecida completa dizendo que em sua casa eram seis filhos: Luiz Antonio, Agostinho, José Leônidas, João da Mata, Maria Adelaide e Maria Aparecida.

Lemão diz que tem pouco contato com o sobrinho famoso, Gilberto Barros. De vez em quando ele telefona, entrou para a televisão, nem que não queira a vida segue outro ritmo. De vez em quando ele fica até 20 minutos ao telefone, enquanto deslocava-se de um ponto a outro no trânsito paulistano. Ele foi narrador de futebol, crooner de

orquestra. (Nesse momento Lemão dirige-se até sua discoteca e traz um LP gravado por Gilberto Barros, com uma dedicatória especial aos tios queridos). A Prefeitura de Piracicaba fez uma homenagem a Gilberto Barros.

Prof. Antonio, narra: “Frequentei o Grupo Escolar Barão do Rio Branco, o Externato São José, fiz a quarta série, meus pais mudaram da Rua do Rosário para uma das casinhas humildes que havia na Rua Rangel Pestana, junto ao local onde hoje é o Instituto Piracicabano, depois é que ele abriu a sapataria e mudamos para a Rua Governador. Isso no tempo em que fabricavam sapatões, com cravos (pregos) de madeira, e iam vender nos sítios.”

Houve um tempo em que Lemão fez bastantes chinelos, devia estar estudando no ginásio. Lembra-se de ter levado um amarrado de chinelos, uma dúzia ou mais, para os seminaristas do Seminário Seráfico São Fidelis. Nas proximidades da hoje Praça Takaki havia um sapateiro que processava o material cortado pelo seu pai e fazia calçados, o que hoje chamaríamos de terceirização de mão de obra. Algumas vezes ele foi levar esse material e passava pela Rua do Rosário. Um detalhe curioso é que na esquina da Av. Edgar Conceição com Rua do Rosário havia um ponto de ônibus proporcionando uma aglomeração de passageiros à espera de condução. Atualmente vemos essa cena na Praça Takaki. Ele subia a Rua do Rosário com uma bicicleta Philips, fabricada em 1950 e adquirida na Casa da Chave, situada na Rua Prudente de Moraes entre a Rua Governador Pedro de Toledo e a Rua Santo Antonio. Quando estava no ginásio seu pai fabricou um Keds – primeira indústria a fabricar sapatos com sola de borracha, em 1918 - para ele. Seu pai era muito habilidoso, fabricava o que hoje denominamos calçados ortopédicos. O calçado “Alpargatas” era feito de lona com solado de corda, conhecido popularmente como “enxuga-poça”, quando molhava a sola estufava. Era um produto que o seu pai vendia muito: vinham em caixas de papelão, transportadas pela Cia. Paulista de Estradas de Ferro. Muitas vezes Lemão ia buscar ou despachar mercadorias pela Paulista. Havia um carroceiro famoso que fazia as entregas, ele se

lembra da sua fisionomia, um homem magro, quando ele melhorou de vida adquiriu uma espécie de camionete. Sofreu um terrível acidente e achou mais prudente voltar a usar veículo de tração animal.

A partir da segunda série ginasial passou a estudar na Escola Normal, hoje Instituto Sud Mennucci. Em 1951 formou-se professor. Nesse período acompanhava o trabalho do seu pai na sapataria, que tinha horror à idéia do filho tornar-se sapateiro. A sua meta era proporcionar a melhor formação para os filhos. Lemão gostava de montar calçados: quando mudou para Maristela, no município de Laranjal Paulista, montou um banquinho de sapateiro, uma mesa baixa de madeira, medindo 50 x 50 centímetros, com as divisões feitas por sarrafos onde eram colocados os diversos tipos de pregos e tachinhas necessários ao ofício. Existia uma gaveta, seu pai dizia que a gaveta de sapateiro era uma bagunça, mas as ferramentas necessárias à prática da profissão eram muitas. Havia a lamparina para esquentar ferramentas, o pé de porco, uma ferramenta utilizada para dar lustro na beiradinha da sola.

Uma das atividades mais comuns de Lemão era ir até à Escola de Agronomia Luiz de Queiroz, onde o seu tio Pedrinho Regitano foi bedel e era muito querido. Ele se reunia a seus filhos e iam juntos saborear uma variedade enorme de frutas existentes na Escola Agrícola, como denominavam a ESALQ. Costumavam ir a pé pela Av. Carlos Botelho, com seu chão de terra nua, ou de bonde, geralmente desviando à medida do possível do cobrador, uma prática comum entre muitos passageiros desprovidos de carteiras recheadas. Iam até o Campo de Aviação, atual Aeroporto Comendador Pedro Morganti.

Uma cidade ou localidade com grande número de professoras candidatas ao matrimônio, dizia-se que era o “tufo do Anel Verde”, ou seja, o mapa da mina. Uma referência ao anel de professora, uma jóia com pedra da cor verde, o anel de formatura era um acessório muito utilizado pelos profissionais de cada área. Quem se casava com professora tinha garantia de vida estável. As irmãs de Lemão foram lecionar na

Alta Paulista e ele foi lecionar na Alta Sorocabana, em Presidente Venceslau. Helena Cosentino é que arrumou uma substituição naquela localidade, no Grupo Escolar Dr. Álvaro Coelho. Daqui até lá eram 24 horas de viagem, sendo que 18 horas eram de trem “Ouro Verde” da Sorocabana. Era uma região constituída de casas modestas feitas de madeira, isso foi em 1952. Ele se hospedava em uma pensão com outros cinco professores. O professor tinha salário equivalente ao do promotor público. Um tio da sua mulher era chefe da Casa da Lavoura, seu salário era igual ao dele.

Para lecionar usava um blusão de shantung (tecido originário de Chan-tung, China, produzido com fio de seda), zíper na frente – não era permitido abrir o zíper – e com gravata.

Dona Cida formou-se em Tietê: “Estudei no Grupo Escolar Luiz Antunes, depois cursei a Escola Normal Plínio Rodrigues de Moraes, onde fiz ginásio e curso normal. Formei-me em 1953.”

Lembra-se dos famosos doces de Tietê, da Dona Celica, que era uma das grandes doceiras, fazia doces de goiaba e marmelo. Dona Cida colheu muito marmelo, é uma fruta que dá na ponta de uma vara fina, ela tem o aspecto de um pêssego muito grande, pele grossa e bem amarela. Ao natural é uma fruta horrível de comer, para fazer o doce é necessário cozinhá-la, passar por uma peneira e depois apurar o doce. Ela viu fazer doce por muitos anos.

Em 1954, Aparecida ingressou na Universidade de São Paulo e fez o primeiro ano do curso de Geografia e História, localizado na Rua Maria Antonia, em São Paulo.

Em, 1954 houve um baile na Associação Esportiva de Tietê, e a Rainha de Laranjal Paulista, conhecida como Neguinha Salto, filha do prefeito da época, precisava de um rapaz que fosse alto para formar par com ela. Na época Lemão lecionava em Maristela, que pertencia à cidade de Laranjal Paulista. Dançaram a valsa, ele fez o papel que chamavam de primeiro-ministro, ela era mais alta do que ele. Ao término da valsa cada um tomou o seu rumo, não tinham nenhum compromisso. Eram festas lindas, com orquestra. Ele foi tirar uma moça para dançar, levou uma “tábua” (recusa

a um pedido para dançar), ela não sabia dançar. Abaixou a cabeça, virou de outro lado e convidou Maria Aparecida para dançar. Isso aconteceu em 16 de outubro de 1954, e ele completa: “Estamos dançando até hoje!”

A Profa. Maria Aparecida conta que foi dar aula no Grupo Escolar Rural Dona Isabel Alves Lima em Maristela, substituir a Profa. Dona Idalina Pivetti Piccolo. Estava namorando, após um ano e três meses casou-se em Tietê. Em 15 de dezembro de 1959 mudaram para Piracicaba. A sua casa é de 1961, construída pelo famoso construtor piracicabano Alfredinho Romano, as casas construídas por ele levam seu estilo inconfundível, estão espalhadas por diversos bairros de Piracicaba. Há um quarteirão quadrado inteiramente ocupado pelos conhecidos “sobradinhos do Romano”, construídos em parceria com o Comendador Antonio Romano. Seu marido havia sido removido para Cillos, ela foi chamada para escolher a sua cadeira, escolheu a Escola Típica Rural do Olho D’Água, na estrada de Piracicaba a Laranjal Paulista, um pouco depois do Arraial de São Bento, distante a uns 32 quilômetros. Ia de ônibus, em estrada de terra. De lá foi lecionar na Escola do Bairrinho, para mais tarde lecionar na Escola Estadual Profa. Mirandolina Almeida Canto. Em seguida lecionou na Escola Estadual Dr. João Conceição, onde se aposentou.

Lemão conta que ia dar aula em Cillos pelo trem da Paulista. Ir era fácil, difícil era voltar! O trem só passava bem mais tarde. Pegava carona com algum caminhão de cana e ia até Santa Barbara D’Oeste, onde apanhava o ônibus até Piracicaba. De Cillos foi dar aula no Instituto de Educação Comendador Emílio Romi. Foi convidado a ficar no Setor de Orientação Pedagógica, que funcionava na Escola Estadual Olivia Bianco. De lá lecionou por 16 anos na E.E. Prof. Antonio Mello Cotrin.

Tiveram quatro filhos: Marisa, Amadeu, Jonas e Miriam. Frequentavam o Clube de Regatas, seus filhos aprenderam a nadar no rio Piracicaba, não havia poluição. Tinha trazido de Maristela um barco que ele tinha confeccionado com o auxílio de dois colegas professores.

A Lambretta foi o primeiro carro da família, adquiriu em Americana, no Nardini. Ela era cor creme, ano 1962. Nunca teve um impacto ou emoção tão grande com nenhum outro veículo que adquiriu mais tarde. Ele nunca tinha andado de motocicleta, o primeiro passeio foi certamente em volta do quarteirão.

Sua esposa ficou assustada com as prestações. Para pegar um dinheirinho a mais e pelo fato de ter a Lambretta foi cobrador da Casa Periañes. No dia em que o Comurba caiu, ele estava seguindo para o centro e pelo trajeto regular deveria passar ao lado do prédio. Parou para abastecer em um posto de gasolina quando ocorreu a queda. Dirigiu-se até lá e viu a nuvem de poeira que ainda pairava no ar, assim como o desespero de quem estava ocorrendo ao local.

Eram transportadas pela Lambretta, ele pilotando, a Marisa sentada no pneu atrás (estepe), o filho Amadeu em pé, e o Jonas entre Lemão e sua esposa, totalizando cinco pessoas!



**Conceição Waldira
Brasil Vieira José**

O ROTARY CLUB CONGREGA LÍDERES das comunidades em que vivem ou atuam, ajudando a estabelecer a paz e a boa vontade no mundo, prestam serviços voluntários não remunerados em favor da sociedade. Fundado por Paul Harris, em Chicago, USA, em 23/02/1905, tem hoje representação em 207 países. É membro permanente das Nações Unidas, uma assembléia internacional de países, na qual só três membros não são países, mas que, pela sua importância, têm assento: a Cruz Vermelha, o Vaticano e o Rotary, conforme indica Haroldo Rodolfo Zacharias, do Rotary Club de São Paulo/Leste, distrito 4430.

O Rotary Club Piracicaba-Paulista teve como presidente Walmir José Rodrigues e, entre seus diretores, Adalberto Barrichello. Em uma brilhante iniciativa, decidiu homenagear uma personalidade que, através do seu trabalho impecável e dedicação exemplar, exerceu influência de forma efetiva no aprimoramento moral e intelectual de muitos profissionais que hoje atuam, não só em Piracicaba, mas também muito além de nossos limites geográficos. Agraciada pelos méritos dos seus excelentes serviços prestados, tem uma presença marcante, profissionalismo incomum, e de forma indelével marcou a trajetória dos seus mais de 10.000 alunos. Trata-se da Profa Conceição Waldira Brasil Vieira José, Dona Conceição, como todos a chamavam durante as aulas, durante os muitos anos em que lecionou no Colégio Jorge Coury.

Filha de Mario Vieira, que pertencia a família tradicional de Capivari, sua mãe é Zoraide Brasil Vieira. Conceição nasceu em 29 de setembro, na parte central de Piracicaba, na Rua Santa Cruz. Ela tem uma irmã, Clélia, também professora; seu irmão Waldemar é formado engenheiro agrônomo e reside em Fernandópolis. Seu outro irmão é Dirceu, também engenheiro agrônomo, e mora em Limeira. Seu pai trabalhava na Companhia Telefônica e sua mãe era professora primária, lecionava em Taquaral. Primeiro ela foi lecionar em Itu, em uma linda fazenda.

Começou fazendo o jardim de infância no Colégio Assunção, em seguida foi estudar com a sua tia Hermantina Brasil. Sua primeira professora foi sua mãe. Pela pouca idade, era considerada como ouvinte, até que o inspetor resolveu matriculá-la na escola. De lá saiu e foi para a Escola Sud Mennucci. Depois para o Assunção outra vez. Conheceu Thales Castanho de Andrade. Ele era amigo do seu tio. Teve aula com Benedito Dutra, Rossini Dutra.

Tornou-se professora por influência do seu tio, Dario Brasil (advogado e professor de latim. Dr. Dario Brasil foi o primeiro presidente do Centro Cultural e Recreativo Cristóvão Colombo de Piracicaba). Ele a levava ao seu escritório e a fazia ler as lições em latim. Isso a motivou a ir estudar Letras na Pontifícia Universidade Católica em Campinas, onde teve um grande professor de latim, Francisco Ribeiro Sampaio.

Conceição foi uma das poucas professoras que na época cursaram uma faculdade, ela e Maria Tereza Coelho, que atendeu a um convite que Conceição fez a ela.

Durante o período em que estudou na PUC, em Campinas, morava no Pensionato Nossa Senhora de Lourdes. Por quatro anos frequentou a faculdade. Em seguida prestou concurso para lecionar: quem fez a escolha do local onde ela iria dar aulas foi o Sr. Luiz Schmidt, que foi até São Paulo, levando uma procuração dela autorizando-o a escolher a localidade. Parece que ele gostou do nome Santa Rosa de Viterbo e escolheu lá. Conceição diz: “Uma cidade boa, gente muito acolhedora”. Permaneceu por uns três anos em Santa Rosa do Viterbo. Nessa época saiu a relação de vagas em

Piracicaba e uma das cidades com vaga disponível era Porto Feliz. Seu tio Dario Brasil disse: “Porto Feliz é um porto feliz! Meus antepassados nasceram lá, gostaria que você escolhesse essa cidade”. Ela disse-lhe: “Eu não gostaria!”. Na verdade ela não queria sair de Santa Rosa de Viterbo. Para agradar o padrinho, escolheu Porto Feliz. “E foi meu porto feliz! Lá eu permaneci mais tempo, eu sempre gostei de lá!”

Antes de ir lecionar em Santa Rosa do Viterbo, por indicação do Sr. Mello Ayres ela foi dar aulas no Externato São José, que funcionava no prédio onde mais tarde foi a Faculdade de Odontologia. Quando ela estava subindo as escadarias, logo na entrada, uma irmã disse que ela era ainda muito criança para lecionar. Conceição respondeu-lhe: “A senhora é tão jovem e já é diretora!”. Ela não sabe de que forma a religiosa resolveu o assunto, mas passou a ser professora da escola.

Sobre como conheceu o seu futuro marido Jamil José Neto ela diz: “Porto Feliz me conquistou porque achei o Jamil! Foi lá que eu o conheci. Ele tinha um sistema de alto-falantes. Depois ele se mudou para Aparecida, onde ficou por vários anos. O meu encontro com o Jamil foi bonitinho! Éramos várias professoras que morávamos em uma casa, na rua principal, inclusive a Profa Flordelis, que lecionou francês no Colégio Dr. Jorge Coury, morou lá. Havia um restaurante quase em frente à nossa casa, nós tomávamos nossas refeições lá. Tínhamos uma empregada que cuidava da casa. Era uma casa grande, de uma senhora que a repartiu e alugou metade para nós. Na frente morava uma família de sírios. Muitos amigos dessa família iam visitá-los. O Jamil José Neto era parente dessa família, um dia ele veio de Aparecida. Foi assim que o conheci. O que mais me impressionou no Jamil foi seu coração!”

Jamil morava em Aparecida, aos sábados ela vinha a Piracicaba. Casaram-se depois de um ano. O casamento civil foi em Piracicaba e o religioso na Basílica de Aparecida do Norte, o celebrante foi o Padre Galvão, do mesmo ramo da família de Frei Galvão. Foi um casamento muito bonito, obedecendo aos rigores da liturgia.

“Eu me senti realizada. Digo sempre às crianças (filhos), que eu tive uma infância

feliz, meus pais eram muito bons, adolescência também, embora tenha ido muito jovem para Campinas, aos 15 a 16 anos de idade. Eu era destemida porque o meu tio Dario dizia que, se tinha idade para fazer o curso, deveria fazer; se não tinha idade, iria fazer o curso do mesmo jeito! Ele providenciou a minha emancipação para que eu pudesse estudar.”

Ela prossegue: “Eu admirava no Jamil a sua capacidade de se expressar muito bem, ele falava muito bem. Às vezes, ele titubeava um pouco quando escrevia. Mas como ele falava bem! Eu ficava ouvindo-o! Eu gostava muito do programa que ele apresentava na rádio em Aparecida. Era música ao entardecer. Eu morava em Porto Feliz e sintonizava o Jamil Neto transmitindo pela rádio em Aparecida do Norte quando não éramos casados ainda. Quando ia a algum lugar longe, ele me dizia algo durante as transmissões. Eu gostava muito, achava que ele narrava muito bem futebol. Ele torcia pelo Palmeiras e eu pelo São Paulo. Cheguei a visitar o Maracanã. Ah! Carnaval! Gostei de Carnaval, dançava. O Jamil foi diretor da escola de Samba Equiperalta, juntamente com meu irmão Dirceu. Mais tarde foi diretor da Zoom-Zoom.”

Em Aparecida do Norte ela permaneceu por dois anos aproximadamente. A seguir veio para Piracicaba, lecionou na Escola Sud Mennucci, substituindo seu tio Dario Brasil. Depois prestou concurso, passou, e escolheu o Colégio Dr. Jorge Coury, que funcionava no prédio ao lado da Igreja dos Frades. Depois de uns meses chegou “Seu” Arlindo Rufatto como diretor.

Das professoras efetivas deve ser uma das pioneiras do Colégio Dr. Jorge Coury. O diretor Arlindo Rufatto era muito rígido. Ela gostava disso, achava que precisava para andar tudo na linha. Começou lecionando para a quarta série, depois passou a dar aulas para o colegial, e assim sempre deu aulas no colegial. Ela tinha as anotações com o nome dos alunos, mas na mudança de residência extraviou-se. Cada classe tinha em média quarenta alunos, eram várias turmas, ela lecionava de manhã e à tarde, quarenta anos trabalhando, acredita que lecionou para mais de 10.000 alunos.

A professora continua em suas lembranças: “Tenho muito a agradecer ao Dr. Jairo Ribeiro de Mattos. Eu levava os alunos para apresentarem peças no Lar dos Velhinhos. Acredito que isso ajuda a educar. Ele foi muito atencioso, colocou o Lar à disposição para levar os alunos para as apresentações. Há pouco tempo recebi a visita de uma aluna que mora em uma cidade do sul do país, ela não sossegou enquanto não fez uma apresentação na cidade onde reside da peça Os Saltimbancos. Isso de tanto que ela gostou quando se apresentou no Lar dos Velhinhos. Após a minha mudança de residência, diminuí o número de visitas, acredito que seja por não conhecerem o meu novo endereço. Gosto de receber os amigos. Nos dias atuais, lecionar em algumas escolas tornou-se uma tarefa quase impossível. Acho que um pouco da culpa é dos pais. Eles não ensinam aos filhos que devem respeitar o professor, sobre a necessidade de estudar direitinho. Isso vem do berço, as famílias têm que amparar as suas crianças. Estabelecer liberdade com limites. Sobre as mudanças gramaticais, sinceramente só li o comentário de um professor dizendo que essas mudanças foram desnecessárias.”

Ela também critica a falta de leitura atual: “Temos uma figura pública de grande destaque, que em suas falas comete erros grosseiros, isso é reflexo da cultura popular, mas acho que também depende da própria pessoa. Se eu ocupo um cargo importante eu tenho a obrigação de me preparar para exercê-lo. Infelizmente o brasileiro não gosta de ler. Eu sempre fiz meus alunos lerem, para despertar o costume da leitura. Acho que devemos trabalhar primeiro a nossa língua. Tem alguns dizendo ‘nóis vai’ e depois falam inglês! Será que os naturais de outros países fazem isso por lá? Tive vários correspondentes quando estava na faculdade, inclusive uma do Havai, o nome dela era Eisel, que escrevia alguma coisa em português e não errava. Falta dedicação aos nossos alunos.”

Seu autor brasileiro predileto é Machado de Assis. Em cada autor encontra alguma coisinha. Ela comenta o quanto a leitura faz com que o leitor imagine os personagens e dê vida a eles. Segundo ela, sem dúvida o livro é melhor que o filme! Tem que fazer a imaginação trabalhar.

Prossegue: “Dizem que a língua portuguesa é complexa para quem não a conhece. Eu acho que sim. Realmente é uma língua difícil, mas é tão bonita! Um autor que eu sempre admirei foi Camões, o professor exigia que lêssemos Os Lusíadas. ‘As armas e os barões assinalados / Que da Ocidental praia Lusitana’, e aí vai! Gosto do episódio da Inês de Castro, Adamastor. Para mim Camões foi o autor completo. Ele conhecia bem a métrica para fazer aquelas rimas, conhecia bem o português, conhecia geografia, história, conhecia a humanidade. Eu sempre admirei Camões.”

Até pouco tempo apaixonou-se pelas orquídeas. Adora mexer com plantas. Geralmente não assiste novelas. Quando passou a novela “Caminho das Índias” ela assistiu, achou muito interessante.

Ela tinha prazer em ensinar, e ficava feliz quando o aluno se interessava pela matéria. Teve excelentes alunos. Uma vez ela estava na biblioteca do Colégio Jorge Coury, juntamente com a Profa. Bernadeth Balás, chegou uma professora e disse-lhe: “Porcaria esses livros aqui!” Isso para O Tronco do Ipê, de José de Alencar. O outro era O Guarani, do mesmo autor. A professora Conceição disse-lhe: “Você já escreveu algum livro?” Ela respondeu: “ Não!” A professora Conceição falou: “Eu também nunca escrevi um livro, mas como gostaria de escrever! Se eu tivesse um pouquinho do José de Alencar, seria tão bom!”

Ela acha que se a gente não é capaz de escrever um livro de tal monta, não deve criticar.



**Maria Cecília
Graner Fessel e
José Vicente
Pousa Fessel**

KARL GRANER, NASCIDO EM THÜRINGEN, Alemanha, em 1812, chegou ao Brasil em setembro de 1853. Um dos seus filhos, Heinrich Berthold Graner, que nasceu na Prússia e veio para o Brasil com os pais aos 10 anos, casou-se com uma imigrante suíça, Marianne Obriest Meyer. É o primeiro casamento registrado na Câmara Municipal de Piracicaba, uma vez que, por questões religiosas, não foi registrado na Igreja Católica, como de costume. Maria Cecília Graner Fessel é trineta de Heinrich Berthold Graner, nasceu em Piracicaba em 22 de junho de 1942. José Vicente Pousa Fessel nasceu em São Pedro em 14 de setembro de 1941. Ambos são primos, o pai de José Vicente é irmão da mãe de Maria Cecília. As brincadeiras e os folguedos de infância já tinham aproximado os primos, as tranças da menina Cecília eram o alvo predileto para o garoto José puxar e sair correndo. Por longos anos conviveram no ambiente familiar, e só se deram conta do amor que os envolvia quando a jovem Maria Cecília foi estudar em São José do Rio Preto. Com a concordância da Igreja Católica, casaram-se na Catedral de Santo Antonio, em Piracicaba. São pais de dois filhos muito saudáveis, Paulo Afonso e Vitor, e já são avós. Cecília foi professora na rede estadual de ensino, lecionou no Colégio Dr. Jorge Coury por muitos anos, conquistou respeito e admiração de todos que a conheceram por levar conhecimento técnico e científico, mas, sobretudo, por exercer com extrema competência o papel de educadora. José Vicente por muitos anos foi professor na Faculdade de Direito da UNIMEP, tendo a

satisfação de ver muitos de seus ex-alunos ocupando altos cargos no Brasil afora. Ainda criança, Cecília foi assídua frequentadora dos Cines Broadway e São José; seu pai, Max Graner, era o gerente desses dois cinemas. Maria Cecília é membro da Academia de Letras, Ciências e Artes da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo, integrante do Grupo Oficina Literária de Piracicaba – GOLP, do Centro Literário de Piracicaba – CLIP. Sua irmã Nilda protagonizou uma das passagens que agora, revelada ao grande público, passa a ser parte do folclore piracicabano. Dotada de bela voz, Nilda era escolhida para interpretar a Verônica – a mulher que, na tradição católica, enxugou o rosto de Cristo em sua caminhada para o Calvário - na procissão da Semana Santa. O canto fúnebre sempre foi um dos pontos altos da procissão, mas em determinado ano Nilda interpretou de uma forma tão expressiva que a multidão passou a chorar de forma compulsiva. O seu canto tocou fundo o coração daquelas pessoas, era um profundo lamento. Estranhamente, algumas de suas amigas mais próximas seguravam o riso em ocasião tão solene. Elas sabiam que boa parte daquele lamento de Nilda vinha de um amargo diálogo com o namorado! Era mesmo dor de paixão!

Maria Cecília e sua família moravam na Rua Prudente de Moraes, nas imediações da Igreja São Benedito. Seu pai, Max Graner, era contador por formação e gostava muito de ler, era uma pessoa culta, foi gerente dos cines Broadway e São José por volta de 1946 a 1958. Sua mãe, Otília Fessel Graner, era de prendas domésticas. Cecília tem ascendência germânica por parte de seus pais. Além de Fessel e Graner, a família Keller faz parte da sua ascendência.

José Vicente é filho de Antonio Augusto Fessel e Albertina Fessel. Seu pai era dentista na cidade de São Pedro e a sua mãe, professora. Na época não era muito fácil ser filho de dentista, os recursos técnicos existentes não privilegiavam o tratamento absolutamente indolor, exigia certo grau de tolerância à dor por parte do paciente, o que contribuía para que o tratamento dentário fosse motivo de ojeriza. A casa onde moraram existe até hoje, fica na Rua Veríssimo Prado, a um quarteirão da igreja

matriz. A mãe foi sua professora no Grupo Escolar Gustavo Teixeira. A viagem de trem de Piracicaba a São Pedro demorava duas horas e meia. Com a idade de 10 a 11 anos ele veio para Piracicaba, permaneceu hospedado por uns seis meses na casa dos seus tios, pais da Cecília. Logo depois a sua família mudou-se para Piracicaba. Nessa época seu pai continuou trabalhando em São Pedro, como dentista. Quando ele veio para Piracicaba já estava aposentado.

Estudaram no Grupo Escolar Moraes Barros e no Instituto Sud Mennucci, onde fizeram o curso científico na mesma época, mas nunca na mesma sala de aula. Ela era aluna muito dedicada, estava geralmente com a melhor nota da turma, inclusive ingressou na faculdade classificada em primeiro lugar. Nessa época José Vicente ainda não se dedicava tanto como ela aos estudos. José Vicente trabalhou com Luiz Guidotti na sua indústria de refrigeração, situada na Rua Cristiano Cleophat; como técnico em contabilidade trabalhou na Helssa (Hellmeister e Sbrissa), fábrica de cadeiras.

Quando se casou, Cecília lhe disse: “A minha família não admite gente sem diploma, você vai estudar!” Ele fez o curso de técnico em contabilidade, na Vila Rezende, ao lado da Igreja Matriz da Vila Rezende, na chamada “Escola do Carequinha”, o prédio existe até hoje. Ele não soube dizer exatamente porque era assim denominada. Angelina Aquino era a diretora. Após concluir o curso, sua esposa o apertou para entrar na faculdade. José narra: “Ela sempre foi durona. Fiz o vestibular e para desgosto da Cecília passei em primeiro lugar! Iniciei o curso quando a Faculdade de Direito era no centro, concluí na primeira turma formada no Campus Taquaral. O reitor, Richard Edward Senn, a princípio iria construir o campus da UNIMEP onde hoje se situa o Shopping Piracicaba. Na ocasião houve a permuta pelo espaço onde está atualmente a UNIMEP, na Rodovia do Açúcar. Por 22 anos lectionei na UNIMEP. Fui professor na Faculdade Anhanguera, em Jundiaí e na UNIP de Campinas. Realizei-me sendo professor, valeu a pena. Atuei

na área cível e na trabalhista. O advogado tem que estudar muito. Eu achava que sabia tudo, quando resolvi fazer o mestrado vi que não sabia nada.”

Segundo o Prof. José, faz tempo que esse mercado está inflacionado e a tendência é de aumentar o número de profissionais. Quando fez o curso, em nossa região havia a UNIMEP e a PUC de Campinas, hoje muitas cidades vizinhas dispõem de cursos de Direito. Havia faculdade com até oito classes de alunos no primeiro ano de Direito, cada uma com 80 alunos. Seu parecer sobre um bom advogado é que os requisitos são muitos. Em primeiro lugar, e isso deve haver em qualquer profissão, é a educação. Não confundir educação com instrução. A educação é adquirida ainda na própria família: a noção de que você é membro de uma comunidade, pertence a uma sociedade com regras que devem ser seguidas. O profissional deve ter conhecimento, isso sim se consegue através de estudo. A prática da profissão é essencial ao bacharel, ao sair da faculdade ele é carente de conhecimentos básicos da prática da profissão.

Ele diz: “A morosidade do andamento dos processos ocorre principalmente porque o Poder Legislativo cria um grande número de leis que atrapalham a vida do cidadão. O Poder Legislativo não se preocupa em criar leis que sejam de interesse da população como um todo. Cada código de processo que aparece é mais uma possibilidade de recurso para aquele que perdeu o processo e não quer pagar a conta. A começar do próprio governo. É um ‘sub todas as coisas’! Dona Cecília tem um dinheiro para receber do Governo do Estado, que foi condenado pelo Poder Judiciário a pagar, mas não paga! Há um ano e meio a imprensa trouxe a notícia de que a ‘Lei do Calote’ tinha sido aprovada pelo Congresso Nacional! O governo comprou a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, só que até hoje não pagou! O precatório está lá! Chegou-se ao cúmulo de um oficial de cartório civil, em Piracicaba, dizer que determinada lei que oferecia a gratuidade de registro do primeiro filho, naquele cartório não pegou! Somos nós que escolhemos quem irá nos representar no Congresso Nacional!”

Profa. Cecília diz como anda o nosso ensino: “Após a Revolução de 1964, tivemos

um período de greves no ensino, na época em que Paulo Maluf foi governador. Depois ocorreu um período de euforia e liberdade. Sob o meu ponto de vista, e também de muitos professores com quem convivi, houve uma liberalização excessiva, a tal ponto que o aluno passou a ser mais importante do que o professor, a palavra do aluno e a do professor passaram a ter o mesmo peso diante do diretor da escola. O professor perdeu o seu crédito! Isso foi fruto do período da Revolução. Depois piorou, o governo passou a baixar decretos que influíam diretamente na quantidade de alunos que o professor poderia reprovar. O diretor da escola era pressionado a atingir uma cota de aprovação de alunos. O objetivo era aprovar o maior número de alunos possível! Com a finalidade de promover a ignorância! Para não haver contestação do que o governo fazia na época. Com a história de aprovar por decreto não se permitia que se reprovasse o aluno. Lembro-me de uns rapazes, alunos do terceiro ano colegial, que tinham banda, nunca vinham à aula, apareciam uma vez por mês, iam porque os pais obrigavam a irem. No final do ano, ao fazerem as provas, era evidente que não sabiam nada. Deixávamos para a recuperação e após fazerem a recuperação continuavam não sabendo nada. O diretor da escola chamava cada professor e perguntava: ‘A senhora tem certeza de que esse aluno deve ser reprovado? Ele não atingiu o mínimo possível para ser aprovado?’ Eu dizia: ‘Tenho vergonha de aprovar esse aluno! Ele não sabe nada, além de ser uma vergonha para mim é desrespeito para com os outros que se esforçaram para serem aprovados!’ Isso não ocorre apenas no ensino público. Já sofri esse tipo de pressão em uma escola particular. Esse tipo de coisa não pode existir na educação! A escola deve ser um lugar onde se transmite valores morais, sociais, cívicos. Atualmente isso não acontece.”

A Profa. Cecília diz que gostaria de ter feito o curso de Medicina, infelizmente isso não foi possível. Tinha ela um irmão que morava em São José do Rio Preto, onde havia uma faculdade que oferecia diversos cursos, entre eles o de Biologia, era a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, onde se formou em 1964.

Veio lecionar no Colégio Dr. Jorge Coury, em Piracicaba, quando o diretor era Arlindo Rufatto. Ela já tinha dado aula em um cursinho preparatório para ingressar na faculdade, deu aulas em uma escola de freiras. Quando estava no último ano da faculdade passou a dar aulas em uma escola estadual. Quando voltou para Piracicaba já tinha alguma experiência com alunos. Lecionou na época em que, entre outros, estavam os professores: Conceição, Luizinho, Flordelis, Persão, Clemência. “Seu” Arlindo a respeitava muito porque sabia que ela mantinha a disciplina e ensinava. A escola Jorge Coury funcionava no prédio ao lado da Igreja dos Frades, na Rua Alferes José Caetano. Em determinado dia “Seu” Arlindo anunciou que ganhariam um prédio novo, onde haveria dois laboratórios, sendo um de Biologia e outro de Física e Química. Ele disse-lhe que ela deveria ir até o prédio e determinar como o laboratório deveria ser instalado. A Profa. Cecília foi até lá e indicou onde deveriam ser colocadas as torneiras, bico de Bunsen, e demais instalações. Ele pediu-lhe uma relação de todos os materiais necessários para as aulas de laboratório e, quando o laboratório ficou pronto, “Seu” Arlindo disse que aquele material iria ser comprado devagar. Acabaram comprando microscópios, vidraria. “Seu” Arlindo abriu as portas e deu dinheiro. A família do Dr. Jorge Coury também ajudava a escola, Dr. Raul Coury sempre foi muito atencioso com as necessidades da escola. “Seu” Arlindo Rufatto sempre a apoiou muito e sempre confiou no seu trabalho. Teve uma ocasião em que alguma coisa foi feita errada e ela ficou sem receber, seu salário não veio. Era seu começo de vida e a deixou apavorada: falou com “Seu” Arlindo, ele verificou e disse ter sido um engano da secretaria. Pediu desculpas e pagou do próprio bolso, para quando viesse o salário ela devolvesse. A Profa. Clemência Pizzigatti agitava bastante no sentido de promover eventos, realizaram as exposições chamadas EMDA, Exposição de Material Didático de Alunos, juntamente com o Prof. Luizinho, de Geografia.

A Profa. Cecília sempre gostou muito de proporcionar essas oportunidades aos seus alunos. No Jorge Coury fez duas ou três excursões em conjunto com professores de

outras áreas. Com a professora de História, Eutímia, foi visitar museus em São Paulo, o Planetário. Quando lecionou no Colégio Mello Moraes, fez um curso onde se falou muito da Ilha do Cardoso, que era um centro de pesquisas: fez uma visita com uma turma de professores, achou tão maravilhoso que decidiu levar seus alunos. Lá existe o mar, o costão onde há certos tipos de animais, a vegetação de duna, depois vem a vegetação intermediária, a seguir uma área com uma espécie de serradinho, em seguida a Mata Atlântica. É um local muito interessante para mostrar os tipos de vegetações ao longo da topografia local. Permaneciam por três dias realizando estudos no local. Em 1990 ela se aposentou.

Maria Cecília e José Vicente casaram-se em 3 de janeiro de 1968, na Catedral de Santo Antonio, em cerimônia celebrada pelo Padre Carreta, que batizara José Vicente. Ele veio de São Pedro para celebrar o casamento, o pároco da catedral concelebrou. O Maestro Ernest Mahle executou as músicas ao órgão. A lua de mel foi em Curitiba, viajaram em um carro DKW, ano 1959. Foi uma viagem muito tranquila, não furou um pneu!

José Vicente diz: “Recentemente, fiquei sabendo que fui o primeiro aluno de flauta da Escola de Música de Piracicaba. Iniciei os estudos quando tinha 14 anos, o Maestro Ernst Mahle foi o meu professor. Tanto eu como minha esposa gostamos muito de música clássica. Cantei em alguns corais, sou baixo.”

Até os seus 14 anos não podia se falar de futebol na sua casa. Os seus tios, Otílio e João Pousa, irmãos da sua mãe, são fundadores do XV de Novembro. O mais velho dos irmãos, Joaquim, não jogava, mas ia assistir às partidas trajando, como de hábito na época, paletó, gravata. No calor da partida foi dito algo ofensivo a um dos seus tios que jogava, Joaquim tomou as dores, e do elegante traje pouco sobrou. Com isso futebol passou a ser visto como desgraça na família da sua mãe. Seus tios não deixaram de participar dos jogos do XV de Novembro. A sua avó materna foi residir na casa dos seus pais, com isso futebol era tabu. Aos 14 anos, seu tio Joaquim voltou a morar em

Piracicaba e passou a levar José Vicente aos jogos do XV. Frequentou muito o campo da Rua Regente Feijó. Ele diz: “Era muito gostoso estar ao lado do Prof. Benedito de Andrade torcendo pelo XV de Novembro. Canarinho era goleiro, Pepino o beque, Biguá. De Sordi jogava no São Paulo, Mazzola jogava no Palmeiras.”

Profa. Cecília diz: “Tenho livros escritos, mas não publicados. Há um pronto sobre Maria Cecília Bonachella, com apresentação de Miriam Botelho, há alguma possibilidade de ser publicado (“Os pequenos caminhos de Maria Cecília Bonachella” foi publicado em novembro de 2011). Estou escrevendo o livro “Enredamentos”, título dado pelo meu marido, José Vicente. Nesse livro abordo o aspecto de não vivermos sozinhos no mundo, a gente se enreda com as pessoas. Tudo isso influi na nossa vida. Quantas pessoas passaram pela minha vida, deixaram algo para mim, assim como devo ter contribuído com alguma coisa para elas. Muitas vezes não vi mais a pessoa, mas ela participou da minha formação. Escrevo poesia daquilo que me toca, como por exemplo, versos de cunho social. Já fiz versos sobre os nordestinos, o resgate dos mineiros, os pescadores do rio Piracicaba, cortadores de cana. Escrevo tendo como tema a natureza, os males que o homem provoca nela.”



**Héli de Stefanini
dos Santos**

FOI IMPORTANTE sob inúmeros aspectos a presença das ferrovias na sociedade brasileira. Uma tecnologia que transformou a vida, impondo um novo ritmo à economia, com a abertura de novas linhas percorridas por locomotivas inglesas, norte-americanas, francesas e belgas. Além das locomotivas, carros (de passageiros) e vagões (carga), a marca mais presente desse universo é a estação que, muitas vezes, deu origem a própria cidade. Espaço de encontros, ansiedades, porta de saída e chegada para o mundo. Apitos, fumaças, acenos e adeusinhos a familiares e amigos tiveram as plataformas como palco de desenvolvimento da vida de milhões de brasileiros. A Estação da Paulista em Piracicaba foi construída no ramal inaugurado no dia 29 de julho de 1922. A composição com sete carros de passageiros trazia autoridades e pessoas ilustres. Chegou a Piracicaba por volta das sete horas da noite. Na ocasião foi construído um arco do triunfo em frente à estação, na Rua Boa Morte, por onde passaram as autoridades dirigindo-se ao Hotel Central onde um banquete os esperava. Foi uma festa quando o trem chegou a Piracicaba!

A cidade era servida pela Sorocabana, desde 1877, que mantinha um mau serviço e um trajeto muito longo, principalmente para quem vinha da Capital. A Paulista era para ter continuado até Bauru, mas em 1925 desistiu da empreitada, considerando que a serra que separa as duas cidades tinha dificuldades técnicas muito difíceis de serem vencidas. Em

20 de fevereiro de 1977, o tráfego de passageiros foi suprimido e, nos anos 90, o ramal foi abandonado.

Hélide Stefanini dos Santos inaugurou a casa de número 19 das 23 que foram construídas para os funcionários da recém-inaugurada estação. Ele nasceu no dia 28 de fevereiro de 1919, na cidade de Piratininga, próxima a Bauru. Seu pai tinha um carro de praça, (como se denominavam os táxis), um “pé de bode”, Ford ano 1929 (era comum chamarem os carros por apelidos como "pé de bode", "guarda-louça", "cata cachorro"). Em Piracicaba houve uma época em que chamavam o ônibus circular de “Girdão”, corruptela de Gilda - não se tem nenhuma explicação do porque desse apelido. O bonde fechado, em São Paulo tinha o nome de “camarão” pelo fato de ser vermelho.

Seu pai chamava-se Emílio Stefanini e sua mãe Ângela Del Vecchio. Mudaram para Cabrália, onde seu avô tinha um sítio chamado Floresta. Hélide tinha 10 irmãos. Seu pai veio da Itália, da região toscana, com 9 anos de idade; sua mãe nasceu em Araraquara, era filha de italianos. Até Hélide atingir a idade de sete anos morou em sítio. Já na cidade passou a frequentar o Grupo Escolar de Cabrália. Sua primeira professora chamava-se Maria Aparecida. Ficou em Cabrália até seus 16 anos de idade. Lá conheceu Clóvis Aquino Santos, de 26 anos, telegrafista da Companhia Paulista de Estradas de Ferro Sociedade Anônima, com quem se casou no dia 30 de maio de 1935. Quando começaram a namorar ele foi transferido para Airosa Galvão; quando casaram, ele tinha sido removido para Barreirinho, uma estação perto de Barra Bonita. Depois foi removido para Bauru, Pompéia, Vera Cruz, Rio Claro, Santa Veridiana, Santa Cruz das Palmeiras, Igarassu do Tietê, Corumbataí.

Tiveram sete filhos. O mais velho chamava-se Zulmar Antonio, depois vieram Yolmar Emilio, Adalmar Ivone, Belmar Odália, Xilmar Ulisses, Cilmar Therezinha, Wolmar Octávio. O seu marido escolhia esses nomes diferentes, ele tinha a mania de dizer que queria encontrar o abecedário. As meninas eram A de Adalmar, B de Belmar,

C de Cilmar. Os meninos Z de Zulmar, Y de Yolmar, X de Xilmar, W de Wolmar. Hélide andava bastante de trem naquela época, tinha passe de primeira classe. Ia visitar sua família que morava na região de Tupã, Bauru. O carro de primeira classe era muito bonito, tinha capa de palhinha nos estofamentos. O garçom passava oferecendo lanches, refrigerantes, revistas, jornais, biscoito de polvilho. Isso deixou muita saudade.

Depois de Rio Claro, seu marido Clóvis foi transferido para Piracicaba como chefe da bagagem. O chefe titular era o Sr. Joaquim Duarte Grego, sua esposa era a Dona Conceição. Vindo para Piracicaba passou a ocupar uma das casas existentes junto à Estação da Paulista, a de número 19. Na época, existiam 23 casas. Começava pela do Chefe da Estação, que era a primeira, a mais próxima da plataforma. Na casa seguinte morava um ajudante chamado David de Oliveira, a mulher dele era Dona Margarida. Na casa número 20 morava um ajudante chamado João Miranda. Depois era a casa de Hélide e Clóvis, na casa pegada morava um manobrador (quem fazia as manobras do trem) chamado Eduardo Stipp, que era daqui de Piracicaba. Na casa número 17 morava um senhor, que era conferente, todos o conheciam como “Seu” Arruda. Em seguida, pegada à casa do “Seu” Arruda morava um ajudante chamado Plínio López Siqueira. Ao lado morava um outro ajudante de chefe chamado Nelson Dias da Silva. No número 14 morava Neco Mendes, chefe do depósito, a família era daqui de Piracicaba. Também morava em uma das casas Cecílio Viola, que trabalhava no armazém. Também morava o guarda trem Guilherme Vargas, ele que controlava os bilhetes de passagem picotando-os durante a viagem. O Sr. Luiz Lacerda era conferente do armazém. Existia muita carga. Rodolfo Shaffer era maquinista. O mestre linha morava na casa em frente ao pontilhão da Rua Benjamin Constant, sua função era tomar conta dos que trabalhavam na manutenção da linha do trem, trocando dormentes, mantendo a linha em ordem.

Naquele tempo as máquinas eram movidas por vapor, usavam lenha como combustível. O correio vinha pelo trem. Ficavam dois funcionários no carro de

correio. Um deles era Lazinho Monteiro Cardoso, de Piracicaba, e seu ajudante. Iam os dois sentados na frente, onde existia uma espécie de cofre com a correspondência. Eles iam tomando conta.

Carregavam muito açúcar, álcool, aguardente, vinha muita madeira, toras que iam para o Morganti, no Monte Alegre. Havia muito serviço. Havia a carregadeira e descarregadeira de gado que ficava na área existente atravessando a Rua do Rosário. Pela rua passavam os trilhos e iam até onde hoje é a Av. 9 de Julho

Lácio era um trem composto de um vagão com a mudança e a família junto. As 23 casas iam ser ocupadas pelos funcionários. Cada um já sabia o cargo que iria ocupar, o serviço que iria fazer e a casa em que iria morar. Seu sogro e seu marido vieram juntos e ocuparam aquela casa. Depois que casou é que veio morar aqui. Havia um trem que conduzia um médico da Companhia, o médico fazia as visitas nas casas onde havia alguém doente. Em casos de emergência era só telefonar que um carro especial levava o médico. Toda semana tinha um dia certo para o médico percorrer todo o trecho, de estação em estação, para prestar assistência médica. Era um atendimento voltado só para os ferroviários. Héliide e Clóvis moraram em Tupi também. Na estação tinha a casa do chefe e outras duas casas gêmeas onde moravam o portador e o ajudante de chefe. Durante 15 dias moraram em Caiubi. Havia a estação, as casas de dois portadores, do lado de lá tinha umas vendinhas. Era uma vilinha. Héliide se lembra de Fioravante Furlan, que deu início à Usina Furlan, eles ocupavam muito a estação para embarque. Era um senhor alto. Ela via quando ele embarcava no trem em 1952.

O seu primeiro filho nasceu em Cabrália, o segundo nasceu em Rio Claro, a terceira nasceu em Piracicaba, a Belmar e o Xilmar também nasceram aqui. Eles estudavam em Santa Veridiana, eles iam estudar em Santa Cruz das Palmeiras, aqui em Tupi iam a Santa Bárbara D'Oeste. Essas mudanças atrapalhavam muito o estudo deles. Quando moraram em Jacuba, que hoje se chama Hortolândia,

eles iam estudar em Campinas. Iam de trem. O mais velho ia às seis horas da tarde e voltava à meia noite. Outros dois iam durante o dia.

A função do portador era fazer a limpeza e levar a bandeirinha quando o trem passava em frente da guarita. Ao anunciar que o trem ia chegar, ele ficava segurando a bandeirinha.

Vinham visitas importantes na estação. De vez em quando vinham inspetores, diretores, eles visitavam todas as estações, usavam um trem especial, era de luxo. A Sorocabana tinha uma espécie de automóvel de linha, pequeno, para fazer inspeção de linha.

Em 1932 houve a Revolução Constitucionalista. Héliide era criança, morava em Cabrália. Quando terminou a Revolução, muitos ficaram hospedados em Cabrália, que é uma cidade pequena, todo habitante contribuiu fornecendo refeições para os soldados que voltavam da batalha. Sua escola tinha escotismo, ela se lembra de Julio Prestes quando ele foi a Bauru, os alunos foram esperá-lo. Héliide diz: “Ele era baixinho!” Foi requisitado um caminhão do seu pai. Eles perderam o caminhão, foi destruído pelo fogo. Cabrália tinha muita gabioba. É uma frutinha que dá no campo.

O início do rádio era muito diferente dos dias de hoje. Naquela época pagava-se imposto para ouvir o rádio. Se tivesse um rádio em casa era obrigado a pagar imposto para a prefeitura. Seu pai demorou um bom tempo para comprar um rádio, não era todo o mundo que podia comprar um rádio, era caro. Ela tinha treze anos. Os filmes de cinema vinham de trem em rolos, dentro de uma caixa metálica, uma espécie de estojo que protegia os filmes. Seu pai tinha um salão muito grande em Cabrália. Às vezes colocavam uma tela e os filmes eram passados lá. Também usavam o salão para apresentar peças de teatro, seu pai alugava o salão. Héliide completa: “Que lugar gostoso! Como tenho saudade! Naquele tempo cantavam-se Saudades de Matão, ou de Francisco Alves: Adeus, Adeus... Era uma cidade pequena, porém divertida. Os bailes carnavalescos eram feitos nos locais onde existiam máquinas de beneficiar café, arroz, tirávamos tudo e dançávamos lá. Naquele tempo podia entrar criança. Em

Cabrália tinha curso, cordão. Meu pai teve uma jardineira, naquele tempo era assim que chamavam os ônibus. Eu fazia patinação, meu pai era muito divertido. Ele tinha o rinque, íamos lá patinar. Levava cada tombo, não era no gelo, tinha um corrimão aonde segurávamos antes de cair.”

Ela comenta sobre o filho, o famoso radialista Xilmar Ulisses: “Eu gosto de ter um filho locutor de rádio! Ele tinha 15 anos, era acanhado. Um dia veio um moço convidá-lo para trabalhar na Voz Agrícola de Piracicaba. Ele foi. E gosta muito de trabalhar em rádio. Passei a ouvi-lo narrando esportes. Meu pai era palmeirense. Eu também sou! Naquele tempo era chamado de Palestra Itália.”

O seu marido Clóvis criava pombo-correio, ele pertencia a um clube de criadores de pombo-correio. Colocavam um anel em torno da perna com uma mensagem e soltavam o pombo. Uma vez ele soltou no Rio de Janeiro, o pombo voltou para cá. Ele tinha muitos pombos. Um médico, Dr. João José da Cunha, gostava muito de pombo correio, ia sempre lá. Em Corumbataí, havia mel, Clóvis tinha apicultura. Ele gostava de fazer de tudo, era habilidoso, tinha um banco de carpinteiro.

Hélide narra: “Meu pai queria que eu aprendesse a dirigir carro. Naquele tempo não existia auto-escola. Eu era criança ainda e ele queria que eu aprendesse a dirigir. Eu tinha medo. Meu marido também não dirigia.”

Telegrafista e Chefe tinham muita responsabilidade. Quando passava o trem tinha que pegar o staff (um aro com características próprias que certifica a passagem do trem pela estação.). Em Jacuba era perigoso, passava o trem elétrico, não parava. Uma viagem de Piracicaba a São Paulo levava em torno de quatro horas. Dava para andar dentro do trem durante o percurso, existia banheiro no carro. Hélide diz que o que mais gostava na Estação da Paulista, aqui em Piracicaba, era dos vizinhos, era uma família. Em frente à estação havia um ponto de carro de praça, existia o bonde também. Havia um ponto de carroceiros, uma espécie de fonte, circular, enorme, onde os cavalos bebiam água.



Sylvio Arzola

O PROF. DR. SYLVIO ARZOLLA graduou-se em 1953 pela Escola Superior de Agronomia Luiz de Queiroz. Em 1957 conseguiu uma bolsa de estudos por dois anos na cadeira de Química Biológica. Em 1959 foi convidado para ser professor na cadeira de Química Agrícola. Mais tarde, com a formação de novo departamento, Sylvio Arzolla passou para o Departamento de Solos, Geologia e Fertilizantes, onde permaneceu até 1989. Publicou livros didáticos, apostilas e trabalhos dentro da sua área de atuação. Participou de mais de uma dezena de cursos de pós graduação, além de inúmeros congressos, seminários, no Brasil e no exterior, foi laureado com diversos prêmios. Dotado de grande amor às artes, Sylvio Arzolla participou de muitas oficinas literárias, publicou um grande número de poesias, recebendo diversos prêmios nessa modalidade de expressão. Filiado a diversas entidades literárias de Piracicaba, teve seu talento reconhecido por elas, recebendo prêmios e títulos. A sua ascendência italiana parece estar presente quando Sylvio põe-se a cantar, como fez por 30 anos em diversos corais sacros ou nas tradicionais serestas, juntamente com nomes consagrados da cidade, entre eles Cobrinha, Zezé Adamoli, Toninho Marchini, Bolão. Sylvio Arzolla foi um dos responsáveis técnicos pelo desmembramento da área que integrava a Chácara Nazareth e transformou-se no Bairro Jaraguá. Entre suas lembranças permanece a imagem de infância, quando ruas como a da Boa Morte, Rosário, e muitas outras, que hoje integram a zona central da cidade, eram ruas de terra, sem calçamento. Tem também as

lembranças dos bondes que iam à Agronomia, à Paulista ou à Vila Rezende. Teve participação ativa na Igreja dos Frades, onde conheceu inúmeros freis que tiveram presença marcante junto à comunidade religiosa. Foi Congregado Mariano, sua esposa pertenceu à Congregação Filhas de Maria, na época instituições fortes da Igreja Católica. Meticuloso, detalhista, está muito bem inteirado dos fatos atuais. Habilidade, mostra as barras de ferro que soldou há pouco tempo. Criativo, transforma em poesia fatos corriqueiros. Nascido em Piracicaba a 5 de janeiro de 1924, é filho dos imigrantes italianos Rocco Antonio Arzolla, natural de Nápoles, e Ida Dal Pozzo Arzolla, nascida em Treviso. Ambos emigraram para o Brasil, onde se conheceram.

Seu pai montou uma loja e oficina de fabricação de calçados na Rua Boa Morte esquina com a Rua Ipiranga, em frente onde atualmente há a Padaria do Lar. Atualmente há um sobrado construído no local. Foi ali que ele nasceu, o mais novo de sete irmãos: Rafaela, Afonso, Emilia, Lila, José e Antonio.

Fez o primeiro ano no Grupo Escolar Barão do Rio Branco, os outros anos estudou na Escola Normal (atual Sud Mennucci); o ginásio cursou no Externato São José, aonde mais tarde veio a se instalar a Faculdade de Odontologia, na Rua D. Pedro II esquina com Alferes José Caetano. O colégio estudou na Escola Normal: por dois anos estudou de manhã, fazendo o curso normal, e à tarde, fazendo também o curso científico. Ele e um colega estudaram e se prepararam para o exame de ingresso à Escola de Agronomia.

Passou a fazer o curso de Agronomia em 1949 e se formou em 1953. Por uns dois a três anos trabalhou na medição de terras, sítios. Em 1957 ganhou uma bolsa para trabalhar na cadeira de Química Biológica e, paralelamente, na Química Agrícola, com os Profs. Eurípedes Malavolta e Tuffi Coury. Em 1959 foi convidado para dar aulas, como professor assistente, no curso de Química Agrícola. Fez o doutorado e passou a dar aulas: pela manhã, teóricas e, à tarde, práticas, ao mesmo tempo em que realizava trabalhos de pesquisa. Nesse período totalizou cerca de 40 trabalhos. Permaneceu na ESALQ até 1989.

O loteamento do local onde hoje existe o bairro Jaraguá teve sua colaboração técnica. Isso foi na década de 40. Ele era mocinho e, junto com um engenheiro civil, fez o loteamento dessa área pertencente à Chacara Nazareth. Era um trecho delimitado pela Av. Madre Maria Teodora, Rua Santos, Av. Nove de Julho e Ribeirão do Enxofre, onde atualmente existe a Av. Abel Pereira. Onde hoje é a Av. Dr. Paulo de Moraes, no sentido da Rua do Rosário em direção ao rio Piracicaba, era área ocupada pelas plantações da Chacara Nazareth. Nessa década, a Rua do Rosário, acima da linha do trem da Companhia Paulista, era constituída por algumas casas esparsas. Em função desse trabalho, conheceu Dona Jane Conceição, uma senhora de estatura pequena, muito ágil. Chegou a fazer um trabalho com adubação envolvendo a ESALQ e o famoso café existente na Chacara Nazareth. O bairro Jaraguá é composto em sua maior parte por terra roxa.

Sylvio morou na Rua Boa Morte. Na esquina com a Rua Riachuelo havia a Farmácia Neves, em seguida vinha a casa de Romeu Simionato e a casa dos pais de Sylvio. Em anexo havia o comércio do seu pai, onde eram produzidos calçados, botas. Foi lá que ele aprendeu a costurar calçados: seu pai tinha sete funcionários nesse local. Ao lado, seu irmão Antonio abriu uma loja onde vendia os mais diversos produtos: papelaria, geladeira, arame farpado, havia de tudo. Construiu ainda um barracão existente até hoje na Rua do Rosário, entre as ruas José Ferraz de Carvalho e Gomes Carneiro. Sylvio participou da construção desse barracão, administrando a obra e fazendo a instalação elétrica e hidráulica. Era um depósito da loja e ali funcionava também uma engarrafadora de bebidas, mantida pelo seu irmão Antonio. Como não havia água encanada, foi assentada uma bomba no poço, já tinham energia elétrica na época. As ruas eram de terra, inclusive a própria Rua Boa Morte, onde a água era encanada. Aos 15 anos Sylvio já consertava chuveiro elétrico.

O bonde transitava pela Rua Boa Morte e as crianças brincavam na rua. Havia perigo, mas foram raros os acidentes ocorridos com crianças. Lembra-se de um

acidente: quando o bonde parou, um carro que vinha pela rua atropelou uma criança que foi atravessar a rua.

Além das tradicionais brincadeiras de infância, como esconde-esconde, “pais”, tinham carrinhos feitos de madeira, inclusive os eixos e rodas, que costumavam engraxar para rodar melhor. As crianças menores andavam de calças curtas. O curioso é que na época tinham a “roupa de domingo” e outra para o dia a dia.

Sylvio e sua família frequentavam a Igreja Sagrado Coração de Jesus, conhecida como Igreja dos Frades. Quase não iam à Catedral, que na época da sua infância era o prédio antigo, que deu lugar ao atual prédio da Catedral de Santo Antonio. Ele viu a construção da catedral nova, desde o alicerce. Entre as delícias da época havia os pastéis. Os três locais mais famosos eram no Mercado Municipal, na Rua Governador Pedro de Toledo ao lado do Grupo Barão, e na Rua Prudente de Moraes, esquina com a praça, onde hoje há um banco. Lá havia a Sorveteria Paris que, além dos famosos sorvetes, servia um delicioso pastel.

Casou-se em outubro de 1962, em cerimônia celebrada na Igreja São Judas Tadeu. Conheceu a esposa, Dalva Maria Franco Arzolla, quando ele cantava no coral da Igreja dos Frades, onde ele participou como tenor por trinta anos. Teve como regente Rossini Dutra. Seu pai, Benedito Dutra, foi seu professor de música no Externato São José. Elias de Mello Ayres foi seu professor na Escola Normal. Logo que casaram, foram morar em uma casa de propriedade do artista plástico Pacheco Ferraz. Era uma casa muito ampla, tinha um porão grande e uma das salas Sylvio usava para estudar. Nela abrigou telas pintadas por Pacheco Ferraz que, sabendo do espaço vazio, deixou sob sua guarda algumas de suas obras.

Erotides de Campos foi seu professor de química. Era um bom professor de química, embora tenha vindo a Piracicaba para lecionar música. Ele tocava violino, residiu na Rua Gomes Carneiro, entre as ruas Boa Morte e Alferes José Caetano, a família dele morava próxima. Erotides tinha uma tristeza: foi convidado para dar aula de música

em Piracicaba, mas, por injunções políticas, foi preterido, tendo que se conformar em lecionar química.

Em 1932 ocorreu a Revolução Constitucionalista. Embora fosse um menino de oito anos, viu os voluntários partirem da Estação da Paulista.

A Segunda Guerra aconteceu entre 1939 a 1945. Apesar de alguns estrangeiros terem tido alguns problemas, sua família não passou por isso, mesmo seus pais sendo de origem italiana. Embora tivessem rádio em casa, era proibido ligar. Em sua vida nunca viu seus pais falarem em italiano, sua mãe gostava da língua portuguesa, achava a língua mais bonita do mundo! O que Sylvio aprendeu de italiano foi em função de cantar músicas italianas.

Frequentou o Teatro Santo Estevão, desde os 15 anos. Assistiu a uma peça com um ator de sobrenome Machado, ligado à família que mais tarde foi proprietária da TV Record. Esse artista cantou uma música que memorizou tanto que a cantou durante anos. .

O Teatro Santo Estevão era muito bonito. Seu tio, José Mazzari, italiano, realizou pinturas internas no Teatro Santo Estevão e no Teatro São José. Um dos seus filhos formou-se em Medicina e foi médico na Usina Monte Alegre. Passavam filmes no Teatro Santo Estevão. Onde foi o Shopping Zilliat havia um cinema, lá Sylvio assistia a filmes com Tom Mix.

Conheceu o seresteiro José Benedito Adamoli: foi seu colega de grupo, ginásio e escola normal. Cantaram serestas juntos.

Sylvio frequentava muito a Igreja dos Frades, foi presidente da Congregação Mariana cujo objetivo era auxiliar as pessoas necessitadas. Nas cerimônias religiosas eram identificados pelo uso de uma fita azul, usada como colar, tendo em sua extremidade anterior uma medalha. Sua esposa Dalva Maria pertenceu à Congregação das Filhas de Maria, que se identificavam com uma fita vermelha usada em forma de colar e um véu sobre cabeça. Sylvio fez uma relação dos frades que conheceu na Igreja dos

Frades. O primeiro Guardião que conheceu foi Frei Vital; ao todo conheceu 52 frades que passaram pela Igreja dos Frades. Tinha a liberdade de frequentar a parte interna do convento dos frades. Abaixo uma das inúmeras poesias de Sylvio Arzolla

Canaviais

É manhã,
O sol surge no horizonte
E os cortadores de cana
Já se encontram no batente

A cana que foi plantada
Com esmero e carinho
Hoje, adulta é cortada
E levada ao moinho

Homens, mulheres, crianças,
Munidos com seu facão,
Vão cortando toda a cana
E amontoando-a no chão,

Vida dura e maltratada,
- É próprio da profissão,
Faça sol ou faça chuva,
É preciso ganhar o pão!



Elydio Ferrazzo
e
**Carmem Natale
Fernandes Ferrazzo**

NASCIDO EM 9 DE AGOSTO DE 1936, é filho do imigrante italiano Giovanni (João) Ferrazzo e de Carmem Canhoela Ferrazzo. Giovanni Ferrazzo chegou ao Brasil em 1918, com 13 anos, acompanhado da mãe e de um irmão. Após registro no Porto de Santos, os três foram enviados a Piracicaba, onde permaneceram hospedados por outras famílias italianas. A mãe retornou para a Itália, mas Giovanni, já com 14 anos, permaneceu no Brasil junto com o irmão. Conheceu a espanhola Carmem Canhoela, casaram-se e instalaram na cidade a fábrica de vassouras Cantagalo. Apesar das dificuldades da época, o casal conseguiu superar os problemas financeiros e comprou um sítio (Canta Galo), onde plantavam a matéria prima usada na produção das vassouras, barateando o produto em 40%. Ele colaborou bastante com entidades filantrópicas e é considerado um dos fundadores do Clube Ítalo-Brasileiro. Morreu aos 89 anos, em 10 de novembro de 1994.

Assim que chegou a Piracicaba, ainda muito jovem, Giovanni permaneceu por bom tempo residindo junto à família Ferrari, logo acima do pontilhão da Rua Benjamin Constant. Giovanni trouxe da Itália conhecimentos sobre a fabricação de vassouras, possivelmente aprendidos com seu pai. Aqui ele montou uma pequena fábrica de vassouras. No Brasil só existia a vassoura caipira, ele introduziu vassouras das variedades quatro fios, cinco fios, colonial. Aos poucos foi se desenvolvendo financeiramente, adquirindo um sobrado na Vila Rezende, onde mais tarde funcionou a Rovigo. Era um sobrado com uma casinha ao

lado, que ele alugava para um bar. Embaixo eram portas abertas, onde funcionava a indústria de vassouras, com seis barracões. A primeira indústria que ele teve fabricava vassouras da marca Elefante. Tornou-se uma indústria grande, carregavam-se por dia até dois caminhões de vassoura, cerca de 80 funcionários chegaram a trabalhar nessa fábrica. Ele conheceu sua esposa Carmem, que era filha de espanhóis, quando ela trabalhava nas Indústrias Del Nero, situadas em frente ao Lar Escola Maria Nossa Mãe, na Rua Boa Morte. Tiveram quatro filhos: Antonio, Carmem, Elydio e Ida Maria. Giovanni adquiriu da Família Maluf um barracãozinho, que era utilizado para a fabricação de bebida, media 5 metros de frente por 45 metros de fundo. A palha utilizada para a fabricação de vassoura era importada da Argentina, transportada pela Sorocabana, cada fardo pesava 200 quilos. Junto com a palha vinham sementes que se desprendiam da palha. Giovanni passou a distribuir aquelas sementes. Com isso ele disseminou a plantação da palha da vassoura na nossa região, sempre aconselhando o agricultor a fazer uma seleção por amostragem da melhor semente.

A fábrica de vassouras Elefante tinha um sócio. Bene Gianetti era um dos grandes capitalistas da época, ele e Giovanni tinham fortes laços de amizade. Era muito comum ver os dois frequentando o tradicional restaurante Pappini com seu jogo de bocha, o pastel da Giggetta. Era ali que se reuniam as famílias Mazzonetto, Aleoni, Ometto, Dedini, Bertini, Carnera, Giovanetti, Sega.

Elydio narra: “O Bene Gianetti gostava muito de caçar. Meu pai tinha uma ‘baratinha’ a gasogênio, os dois iam caçar, passavam o dia juntos, só voltavam à noite, eram amigos inseparáveis. Lembro-me do Posto do Paterniani, que ficava no final da Av. Rui Barbosa, onde mais tarde se instalou o posto conhecido como ‘Posto da Velha’. Do lado direito do posto havia a sorveteria do Gustinho Cardinali, era o melhor sorvete que existiu até hoje. Lembro-me do Comendador Mário Dedini quando iniciou suas atividades em um pequeno barracão: fazia peças para arado. Conheci Leopoldo Dedini e o Armandinho Dedini, quando jogava no Atlético. Houve uma época em que meu pai

e Bene Gianetti se desentenderam. Meu pai alugou o prédio para o Bene Gianetti e deixou de participar na indústria de vassouras, mudando-se para o barracãozinho que tinha sido do Maluf. Só que ele teve que esperar o Maluf desocupar o prédio e nesse intervalo de tempo ele alugou por alguns meses o barracão situado à Rua do Rosário, 2561, de propriedade de José Nassif. Nesse barracão nasceu a Indústria Cantagalo. Os atacadistas de São Paulo exigiam as vassouras Cantagalo, eles não tinham a mesma técnica que a nossa.

O nome Cantagalo foi meu pai quem criou. Acredito que ele tenha achado o nome bonito, tanto que mais tarde deu origem ao Posto Cantagalo. Um pouco antes de mudarmos para o barracão que tínhamos adquirido, na Av. Dr. Paulo de Moraes adquirimos também um terreno vazio de 10 metros de frente por 45 metros, que ficava em frente ao bebedouro destinado aos cavalos que tracionavam as carroças. Ao lado, encostado, morava o Dr. Jacob Diehl Neto. Cheguei a conhecer o célebre deputado Tenório Cavalcanti, que esteve em visita a Dr. Jacob. Vi inclusive a ‘Lurdinha’, da qual o deputado não se separava. Era assim que ele denominava a metralhadora que portava para sua defesa pessoal. Tenório Cavalcanti andava vestido de preto. Nos fundos do nosso barracão havia terrenos vazios, com frente para a Rua Joaquim André, eram terrenos onde existiam pés de goiaba plantados. Na esquina, o Joanim Fustaino tinha uma sapataria; os irmãos Giuliani começaram com uma lojinha na esquina. O francês que trabalhava na Morlet tinha uma casa em frente ao bebedouro de água, mais tarde a Morlet mudou-se para a Rua Joaquim André.

Eu deveria ter uns 14 anos quando meu pai adquiriu a casa onde mudamos, a vendedora foi Madame Balboux. Aos poucos meu pai foi adquirindo propriedades e lotes naquela região, inclusive meu tio José Ferrazzo, dono das Bebidas Ferraspari, de Jundiaí, também adquiriu propriedades ali. Na fábrica de vassouras Cantagalo devia haver uns 50 funcionários. Na esquina da Av. Dr. Paulo de Moraes com a Rua do Rosário há um enorme posto de gasolina, atualmente com a bandeira Petrobrás.

Aquela área foi adquirida pela nossa família. Tudo era um pasto, da Rua do Rosário até a Rua Alferes José Caetano não havia nenhuma casa. Aos poucos foram sendo construídas. Onde atualmente é o posto, meu pai construiu uma pequena casa com um rancho: quando chegava a palha para fazer a vassoura existia o rolete para fazer a limpeza. Onde atualmente é a Av. Dr. Paulo de Moraes, na esquina com a Rua do Rosário havia um muro, junto a esse muro existiam duas construções pertencentes à Chácara Nazareth que eram utilizadas para armazenar os produtos colhidos na Chácara Nazareth. Dr. Jorge Pacheco e Chaves gostava muito do pessoal do Jaraguá Futebol Clube e permitiu que funcionasse ali a sede social do clube, onde ficavam expostos os troféus. Havia duas mesas de bilhar.”

“Io”, apelido de Elydio, diz que seu pai construiu o famoso Posto Cantagalo, exatamente no mesmo local onde hoje existe o posto BR, a bandeira era Texaco, em 1957. O posto estava em seu nome, tinha duas bombas de gasolina, uma de óleo diesel e uma de gasolina azul. Tinha dois lavadores, sendo um com elevador de caminhão. “Io” afirma: “Eu não conhecia, mas não tem muito segredo, era só trabalhar. Funcionava 24 horas por dia. Trabalhei por 4 a 5 anos, depois passei a arrendar.”

Existia, ao lado do posto, um restaurante. Um dos que tocaram o restaurante foi o cunhado de Luís Inácio Sleiman, o Mugão, enquanto o Mugão tocava o posto.

“Io” começou jogando futebol pelo Atlético, como ponta direita. Mais tarde jogou como centro-avante no Jaraguá; o presidente do time era Abel Pereira, seus diretores eram Jayme Pereira, Waldemar Fornazier. O Ziquinho era desse tempo, Irineu Lopes é dessa época, assim como Osíris, Décio e Pinduca. O Waldir Piccoli da Sapataria Marilu montou um time lá no Campestre, onde a turma ia jogar. Havia uma grande rivalidade entre os times do MAF e do Jaraguá.

Era muito comum haver divergências que, algumas vezes, acabavam em agressões físicas, mas dentro de uma normalidade própria da situação. Sem uso de armas. Certa ocasião houve uma briga no bairro rural Morro Grande. Tinham ido num caminhão

de propriedade de Abel Pereira, um Mercedes Bens L 312 e foram obrigados a sair correndo, indo esperar o caminhão pegá-los na venda de Tupi. As mudas de roupas ficaram para trás.

Sua esposa, Carmem Natale Fernandes Ferrazzo, é natural de São Pedro, nascida em 24 de dezembro de 1939, filha de Tereza Carone Fernandes e José Fernandes. Ele a conheceu na sua casa. O pai dela viajava e trazia matéria prima, cabos de vassoura, para a fábrica. As famílias já eram conhecidas desde os tempos dos avós.

Natalia completa:

“O meu avô plantava vassoura e o pai do ‘Io’ ia buscar no nosso sítio, com um caminhão Chevrolet Tigre. Quando mudamos para a cidade, na Rua Saldanha Marinho, eu tinha uns 12 anos. Quando o ‘Io’ ia procurar meu pai, foi que nos conhecemos. Passados mais uns dois anos, meu pai adquiriu a Padaria Central e ele ficava passeando em frente a padaria com uma caminhonete Ford 1946. Casamos em 4 de fevereiro de 1961, em cerimônia celebrada pelo Frei Fulgêncio na Igreja dos Frades. Fomos morar na Rua Joaquim André. Temos três filhos: Marcos, Márcia Viviane e Marcelo.”

Há um bairro em Piracicaba chamado Cantagalo, que está relacionado com a família. É a Favela Cantagalo. São três alqueires e meio de propriedade do seu pai. Ele sempre foi uma pessoa de gestos largos, trabalhava muito, tinha gestos generosos. Ficou célebre a vez em que, em uma reunião de amigos no Restaurante Brasserie, ele quitou o jantar deixando como pagamento um automóvel de sua propriedade, que era objeto de desejo do então proprietário do restaurante.

A propriedade que atualmente é denominada Favela Cantagalo foi comprada e paga em dinheiro. Havia pequenas edículas precárias, cerca de 30, além de 4 casas boas. Seu pai, de maneira informal, alugava aos interessados. As contas de água e luz passaram a vir em nome do seu pai, mas ele não estava recebendo o valor das locações. Formou-se um impasse: quem estava lá não saía e nem pagava o aluguel devido, com raríssimas

exceções. Seu pai estava muito aborrecido com a situação. Com muito tato fez o que deveria fazer, conseguiu a remoção das pessoas invasoras. “Io” afirma: “Com o falecimento do meu pai a situação voltou e após diversas tramitações judiciais, por razões de diversas naturezas, com a interferência de diversas autoridades civis, políticas e religiosas, aquela área tornou-se um imbróglio jurídico com evidente prejuízo à nossa família. Tenho documentação de retirada de mais de 20 anos de cascalhos das nossas terras.” E Elydio nesse ponto altera-se com as injustiças das quais julga ser vítima.

Seu pai tinha um automóvel que chamava muito a atenção, era um Simca Rally. Elydio o comprou de seu pai e o vendou há uns 4 anos para um colecionador de Limeira. Ele reformou inteirinho. Sua primeira motocicleta foi uma “Jawinha”, depois teve uma Lambreta 1957 e uma Indian de 1200 cilindradas. Teve uma Royal.

Ele conheceu Chico Carretel, um artista em carrocerias de madeiras, que ficava exatamente onde hoje funciona o Toninho Lubrificantes, na Av. Dr. Paulo de Moraes. Na Av. Dr. João Conceição, esquina com a Rua Fernando Souza Costa, onde hoje existe um edifício era a Carpintaria do Galesi.

Natalina, diz: “Meu pai, José Fernandes, teve um grande armazém que ficava na Rua Benjamin Constant esquina com a Av. São Paulo, onde hoje é uma loja de produtos de cerâmica.”

Ela formou-se no Colégio Assunção, em 1959, e deu aulas por sete anos. Resolveu fazer o curso de prótese, terminou em 1978 e trabalhou como protética até 2002. Como não havia ninguém que fazia aparelho ortodôntico removível em Piracicaba, os primeiros ela os fez para o Dr. Rensi.



**Maestro
Ernest Mahle**

ERNEST MAHLE, sua esposa Maria Aparecida R. P. Mahle e a Escola de Música de Piracicaba são nomes tão associados que parecem constituir uma única família. Ao piracicabano é impossível ver a Escola de Música de Piracicaba sem imediatamente associar a imagem ao casal, escola da qual foram co-fundadores e grandes beneméritos, voluntários, o que no Brasil é sinônimo de trabalhar pelo prazer de servir. Por 50 anos tiveram participação decisiva e efetiva na condução da Escola de Música de Piracicaba. Hoje, afastados da direção da Escola de Música de Piracicaba, continuam produzindo novas obras, compondo, regendo, ensinando, vivendo e respirando música com toda intensidade. Esbanjam energia, vitalidade e criatividade.

Após 50 anos ininterruptos de abnegado trabalho voluntário na direção, o casal Mahle, em janeiro de 2004, deixou de conduzir a Escola de Música de Piracicaba. O cargo passou a ser remunerado, assumindo uma nova diretoria. Maestro Ernest Mahle tem uma didática jesuítica, quer para música, para filosofia, da qual os alemães são mestres incontestes, ou ainda em um prosaico ensaio de engenharia mecânica. Em sua casa, junto a um engenhoso invento criado por ele, uma roda d'água conduz um teleférico em miniatura cortando o ar debaixo de uma frondosa mangueira. Ele explica que Mahle em alemão é derivado de moinho de água, atividade exercida pelos seus ancestrais na Alemanha: “Os primeiros membros da família Mahle que se tem conhecimento, há 400 anos, eram moleiros. Não só moiam o trigo, como também construíam o próprio engenho movido a

água. Por isso a família tem em seu brasão a roda d'água". Ernst afirma ser o primeiro artista de uma família com gerações compostas por engenheiros e professores. Ernest Hans Helmut Mahle é o nome completo do maestro brasileiro nascido no dia 3 de janeiro de 1929, em Stuttgart, Alemanha, filho de Else Mahle e Ernst Mahle. Seu pai é um dos responsáveis por uma das maiores evoluções havidas na indústria automobilística do mundo. De simples operário na Mercedes-Benz, em Stuttgart, passou a ser protagonista da história automotiva mundial, conviveu com figuras históricas como Henry Ford, Ferdinand Porsche, Robert Bosch. A família Mahle tem fortes raízes em Stuttgart, conforme diz o maestro.

A narrativa abaixo faz parte de entrevista concedida pelo maestro ao autor do livro.

“Meu avô paterno trabalhou como engenheiro chefe de uma fábrica de máquinas e faleceu no fim da I Guerra. Sua fortuna tinha sido aplicada em papéis do governo e infelizmente perdeu-se toda nessa aplicação, deixando a minha avó com nove filhos para criar. Meu pai tinha sido tenente durante a Primeira Guerra Mundial. Ele e meu tio Hermann, como filhos mais velhos, imediatamente tiveram que procurar um emprego, e passaram a trabalhar na Mercedes-Benz, em Stuttgart. Gottlieb Daimler foi o fundador da fábrica Mercedes-Benz, construiu um pequeno motor e adaptou em uma carruagem, cortou os varais onde eram atrelados os cavalos, era um veículo muito primitivo. Meu pai conheceu os principais inventores que trabalharam no desenvolvimento do automóvel. Quando menino, ele viu Gottlieb Daimler correr com os seus carros em Stuttgart. Nos fins do século XIX, a eletricidade era uma coisa nova. Robert Bosch viu que Daimler, para dar partida nos veículos, aquecia um arame e, rapidamente, tinha que colocá-lo em uma câmara de combustão situada no motor, onde havia a mistura de gasolina com o ar produzindo um gás que, aquecido, dava origem à primeira explosão. Mantido o calor, o arame permanecia incandescente. Robert Bosch, ao encontrar-se com Daimler, disse-lhe que havia uma maneira mais fácil e rápida de proporcionar a explosão, uma faísca elétrica poderia provocá-la. Assim foi

criado o primeiro modelo de ignição. Meu pai trabalhava na Mercedes Benz, tinha um carro Daimler. Era um dos dias mais frios de janeiro e como a minha mãe estava para dar a luz, ele acelerava o carro sobre o gelo; conforme minha mãe pressentia o meu nascimento dizia para ele aumentar ou diminuir a velocidade em função do risco que a estrada oferecia. Eu já tinha uma irmã quatro anos mais velha, fui o segundo dos quatro filhos do casal filhos: Ilse, Ernst, Eberhard, Christoph.

Estou ligado a essa explosão tecnológica dos últimos 100 anos! Ligado de duas maneiras. Uma delas é a parte mecânica que está no sangue, consigo lidar com todo tipo de máquina. Por outro lado vejo os aspectos negativos dessa evolução tecnológica: filosoficamente significa a humanidade enfiada nesse materialismo, podendo ser comparada ao ser humano de três mil anos atrás, no tempo dos faraós, quando agiam como formigas. O faraó era o único realmente inteligente, que planejava. Há mil anos começou a haver modificações. Um exemplo foi quando os espanhóis conquistaram a América e perceberam que se matassem o chefe dos incas ou dos maias paravam a guerra. Os demais eram como formigas, não funcionavam mais sem o líder. Para os espanhóis era indiferente se o chefe morresse, outro assumia o posto, todos eles eram personalidades.

Sócrates foi uma personalidade interessante. Condenado por estar seduzindo os jovens com a idéia de não acreditar mais em Deus, ele dizia: ‘Se vocês querem saber como agir, ponham para funcionar o raciocínio, vocês são capazes de determinar como a vida deve ser, não precisam correr para Delphos para consultar o oráculo.’ Era a moda na Grécia, antes de fazer qualquer coisa o grego consultava o oráculo, onde os conselhos eram dados possibilitando dupla interpretação. Confúcio já dizia há 3.500 anos, que há três caminhos que podem ser tomados: o primeiro é pela imitação, o mais fácil, uma criança imita os pais. O segundo caminho é pela experiência própria, o mais doloroso. O terceiro é pelo raciocínio, o mais nobre. Se as máquinas dominam as pessoas é o inferno!

Meu tio também teve quatro filhos. Eles eram donos da fábrica Mahle de pistão. Tinham a fundição sob pressão do magnésio, que é mais leve do que o alumínio, mas ele tem a propriedade de explodir quando aquecido, tinha que ser derretido em uma caldeira fechada, sob pressão com nitrogênio. Essa é também uma invenção do meu pai. O pistão do motor diesel, se for de alumínio fundido, não tem tanta durabilidade como o pistão de alumínio forjado sob pressão, até hoje o pistão do motor diesel é de alumínio forjado. Meu pai percebeu que se o pistão e o cilindro fossem de alumínio a dilatação dos materiais, quando aquecidos, seria a mesma. Só que o desgaste do cilindro por onde corre o pistão era muito grande, então ele resolveu cromar. Só que o cromo era 100% liso, enquanto o alumínio tinha poros onde o óleo poderia permanecer, tinha que ser criada uma cromação que fosse tão porosa como o alumínio. Ferdinand Porsche foi o primeiro a utilizar essa invenção do meu pai.

Eu conhecia Ferdinand Porsche, era austríaco, fez o automóvel Volkswagen a pedido de Hitler, morava perto de Salzburg. Acompanhei meu pai até lá por diversas vezes. Ele tinha um carro totalmente feito de alumínio, inclusive o motor. Esse veículo, com 1 litro de gasolina, consegui chegar de Salzburg a Munique. Hoje em dia o recorde são 1.000 quilômetros com um litro de óleo diesel.

Quando meu pai percebeu que seu salário não iria crescer muito, decidiu estudar à noite, frequentou a Escola Politécnica de Stuttgart, formando-se como engenheiro.

Permaneci na Europa até 1951. Quando era criança, morava perto da fábrica Mercedes-Benz em Stuttgart. A partir do momento que meu pai passou a ter um salário melhor, ele adquiriu uma casa em um bairro mais nobre. Tínhamos um vizinho que era eletricitista, tinha muitas bobinas de fio elétrico. Eu era ainda menino, louco por rolo compressor a vapor, uma invenção do meu avô. Ainda menino eu tive a oportunidade de ver os barcos a vapor construídos pelo meu avô, que navegavam no Lago de Konstaz. Ele foi engenheiro-chefe de uma fábrica de máquinas a vapor, construía máquinas a vapor para as fábricas. Com uma única unidade dessas máquinas

movimentava muitas outras de teares, havia uma porção de eixos e engrenagens fixadas no teto. Meu pai foi um dos primeiros fabricantes responsáveis pela colocação de motores elétricos nesses teares, com fios correndo pelo chão. A meu pedido, nosso vizinho fez um rolo compressor para que eu brincasse, de tal forma que eu sentava e dirigia esse brinquedo idêntico aos rolos compressores da época.

Havia uma escola particular próxima a nossa residência, a “Schicker Schule”. Fui matriculado nela e logo o professor mandou comprar uma flauta doce. Antigamente eram todas de madeira, hoje são de plástico. Foi o primeiro instrumento que aprendi a tocar. Permaneci nessa escola por 4 anos. No quarto ano foi feita uma competição de quem lia melhor a pauta musical e fui o vencedor, o professor percebeu que eu tinha muito talento para música. Nessa época, a empresa do meu pai empregava 3.000 pessoas. Dois anos após, começou a guerra.

Conheci Hitler quando ele esteve em Stuttgart, eu o vi de longe passando com seu carro Mercedes. Ele fez um discurso no estádio da cidade. Cinco minutos após ele iniciar sua explanação um funcionário da Mahle cortou com um machado o fio de transmissão do microfone, Hitler teve que falar para o estádio sem alto-falantes. No dia seguinte a Gestapo esteve na empresa. Isso foi em 1938. Lembro-me de ouvi-lo pelo rádio, ele berrava e mexia com todos que o escutavam. Em 1943 as cidades alemãs começaram a ser bombardeadas, colocamos nossos principais pertences em um caminhão e fomos para a Áustria onde tínhamos um chalé, próximo ao Lago de Konstaz. Após a guerra, a Áustria foi dividida em quatro partes, cada uma das quatro potências passou a administrar uma região e os franceses dominaram a localidade onde estávamos. O coronel francês responsável pela ocupação sabia que o meu pai era um importante industrial: a Mahle sempre tratou muito bem seus operários, ela possuía uma filial na França onde fabricava pistões. É interessante dizer que os franceses todo mês traziam músicos do conservatório de Paris, eram os melhores da Europa. Vinham pianistas, violinistas, flautistas, cantores, violoncelistas. Pela primeira vez na vida vi o

que era música, o que era tocar bem um instrumento! Fiquei louco para ser músico! Comprei os estudos de Chopin, Beethoven e comecei a tocar por minha própria conta. Eu tinha 16 anos, tocava de 7 a 8 horas de piano por dia. Após um ano surgiram dores nas mãos, nos pulsos, o médico deu o diagnóstico de uma tendinite irreversível, eu deveria tirar da minha cabeça a idéia de tocar piano! Comprei uma flauta transversal, um saxofone, uma clarineta e estudava tudo isso sem professor. Para tirar o primeiro som da clarineta levei três horas. Na loja venderam-me a palheta mais dura que existia! Ainda guardo comigo a primeira peça que escrevi ao piano em 1945. (Mahle senta-se ao piano e executa um trecho da obra).

Fui para Stuttgart após a guerra, lá havia a Escola Superior de Música, que havia sido quase completamente destruída. De três andares, a escada ainda funcionava e havia sobrado umas cinco ou seis salas de aula. A diretoria funcionava em uma casa, alugada. Tive que prestar um exame para ingressar na escola, me foi dada uma partitura que eu deveria tocar ao piano e cantar. Eu tinha que decorar a partitura, olhar as mãos e tocar. Recebi uma carta dizendo que não podiam me aceitar como aluno. Isso tinha ocorrido com Giuseppe Verdi, que queria estudar no Conservatório de Milão e foi reprovado! Fui conversar com o diretor, ele deu-me o tema ‘A Flauta Mágica’ de Mozart para improvisar uma fuga. Após a minha apresentação ele me disse-me: ‘Você pode começar! Pode escolher o seu professor de composição!’

Meu pai viajava visitando os fabricantes de automóveis e indústrias que reformavam motores velhos. Hoje essas empresas já não existem mais, fica mais barato colocar um motor novo. Ele tinha três amigos em Berlim, que eram judeus, donos da maior retífica de motores da Alemanha. Quando Hitler chegou ao poder e começou a fazer propaganda contra os judeus, esses três amigos do meu pai ficaram muito céticos quanto ao futuro. Por acaso viram no cinema uma reportagem sobre o Brasil, onde apareceram cenas de São Paulo, imagens de palmeiras tropicais. Pensaram: ‘Isso parece que tem futuro!’ Ludwig Gleich, que era engenheiro, e Adolf Buck, com formação na área

financeira, liquidaram seus negócios na Europa, tomaram um navio e vieram ao Brasil onde fundaram a maior retífica da América Latina, a Motorit, no bairro Cambuci.

Em 1951 cheguei ao Brasil vindo por um navio cargueiro holandês. Trouxemos nossa bagagem, o navio fez a primeira escala no Rio de Janeiro, fiquei muito impressionado com a paisagem. Descemos em Santos e subimos a serra com o meu pai dirigindo um automóvel Studebaker, cujo motor ferveu. Na Rua General Jardim, próxima à Praça da República havia uma pensão onde permanecemos hospedados os primeiros meses, até acharmos uma casa para morar. Todos os dias eu comprava o ‘Estadão’, que o meu pai e a minha mãe liam. Como eu tinha estudado latim no ginásio, tive mais facilidade em aprender a língua portuguesa. No início foi mais difícil entender o que as pessoas falavam; meu pai arrumou uma professora de português, nascida na Alemanha. Ela ensinava principalmente minha mãe, que tinha mais dificuldades com a língua. Meu pai e seus amigos estiveram com o presidente do Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, onde foi exposta a vantagem de se produzir os pistões de alumínio no Brasil, fator que poderia atrair os fabricantes de veículos automotores para o país. Eram sete sócios, sendo seis judeus, motivo que deu a origem à piada feita pela esposa de um deles: ‘Em vez de Metal Leve deveria ser Metal Levy!’ Logo os fabricantes de automóveis passaram a fabricar motores feitos no Brasil. Atualmente a Metal Leve pertence a uma fundação.

Durante o dia ajudava meu pai. Como eu gostava de música, à noite ia a concertos, no Teatro Municipal, no Teatro Cultura Artística. Conheci o professor de música Hans Joachim Koellreutter, formado em composição, regência e flauta. Ele tinha permanecido algum tempo no Rio de Janeiro, após vir da Alemanha no período da guerra, sua esposa era judia. É um professor importante, teve como alunos grande número de importantes músicos e maestros brasileiros. Após assisti-los em alguns concertos, procurei-o e disse-lhe que gostava muito de música e gostaria de aprender alguma coisa a mais. Eu tinha uma pasta com as composições para piano, algumas para flauta,

que havia feito após conhecer os alunos do conservatório de Paris. Ele disse-me que um dos mais compositores famosos da atualidade deveria chegar na semana seguinte. Esse compositor, de nome Ernest, pegou as minhas partituras e, em meia hora, tocou tudo. Disse-me: 'Você tem talento, deve estudar música!' Comecei a estudar com Koellreutter. Em 1939, junto com outro alemão, ele havia fundado no Rio de Janeiro uma escola de artes chamada Pró-Arte, era de artes em geral, artes plásticas, pinturas. Koellreutter criou a parte musical, que chamou de Seminários Livres de Música Pró Arte. Durante a Segunda Guerra Mundial funcionou no Rio de Janeiro, em 1951 surgiu a idéia de fazer uma filial em São Paulo.

Hoje parece ser uma grande coincidência eu ter casado com alguém que nasceu em Piracicaba, a 10.000 quilômetros de distância de Stuttgart: foi aluna nessa escola onde nos conhecemos. Creio que isso já estava determinado e mostra que para Deus nada é impossível!"

Notas adicionais:

1 – “Ao completar 46 anos, o casal Mahle demonstrou o desprendimento ao transferir a escola para o Instituto Educacional Piracicabano (IEP), entidade mantenedora do Colégio Piracicabano e da Unimep.” (site da Universidade Metodista de Piracicaba http://www.unimep.br/gdc_setores.php?fid=37)

2 – A Escola de Música de Piracicaba "Maestro Ernst Mahle" foi fundada em 9 de março de 1953 pelo diretor da Pró-Arte de São Paulo, Prof. H. J. Koellreutter e seus alunos, Ernst Mahle e Maria Aparecida Romera Pinto, bem como por pessoas representativas da cidade de Piracicaba. Denominada inicialmente "Escola Livre de Musica, Pró-Arte" devido a suas ligações com a Pró-Arte do Brasil, conservou este nome até 1961, quando, para obter o reconhecimento de seu curso profissionalizante de 2º grau, pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), e melhor atender às exigências legais referentes à certificação oficial de diplomas, teve seu nome alterado para "Escola

de Música de Piracicaba" e passou a ser reconhecida pela sigla EMP. O relevante trabalho do Maestro Ernst Mahle e de sua esposa, a Professora Maria Aparecida R. P. Mahle, levou a EMP a alcançar seu atual nível de excelência, formando e lapidando talentos consagrados tanto no Brasil como no exterior.

Durante o processo de gerenciamento e ampliação da EMP, tanto no nível artístico como na obtenção de instalações adequadas para a escola, pode-se ressaltar duas conquistas do casal Mahle: a inauguração da Sala de Concertos "Dr. Ernst Mahle", em outubro de 1965, e a inauguração da Sala de Concertos "Cecília Mahle", em março de 1974. Alguns meses depois de a EMP completar 46 anos, em setembro de 1998, foi transferida para o Instituto Educacional Piracicabano (IEP), pensando na perpetuação desta instituição, referência em música de qualidade na cidade de Piracicaba. Após ser incorporada pelo IEP (entidade mantenedora do Colégio Piracicabano e da Universidade Metodista de Piracicaba - UNIMEP), a EMP passou a ser denominada Escola de Música de Piracicaba "Maestro Ernst Mahle" (EMPEM), em homenagem prestada ao Maestro e Compositor, que ainda desenvolve e rege atividades importantes na Escola. Com um corpo docente altamente qualificado, a EMPEM possui ampla área construída funcionando em dois prédios, diversos conjuntos em atividades permanentes e uma diversificada Musicoteca.

A Escola de Música de Piracicaba "Maestro Ernst Mahle" é considerada no meio musical um patrimônio cultural brasileiro. Após 50 anos ininterruptos na direção, o casal Mahle indicou para assumir a diretoria da escola a ex-aluna e professora Celisa Amaral Frias, que assumiu o cargo em janeiro de 2004 e, se ocupou também do desenvolvimento de projetos culturais para o Ministério da Cultura através da Lei Rouanet. (site da Universidade Metodista de Piracicaba http://www.unimep.br/gdc_setores.php?fid=37);

3 – Ernst Mahle nasceu no ano de 1929, em Stuttgart, Alemanha. Chegou ao Brasil em 1951, naturalizando-se brasileiro em 1962. Foi aluno de composição de

Johann Nepomuk David, na Alemanha; de Hans Joachim Koellreutter, no Brasil; de Messiaen, W. Fortner, E. Krenek, em cursos internacionais de férias, onde também estudou regência com L. Von Maticic, R. Kubelik e Mueller-Kray. Em reconhecimento ao seu extenso trabalho em prol da juventude, recebeu, em 1965, o título de "Cidadão Piracicabano". É co-fundador da Escola de Música de Piracicaba "Maestro Ernst Mahle", onde exerceu o cargo de Professor e Maestro das Orquestras de Câmara e Sinfônica, sendo o idealizador do bianual "Concurso Jovens Instrumentistas". Atua também como Professor em vários cursos de férias e festivais de música. Foi vice-presidente da Sociedade Brasileira de Música Contemporânea e é membro da Academia Brasileira de Música (cadeira nº 6). Críticos de arte atestam a qualidade da música de Mahle, sendo reconhecido por sua técnica irrepreensível. Como compositor foi premiado em vários concursos e é internacionalmente conhecido pela magnitude e valor de seus trabalhos em prol da educação musical e de suas obras, tanto no repertório camerístico como orquestral. Em 1995, recebeu o prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). (site da Universidade Metodista de Piracicaba http://www.unimep.br/gdc_setores.php?fid=37).



**Francisco Corrêa
Garcia**

EM 20 DE SETEMBRO DE 2010, Francisco Corrêa Garcia, mais conhecido como Chiquinho Correia, completou 96 anos. Parou de dirigir faz pouco tempo, mas ainda monta a cavalo, “desde que seja um cavalo manso”, reforça. Uma história de vida em que os desafios sempre foram constantes e aos quais sempre enfrentou com muita coragem, determinação e retidão de caráter. Portador de acentuada miopia desde a infância, só usou óculos após passar por consulta com o Dr. Penido Burnier na cidade de Campinas. A deficiência visual já tinha provocado graves transtornos na vida do jovem Chiquinho. Descendente de espanhóis, foi agricultor de alho em larga escala; produzindo mais do que o mercado consumia, mandava alho para Americana, São Paulo.

Dois paixões tomavam conta do seu tempo de lazer: cururu e truco. O jogo de truco, ou truque, era na base do “leite de pato” - ou seja, sem apostar dinheiro - ou no máximo jogava-se valendo “uma janta” que a dupla perdedora pagaria. Sempre com todos os jogadores desfrutando do jantar e da companhia. O jogo de truco, ou truque, ao que consta foi praticado inicialmente por imigrantes italianos, caiu no gosto popular e foi adotado em muitos lugares do interior de São Paulo. É um jogo onde as cartas do baralho fazem parte, mas requer extrema vivacidade e malícia dos jogadores; o blefe é uma das artimanhas mais utilizadas, saber quando ocorre é essencial para ganhar-se o jogo. É comum os jogadores levantarem o tom da voz gritando: “Truco!” O adversário pode retrucar: “Seis”, e assim por diante.

Quem nunca assistiu a um jogo de truco pode achar que os jogadores estão brigando, tamanha a algazarra feita!

Nasceu no bairro do Pau D'Alinho, em Piracicaba, em 20 de setembro de 1914, filho de Francisco Corrêa Rodrigues e Gracia Garcia Moral Munhoz. Seu pai veio da Espanha com oito anos e a sua mãe com vinte anos. Vieram em épocas diferentes. Inicialmente seu pai morou na Fazenda Pau D'Alho, depois mudou-se para um sítio no Bangé, adquirido pela família. Ele foi vender laranja na Fazenda Pau D'Alho e conheceu a sua mãe. Casaram-se, permanecendo um ano no sítio do avô, e compraram então um sítio no Pau D'Alinho, onde Francisco nasceu.

Chiquinho conheceu o Mercado Municipal no tempo em que em frente era terra nua, não havia calçamento. Para vender seus produtos estendiam um encerado no chão para colocá-los em cima. Ele era ainda menino quando começou a vir ao Mercado para vender verduras. O prédio era pequeno, depois foi aumentando. Aos 24 anos, conheceu a sua esposa, Isaura Lopes, que tinha 15 anos. Namoraram por três anos e se casaram em 1941, na Igreja Sagrado Coração de Jesus, mais conhecida como Igreja dos Frades. Um casamento que permaneceu por mais de 67 anos. Em 1998 sua esposa ficou doente, perdeu 88% da memória, faleceu em 29 de outubro 2008. Tiveram três filhos: Francisco, José e Manoel. Ainda solteira, ela morava na Rua do Rosário, na Paulista, uma rua sem asfalto naquela época. Chiquinho é cunhado de Isidoro (Nenê) Lopes, de Antonio Lopes, que foram moradores antigos da Rua do Rosário. Quando se casou, com 27 anos, foi à luta, trabalhar no sítio levando apenas uma enxada na mão. Vinha com carrinho de tração animal, demorava uma hora e meia para chegar, fazia esse percurso uma vez por semana. Trazia verduras, repolho, pimentão, berinjela, alho. No Mercado Municipal não tinha comprador para toda a quantidade de alho que ele produzia. Os viajantes de Americana, São Paulo chegavam ao Mercado e falavam com os corretores que sabiam que ele tinha alho. Iam até o seu sítio e efetuavam a compra, levavam o alho com caminhão.

A réstia de alho, todo trançado, vinha com 50 cabeças. O milheiro de cabeças de alho era composto por 20 réstias. Chiquinho fazia réstias com 52 cabeças de alho, com duas cabeças a mais. Fazia, por noite, de 20 a 25 réstias. Passava o mês inteiro trançando alho, ia deitar lá pela meia-noite, uma hora da madrugada, sua mulher trabalhava com ele. Levantavam-se cedo, às cinco horas já estavam em pé, iam à roça no clarear do dia. Ele tinha uma várzea muito boa onde plantava arroz. Às vezes o rio Piracicaba enchia muito, as águas entravam pelo ribeirão do Garcia e inundavam a várzea, perdia todo arroz.

Nunca pegou uma espingarda para caçar, seu pai tinha um sítio com quatrocentos metros de barranca de rio, nunca armaram uma rede, nunca pescavam. Só trabalhavam. Viam os pescadores que, a cada 100 metros, pegavam um dourado; a Ilha das Flechas ficava em frente à propriedade do seu pai. Comiam arroz e feijão, verduras, leite, de vez em quando um franguinho, ovos, batatas fritas. Quando vinha ao Mercado comprava sardinha. No período em que trançava alho, às 10 horas da noite sua esposa fazia uma espécie de polenta, bem feita, e colocava açúcar, comiam e ferravam de novo a trançar o alho.

No tempo da sua mãe comiam a famosa “miga”. Sua esposa sabia muito bem fazer a miga. É uma comida que dá muito trabalho, tem que saber fazer. Ele explica: “Existem dois tipos de migas. Uma é feita com fubá, farinha de trigo, e muita banha de porco. Tem que ser bem cozida e mexer muito bem para ficar miudinha. Outra forma de fazer é a ‘miga em tortilla’, feita só com trigo e banha. É muito gostosa, dá muito trabalho para fazer.”

Seu pai contratava camaradas para trabalhar no seu sítio na época em que o mato crescia junto às plantações, porque era necessário cortá-lo. Esses camaradas diziam: “Dona Gracia, que comida a senhora vai fazer hoje?” Ela respondia: “Vou fazer arroz e feijão.” Eles retrucavam: “Não, Dona Gracia, faz uma miga!” Não eram espanhóis ou descendentes, eram negros. Quando se come um prato de miga irá estar o dia todo sustentado, é uma comida forte.

Chiquinho plantava de tudo, menos cana de açúcar. Plantou alho em grande quantidade, algodão, cereal. Chegou a plantar três sacos de sementes de alho, adquiriu um sítio, e foi lutando muito. Ele diz: “O pouco que tenho agradeço a Nosso Senhor Jesus Cristo, à Virgem Maria e à minha mulher”.

O Mercado foi melhorando, passou a ter maior área coberta, havia mesas para as mercadorias à venda serem expostas. Aos noventa e cinco anos, ainda montava a cavalo, só em animal muito manso! Andava a cavalo do seu sítio no Bairro do Garcia até outro sítio onde havia gado, no Tanquã. A distância de um lugar ao outro é de 50 quilômetros, por uns sete anos ele ia e voltava uma vez por semana. Saía às três horas da madrugada, olhava o gado e voltava à noite, onze horas, meia-noite, percorrendo na ida e na volta o total de cem quilômetros. Tinha um cavalo muito bem cuidado, atravessava por um atalho, à noite bambeava a rédea do cavalo e ele fazia o trajeto de forma correta. Praticamente era ele quem os guiava. Chamava-se Alazão. Chiquinho se emociona ao lembrar-se do animal e diz: “É difícil achar um cavalo como aquele!”

Ele diz: “Mudei-me do sítio para a cidade de Piracicaba em 1957, vim morar na Rua Campinas. Aqui conheci muitos amigos: José Nassif foi um dos meus grandes amigos, ele tinha em sua companhia dois filhos, um deles chamado Marco, que às vezes passava em casa, sempre lá pelas três horas da tarde, e dizia: ‘Seu Chico, papai quer que o senhor vá jogar um truquinho lá’. Com meu parceiro Zé Birolo, subíamos até a casa do José Nassif, nos divertíamos até as dez horas da noite, em uma harmonia como se fosse da família. Depois o Marco ficou mocinho, veio o filho dele chamado João que dizia: ‘Seu Chiquinho! Papai falou para o senhor ir jogar uma trucada!’ Isso aconteceu por muitos anos, nunca tivemos um descontentamento. José Nassif tinha um irmão médico, o Coronel João Nassif, toda vez que ele vinha de Curitiba a Piracicaba visitar a família eu era convidado para jogar truco. Sempre gostei muito de cururu e jogo de truco. Aos sábados eu dizia: ‘Seu Zé! Dez horas vou ao cururu!’. Ele não queria que eu fosse, mas eu ia. Isso no tempo dos cururueiros Bastião Roque,

João Davi, Zico Moreira, Pedro Chiquito, Nhô Serra, eram todos meus amigos. No truco joguei muitas jantas (jantares), só consegui ganhar amigos. Nunca tive um descontentamento com os parceiros de truco, quando iam à minha casa, na hora de nos despedirmos nós nos abraçávamos. Na casa do meu amigo Zé Nassif apareceram muitos jogadores afamados, nós sentávamos para jogar, eles ganhavam, após algumas partidas percebíamos que o jogo não estava certo. Quando era descoberta a marca do baralho, eles levantavam e iam embora. Alguns jogadores de truco levavam um baralho novo, com suas próprias marcas.”

E ele continua contando sobre os jogos de truco: “Joguei várias jantas no Porto João Alfredo (Artemis). Eram feitas em um bar que também servia a comida. Eram quatro jogadores daqui contra quatro jogadores de lá, meu parceiro era o Juvenal. A outra dupla era formada por Juca Jordão e Chico Penha. No Pau Queimado quem fazia a janta era o José Alonso. Jogamos valendo janta na Bassororoca, na casa do Chico Gomes, no então bairro rural São Jorge (hoje urbanizado), na Rua do Rosário. Em muitos lugares as esposas dos jogadores faziam a janta. Na Rua do Rosário, havia um bar cujo dono era um japonês onde joguei um torneio com o parceiro Lupércio Ferraz. Havia umas cinco duplas participando, Lupércio e eu ganhamos o torneio. Às vezes acabava ‘perdoando’ o adversário perdedor e dividíamos as despesas da janta!”

Ele conta que comprou sua casa pronta. No quarteirão em que morava, Rua Campinas entre a Rua Edgar Conceição e Av. do Café, havia várias casas: do Fiori Novello, Francisco Moraes, José Grella. No quarteirão em frente não havia nenhuma. Mais tarde Alfredinho Casarim e outros construíram suas casas ali.

Ele também fala de outros amigos: “Conheci o Dr. Francisco Salgot Castilon, devo obrigação a ele. No Tanquã existia um senhor com 110 anos, chamava-se Benedito, não tinha ninguém que olhasse por ele. Dois amigos meus, Aristides Pires e Manoel Martins, disseram que o ‘Seu’ Benedito estava muito doente, havia a necessidade de internação. Com o meu jipe trouxe-o até a Santa Casa, onde me disseram que não

havia vaga para interná-lo. O médico, Dr. Omir Dias de Moraes, a quem devo essa obrigação, morava próximo ao Mercado. Ao procurá-lo, contei-lhe o ocorrido. Voltei à Santa Casa com um bilhete do Dr. Omir. Imediatamente arrumaram acomodações ao ‘Seu’ Benedito. Após permanecer por 30 dias internado, com o auxílio do Dr. Salgot conseguimos levá-lo para o Lar dos Velhinhos, onde terminou o resto dos seus dias. O pessoal da Santa Casa foi até Serra Negra, hoje Ibitiruna, onde levantaram a data de nascimento do ‘Seu’ Benedito. Estava escrito na ficha do paciente, na cabeceira da cama, idade: 110 anos!”

Conheceu também Vitório Fornazier. Ele tinha venda no Pau D’Alinho, adquiriu de João Sabino Barbosa a esquina da Rua do Rosário com Av. Dona Jane Conceição, hoje Supermercado Balan. João Sabino, outro seu grande amigo, morou no Bangé ainda criança, desde quando eram amigos. Teve barbearia na Rua do Porto, na Rua do Rosário colocou uma máquina de beneficiar arroz e uma venda: tinha uma grande freguesia. Onde atualmente é a Padaria Takaki, na Praça Takaki, existia uma venda de propriedade de Antonio Lucas.

Ele também se lembra de vários “frangueiros” que conheceu: “Silvério Correa, Bepe Molina, Antonio Granal, Zé Patrício, Mathias, Regolim, Antonio Angelocci. Levavam de tudo: pão, miudeza, linhas, agulhas, trocavam com ovos, frangos.”



Geraldo Ometto

PARA DAR ESTA ENTREVISTA Geraldo Ometto teve que adiar um compromisso assumido anteriormente, ele iria podar uma quaresmeira que já estava com seus galhos muito altos. Na garagem da sua casa uma pick-up compacta, muito moderninha, com lona na caçamba, objeto de desejo de muitos jovens, sugere que ali mora alguém que dirige.

Geraldo Ometto foi lavrador, pedreiro, motorista de táxi, poceiro (que fabrica poços de água), comerciante, carpinteiro, exímio fabricante de cachaça, atividade que ainda pratica, produzindo em um pequeno alambique cachaça artesanal, destilada “gota a gota”, sem nenhuma pressa, como ele mesmo afirma, “só para o gasto”! No quintal da sua casa cultiva uma horta com boa variedade de verduras, que abastece a cozinha de cinco famílias. Com um torno elétrico faz peças de madeira, fabrica, conserta, cria objetos, móveis.

Passar é com ele mesmo. Regularmente assume com muita segurança o volante da sua reluzente pick-up e, acompanhado da sua animada esposa, vai até Santa Maria da Serra, cerca de 80 quilômetros de estrada. Um motorista que deveria servir de modelo caso os órgãos de trânsito o descobrissem, afinal, em aproximadamente 60 anos dirigindo ele nunca levou uma única multa de trânsito. Geraldo Ometto tem quase 91 anos! Em determinado instante ele confidencia: “Nem eu acredito que tenho essa idade!”

Nasceu no bairro rural Floresta, em Piracicaba, a 12 de janeiro de 1921, filho primogênito dos 10 filhos do casal Jorge Ometto e

Assunta Scarpari Ometto. A atividade rural exercida na propriedade dos seus pais era a lavoura, com plantação de milho, arroz, feijão algodão. Depois passaram a cultivar a cana de açúcar e a produzir pinga. Foi lá que Geraldo aprendeu a fazer cachaça. O sítio da sua família era no Bairro da Floresta, ficava distante 18 a 20 quilômetros de Piracicaba. Quando chovia, para vir à cidade só a cavalo, as carroças não passavam pelas estradas, o barro era tanto que em alguns lugares ao andar atolava até o joelho. Escola tinha apenas no Bairro do Serrote. Quando ele tinha 12 anos, seu pai contraiu uma pneumonia muito forte e Geraldo teve que deixar de ir à escola para ajudar na roça. Foi arar a terra, os vizinhos participavam de mutirão para se ajudarem. Ele não podia nem com o peso do arado.

Ele recorda: “Arava com tração animal, lembro-me de dois animais com os quais trabalhei, a Calçada e a Estrela. Enquanto eles puxavam o arado eu ia andando atrás, dirigindo onde ia passar a ferramenta. Até me casar, aos 26 anos, fiz essa vida. O meu avô barganhou o sítio da Floresta por outro na Fazenda da Glória, localizado no então Distrito de Charqueada. Foi lá que, aos 24 anos, conheci minha futura esposa, Maria Simonaggio Ometto, nascida no Distrito de Charqueada, em 17 de janeiro de 1927, filha de Antonio Simonaggio e Judith Precoma Simonaggio. Nosso casamento foi na casa do meu pai, tanto o Padre Luiz Perroni como o escrivão foram até lá para celebrar o nosso casamento, em 26 de abril de 1947. Permanecemos morando no sítio do meu pai. Alguns anos depois tive que deixar de trabalhar na roça, por ordem médica. Passei a exercer a atividade de comerciante. Comprei um armazém vizinho ao nosso sítio, com o qual permaneci por cinco anos. Em seguida, adquiri um armazém na Usina Tamandupá: tinha de tudo, roupa, papelaria. Permaneci lá por uns cinco ou seis anos. A Usina Tamandupá era de Pedro Meneghel. Situava-se logo adiante da Usina Costa Pinto.

Itens de menor porte eram fornecidos por vendedores que iam oferecer seus produtos em nosso estabelecimento. Compras maiores eram feitas junto ao estabelecimento de Valentim Valério, situado na Vila Rezende. Da família Valério trabalhavam no

armazém a Alzira, Celeste, Neide. O prédio existe até hoje. As compras eram feitas uma vez por mês, eu vinha de trem da Estrada de Ferro Sorocabana, outras vezes eu vinha de ônibus. Eu tomava o trem pela manhã: na parada que existia no Recreio fazia as compras e, à tarde, tomava outro trem de volta. As compras eram entregues pelo caminhão do Valério. Nós tínhamos cerca de 200 clientes que pagavam através de cadernetas. Alguns compravam durante o ano todo e o pagamento era feito uma vez por ano. Isso foi por volta de 1954.”

Tiveram cinco filhos: Elza, Lúcia, Antonio, José Geraldo e Ângela Judith.

Em 1956, vieram morar em frente à Igreja dos Frades, por seis anos foram proprietários do bar existente na esquina da Rua Alferes José Caetano com Rua São Francisco de Assis, conhecido como “Bar dos Frades”. O prédio era de Mario Bressan.

Foi uma época em que vinha muita romaria de outras cidades à procura de Frei Paulino. Iam à missa todos os domingos. Geraldo soube que iam construir uma nova igreja, a Igreja São José. Em frente, na esquina, havia uma quitanda acanhada, pertencia a um senhor chamado Porfírio. Era uma casinha baixa, simples, em volta não existia mais nada. A água era de poço. Na Rua Sud Mennucci, entre as avenidas Dona Jane Conceição e Dr. Edgar Conceição, havia uma santa cruz. O Cônego Luiz Juliani era bem jovem quando assumiu a Igreja São José, nem portas existiam nela. As ruas eram de pedregulho. Conheceu a Paulista quando não havia quase nada ali, a atual Rua Madre Maria Teodora era conhecida como Morro do Enxofre: para quem subia do lado esquerdo tinha valetas ao lado da rua, dava até medo, tinha bananal, cafezal, isso em 1930. Seu avô, Pedro Ometto, e seu pai tinham 4 carroças. Eles trabalharam no aterro da Cia Paulista. Aquela terra foi transportada em carroça, onde hoje estão construindo um viaduto – o viaduto sobre a Av. 31 de Março.

Ele conta: “Montei um bar, com caldo de cana, sorvete. Hoje mesmo uma pessoa me perguntou se me lembrava do sorvete que eu inventei, o sorvete de cana! Era um sorvete muito bonito, feito com a garapa, eu não dava conta de produzir, de tão grande

que era a procura. Foi um sucesso! Eu ia buscar a cana de açúcar para fazer garapa com uma caminhonete Ford 1929, ia até o Bairro do Serrote.

A minha carteira de habilitação é de 1956, nunca fui multado. Nunca perdi um ponto na carteira. Fui taxista por 15 anos. O meu ponto era na Rodoviária, fui trabalhar com um Dodge ano 1945. Tive um Aero Willys branco, fazia muitos casamentos, inclusive os de sítios. Em um determinado dia levei um passageiro até o consultório do Dr. Samuel Neves, na Rua Prudente de Moraes, situado ao lado do famoso prédio Comurba, que estava em construção. Após deixar o passageiro segui na direção da Rua Governador Pedro de Toledo. Escutei um barulho ensurdecedor, uma enorme nuvem de poeira levantou-se: era o prédio que desabava, logo atrás de mim. Fiquei com muito medo, só fui parar na Rodoviária, onde era o meu ponto de taxi.

Naquela época não se via quase ninguém pelas ruas nas madrugadas. O pronto socorro, na época denominado SAMDU - Serviço de Assistência Médica Domiciliar e de Urgência - funcionava no mesmo prédio da Rodoviária. Lembro-me do nome de alguns dos antigos colegas de táxi: Antonio Viana, conhecido como Bigode; Osvaldo Regonha, Pancho, Paco, éramos 10 motoristas, uma turma muito unida. Dirijo até hoje! Temos uma chácara em Santa Maria da Serra, distante uns 75 quilômetros de Piracicaba, vou e volto, dirigindo. Na cidade dirijo regularmente.”

Foi proprietário do Supermercado Paulista, na Rua do Rosário esquina com a Av. do Café, onde hoje funciona a Paulistinha Cosméticos. Dois a três anos depois vendeu-o e adquiriu uma chácara, passou a trabalhar como pedreiro, carpinteiro, marceneiro. Hoje tem, em casa, uma horta com boa variedade de verduras, existem dois canteiros grandes, já que gosta muito de comer verduras.

“Acredito que se deve comer na hora certa, tudo natural, nada de produtos enlatados, não abusar de bebidas alcoólicas. Uma pinguinha pode tomar que não faz mal. Desde meus 14 anos que trabalho com cana de açúcar, até hoje produzo pinga para o gasto. Ao levantar, tomo apenas café com leite, às 11 horas eu almoço arroz, feijão, carne

de frango, a carne bovina quase não como, salada e frutas, o que vier eu como. Pão eu gosto de comer torrado, que eu me lembre nunca comi manteiga. Gosto de queijo meia-cura. Às seis horas eu janto, geralmente uma sopa. Às 9 ou 10 horas da noite vou dormir, acordo às cinco da manhã. Tomo um aperitivo só na hora do almoço ou se ficar encharcado de chuva. Tomo uma pequena dose, apenas uma, não repito. De vez em quando tomo uma lata de cerveja, mas não gosto muito, não. Faz 66 anos que convivo com a minha esposa, ela nunca me viu sequer ligeiramente ‘alto’ por ter ingerido bebida alcoólica, e olha que sempre tive contato com bebida alcoólica, quer seja na produção da pinga ou na comercialização nos bares em que fui proprietário. Aprecio um bom vinho, faço o meu próprio vinho. Atualmente não tenho uva plantada na minha chácara, em minha casa tenho dois pés-de-uva. Nesse ano que passou fiz seis litros de vinho, sem conservantes, um vinho puro. Os tiroleses de Santana iam buscar pinga em nossa fazenda, fazíamos mil litros por dia, fornecíamos para indústrias como Tatuminho, Cavalinho, Del Nero. Cem litros de garapa rendem vinte litros de pinga.”

Sua receita para se produzir uma boa pinga: “a cana de açúcar deve ser cortada na hora de produzir a pinga, tem que estar no ponto certo de ser cortada, a fermentação natural deve ser respeitada, alambicar com a maior calma do Brasil, tem que sair aos pingos, sem garapa ou restilo. É uma cachaça com custo de produção alto, não tem como competir com os produtos industrializados. Os amigos provam e gostam. Corta a cana, alambica, faz tudo sem auxílio de ninguém.”

Geraldo diz que quando era solteiro parecia um cachorro veadeiro, descobria bailes em todos os cantos, depois que se casou nunca mais frequentou bailes. Antes, morava no sítio, encilhava o cavalo e ia. Disposto, diz que sobe em árvores ainda. Diz: “Agora mesmo vou sair para podar uma quaresmeira na casa de um amigo. Há pouco tempo tive que cortar uma árvore bem alta, com uma serra do tipo que electricista usa, eu vim cortando a árvore de galho em galho.” E ele garante que não toma nenhum remédio! Que até a pressão arterial é perfeita.

Gerolamo Ometto foi um comerciante muito expressivo em Piracicaba, era irmão do seu nono (avô): ele tinha agência de venda de veículos e outros negócios em Piracicaba. Pedro Ometto, da Usina Costa Pinto, era primo do seu avô, vieram como imigrantes da Itália para o Brasil.

Como poceiro, Geraldo também deixa a orientação sobre como construir poços. “Para se construir um poço de água marca-se no chão a medida da largura do poço, geralmente um metro, um metro e dez centímetros, dois metros, conforme a vontade do dono do poço. Cava-se até chegar onde dá água. Se for local de terra mole tem que revestir com tijolo por dentro. Na minha chácara construí um poço com 21 metros de profundidade, sendo que revesti internamente por 10 metros. Ao cavar um poço, se encontrar uma camada de rocha muito grande é necessário usar auxílio de explosivos. Com uma broca é feito um buraco, coloca-se pólvora grossa, na ponta põe-se um pavio. Após a explosão com um feixe de ramos grandes retira-se a fumaça, basta subir e descer com uma corda esse feixe por duas ou três vezes. Uma pessoa cava o poço, outra fica em cima puxando a terra pela corda. O poceiro desce com uma corda amarrada em um ponto firme na superfície. Outra corda enrolada na carretilha tem um pedaço de madeira amarrado na ponta: é onde o poceiro senta-se. Segurando na primeira corda ele se movimenta, entrando e saindo do poço. Após a profundidade de vinte metros, o ar já começa a ficar mais difícil de respirar.”

Em dois meses, Geraldo construiu uma chaminé com 50 metros de altura na Fazenda Matão, de propriedade da família. E ele conta outro de seus segredos. “O segredo da construção de uma chaminé é trabalhar com o prumo, ela é ‘prumada’ por dentro, por fora tem outro prumo com o desconto. Em uma chaminé com 50 metros de altura pode sair debaixo com parede de dois metros de largura e vai afunilando até chegar ao topo com 50 centímetros de cada lado e um metro de boca. O miolo nunca se estreita: se tiver um metro embaixo, no topo terá também um metro. O material sobe por fora da chaminé.”



Aristides Costa

EM UMA DAS MAIORES EMPRESAS de alta tecnologia, sediada nos Estados Unidos, existe uma frase muito popular entre seu pessoal técnico. Ao concluir um novo produto, dizem: “Ligou, funcionou, já está obsoleto”, porque já deve existir algo mais avançado! A humanidade é insaciável na sua busca por novas tecnologias, que devoram e incorporam ao seu cotidiano. A história oral possibilita a organização de um acervo de relatos de histórias de vida que, no seu conjunto, levam à recuperação da identidade coletiva e da memória da comunidade. Aristides Costa, aos 82 anos de idade conserva nítidas as memórias de uma Piracicaba, desde quando a cidade estava em uma fase embrionária em diversos setores, até transformar-se apontando novas diretrizes, respeitada pela tecnologia adquirida em áreas vitais para a humanidade. Nascido em 3 de maio de 1926, Aristides Costa é filho de Antonio Costa e Alzilia Cansiglieri. Seus avós vieram da Itália: os paternos, Pedro Costa e Juliana Negreti; os maternos, Romano Cansiglieri e Teresa Roncato.

Ele conta: “Nasci no Bairro Verde, em uma casa que ficava na beira da linha do trem. Minha casa fazia parte de um conjunto, que hoje não existe mais. Localizava-se a aproximadamente uns 500 metros acima da Av. Dr. Paulo de Moraes, à direita da que é hoje a Av. 31 de Março. Ali tinha a chamada Conserva, que era responsável pela conservação da linha de trem, depois passou a chamar-se Rancho Alegre. Abaixo existia uma nascente de água denominada Olho de Nhá Rita. Era em um local situado entre a Av. Independência e a Av. Dr. Paulo

de Moraes, em frente ao Supermercado Big. A Av. 31 de Março passa em cima da bica Olho de Nhá Rita.

Não era a nascente do Itapeva. Era uma água de boa qualidade, onde todos iam buscar água para beber. Na época eu era moleque, não saía de lá. Mais tarde a Indústria Morlet fez um poço artesiano, isso foi bem depois. O pessoal passou a ir buscar água lá.

Dizem que quando meu avô veio para o Brasil, ele tinha como sobrenome Costalonga. E com o passar do tempo, aqui no Brasil, foi abreviado para Costa. Tanto que uma irmã dele, casada com Antonio Perin, assinava o nome de origem, Luiza Costalonga. Eu teria um grande orgulho em manter a tradição, houve uma época em que pensei em adotar legalmente o nome que de fato deveria ter: Aristides Costalonga!

Tenho uns apelidos! Alguns deles: Tide! Costa! Martinelli! Por ter trabalhado uns 15 anos com Hermínio Martinelli, muitos pensavam que eu era irmão dele! Ele tinha uma oficina mecânica de automóveis, na Rua Regente Feijó. Alguns ainda me chamavam de Tozzi, porque eu andava muito com o Tozzi! Ainda menino, eu era metido a jogar futebol, uma aptidão que nunca foi o meu forte. No Corinthians existia um jogador chamado Rosalem, que também não tinha muita sorte e, por associação de jogadas infelizes, acabei ganhando como apelido o sobrenome do famoso atleta!

Estudei no Grupo Escolar Moraes Barros entre os anos de 1933 a 1938. Meu pai colocou-me para ‘aprender ofício’. Fui trabalhar em um salão de barbeiro, fiquei um pouquinho, mas não quis ficar na profissão. Fui trabalhar com o Adâmoli, na Rua Benjamin Constant, esquina com a Rua Ipiranga. Um irmão do meu pai trabalhava lá, o Tio Luizinho, mas também não me adaptei. Eles faziam barcos, móveis. Dali, eu fui trabalhar no Martinelli. No início era na Rua Tiradentes, entre as ruas Saldanha Marinho e Cristiano Cleopath.

O Martinelli era sócio do Luizinho Marchiori, que tinha ônibus que faziam a linha Piracicaba-Rio Claro. Era o tempo da jardineira. Para ir a Rio Claro a estrada era toda de terra, sem calçamento. Quando chovia tinha que colocar corrente nos pneus

para poder andar. A jardineira na época já era fechada nas laterais. Eu cheguei a ver a jardineira que ia de Piracicaba a Saltinho aberta nas laterais, como um bonde. Quem fazia a linha era uma pessoa conhecida por Pepino. Eu devia ter uns 6 anos de idade. O trajeto era até o Postão (primeiro posto de gasolina, no sentido de quem vem a Piracicaba pela Rodovia Cornélio Pires), depois descia pelo Campestre, seguia até o Mato Alto e depois ia para Saltinho. Naquele tempo não existia ainda a Usina Santa Helena. Esse era o caminho de Saltinho a Piracicaba. Levavam de tudo dentro da jardineira! Galinha, eu acho que até porco chegaram a levar.

Sou casado com Lourdes Tozzi. Temos seis filhos: Aristides Costa Junior, Marly Antonia, Marise, Adilson Antonio, Marisete e Alberto José. Casamos e fomos morar na Rua Tiradentes, 399. De lá mudamos para a Rua Santa Cruz, próximo ao antigo Tiro de Guerra, na época situado à Av. Dr. Paulo de Moraes. De lá mudamos para a Av. Rui Barbosa, onde permanecemos cerca de um ano. Mudamos para a Rua 13 de Maio, entre a Rua Tiradentes e a Rua do Rosário, em uma casa cujo proprietário era o Santos Bueloni.

Era mecânico de automóveis e caminhões. Trabalhava com todas as marcas e modelos, como Chevrolet, Ford, Peugeot, Nash, Dodge, Fargo, De Soto.

Colocava a mão na cabeça quando chegava um Lincoln! Tinha 12 cilindros em linha. E tinha o modelo 12 cilindros em “V” também. Naquele tempo não existiam as ferramentas que existem hoje. A retífica do Antonio Romano estava no seu início. Tinha também a retífica do Rui Consentino. Eram pessoas amigas. Em 1953 mudei para a Rua do Rosário esquina com a Av. João Conceição.

Quando comprei, existia um terreno cercado por arame e tinha uma carvoaria. Eram dois irmãos, se não me engano de sobrenome Borges. Primeiro construí o barracão e deixei um pedaço para construir o sobradinho ao lado. Em 1954 fiz o sobradinho.

Nesse período tive perua de turismo. Tive duas! Eram ‘carros de praça’ (táxi), que levavam 8 passageiros, comigo dirigindo eram 9 pessoas. Era com carroceria de

madeira envernizada, um trabalho muito bem feito, resistente à chuva. A primeira foi uma Dodge e outra uma Chevrolet, ambas importadas. Naquele tempo só havia carro importado. Eu dirigia uma e meu tio Ângelo Costa guiava a outra. Fazíamos viagens a Aparecida do Norte, Bom Jesus de Pirapora, Rio de Janeiro, Sorocaba. A Via Dutra era um castigo! Uma pista só. Já tinha asfalto. Isso foi a partir de 1955. Quando comecei a trabalhar fui por duas vezes a Ribeirão Preto. Eu levava a equipe de basquete do XV de Novembro. O técnico era João Francisco Braz. A equipe de basquete era composta por pessoas selecionadas. Eu tinha o crachá para acompanhar a equipe. Dormia nos hotéis em que o time ficava, fazíamos as refeições juntos.

Levava romeiros para Aparecida do Norte, iam 8 adultos, às vezes mais 2 ou 3 crianças. Nós saíamos daqui às 11 horas da noite, ou meia-noite, para chegar lá às 6 horas da manhã. Tinha que dar a volta por São Paulo. O perigo era muito grande. Hoje é que avalio o que eu passei na Via Dutra com neblina. Também não havia o movimento de carretas que existe hoje. Depois de algum tempo, vendi as peruas, uma para Ozires Canciglieri e outra para José Passari.

Nessa época meus filhos já passaram a dirigir. Entrei na AGA, transportando tubos de oxigênio. Não existia elevador de carga no caminhão: colocava-se o cilindro ‘no braço’. Tem cilindro que pesa até 90 quilos! Eram utilizados em indústrias e hospitais. Fiz transportes para a Dedini, um pouco na Indústria Tatuzinho também. Nessa época meus irmãos ajudavam, tinha empregados também.

No início utilizava F-600 e Chevrolet. Depois passamos a usar caminhões Mercedes-Benz. Começamos com o caminhão Mercedes ‘Cara-Chata’, que surgiu em 1958. Antes existia o caminhão Mercedes-Benz ‘Bicudinho’, era o L 312.

Nós dávamos preferência para posto de gasolina do Lú, que ficava na Rua Boa Morte esquina com a D. Pedro I (onde hoje existe uma casa de sucos). No tempo da II Guerra usamos álcool, só que o abastecimento era feito nas usinas, não existiam bombas de álcool em postos. Havia também o gasogênio. Eram dois tambores grandes, um era

utilizado como caldeira e o outro era o filtro onde filtrava o gás originário do carvão. Daí saía um cano que passava por dois ciclones, para retirar as cinzas. O gás saía limpo e entrava em uma adaptação onde estava o carburador, chamava-se misturador. Fazia a válvula, ligava no acelerador.

Era abastecido com carvão! Comprava-se o carvão na carvoaria. Lembro-me uma ocasião em que o caminhão do Del Nero saiu com muitos sacos de carvão. O Del Nero situava-se na Rua Boa Morte, 1946 a 1966, trabalhavam com aguardente, principalmente a marca Caninha Velha 1921, mais conhecida como Caninha 21.

Lembro-me da Padaria Aliança, que ficava na Rua do Rosário, 438, esquina com a Regente Feijó. Era de propriedade da família Padovani. Na Av. Dr. Paulo de Moraes existia a Padaria Cruzeiro. Era do Alberto Sachs, o ‘Berto Padeiro’. Ficava do lado direito, em frente ao Toninho Lubrificantes. Ali era o ponto final do bonde da Paulista. Antes ele parava um pouco mais acima, depois esticaram mais um pedacinho o ponto de parada. Em frente ao ponto de táxi havia o moinho da família Filetti. Eram três irmãos: faziam fubá, farinha e beneficiavam arroz. Na Av. Dr. João Conceição tinha a família Ferrari, onde fabricavam barcos. Havia o Galesi, que tinha uma serraria, inclusive foi freguês na minha oficina.

Na Estação da Paulista havia a carga e descarga de gado, era a carregadeira de gado. Onde depois veio a ser a Alvarco, existia a Amaral Machado, as pedras de calcário eram moídas e depois ensacadas.

As peças que utilizava, eu ia geralmente comprar em São Paulo. Pegava o trem aqui e ia até a Rua Barão de Limeira, Barão de Campinas, próximas à Estação da Luz. Às vezes tinha que ir até a Rua Piratininga, no Brás. As peças miúdas eu trazia na mão. As peças maiores eu despachava.”



**Esneder Antonio
Penatti**

QUANTAS VEZES LEMBRAMOS-NOS de cenas inesquecíveis, de uma imagem, uma palavra, uma música, ou até mesmo do silêncio absoluto. São os momentos marcantes da nossa existência. Há algumas décadas, um garoto, com cerca de quatro anos, chamado Esneder Antonio Penatti, presenciou uma imagem que determinou a trajetória da sua vida.

As pessoas mais importantes do seu universo familiar reuniram-se para um acontecimento muito especial: tirar uma fotografia com todos juntos. Tinha sido contratado um fotógrafo especialmente para a ocasião. A importância do ato era tão marcante que só os adultos foram fotografados. Foi um momento arrebatador. Um universo atraente e misterioso, encantado pela magia do ritual, posicionamento das pessoas, posturas, fisionomias, e o grande momento em que o fotógrafo mergulhou em um mundo desconhecido, coberto por um tecido negro. Ali estava encoberta a máquina fotográfica, na época ainda em uma caixa de madeira sobre um tripé.

Penatti é o mais antigo fotógrafo que, ainda trabalhando aos seus 77 anos de idade, acumula 57 anos como profissional da fotografia. Nascido em Rio das Pedras, desenvolveu seu trabalho em Piracicaba. Para ele parece que o tempo passou apenas no calendário. Continua com a mesma paixão pela fotografia. Dono de uma disposição física invejável, possui uma sensibilidade artística que é muito acentuada pela sua busca incessante ao trabalho realizado com a maior perfeição possível.

“Tenho uma fotografia que representa em minha vida quase

uma bússola para o meu destino”. Quem disse isso foi Esneder Antonio Penatti, nascido em 13 de agosto de 1930, às 20h20, em Rio das Pedras, na Rua Prudente de Moraes, no Bairro Bom Retiro. Essa fotografia foi tirada aproximadamente em 1934, em Rio das Pedras, no bairro Bom Retiro, em frente a um beneficiamento de café. Ele conta: “Meu avô contratou um fotógrafo. Na época eu tinha uns 4 ou 5 anos de idade. Não aparece nenhuma criança na foto, só os casais. Achei aquilo tão bonito! Era aquela máquina de caixão de madeira com filme rígido 18 X 24, ele colocava um pano preto. Ele ia lá arrumava a posição das pessoas, na época usava-se a luz com explosão de magnésio. (A luz era obtida pela queima de pó de magnésio, acompanhada de uma explosão e muita fumaça). Não houve necessidade de usar a luz de magnésio, porque foi feita durante o dia. Ele, com o diafragma da máquina aberto, dava o tempo correto e contava: 1,2 e fechava o diafragma. Eu achei aquilo tão bonito e pensei: ‘Um dia serei fotógrafo!’ Adorei! Fiquei apaixonado!”

É a foto dos seus avós e os onze filhos. Sua tia Pina e seu tio Chico eram viúvos. Eles ficaram sentados ao lado dos seus pais. Os outros filhos estão em pé. São todos casados, com exceção da sua tia Lílíam, que era solteira. Ele ainda identifica cada um dos que estão na foto: “Da esquerda para a direita: Tia Maria, José Patrício, Lílíam, Lico, Paulina, Batista Capucim, Tia Rosa, Antonio Righi, José Esfera, Tia Margarida, minha mãe Maria Ferrari, meu pai Manoel Penatti Filho, meu tio Carlos Penatti e Vitalina, que foram meus padrinhos de casamento. Meu tio Ângelo. A minha tia Pina era viúva, seu marido era da família Salla. Sentados, bem no centro do grupo, estão minha avó Regina Cossa Penatti e meu avô Manoel Penatti. São meus avós e onze filhos.”

Seu avô veio de Milão, e sua avó de Gênova. Eles se conheceram na Itália. Ele se casou com 33 anos e ela tinha 20 anos de idade. Já eram de famílias que se conheciam na Itália. Quando ela estava com 2 a 3 anos, ele tinha 16. Ele a carregava e dizia: “Essa aqui será a minha esposa!” Ele veio para o Brasil, vieram duas irmãs e três irmãos no mesmo navio. Esneder acredita que eles tinham combinado, ele iria ganhar dinheiro

aqui no Brasil e iria mandar para a Itália para que ela viesse e assim se casassem. Quando chegaram à Piracicaba, os cinco irmãos foram morar no Bairro Algodal. Trabalharam os três irmãos no Engenho Central, naquele tempo era denominado Société de Sucrieries Brésiliennes. Seu avô mandou dinheiro para que sua avó viesse até Piracicaba, e aqui se casaram.

Esneder relata: “Meus tios venderam a fazenda para a família Longatto. Essa família produzia açúcar mascavo e pinga e permaneceram lá por uns dois ou três anos e depois venderam para a família Coury. Fomos morar na zona rural, na Fazenda São Jorge, que ficava a uns 4 quilômetros de Rio das Pedras, no sentido de quem vai a Mombuca. Eu tinha uns cinco ou seis anos de idade. Trabalhava, cortava capim. Com sete anos minha mãe me acordava às cinco horas da manhã, eu ia para o pasto com o meu cachorro policial, que havia ganhado da minha tia, ele chamava-se Fiel, era preto, lindo! O Fiel latia e trazia todas as vacas para tirar leite. Tinha algumas vacas que se escondiam em algum matinho. Cada uma tinha um nome. Eu dizia: ‘Fiel, está faltando tal vaca!’ Ele saía correndo, quando a encontrava, ele latia e trazia a vaca para tirar leite. Eu e minha mãe amarrávamos os pés da vaca, colocávamos dois eucaliptos atrás para ela não sair e tirava o leite. Só que a fotografia não saía da minha cabeça. Na fazenda trabalhava, tratava das galinhas, dos porcos, das vacas. Comprei um cavalo de corrida mangalarga, marrom-escuro. Quando eu tinha treze anos de idade eles venderam a fazenda e viemos morar em Piracicaba. Eu pensei: ‘Agora vou ser fotógrafo!’ Meu pai tinha comprado uma casa de esquina na Rua Alferes José Caetano com a Rua Gomes Carneiro, só que o inquilino estava demorando muito para entregá-la e nós fomos morar na casa da minha tia Rosinha Ferrari, na Paulista, um quarteirão e meio para cima do pontilhão da Rua Benjamin Constant.”

Na Av. Dr. João Conceição, entre as ruas Benjamin Constant e da Glória, havia uma fábrica de barcos que era do primo da sua mãe, Lourenço Ferrari. Ele fazia barcos de madeira, com cedro, parafina, muita parafina para vedar. Era um profissional

maravilhoso. Sua mãe tinha um primo que tinha uma oficina mecânica. E um domingo, durante uma visita, ela lhe disse: “Antonio, eu tenho um filho de treze anos, será que você tem um serviço para ele?” Prontamente ele respondeu: “Tenho! Pode mandar ele lá amanhã!” A mãe então o chamou e disse: “Esneder, eu arrumei um serviço para você. Irá trabalhar na oficina do Antonio Daneloni!” Ele lhe respondeu: “Mãe! Eu quero ser fotógrafo! Não quero ser mecânico!” Mas ela decidiu: “Eu já falei, e você vai!”

Naquela época os filhos não diziam não aos pais, baixavam a cabeça e concordavam. Ele foi trabalhar na oficina mecânica que ficava na Rua Santa Cruz esquina com a Rua Otávio Teixeira Mendes. Ia a pé da Rua Alferes José Caetano esquina com a Rua Gomes Carneiro. Ia pela Rua Gomes Carneiro, tinha o córrego Itapeva, que não era ainda canalizado, ficava a céu aberto.

Ele conta: “Eu estava tão prático que vinha correndo, deslanchava mais, e já pulava para o outro lado. Chegava às sete horas da manhã no serviço. Certo! Entrei como ajudante de torneiro e, aos 14 anos de idade, eu já era torneiro. Em menos de seis meses como ajudante passei a ser torneiro. Depois eu fiz pelo Instituto Universal Brasileiro um curso de desenhista mecânico. Aprimorei a minha profissão. Após concluir esse curso ainda pelo Instituto Universal Brasileiro fiz um curso de fotografia. Meu sonho! Eu sou muito caprichoso, na oficina mecânica fui um bom profissional. A oficina que na época chamava-se Oficina Santa Cruz, recebeu como sócio um alemão, mudando a razão social para Mescli. Quando esse engenheiro alemão entrou, queria classificar todos os funcionários. Ele colocava o material para ser processado nas máquinas, tínhamos que marcar o horário do início da peça a ser usinada (trabalhada em torno) até o final da peça. Assim, ele determinava o tempo gasto para realizar aquela peça. Eu trabalhava em um torno Otto pequeno, com barramento de 1 metro. Fazia peças pequenas, de precisão. Após um mês, veio a nossa classificação. Havia cinco torneiros, eu era o mais novo, solteiro, e os outros casados. Fui classificado em primeiro lugar.

Naquela época eu ganhava seis mil e quinhentos réis. Passei a receber um salário maior. Acredito que tenha passado para oito mil réis. Ganhava mais do que os outros que eram oficiais e casados. Os torneiros da Oficina Dedini ficaram sabendo que havia um torneiro em Piracicaba ganhando oito mil réis! Ninguém ganhava isso, nem os torneiros que trabalhavam com o Dedini. Isso no tempo ainda do Mario Dedini, Leopoldo Dedini.”

Ele conta que a casa do seu pai era próxima do jardim da Escola Assunção. “Reuníamos ali e descíamos até o centro, para passear, quadrar jardim. A Rua São José ainda era aberta, existia o Teatro Santo Estevão ao lado. Apareceram uns quatro ou cinco homens perguntando quem era o torneiro que trabalhava na Mescli, e que tinha um ordenado alto. O pessoal disse: ‘É aquele loirinho lá!’ Eles vieram em minha direção e perguntaram se realmente eu ganhava oito mil réis ou era ‘papo’ das pessoas. Respondi: ‘Eu ganho oito mil réis!’ Acharam que isso era um absurdo. Eu estava bem na oficina, com um ordenado bom, benquistado por todos, dos donos aos colegas. Eu já tinha concluído o curso de fotografia por correspondência. Comprei uma máquina Kapsa Pinta Vermelha, brasileira, da fábrica DF Vasconcellos (fundada por Décio Fernandes de Vasconcellos), existente até hoje na Av. Indianópolis em São Paulo. Existia a Pinta Branca e a Kapsa Pinta Vermelha, que era um pouco mais avançada. Passei a tirar fotografias dos meus amigos, de suas famílias, não cobrava nada, apenas o custo do material.”

As fotos eram reveladas pelo Bischof, Ricardo Capecci, Ari Lacorte, José Cantarelli e tinha um senhor que ia para o campo do XV de Novembro, fazia reportagens, o Eduardo Fernandes e Cozzo que tinham seu estúdio fotográfico perto da fábrica de tecidos. No dia 23 de junho de 1950, véspera de São João, aos 20 anos de idade, Penatti se desligou da oficina contra a vontade de todos, colegas, patrões e família. Para ele, esse foi seu primeiro dia como profissional de fotografia.

“Fui trabalhar com reprodução a domicílio. Com a máquina Kapsa. Eu levava um

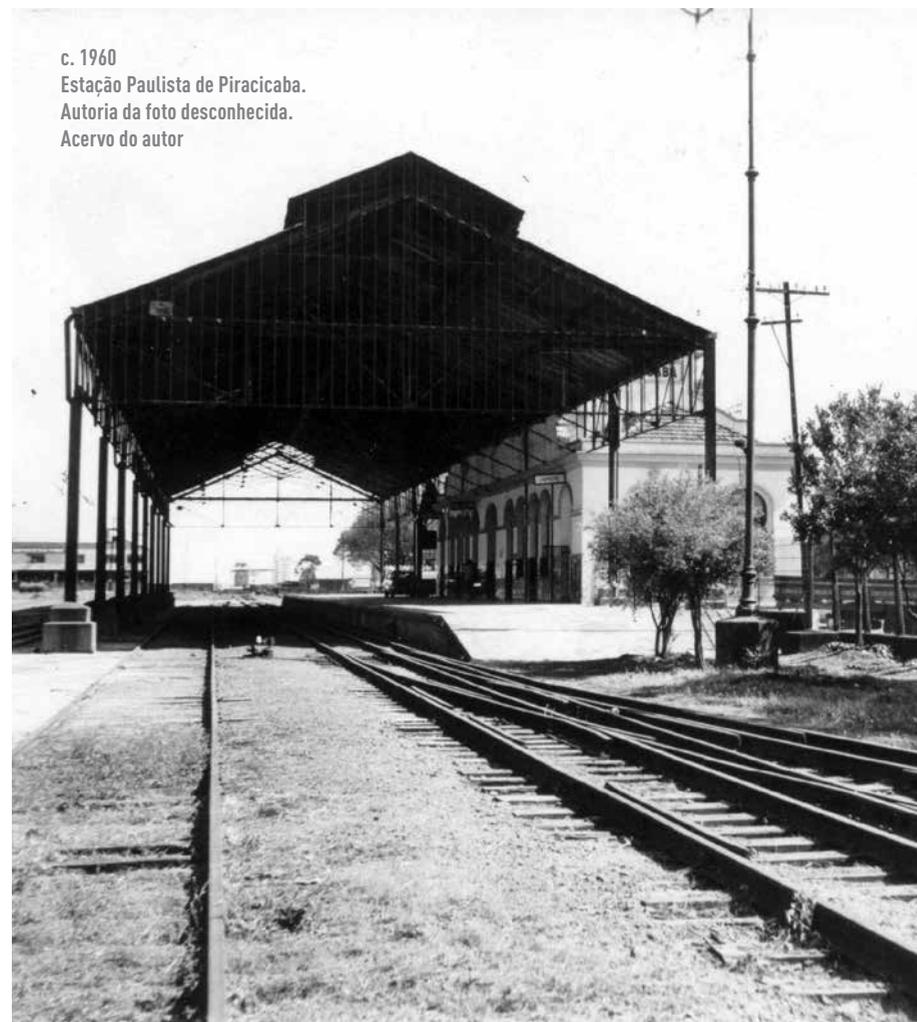
pedaço de pano branco para usar como fundo. Fotografava durante o dia, vinha e revelava as fotos, ampliava em papel poroso que aceita tinta, ia até a Rua da Mooca 3202 aonde comprava molduras de Alfredo Isa. Colocava as fotos nas molduras e levava.

Conheço o Estado de São Paulo quase todo. Conheço umas vinte cidades do Paraná, umas 17 cidades de Minas Gerais. Usava ônibus como transporte! Tudo isso, de ônibus. Depois de casado eu morava na Rua Bom Jesus, 272. Os ônibus para Limeira, Rio das Pedras, Botucatu, e outras cidades saíam todos do Largo São Benedito. Naquela época ainda não existia Rodoviária. Eu ia viajar na segunda-feira, levava duas malas, voltava para casa, pegava mais duas malas e levava, deixava em um bar de um amigo. Na segunda-feira eu levava mais duas e assim lotava o ônibus de malas. Ia para Limeira, Mogi-Mirim, Itapira, Mogi-Guaçu, Andradas. Depois, eu ganhei mais dinheiro e comprei uma máquina Flexaret. Eu fazia cinco rostinhos de crianças. Eu mesmo ampliava, tinha comprado um ampliador. Fazia em sépia, naquele tempo a foto era em branco e preto. Coloria com anilina da Bayer, colocava medalhinha, brinquinho.”

Ele foi fotógrafo do Jornal de Piracicaba, trabalhou por 12 anos na Rádio Difusora: na segunda-feira havia a entrega de prêmios, geladeira, televisão. O proprietário era Aristides Figueiredo e sua esposa.

“Conheço o Titio Luiz desde a infância dele. Fotografei o casamento dele. Ele trabalhava na Mause e era coroinha do Padre Jorge. Não era nessa igreja que existe agora na Vila Rezende, era na matriz antiga. O casamento foi em um domingo, ele já era muito conhecido. Ao meio-dia, a igreja estava lotada! Quem celebrou o casamento foi um padre que era parente da esposa dele, da família Rufini. Titio Luiz é corintiano, Padre Jorge é corintiano e eu sou corintiano. O Padre Jorge me chamou na sacristia e disse: ‘Eu quero fazer uma brincadeira com o Titio Luiz, e você vai entrar nessa! Quando acabar o casamento e ele for dar aquele beijo na testa da já então esposa, você faça que falhe a foto, que a máquina não funcione. Você faz isso duas vezes, na terceira

vez a foto sai.' Titio Luiz estava lá, eu falava que tinha que dar o beijo bem devagar. A primeira foto 'falhou'. Ele me olhou sério. E Padre Jorge do lado rindo! Outra vez, repetimos tudo de novo! 'Falhou' novamente! Titio Luiz olhou para mim, ele estava transpirando! Na terceira vez saiu a foto! Quando ele saiu do altar o Padre Jorge pegou o microfone e disse: 'Isso não foi uma falha do fotógrafo, foi uma brincadeira que eu fiz com o Titio Luiz, porque eu adoro esse menino!' ”



c. 1960
Estação Paulista de Piracicaba.
Autoria da foto desconhecida.
Acervo do autor

**Histórias extraordinárias
de Piracicaba**

**O mistério e a suspeita
que envolvem
o Conde de Serra Negra
e Lawrence da Arábia,
o herói inglês da 1ª Guerra**

“UM BRASILEIRO NASCIDO NA SERRA DE BOTUCATU: o que ele teria a ver com o Conde de Serra Negra, ou Manéco Conceição, ou ainda, Manoel Ernesto Conceição”. O ilustre advogado, escritor e pesquisador Armando Moraes Delmanto – autor do texto que se segue e das pesquisas que o produziram – descreve as circunstâncias que rodeiam essa suspeita. Os estudiosos e historiadores ingleses não demonstraram o menor interesse em pesquisar o assunto.

Thomas Edward Lawrence nasceu em 15 de agosto de 1888, em Tremadoc, no Carnarvonshire, Inglaterra, ou no cimo da Serra de Botucatu, no solar do Conde de Serra Negra, com toda assistência necessária, com amor, com muito poder, muito sonho, muita esperança?

GALES/INGLATERRA - 1935

A moto desenvolvia alta velocidade na estreita e tortuosa estradinha rural. O vento lhe açoitava o rosto, mas ele mantinha a visão nítida graças aos óculos protetores que usava. Lawrence era apenas um homem comum correndo de moto, numa estrada comum, como comumente ocorre em tantas e tantas pequenas e comuns cidades de tantos países. Naquele momento, ele não queria se lembrar de Lawrence da Arábia, o herói idolatrado da 1ª Grande Guerra Mundial, nem do sonhador que conseguiu unificar as tribos nômades e rivais, constituindo a Nação Árabe. Não, definitivamente, não! Até seu nome ele mudara, acrescentando Shaw, passando a assinar Thomaz Edward Lawrence Shaw. Era preciso apagar a imagem do Grande Herói. Do herói que unificou os árabes e mobilizou os ingleses, mas, e principalmente, o herói que serviu para a entrada dos Estados Unidos da América como decidido apoio aos ingleses, garantindo a vitória contra os eternos adversários alemães. Tudo isso ele precisava apagar de sua

memória. E acelerava com volúpia a moto. De ascendência nobre, olhos azuis, loiro, de tez clara, Lawrence passara toda a sua infância e adolescência buscando respostas para a sua origem: sua mãe nunca lhe dera a necessária segurança de quem era seu pai. Sempre ouvira o comentário de que Thomaz Chapman, amigo da casa e também ele de ascendência nobre, seria seu pai, apenas não acontecera o casamento por questões menores. Será? Nunca vira no relacionamento de sua mãe e Mr. Thomaz qualquer resquício de amor: eram apenas e tão somente muito bons amigos, só amigos, sempre amigos. Tão amigos eram que Mr. Thomaz, solteirão inveterado, deixava que o "boato" corresse solto na rígida sociedade inglesa do início do século. O Império Britânico ainda era um império e sua influência era indiscutível no mundo todo. Como todo inglês de nobre ascendência, Lawrence tivera sua instrução secundária e superior em Oxford. Convocado pelas Forças Armadas de Sua Majestade, serviu de 1910 a 1914 em Carchemish, no Rio Eufrates, como assistente nas escavações do Museu Britânico. Em seguida, atuou no Departamento Árabe, eis que era um estudioso e entusiasta da causa árabe. Sua atuação no "front" da guerra, ajudando os árabes contra os turcos, começou discreta, ainda como Tenente. Foi promovido a Major, encerrando-a como Coronel. Lawrence da Arábia conseguiu unificar as tribos árabes. Liderou-os pessoalmente, vestiu-se como eles, viveu como eles, foi seviciado barbaramente pelos turcos, enfrentou desafios inimagináveis e os venceu. Virou Herói Mundial. Seu ideal para a Nação Árabe, no entanto, não conseguiu motivar as grandes nações vitoriosas. Nem os Estados Unidos, nem a Inglaterra estavam tão preocupados com a independência árabe a ponto de esquecerem o mar subterrâneo de petróleo que existia nas terras a serem entregues aos árabes. Nem o futuro Rei Faiçal queria uma independência maior do que a formal dependência das grandes nações. Os dirigentes das grandes nações e os líderes árabes se compuseram facilmente e o descarte milionário daquele que conseguira a unificação e a vitória árabe era conveniente a todos. Possuidor de grande

cultura, Lawrence escreveu o livro "Os Sete Pilares da Sabedoria", no qual narrou com o coração a sua participação no movimento nacional árabe contra a opressão turca. Entregou os originais à Editora no ano de 1926 e a 1ª edição foi publicada em 1935. Do livro, a sentença maior e definitiva foi dada por Sir Winston Churchill: "Um dos maiores livros já escritos na língua inglesa." Pertence aos clássicos da Literatura do Império Britânico. A moto ia a mais de 200 km/h. O verde dos campos ingleses enchia os olhos de Lawrence. A vida perdera sentido para o Grande Herói. Com vida abastada, Lawrence nunca mais conseguira levar a vida como um homem comum, nunca mais pudera ter uma vida igual a de seus contemporâneos. E o que Lawrence queria ser? Comum, só comum, com as mezinhas preocupações do dia a dia do homem comum, cujo horizonte e sonhos não iam, com certeza, além dos limites do cotidiano. E acelerava a moto, mais e mais, sem ver, antes da curva, os dois ciclistas que vinham ou entravam em sua mão de direção. Procurou desviar, inútil. Ali, Lawrence da Arábia deixava os seus pesares e o mundo e os sonhos. Ali, o Grande Herói descansava sem ver concretizado o seu ideal, sem ter a resposta da sua origem, mas deixando, com certeza, gravado em ouro o seu perfil de herói que soube acreditar no seu sonho, que trabalhou para a vitória contra todas as previsões dos "experts" e que deixou para a posteridade, inteira e grandiosa, a imagem imorredoura de Lawrence da Arábia. Em sua derradeira aventura, na manhã de 13 de maio de 1935, Lawrence dirigia a sua possante motocicleta Brought (presente do casal Bernard Shaw), pela zona rural de Dorset, quando ocorreu o acidente fatal.

BOTUCATU/SÃO PAULO/BRASIL - 1888

A madrugada fluía leve, era noite de lua majestosa clareando e delineando o perfil serrano. Final de linha da estrada de ferro, limite conhecido da "boca do sertão", a

Fazenda do Conde de Serra Negra era um oásis naquele fim-de-mundo. Localizada ao lado da Estação da Vitória, distrito pertencente a Botucatu, era privilegiada: a estrada de ferro chegara até Vitória e ainda não galgara a morraria para chegar à sede do município. O solar do Conde de Serra Negra fora construído com primorosa técnica européia, decoração em estilo francês desde o assoalho até os lustres e mobiliário. Tudo importado, tudo em conformidade com a última moda ou a última "mania" dos nobres europeus. Piano alemão, prataria e louça inglesas, o refinamento e a opulência eram sentidos em todos os detalhes. Os jardins eram majestosos, ocupando quase 200 metros à frente do casarão, com mosaicos verdes em estilo francês e o cultivo das mais exóticas plantas. Quase próximas da entrada da varanda, quatro esculturas, cada uma representando uma estação do ano. Na parte dos fundos do casarão, pomar de fazer inveja ao mais exigente gourmet. Anualmente, o Conde e a Condessa de Serra Negra passavam alguns meses na Europa percorrendo, religiosamente, França, Portugal e Inglaterra. Em França, tinham mansão, fazendo-a, sempre, de porto-seguro para suas andanças pelo velho continente. Pelo menos uma vez por ano, iam até Roma buscar a bênção papal. Tudo era diferente nos domínios do Conde. A visita do Conde D'Eu (o príncipe Gastão de Orleans), programada para abril de 1889, estava sendo o grande evento dos monarquistas para "brecar" o avanço das idéias republicanas. A presença do marido da Princesa Isabel haveria de mobilizar toda a sociedade da região. Assim, a Condessa e seus familiares somente estariam na fazenda no início de março do próximo ano, quando estariam a preparar a recepção ao consorte imperial. A presença do Conde de Serra Negra na sede da fazenda chamara a atenção dos moradores da região e, principalmente, da pequena Botucatu. A curiosidade cabocla aumentava, quando se sabia da presença, já por mais de três meses, de uma jovem nobre inglesa e de sua dama de companhia. A presença naquela bela noite, e por toda a noite, do jovem médico, Dr. Costa Leite, mandado buscar pelo Conde, deixava os curiosos de plantão fazendo mil conjecturas. Agora, o que mais aguçara a curiosidade de todos,

era a presença do Delegado Pedro Egídio, conhecido por sua rigidez e pelo convívio subalterno com os poderosos. Tudo sinalizava para um acontecimento importante, muito importante. Que era parto anunciado da inglesinha, todos já sabiam. Só não sabiam do porquê da presença do médico. Os partos que ocorriam na região, nas mais importantes famílias, sempre eram assistidos pelas parteiras de reconhecida prática e competência. A presença do jovem médico só podia ser levada à conta da "postura européia" do Conde de Serra Negra. Todavia, a ausência da Condessa com tão ilustres visitas era estranha, muito estranha. O Dr. Costa Leite chegara à cidade de Botucatu no ano de 1886, seguindo o caminho do progresso que a ferrovia implantava. Hoje, na Estação da Vitória (Vitoriana), e com certeza e em cima das promessas dos poderosos chefes políticos locais, para o ano de 1889 os trilhos estariam vencendo a morraria e chegando a Botucatu. O chefe dos trabalhos era o Engenheiro Schmidt, de origem alemã, que seria o encarregado de receber a visita do Conde D'Eu e que era homem de confiança e fiel escudeiro do Conde de Serra Negra. Sem ser político, o Conde de Serra Negra era a maior expressão do poderio econômico no final da monarquia e continuaria intocável pela República até seu falecimento. Com os primeiros raios de sol, a sede da fazenda se iluminara com o nascimento de um robusto e belo menino. A notícia correu rápida, aguçando a curiosidade e aumentando a fantasia do povaréu que se deliciava com o acontecido. A chegada da estrada de ferro na pequena Vitória propiciou a criação de uma linha de trole entre a Estação e Botucatu, aumentando os negócios e a presença de pessoas nas imediações das terras do Conde. E mais não se soube, pois ninguém entrava ou frequentava os domínios do Conde, sabidamente vigiado por peões de alta competência. Esse era o cenário dos domínios e do poderio do Conde de Serra Negra. E nem poderia ser diferente para quem tinha, só na região de Botucatu, 900 mil pés de café, sendo que havia 2 milhões e trezentos mil pés de café nas 15 fazendas de café que possuía no Estado de São Paulo e no Estado do Rio de Janeiro. Somente mês e meio a família do Conde vivia na região. No

mais, estando no Brasil, o Conde percorria as suas propriedades, enquanto a Condessa cumpria as suas obrigações sociais e assistenciais na Corte, no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde a família convivia com o Poder Político e com os grandes financistas paulistas. No ano anterior, 1887, o Conde de Serra Negra mantivera seguidos contatos com o Barão de Parnaíba, Presidente da Província, obtendo a promulgação da Lei que autorizava a extensão do traçado da Sorocabana (Lei nº 25, de 19 de março de 1887), até Botucatu e São Manoel. O evento ficou registrado. O nascimento ocorrido, cercado de toda a pompa, foi comentado como mais um desempenho "exótico" do Conde de Serra Negra. Da boca do Dr. Costa Leite nunca se ouviu uma palavra sobre os detalhes do parto ou das pessoas visitantes, apenas que ele assistiu ao parto levado a bom termo por parteira habilitada. Era menino, robusto e sem problemas. Mesmo sendo anglicana, a jovem nobre cedera à sugestão do Conde e recebera a visita do Padre Ferrari, amigo da família do Conde desde a sua chegada a Botucatu, onde residiam seus familiares, sendo que seu irmão, Estevam Ferrari, era casado com Dona Alcinda Cardoso de Almeida, irmã do rico comerciante Antonio Joaquim Cardoso de Almeida, um dos poucos de Botucatu a frequentar as reuniões do Conde na capital e a ser considerado um amigo. Padre Ferrari dera a sua bênção ao recém-nascido e, também dele, nunca se soube sobre o assunto. A jovem inglesinha ainda permanecera por mais dois meses na fazenda, partindo em seguida para o Velho Mundo, levando as imagens gravadas de um país diferente, de uma gente diferente da sua, mas que lhe deixaram marcada a mais sublime experiência feminina: a maternidade.

Todos os filhos do Conde foram educados no velho continente, mais precisamente em Paris, onde a família mantinha mansão e serviços. Os filhos Raul e Pedro se destacaram nos estudos e souberam ajudar a família na administração de seus bens. A Condessa de Serra Negra, sempre uma presença discreta ao lado do marido, soube se impor aos que com ela conviveram após o falecimento do Conde. Jogava xadrez, tocava piano, apreciava as óperas e era reconhecidamente uma anfitriã inigualável. Na

Fazenda Serra Negra eram muitas as famílias dos imigrantes italianos na Colônia. O Conde, desde há muito tempo, acreditava que a mão de obra escrava era um equívoco e que isso só trazia atraso e pobreza. E na Vitória não era diferente: as famílias de italianos começavam a mudar os costumes, o mesmo ocorrendo no Alambari (Piapara). Tudo reflexo do que ocorria em Botucatu, que estava recebendo verdadeira leva de italianos alegres e entusiastas. Também o Tenente-Coronel Braz de Assis Nogueira, filho de Francisco de Assis Nogueira, benemérito de Botucatu com sua doação de terras para o Patrimônio, contratara mão de obra europeia: era o alemão Joseph Scanis, encarregado de sua lavoura de café. Na construção da Estrada de Ferro também era grande a presença dos alemães, contratados pelo Eng. Schmidt, Encarregado-Chefe. A verdade era que os senhores rurais já estavam antevendo o fim da escravatura e começaram a tomar as suas providências. Com o aumento do clamor da população que, cada vez mais e mais se posicionava contra aquela aberração e com a adesão explícita de vários segmentos sociais, especialmente da Maçonaria, os dias da escravidão estavam contados. Daí, surgia o jeitinho brasileiro: começaram a aparecer os "contratos de empreitada", através dos quais, em meados dos anos 80, os senhores rurais encontraram um meio de burlar as leis que haveriam de abolir a escravatura no Brasil. Por esses "contratos", os fazendeiros concediam a "carta de alforria" em troca de compromisso do escravo liberto trabalhar por determinado número de anos na fazenda. Esse determinado número de anos oscilava entre 3 a 10 anos, sendo que a média era sempre de 6 anos. Essa foi a forma encontrada para se manter a escravatura em plena legislação que proibia essa ignóbil exploração humana. Esse era o cenário da época do Conde de Serra Negra. A abolição da escravatura veio em 1888. A proclamação da República veio em 1889.

A sede da Fazenda se encontra em relativo abandono. Nessa sede, em seus últimos anos, viveu, em estado de viuvez, Maria Justina de Rezende Conceição - Condessa de Serra Negra. O Inventário do Conde de Serra Negra, datado de 25 de abril de 1924, foi

expedido pelo Escrivão do 3º Ofício de Órfãos e Ausentes da Capital do Estado - cuja partilha foi homologada por sentença de 30 de novembro de 1923 / Transcrições do Inventário: 299, pág. 147, do Lº 3-Z (velho).

INGLATERRA - 1886/1887

O Conde de Serra Negra aumentara seus contatos com a City de Londres no ano de 1886. Sempre mesclando os contatos com os financistas ingleses e com reuniões com membros do governo, jantares e caçadas com a nobreza. Em suas viagens anuais à Europa, o Conde sedimentara um relacionamento para o qual a riqueza e o poderio econômico eram indispensáveis, mas que o charme pessoal, sem dúvida alguma, era o que marcava o sucesso e garantia a abertura das mais fechadas portas. Desde muito antes de 1886, o Conde e a Condessa de Serra Negra tiveram encontros e jantares que contaram com a presença de uma bela jovem da nobreza inglesa. Os contatos eram sociais e até formais, mas desde a primeira vez o Conde sentira naquela jovem de pele tão alva e tão delicada uma atração que mexia fundo em seus sentimentos. Em 1886 e em 1887, viajara sozinho à Inglaterra, eis que a Condessa ficara, nas duas ocasiões, com os filhos em Paris. O que teria ocorrido, o possível caso de amor, o auxílio à amada, a travessia do Atlântico, o abrigo discreto para não chocar a rígida moral da corte inglesa, o surgimento do "menino" somente depois de preparada e muito bem preparada a situação, o segredo sempre bem guardado, o acompanhamento à distância com olhos de admiração e coração fraterno, a consagração do Grande Herói, a trajetória empreendida por Lawrence da Arábia, orgulho do Império Britânico, exemplo da luta contra a opressão, a história de um brasileiro nascido na Serra de Botucatu.

*

LAWRENCE DA ARÁBIA

Detalhes sobre o nascimento de Lawrence da Arábia e sobre as viagens do Conde de Serra Negra à Inglaterra e o seu possível romance, e mais, dados e comprovantes de envio de numerário (o dinheiro seria enviado do Brasil ou seria enviado através das empresas que o Conde de Serra Negra mantinha em Paris, como a Central de Torrefação de Café, que divulgava e distribuía o produto por toda a França e pelos demais países europeus) para a manutenção de Lawrence em nível de nobreza europeia, não serão facilmente obtidos: se o segredo foi mantido à época, como fazer uma pesquisa profunda sobre as idas e vindas do Conde de Serra Negra entre o Brasil e a Inglaterra e sobre a mãe e as condições econômicas da família de Lawrence da Arábia, buscando esclarecimentos de como foi proporcionada tão esmerada educação a esse Herói? Tudo depende de pesquisa muito bem direcionada para que se consiga descobrir, nas entrelinhas dos relatos oficiais, o fio da meada que nos levará à reconstrução histórica da vida de Lawrence.

Quando se levanta a henealogia do Conde de Serra Negra, praticamente se percorre toda a história política brasileira: no Brasil Colonial, com a presença do Capitão-Mor Amador Bueno da Ribeira, aquele que se recusou a ser coroado Rei, reafirmando a sua fidelidade ao Rei de Portugal e marcando definitivamente seu nome entre os heróis brasileiros; no Império, o nome do Barão de Serra Negra (pai do Conde de Serra Negra) e do importantíssimo homem público que foi o Conselheiro Antônio Prado, além do próprio Conde de Serra Negra e do Barão de Resende, seu sogro. Ainda no Império e adentrando a República, a presença do Conde de Serra Negra, que marcou presença através do político José (Juca) Cardoso de Almeida, que foi Deputado Federal, várias vezes Secretário de Estado em São Paulo, sendo que só não foi Presidente da Província (Governador) por desinteresse, eis que realmente comandava a política e os

negócios no estado paulista. O Dr. Cardoso de Almeida imperou na política brasileira até a Revolução de 1930, quando exercia o cargo de líder do Governo Washington Luís no Parlamento e teve que partir exilado para Paris, onde faleceu no ano seguinte.

Tanto é assim que o poderio dos Barões do Café terminou durante a crise de 1929/30, sendo que as famílias ainda continuaram a usufruir de "status" e condições financeiras. Há que se registrar tentativas dos que foram se agregando ao tronco inicial dessas famílias de retornarem ao "mando" político. Inútil. Outros eram os tempos e a época.

O ÍDOLO

Após o término da 1ª Grande Guerra Mundial, Lawrence experimentou tudo o que a glória e o reconhecimento humano podem proporcionar. Lawrence toma parte na Conferência de Paz de Versailles, em 1919. Na importante Conferência do Cairo, em 1921, Lawrence atraiu todas as atenções da imprensa mundial: o herói participou dos trabalhos como convidado especial de Sir Winston Churchill, ao lado de quem permaneceu o tempo todo. Depois dessa Conferência e de sua volta a Oxford, começam a surgir os boatos e a campanha sistemática para a demolição da imagem de ídolo mundial. Com a publicação de sua obra literária, "Os Sete Pilares da Sabedoria", considerada por Churchill como modelo da literatura britânica, Lawrence passa a sofrer uma gigantesca campanha difamatória. Sobre sua obra literária, seus opositores e os inimigos políticos de Churchill levantam a hipótese de que fora resultado de competente trabalho do serviço secreto inglês, a mando de Sir. Winston Churchill, interessado em criar um herói inglês que servisse aos interesses do Império Britânico. Essa mentira levantada contra Lawrence não tirava o mérito literário da obra - o que seria difícil - mas alardeava que a mesma teria sido escrita por Bernard Shaw, à frente de uma equipe de literatos e estudiosos, que, a pedido de Churchill, transformara o

relato feito por Lawrence na conhecida obra prima da literatura mundial. A intriga, as rivalidades entre árabes e judeus são conhecidas. A admiração nunca escondida de Winston Churchill pelo dirigente italiano Benito Mussolini teria sido o estopim para a sistemática campanha difamatória. Realmente, Churchill sempre admirara a competência com que Benito Mussolini valorizara a Itália, modernizando-a e devolvendo-lhe o sentimento de orgulho como nação admirada pelo mundo por seu desenvolvimento. Naturalmente, ainda estava distante a união dos facistas com os nazistas, tão bem combatidos posteriormente pela liderança de Churchill.

A par disso, segundo estudiosos da política inglesa da época, o sionismo internacional não via com bons olhos a "construção" do ídolo Lawrence da Arábia. Quase como um "thriller" do que aconteceria durante a 2ª Grande Guerra Mundial e após seu término, com o recrudescimento da luta entre árabes e judeus, teve início um violento trabalho de desmistificação de Lawrence da Arábia. Tudo o que se escreveu e se afirmou sobre Lawrence durante esse período (1922/1935) é suspeito e distante da verdade. Autor da consagrada obra literária *Os Sete Pilares da Sabedoria*, esse consagrado herói britânico teve debitado à conta de sua autoria o livro "Minha Vida Secreta" (tradução do original "The Mint", edição de 1968 da Gráfica e Editora Record), "assinado" por "Lawrence da Arábia", título que ele mesmo renegara logo após a 1ª Grande Guerra. Na verdade, nesse livro nada há de vida secreta de Lawrence, mas tão somente um relato sistemático a enlamear a honra do herói trabalhado em cima de uma suposta participação de Lawrence na RAF, onde teria ingressado com o nome falso de John Hume Ross, mecânico. Nessa experiência, o suposto Lawrence teria tido uma vida medíocre ao extremo, própria de um anti-herói, como quis retratá-lo esse livro apócrifo. O livro, além do relato desinteressante sobre a pretensa vida de Lawrence, traz afirmações que buscam denegrir de forma grosseira a sua imagem como estrategista militar e como ser humano. Tratado como homossexual assumido, o relato deixa dúvidas quanto a honradez familiar de sua mãe, Sarah Junner, e sobre o

seu pretense pai, Thomas Robert Tighe Chapman, que teria tido mais 4 filhos com a mãe de Lawrence. Na verdade, pelos relatos dos estudiosos, Thomas Chapman tivera filhos, mas não eram irmãos de Lawrence, nem por parte de mãe. Intriga sionista? Trabalho fruto de organizações internacionais interessadas em destruir a imagem de alguém que se tornara herói e, por coincidência, herói árabe-britânico? O importante é que se tenha em mente que houve um trabalho sistemático objetivando destruir a imagem de Lawrence e que sua vida, após 1922, está envolta em muitas lendas e muitas "estórias"... O que resta é a certeza de sua atuação heróica a favor da Nação Árabe. O que resta é a certeza de seu merecido prestígio e a sua recusa, tantas vezes repetidas, às ofertas de Sir. Winston Churchill, para que assumisse importantes cargos junto ao Governo Britânico.

Enfim, resta-nos a imagem forte do herói idealista que encantou várias gerações e a necessidade da pesquisa histórica direcionada na busca de dados que possibilitem reconstruir o cenário do nascimento desse herói da humanidade.

**Histórias extraordinárias
de Piracicaba**

**A história da
Inhala Seca da
Barranca do
Enxofre**

TIO CHICO DEITOU À FOGUEIRA MAIS ALGUNS GRAVETOS, encheu de fumo o velho cachimbo de barro, enegrecido pelo uso e tossiu duas ou três vezes à guisa de preâmbulo. O auditório, já numeroso, esperava com certa impaciência que ele entrasse em matéria, porque o Tio Chico, para contar histórias de tempo de dantes, estava separado.

Tinha um repertório inesgotável e sabia dar às suas narrativas um certo colorido, que deleitando a imaginação dos ouvintes, escravizava-lhes irrestivelmente a atenção.

Todos os sábados se reuniam ali, na sua velha senzala, os negros e caboclos da fazenda do Barão, e passavam horas e horas a escutá-lo, embevecidos, emocionados, sem cansaço, sem sono.

Naquela noite, porém, o auditório mostrava-se mais atento do que sempre, graças à ausência do Cearense, caboclo nortista, que também costumava tomar parte nos serões, trazendo para ali a nota dissonante das suas objeções e das suas gargalhadas cheias de ironia.

O Cearense especialmente naquilo que dizia respeito a assombrações, almas penadas, lobisomens e quejandas credices do vulgo ignorante, era um espírito emancipado, um incrédulo impenitente: o auditório do Tio Chico chamava-lhe abuseiro.

Mas naquela noite, por felicidade, o Cearense se esquecera de vir ao serão e o tio Chico podia contar desembaraçadamente as suas histórias sem ser interrompido a cada passo pelas facécias do nortista. Estava, pois satisfeito o velho negro.

- Não sei que causo vou contar hoje, disse ele depois de ter tirado as primeiras fumacidas do seu cachimbo.

- Conte a história do macaco que amarrou a onça, disseram as crianças.

- Isso é velho: a história da princesa encantada é mais bonita, disse uma negrinha de olhos vivos, espertos.

- Não, tio Chico, disse o José Perregue. É melhor mecê contar a história da Inhala Seca, da barroca do Enxofre. Mecê não sabe?

- Que pergunta, Perregue! Então eu não havia de saber? Pois aqui onde vocês me estão vendo eu quase fui agarrado por ela um dia perto da barroca.

- Conte isso, tio Chico, conte isso, disseram todos os ao mesmo tempo, estreitando o círculo em redor do velho.

- Pois então escutem. Um dia, já faz um ror de anos, Sinhô mandou o preto velho ir cortar varas de fazer cerca. Lá perto do Enxofre havia um mato cerrado e eu fui para direita. Cheguei perto da barroca e comecei a cortar as varas, cantando e assobiando para matar as tristezas quando, de repente, ouvi um barulho perto de mim, virei para trás, e que havia de ver? A Inhala Seca estava encostada ao tronco de uma grande figueira e olhava para mim com uns olhos que faziam arrepiar os cabelos.

- E Mecê não teve medo? perguntaram.

- Não falem: a foice caiu-me das mãos e eu fiquei desarmado. Vendo isso ela veio para o meu lado, mas eu botei o arco como um desesperado e não parei enquanto não saí da estrada. Raspei um susto danado e meu coração batia que nem de um passarinho quando cai na urupuca.

- E ela não correu atrás? perguntou uma preta idosa como o tio Chico. Dantes diziam que a Inhala atirava paus e pedras em quem passava perto da barroca foras de horas.

- É verdade, corroborou uma outra. Mamãe contava que uma noite, passando por lá, de volta de um samba, foi perseguida de uma verdadeira chuva de pedras, que vinham da barroca; e até, se não me engano, uma acertou a cabeça dela.

- E eu, quando era criança, disse o José Perregue, também ouvi contar que ela pegava gente e levava para o fundo da barroca. Lá em casa, quando as crianças choravam e não queriam dormir, a velha dizia logo: “Calem a boca, que senão a Inhala Seca vem pegar.”

- D'antes falavam muito na tal Inhala, disseram algumas vozes.

Nesse momento piou um urutau por cima da senzala e todos se calaram

instintivamente. No silêncio da noite aquelas conversações exaltavam a imaginação dos pobres pretos e o menor incidente tomava para eles uma feição sobrenatural. Não faltaria, pois, quem descobrisse no pio do urutau uma revelação da alma de Inhala.

Quebrou, porém, o encanto a voz do José Perrengue, dizendo:

- Acabe a história, tio Chico. A Inhala não correu então atrás de mecê?

- Acho que correu, mas eu estava tão atarantado que não me lembro bem.

- O que correu atrás de você foi o medo, disse o Cearense, que entrara sem ser percebido, tão presa estava a atenção do auditório.

- Já vem mecê aqui atrapalhar, disse uma preta velha.

- Pois então? Como podia ele ver que a assombração ia atrás?

- Mas eu ouvi passos...

- Era o medinho, Chico velho, esse mesmo medinho que fez você aprender tantas histórias. Se você fosse um desabusado como eu, não teria visto assombração sem nada e nem teria tanta caraminhola para meter na cabeça dessa pobre gente.

- Pobre gente, vá ele, seu Cearense engraçado, disse um caboclo alto, agregado da fazenda. Vocês lá do Norte acham sempre o que dizer dos paulistas, mas eu só vejo palanfrorios. Continue sua história, tio Chico.

- Que jeito tinha a Inhala, tio Chico? perguntaram ao mesmo tempo duas vozes.

- Ah! Isso eu vi bem: estava com o corpo inteiro coberto de mato, em lugar de roupa. Os cabelos estavam soltos e embaraçados e as unhas, de tão grandes, pareciam unhas de tamanduá, compridas e arcadas como ganchos. Dava medo só de olhar.

O Cearense não se conteve e soltou uma de suas gargalhadas.

- Mas Chico, se você mal avistou a assombração, deitou sebo nas canelas, que tempo teve para ver tudo isso?

- É o que todos dizem.

- É o que todos dizem, confirmaram todos a uma só voz.

- Isso mostra que você não viu nada e está lendo pela cartilha dos outros.

- Meta a viola no saco, seu Cearense do diabo, resmungou o mesmo caboclo de há pouco.

- Que tem você comigo? respondeu o Cearense. Cada qual com o seu modo de pensar. Quem sabe se você também viu alguma vez a Inhala seca? Pois se viu que saia a sua história.

- Eu não vi, graças a Deus, mas tive um tio, que por sinal já é falecido, e esse falava sempre na Inhala da barroca.

- Mas, no fim de contas, quem era essa mulher, que tanto tem dado que falar?

- A Inhala era uma mulher natural aqui mesmo de Piracicaba. No fim da vida ficou tísica e por fim morreu, sendo enterrada no cemitério velho, que ficava ali onde está agora a cadeia.

- A cadeia nova?

- Não, a velha. Foi enterrada mas, passados alguns anos, os coveiros foram fazer outra sepultura no mesmo lugar e acharam o corpo inteirinho, sem faltar nem um fio de cabelo: a terra não quis comer.

- Isso acontece muitas vezes: o corpo ficou mumificado.

- Qual “mumificado”, nem nada: ficou assim porque a terra não quis comê-lo.

- Boa explicação: a terra não quis comê-lo! E não me dirá Sua Senhoria por que?

- A Inhala, segundo dizem, foi uma mulher má.

- Balelas: se a terra não comesse, como vocês dizem, os cadáveres dos que foram maus, então os cemitérios ficariam cheios de múmias.

- Mas o que vem a ser isso de múmias? Eu não entendo de latim.

- Múmia é corpo seco, isso tudo quer dizer a mesma coisa.

- Quem sabe se Inhala era amaldiçoada, ponderou a medo uma pretinha.

- Não creiam nessas patranhas. São superstições próprias da ignorância.

- Este Cearense, porque sabe ler, pensa que todos os mais são tapados e ignorantes.

Mas deixe-me acabar a história, que não foi inventada por mim: quem me contou foi meu tio, que nunca soube foi mentir.

- Pois continue a sua lenda, que isso nunca foi história.

- Os coveiros tornaram a encher de terra a sepultura mas, passados cinco anos, tomaram a abri-la: o corpo lá estava no mesmo estado, perfeitamente conservado.

- Então é porque Inhala era santa, ponderou José Perrengue.

- Outro disparate, disse o Cearense.

- Foi essa a crença de muita gente, continuou o narrador, e como os coveiros tinham tirado o corpo da cova, deixando-o insepulto e encostado à parede do cemitério, algumas pessoas caridosas mandaram levantar uma capelinha perto do cemitério e levaram para lá o corpo seco de Inhala. Muita gente ia em romaria à capelinha, pra ver a nova santa, e não faltou quem lhe fizesse promessas. Pouco tempo bastou para ela ganhar a fama de milagrosa. Mas um dia a santa sumiu e, pelo que contavam, fugiu da capela.

- Um cadáver que foge! Essa é digna de eternas luminárias. O cadáver não podia fugir; foi alguém que o tirou da capela, para acabar com a ridícula adoração do povo.

- Está muito enganado, seu maçom. A Inhala saiu de lá por suas próprias pernas.

- Pois se tal aconteceu, ela deu provas de ter mais juízo do que todos quantos iam adorá-la.

- E depois? Ninguém mais a viu?

- Espere que ainda não acabou a história, disse o Tio Chico, que até ali se conservara calado.

- Continue mecê agora, Tio Chico, disse o caboclo.

- Não, respondeu o preto, vai muito bem.

O caboclo continuou:

- Passaram-se muitos anos sem que ninguém desse notícia da Inhala, mas um dia o Joaquim Tristão (esse está vivo ainda e não me deixa mentiroso), indo à cidade pela antiga estrada do Pau Queimado, avistou a Inhala na beira da barroca que fica ali perto do Enxofre.

Tal e qual confirmou o Tio Chico. A estrada antiga passava do lado esquerdo, rente com a barroca.

- E o que fez o tal Tristão? perguntou o Cearense.

- Que havia de fazer? Correu porque era tarde da noite e os galos ainda não tinham cantado.

- Os supersticiosos fazem sempre assim: correm sem primeiro verificar se há motivos para sustos, e depois vão inventar histórias fantásticas para se desculparem da covardia.

- Com você é a toa, seu Cearense. Você não acreditaria nem que a Inhala aparecesse aqui.

O urutau piou de novo e seguiu-se novo silêncio. Mas o caboclo continuou logo depois:

- Pois fique sabendo que depois disso muita gente viu a Inhala no mesmo lugar, tanto assim que a barroca ficou conhecida por barroca da Inhala.

- E agora, sem cortar a sua conversa, disse o Tio Chico, deixe-me contar o resto, que mecê talvez não saiba como eu.

- Conte, conte, disseram todos.

- Há uns quarenta ou cinquenta anos, um viajante saiu alta noite de Piracicaba e seguiu por essa mesma estrada do Pau Queimado. Ao passar pela barroca, um vulto saiu ao seu encontro.

- “Adonde vai a estas horas, ainda que mal pergunto?”

- Vou adiante do Pau Queimado, para ver um meu irmão que foi faqueado numa briga.

- Você querará fazer um grande favor?

- Conforme for, pode ser: mas fale logo, que eu estou com muita pressa.

- Eu queria que Vancê me desse a garupa e me levasse ao Bom Jesus de Pirapora.

- Chê! Que esperança! Pirapora é muito longe, e nem que não fosse, agora é impossível.

- Mas eu tenho uma promessa para cumprir lá e pra mor disso vivo penando aqui neste mundo. Eu sou a Inhala do corpo seco.”

Ouvindo isto, o viajante benzeu-se três vezes e rezou a magnífica.

Pensou em deitar o cavalo a galope para fugir, mas ficou preso ao lugar, como paralisado.

- “Faça-me essa esmola”, insistiu o fantasma.

O viajante quis falar, mas do seu peito saíram apenas uns sons roucos, inarticulados.

-“Não tenha medo de mim, que eu não faço mal a ninguém. Há muito tempo que estou cumprindo este triste fadário, por não achar um homem de coragem. Faça-me essa esmola, por amor de sua mãe.

- Perdoe-me, agora não posso, gaguejou o cavaleiro.

- Se Vancê me levar eu prometo deixá-lo rico, porque sei de um lugar onde há muito dinheiro enterrado.

- Não posso! Não posso!”

A essa resposta o fantasma desatou num pranto desatinado e cortado de lamentações que partiam o coração.

O cavalo empinou, bufando, e por pouco que não se deitou por terra o cavaleiro. Depois tomou o freio nos dentes e deitou numa disparada doida, para o lado da cidade, onde o viajante chegou mais morto que vivo, vindo mesmo a ficar de cama, tal foi o susto que sofreu. A notícia desse encontro divulgou-se, e a oferta da riqueza enterrada correu de boca em boca, sem que, todavia, ninguém se animasse a ir disputá-la.

- Pois a mim não se me dava de ir ganhá-la, e se a Inhala Seca fosse uma coisa que existisse realmente, hoje eu mesmo iria lá oferecer-me para levá-la a Pirapora.

- Presunção e água benta cada um toma o que quer, disse o caboclo, que não tolerava as fanfarronices do Cearense.

Mas nesse momento o urutau piou pela terceira vez e o caboclo calou-se sem poder dizer tudo quanto queria.

O Cearense tomou, porém, a palavra.

- Tudo o que vocês acabam de contar não passa de uma lenda que, entretanto, não deixa de ser interessante. Se querem, porém, ouvir a verdadeira história da Inhala, escutem, porque eu já tive ocasião de me informar muito bem a esse respeito.

- Já viram? disse o caboclo. O Cearense quer contar histórias perto do Tio Chico!

E todos desataram em uma gargalhada uníssona.

Mas o Cearense, sem se desconcertar, continuou:

- Pois é assim: se quiserem é escutar com atenção.

- Pois conte a sua história, disse o Tio Chico, com uma pontinha de ironia.

À voz do velho negro todos se calaram, embora ficassem munidos de uma boa dose de prevenção pessimista para com a história do Cearense. Este começou então:

- Logo que cheguei a Piracicaba ouvi falar na barroca da Inhala e fiquei com curiosidade de conhecer a origem desse nome. Pedi informações a uns e outros e por fim apurei o seguinte:

Inhala é um simples apelido. Pertencia a uma senhora de boa família, dos antigos de Piracicaba, que ainda nesse tempo não passava de simples povoação. Mas o caso é que por um motivo qualquer, talvez um desgosto, a Inhala enlouqueceu e então se internou pelo mato que fica nos arredores da barroca do Enxofre. Ali fixou ela a sua morada. Algumas pessoas viam-na, mas apenas de longe, à beira da estrada, porque à aproximação de qualquer transeunte ela internava-se no mato e ia esconder-se na barroca. Asseguram, porém, os que a viram, que estava seca como os tísicos, e daí veio-lhe o nome de Inhala do corpo seco. Devia ter concorrido para isso o mau passadio que levava. À noite ela estendia mais as suas excursões, naturalmente porque àquela hora a estrada estava menos frequentada, o que a livrava de encontrar gente, a gente deste mundo que, na sua demência, ela odiava entranhadamente. Algumas pessoas que a encontravam nessas excursões noturnas, ante seu aspecto selvagem e a vista de certos atos próprios da demência, capacitaram-se de que se tratava de um verdadeiro

fantasma, de uma alma penada, como costumam dizer. E aí está a história da Inhala, despida de roupagens criadas pela vossa fantasia de gente supersticiosa.

- Para uma história tão bonita está curta, disse o Tio Chico.

A estas palavras estrondou em todo o auditório uma gargalhada homérica. O Cearense apanhou uma vaia formidável e por muito caradura que fosse, viu-se obrigado a por a viola no saco, diante das chufas que de todos os lados choviam sobre ele.

- Não tem mais alguma história? perguntara o caboclo, vingado da superioridade do Cearense, e então as gargalhadas recomeçaram com mais hilaridade. Por fim, o Cearense saiu da senzala, jurando aos seus botões que não poria mais ali os pés, porque mais vale lidar com bichos do que com gente ignorante.

No fim das contas, o Cearense não tinha razão. O povo tem uma tendência instintiva para o sobrenatural, e, entre duas explicações, uma positiva, mas simples, outra falsa, porém vestida pela fantasia, sempre dá preferência a esta última.

Seja como for, o Cearense não perdoou a vaia e jamais colocou os pés em casa do Tio Chico.

(E.C. ARANHA)

Histórias extraordinárias de Piracicaba

A história da Dita do Pé Grande

NÃO EXISTIA O POSTO CANTAGALO, ERA UM ARMAZÉM. Parece-me que um espanhol abriu uma venda, o resto era tudo vazio. Conheci a mulher do homem da venda. Um dia essa mulher veio em direção ao ponto de bonde e eu disse: “Que mulher feia! Que será que aquele homem viu na Dita-do-Pé-Grande?”

Era uma mulher que tinha corpo bem feito, tudo que aparecia de moderno ela usava. Lembro-me daquelas sandálias tipo romanas, que tinham as tiras amarradas na perna. Lembro-me perfeitamente do seu caminhão, ela transportava toras de madeira, lenha, havia uma espécie de catraca para amarrar as toras. Ela impunha respeito, ninguém mexia com ela, não. Era uma mulher falada, tinha desmanchado o lar daquele homem, ele largou da família para ficar com ela. Não eram casados, era um ajuntamento, falava-se que eram amigados. Lembro-me quando disseram: “Não é só isso que o homem vê em uma mulher”. Mais tarde fui entender o que tinha ouvido. Ela tinha a pele clara, cabelos escuros, alta. Mulher mais recatada não usava manga cavada; ela usava, era uma mulher avançada para a época.

Onde mais tarde havia as quermesses, não havia nada, apenas um terreno com uma casa antiga onde moravam umas mulheres negras que faziam goiabada. Moravam em uma casinha lá no fundo, elas punham a goiabada para secar no sol. Em frente à Igreja dos Frades era só mato, uma graminha. Havia uma casinha pequena no fundo onde hoje há um salão de festas. Onde há uma oficina de trator foi uma fábrica de farinha. A família da dono da Padaria Jacareí veio de Pereiras.

Na esquina antes do Signhorete morava um turco, Seu Cafí, que tinha três filhos e uma filha, a Catarina. De 1950 a 1960, o quarteirão onde depois foi o Posto Cantagalo, onde é o correio, só tinha uma casa em uma ponta e a casa desse velho, marido da Dita: ele tinha uns sessenta anos e ela uns trinta. Romeu Amstalden teve uma sorveteria na esquina; antes morava o Silveira, que não abria a porta do salão comercial. Mais tarde o Amstalden alugou tudo e passou a morar em cima e a trabalhar com a sorveteria embaixo. O Silveira não tinha nada, nunca abriu aquela porta. O bebedouro

de cavalos ficava em frente à casa do francês, que deu lugar a um prédio de apartamentos. Vieram para trabalhar na Mause, mão de obra especializada. Havia uns cachorros enormes, tomávamos cada susto quando eles surgiam latindo.

EPÍLOGO

O Morro do Enxofre

*Suave, estranha paisagem!
Quanta belleza
Para o céu a subir...
Até a natureza
Parece sorrir...*

*A cidade, a Escola Agrícola,
As estradas tortuosas,
As villas, os laranjaes;
Arvores grandes, frondosas,
Fazendo sombra aos quintaes.*

*O azul vai muito além, muito distante,
Quasi a perder-se de vista,
E uns colloridos de amethysta*

*Tingem de leve o horizonte.
Vê-se bem o rio que passa
Por entre os arcos da Ponte.*

*Foi lá, d'aquelle outro lado,
Rósea visão da chimera,
Sonho azul da mocidade,
Que em certo dia claro e sorridente,
Sob as bênçãos do Sol da Primavera,
Nasceu a cidade...*

*Paizagem das minhas ternuras afflictivas,
Feita para o delírio ideal do gozo,
Para viver, sentir e amar!
O'ho-te assim, quero-te assim saudoso,*

*Quero que fiques sempre em êxtase,
parada,
Na imagem pobre do meu triste olhar!*

Francisco Lagreca



I H G P
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

Comissão de Publicação Editorial

Fábio Ferreira Coelho Bragança (Coordenador)
Gustavo Jacques Dias Alvim
Orlando Guimaro Júnior
Renata Graziela Duarte Gava
Toshio Iczuca

Tel.: 19 3434-8811
E-mail: ihgp@ihgp.org.br
Site: www.ihgp.org.br

Rua do Rosário 781
Centro | Piracicaba | SP
Cep 13420-510

Diretoria Executiva IHGP 2012/2014

Presidente: Vitor Pires Vencovsky
Vice-Presidente: Pedro Caldari
1º Secretário: Orlando Guimaro Júnior
2º Secretário: Toshio Iczuca
1º Tesoureiro: Renata Graziela Duarte Gava
2º Tesoureiro: Noedi Monteiro
Orador: Gustavo Jacques Dias Alvim
Diretor Acervo: Fábio Ferreira Coelho Bragança

Suplentes:

1º Almir de Souza Maia
2º Luiz Antonio Balamint
3º Antonio Carlos Neder

Conselho Fiscal

1º Antonio Messias Galdino
2º Moacir Nazareno Monteiro
3º Legardeth Consolmagno

Suplentes Conselho Fiscal:

1º Valdiza Maria Capranico
2º Alexandre Sarkis Neder
3º Geraldo Claret de Mello Ayres



Três Gatos

tresgatoseditora.com.br

Fontes: Electra e Din
Papel pólen soft 70 g
Impressão: Prol Gráfica
Agosto / 2013

Um “livro-reportagem” com testemunhos vivos que emocionam e revivem a história de Piracicaba e do bairro da Paulista

“Ler o livro de João Umberto Nassif é, ao mesmo tempo, viajar no tempo. Para os piracicabanos – sejam leitores comuns, historiadores ou pesquisadores – é uma obra inestimável, talvez a mais completa – pelo menos em meu conhecimento – já feita em relação ao queridíssimo bairro da Paulista... Testemunhos vivos e vívidos, emocionantes e emocionados – que, por isso mesmo, emocionam e comovem pela autenticidade.” *Cecílio Elias Netto*



João Umberto Nassif nasceu em Piracicaba em 1954. Bacharel em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Alcântara Machado, é também radialista profissional, tendo apresentado o programa “Piracicaba, Histórias e Memórias”, de 2000 a 2008.

Desde 2004 tem uma página semanal de entrevistas no jornal “Tribuna Piracicabana” e mantém na internet o blognassif.blogspot.com.br

EDIÇÃO



IHGP
Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba

APOIO



Prefeitura do Município de Piracicaba



Ação Cultural

